



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

SÍLVIA MARIA BRANDÃO

**Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças
condicionais: contribuições à Sociolinguística Histórica**



Araraquara/ SP
2022

SILVIA MARIA BRANDÃO

Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais: contribuições a Sociolinguística Histórica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CAPES

Araraquara/ SP
2022

B817m Brandão, Sílvia Maria
Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças
condicionais: contribuições à Sociolinguística Histórica /
Sílvia Maria Brandão. -- Araraquara, 2022
323 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Sociolinguística Histórica. 2. Mudança linguística. 3.
Sentenças condicionais. 4. Mudança verbal. 5.
tempo-modo verbais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SILVIA MARIA BRANDÃO

**Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais:
contribuições à Sociolinguística Histórica**

Data da defesa: 25/04/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR

Membra titular: Profa. Dra. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP / IEL

Membra titular: Profa. Dra. Edair Görski
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Membra titular: Profa. Dra. Maria da Conceição de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Membra titular: Profa. Dra. Leila Maria Tesch
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Membra suplente: Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Membra suplente: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

Membra suplente: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À Vi, meu melhor abrigo, dedico.

Agradecimentos

Palavra nenhuma expressaria tamanha gratidão que guardo dentro do peito por todos que fizeram e fazem parte, direta ou indiretamente, desta jornada. Foram quatro anos mais difíceis do que imaginei que seriam, dois deles em isolamento devido à Pandemia de Covid-19, mas foram também 4 anos de muito aprendizado, acerca dos conteúdos da tese, mas também acerca da fragilidade da vida.

A verdade é que, mesmo em isolamento, longe dos meus, eu nunca estive sozinha. Agradeço, então, primeiramente, à Luz maior, que me guia, me protege e me ilumina desde sempre. Essa luz maior me manteve sã em Araraquara, me levou a São Paulo e depois me trouxe à Bahia, para que eu pudesse me perder e me encontrar, na tese e na vida.

Agradeço também:

À personificação do amor incondicional em minha vida – minha amada mãe -, a quem tudo devo. Obrigada, mamis, por acreditar em mim e viver meus sonhos junto comigo. Obrigada, Gui, meu irmão, por ser quem é e por estar ao meu lado sempre, nos bons e nos maus momentos. Acalentam meu coração e vivem meus e seus sonhos comigo também, ao lado da minha mãe e do meu irmão, meu vô Tonho e minha vó Cida. Obrigada por serem exemplo de simplicidade e honestidade em minha vida, e por me ensinarem que “a coisa mais fina do mundo é o sentimento”.

À minha família baiana: à Vi, serelepe, a quem dedico esta tese. Obrigada por perdoar minhas ausências e ter sido paciente comigo durante o doutorado. Obrigada por acreditar em mim, até mesmo quando nem eu mesma acreditava. Seu colo foi e é meu melhor abrigo desde que pisei em Salvador. Jamais me esquecerei dos finais de semana que abdicou para estar ao meu lado, simplesmente por estar, ou porque botava a mão na massa e me ajudava com as incontáveis planilhas e gráficos. A você, todo o meu amor e gratidão. À Annete, que muito me encoraja e que me lembrou muitas vezes da importância de viver a vida intensamente, para além da academia, minha gratidão. À tia Deijinha e ao tio Paulo, meu muito obrigada. Eu me sinto muito grata por compartilharem seu tempo comigo, com boas prosas e com muito carinho. Obrigada por me inspirarem com suas histórias e seu conhecimento, além de me permitirem escrever parte da tese em Moreré, um verdadeiro paraíso; agradeço também à Manu, minha primona do coração, pela sua leveza e animação sem igual.

Aos meus bons e velhos amigos de Minas, em especial à Amanda, Boi, Borda, Caio, Lucas (Poder e o da Grotá), LP, Mat Danó e May, que se fazem presentes há anos em todas as esferas da minha vida. Também tornam minha vida mais leve Rô Assem, Rô Loiro, Dai, Júlia, Fabians, Lucas e Luiz. Agradeço também ao meu papi araraquarense, de sempre, Marcos Murad, e à Pá.

À minha orientadora e amiga Rosane. Foram 10 anos de orientação, de modo que cortar o cordão umbilical me é muito difícil. Até aqui, obrigada por ter sido sempre tão paciente e

bondosa comigo, Rosane, por acreditar em mim e me guiar pelo caminho acadêmico com tanto conhecimento e zelo. Espero um dia ser para um orientando um décimo do que você representou e representa para mim.

Aos colegas do SoLAr, a todos os integrantes do projeto Língua EmCena, por aceitarem essa empreitada e por me acolherem desde o início, aguentando os meus exemplos quase nunca inéditos, pois sempre envolvem José e Ilha, e por me ensinarem tanto ao longo desses dois anos. Especialmente, agradeço ao Marcus e à Carol, pela parceria e por serem meus amigos de todas as horas. Carol, jamais me esquecerei daquela sua ligação e de toda ajuda com os processos seletivos da vida! Marcus, você sempre será um irmão para mim! Amo vocês.

Às professoras que compõem a banca, que gentilmente aceitaram ler esta tese e dialogar comigo. Agradeço, então, às professoras Izete e Edair, que me iluminaram muito durante a qualificação e que aceitaram fazer parte da defesa. Agradeço, também, à professora Conceição, por ter lido meu texto durante o Selin e muito ter contribuído, além de me encorajar a seguir em frente. Obrigada por aceitar estar na defesa também. Às professoras Josane, Juliana e Leila, agradeço infinitamente também. À Lívia, agradeço pela sua presença e ajuda durante todo o doutorado (e agora na banca), mas também agradeço por sua presença na minha vida. Suas contribuições amigas me guiam e seu jeito gentil e competente de ser me inspira.

Agradeço a todos os funcionários da Unesp, ao programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp, e aos meus professores queridos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6^a-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das
horas.

(MÁRIO QUINTANA)

RESUMO

Realizou-se, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010) e da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE-SILVESTRE, 2007), um estudo socio-histórico acerca da mudança no quadro verbal em sentenças condicionais encabeçadas pela conjunção *se* que repousam sobre noções ligadas à potencialidade e à irrealidade. A tese é a de que há uma mudança em curso, em que formas, tradicionalmente associadas à noção de certeza, como as de presente do indicativo, por exemplo, têm tido ao longo dos anos um aumento exponencial de uso em contextos que veiculam maior incerteza, concorrendo com formas de futuro, sintético e analítico. Isso implica na compreensão de que a expressão de valores ocorre não somente via morfologia verbal: a (in)certeza veiculada no interior das condicionais ocorre pela combinação dos elementos que compõem o arranjo como um todo, e não apenas pela flexão verbal. Para tal, foi criada uma tipologia de análise de condicionais, ligada à sua vinculação sintático-semântica e aos seus valores semântico-pragmático-discursivos. Operando com o conceito de empregabilidade (HYMES, 1972) e de pressuposto (STALNAKER, 2002), analisamos combinações verbais em dois envelopes de variação – potenciais e irreais. A pesquisa é realizada a partir de um *corpus* de peças de teatro brasileiras dos séculos XIX, XX e XXI e as hipóteses são testadas estatisticamente com o auxílio do R (CORE TEAM, 2019). A partir da tese acerca da mudança, traçamos um panorama do modo como as combinações modo-temporais se distribuiriam ao longo do tempo nos dois envelopes – de potenciais e irreais -, bem como do modo como seus condicionadores (linguísticos e sociais) afetaram a mudança. Os resultados apontam para a existência de processos paralelos de mudança que seguem em ritmos distintos, mas a sincronia que compreende de 1930 a 1964 configura-se como um *turning point*, ao apresentar rompimentos em relação à até então preferência por formas de futuro sintético em apódoses de ambos os tipos de condicionais: nas irreais, futuro do pretérito (*compraria*) concede espaço às formas de imperfeito do indicativo (*comprava*) e de perífrases formadas a partir do auxiliar *ir* flexionado no imperfeito + verbo no infinitivo (*ia comprar*); nas potenciais, futuro do presente do indicativo (*comprará*) tem seu uso diminuído em razão da ampliação do uso de presente do indicativo (*compra*) e da perífrase formada a partir do verbo *ir* flexionado no presente do indicativo + verbo no infinitivo (*vai comprar*). Esse *turning point* coincide com aspectos identitários da história do Brasil, pois, a partir de 1930, há mudanças substanciais do ponto de vista político, econômico e social no país. Identificou-se uma mudança vinda de baixo, com uso de combinações inovadoras ocorrendo em maior escala entre personagens de classes mais baixas, em ambos os tipos de condicionais. Variáveis linguísticas, como ancoragem temporal, paradigma de conjugação e semântica do verbo agiram diferentemente nos dois tipos de condicionais e, nas potenciais, há forte efeito lexical. Levando-se em conta variáveis sociais nem sempre exploradas em outros trabalhos, devido à falta de acesso a essas informações socio-históricas em tempos mais remotos, esta pesquisa também pode trazer contribuições para reflexões teórico-metodológicas no âmbito da Sociolinguística Histórica.

Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Mudança linguística. Morfossintaxe. Sentenças condicionais. Tempo-modo verbais.

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010) and Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE- SILVESTRE, 2007), a socio-historical study about the change in the verbal frame in conditional sentences headed by the conjunction *se* that rest upon notions related to *potentialis* and *irrealis*. The thesis is that there is an ongoing change, in which forms, traditionally associated with the notion of certainty, such as the present tense, for example, have had an exponential increase in use over the years in contexts that convey greater uncertainty, competing with forms of the future, synthetic and analytical. This implies the understanding that the expression of values occurs not only via verbal morphology: the (un)certainty conveyed within the conditionals occurs through the combination of the elements that make up the arrangement as a whole, and not only through verbal morphology. For this, a conditional analysis typology was created, linked to their syntactic-semantic and to their semantic-pragmatic-discursive values. Operating with the concept of employability (HYMES, 1972) and presupposition (STALNAKER, 2002), we analyzed verbal combinations in two variation envelopes – potential and unreal. The research is carried out from a corpus of Brazilian theater plays from the 19th, 20th and 21st centuries and the hypotheses are statistically tested with the help of R (CORE TEAM, 2019). Based on the thesis related to change, we traced an overview of the way in which the temporal-mode combinations would be distributed over time in the two envelopes – of potentials and unrels -, as well as the way in which their conditioners (linguistic and social) affected the change. The results point to the existence of parallel processes of change that follow at different rhythms, but the synchrony that comprises from 1930 to 1964 is configured as a turning point, as it presents ruptures in relation to the hitherto preference for forms of synthetic future in apódoses of both types of conditionals: in the irrealis, the future tense (*compraria*) gives space to the imperfect indicative forms (*comprava*) and of periphrases formed from the auxiliary *ir* in the imperfect past + verb in the infinitive (*ia comprar*); in potentials, the simple future tense of the indicative (*comprará*) has its use decreased due to the expansion of the use of the present tense (*compra*) and the periphrasis formed from the verb *ir* inflected in the present tense + verb in the infinitive (*vai comprar*). This turning point coincides with identity aspects of the history of Brazil, since, from 1930 on, there were substantial changes from a political, economic and social point of view in the country. A change from below was identified, with the use of innovative combinations occurring on a larger scale among lower-class characters, in both types of conditionals. Linguistic variables, such as temporal anchoring, conjugation paradigm and verb semantics acted differently in the two types of conditionals and, in the potential ones, there is a strong lexical effect. Taking into account social variables not always explored in other works, due to the lack of access to this socio-historical information in more remote times, this research can also bring contributions to theoretical-methodological reflections in the scope of Historical Sociolinguistics.

Keywords: Historical Sociolinguistics. Linguistic change. Morphosyntax. Conditional sentences. verb tense-mode.

Lista de quadros

Quadro 1 - Variantes que compõem os envelopes de variação.....	24
Quadro 2 - Aspectos divergentes e complementares da investigação em Sociolinguística sincrônica e diacrônica (com base em Raumolin-Brunberg, 1996)	36
Quadro 3 - Esquema proposto por Reichenbach.....	58
Quadro 4 - preferência de usos verbais no Português.....	65
Quadro 5 - Contextos de preferência de cada forma verbal.....	65
Quadro 6 - Periodização proposta com base em História do Brasil Nação.....	84
Quadro 7 - Periodização e quantitativo de palavras, autores e peças.....	87
Quadro 8 - Peças que compõem o corpus.....	87
Quadro 9 - Natureza de vinculação entre as condicionais	94
Quadro 10 - Vínculo e valor nas condicionais.....	99
Quadro 11 - variantes que compõem os dois envelopes de variação.....	107
Quadro 12 - Variáveis independentes correlacionadas ao fenômeno	110
Quadro 13 - Hipóteses acerca da variável sexo/gênero	123
Quadro 14 - Proposta de Darcy Ribeiro para classe social	125
Quadro 15 - Rótulo e critérios para análise da classe social.....	125
Quadro 16 - Hipóteses acerca da variável classe social.....	128
Quadro 17 - rótulos e critérios para análise da instrução	130
Quadro 18 - Hipóteses acerca da variável instrução	132
Quadro 19 - Rótulo e critérios para análise da fase da vida.....	134
Quadro 20 - Hipóteses acerca da variável fase da vida.....	135
Quadro 21 - Categorização dos temas das peças	136
Quadro 22 - Hipóteses acerca da variável temática da peça	138
Quadro 23 - Critérios de identificação da ancoragem verbal.....	139
Quadro 24 - Hipóteses acerca da variável ancoragem temporal	140
Quadro 25 - Hipóteses acerca da variável semântica verbal.....	142
Quadro 26 - Paradigma de conjugação	144
Quadro 27 - Hipóteses acerca da variável paradigma de conjugação.....	144
Quadro 28 - Relação modo temporal em sentenças condicionais.....	152
Quadro 29 - Total de combinações modo-temporais encontradas nas três sincronias.....	154
Quadro 30 - Combinações verbais mais frequentes no corpus	158
Quadro 31 - Valores comunicativos de prótases de paratáticas declarativas.....	163
Quadro 32 - Variantes nas condicionais potenciais	167
Quadro 33 - Variantes nas condicionais irrealis	168

Quadro 34 - Variantes nas condicionais potenciais	170
Quadro 35 - Exemplos de combinações verbais em condicionais potenciais	206
Quadro 36 - Contextos de preferência de uso das combinações	224
Quadro 37 - Variantes que compõem o envelope das irrealis	225
Quadro 38 - Contextos preferidos de uso de cada combinação nas irrealis	259
Quadro 39 - Comparação entre irrealis e potenciais	263

Lista de tabelas

Tabela 1 - Frequência dos tipos de vínculos sintáticos em condicionais ao longo do tempo..	149
Tabela 2 - Frequência de uso de combinações verbais em condicionais.....	159
Tabela 3 - Frequência de uso de variantes em condicionais por período	173
Tabela 4 - Análise de regressão de efeitos mistos nas condicionais potenciais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 748). Resultado para as formas inovadoras em relação às conservadoras. Intercept = -1.3713	186
Tabela 5 - Frequência de uso subjuntivo e indicativo em condicionais potenciais por período	197
Tabela 6 - Frequência de uso de morfologia em apódose de condicionais potenciais por período	201
Tabela 7 - Distribuição da morfologia com verbo ter como auxiliar em condicionais potenciais por período	226
Tabela 8 - Distribuição das variantes em condicionais potenciais por período.....	228
Tabela 9 - Análise de regressão de efeitos mistos nas condicionais irreais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 558). Estimativas em logodds para formas inovadoras em relação às conservadoras. Intercept = -0,6246	235
Tabela 10 - Distribuição das variantes em condicionais irreais por período.....	240
Tabela 11 - Quantidade de dados e identidades lexicais por paradigma de conjugação	244

Lista de figuras

Figura 1 - Esquema proposto por Mattos e Silva (2008)	34
Figura 2 - Esquema com diálogos possíveis da Sociolinguística Histórica	37
Figura 3 - Esquema de pontos temporais	56
Figura 4 - Esquema de distinção entre experiência imediata e deslocada.....	57
Figura 5 - Esquema geral formulado por Comrie (1985).....	59
Figura 6 - Dispersão de respostas para os 5 arranjos	77
Figura 7 - Esquema proposto para a categorização das condicionais	92
Figura 8 - Retomada do esquema proposto para a categorização das condicionais.....	103
Figura 9 - Definição do envelope de variação a partir do conceito de competência comunicativa	106
Figura 10 - Esquema de hipótese de variação e mudança em condicionais potenciais.....	108
Figura 11 - Esquema de hipótese de variação e mudança em condicionais irreais.....	109
Figura 12 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com sexo/gênero.....	119
Figura 13 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com sexo/gênero e natureza da ocupação	122
Figura 14 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com classe social	126
Figura 15 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com classe social (amalgama).....	127
Figura 16 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com instrução (amalgama).....	131
Figura 17 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com instrução e classe social	132
Figura 18 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com fase da vida (amalgama).....	135
Figura 19 - Esquema de ancoragem temporal.....	139
Figura 20 - Distribuição de condicionais hipotéticas ao longo do tempo	151
Figura 21 - Distribuição de variantes em condicionais potenciais por período	171
Figura 22 - Árvore de inferência condicional com variantes em potenciais por período.....	172
Figura 23 - Visualização de distribuição das variantes individualmente	174
Figura 24 - Árvore de inferência condicional com formas inovadoras e conservadoras por período	181
Figura 25 - Força de atuação das variáveis nas potenciais.....	182

Figura 26 - Árvore de inferência condicional com efeito de todas as variáveis sobre combinações inovadoras e conservadoras.....	183
Figura 27 - Árvore de inferência condicional com efeito de todas as variáveis sobre combinações inovadoras e conservadoras, exceto semântica do verbo da apódose	184
Figura 28 - Distribuição das variantes na prótase por período e semântica verbal	190
Figura 29 - Distribuição das variantes por período e semântica do verbo da apódose	191
Figura 30 - Distribuição das variantes por período e paradigma de conjugação do verbo da prótase	193
Figura 31 - Distribuição das variantes por período e paradigma de conjugação do verbo da apódose.....	194
Figura 32 - Nuvem de palavras de identidades lexicais na prótase de potenciais.....	198
Figura 33 - Identidades mais frequentes em prótases de potenciais, e as mais infrequentes ...	200
Figura 34 - Nuvem de palavras com identidades lexicais em apódoses de potenciais.....	202
Figura 35 - Identidade lexical e tempos verbais em apódoses de condicionais	204
Figura 36 - Distribuição das variantes em potenciais - por período e ancoragem temporal	207
Figura 37 - Distribuição das variantes em potenciais - por período e temática da peça	210
Figura 38 - Árvore de inferência condicional com comparação de morfologia de presente e de futuro em relação à sincronia e temática peça.....	211
Figura 39 - Distribuição das variantes por período e fase da vida das personagens	213
Figura 40 - Distribuição das variantes por período e sexo/gênero das personagens	214
Figura 41 - Distribuição das variantes por período e instrução das personagens.....	215
Figura 42 - Distribuição das variantes por período e classe social das personagens	219
Figura 43 - Árvores de inferência condicional para as combinações fs+fut e fs+ir.....	221
Figura 44 - Árvore de inferência condicional para as combinações fs+ir e fs+pres	222
Figura 45 - Árvore de inferência condicional para as combinações fs+fut e fs+pres	223
Figura 46 - Distribuição das combinações em irrais por período.....	226
Figura 47 - Árvore de inferência condicional com padrão de distribuição das combinações em irrais por período	227
Figura 48 - Distribuição das variantes em irrais vistas isoladamente.....	229
Figura 49 - Árvore de inferência condicional com distribuição de formas inovadoras e conservadoras por período	232
Figura 50 - Hierarquia de atuação de variáveis em condicionais irrais.....	233
Figura 51 - Árvore de inferência condicional com padrão de distribuição de formas inovadoras e conservadoras em correlação com as variáveis independentes	233
Figura 52 - Nuvem de palavras para identidades lexicais na prótase de irrais	237
Figura 53 - Frequência de uso de identidades lexicais na prótase de irrais.....	238
Figura 54 - Verbos frequentes e infrequentes na prótase de irrais	239

Figura 55 - Frequência de ocorrências quanto ao paradigma de conjugação e à semântica do verbo em prótases de irrais	239
Figura 56 - Distribuição das variantes em irrais - por período e semântica do verbo da apódose	241
Figura 57 - Distribuição das variantes em irrais - por período e paradigma de conjugação do verbo na apódose	244
Figura 58 - Nuvem de palavras para identidades lexicais em apódoses de irrais	245
Figura 59 - Distribuição de variantes em relação às identidades lexicais frequentes e infrequentes	247
Figura 60 - Distribuição das variantes em irrais - por período e ancoragem temporal	249
Figura 61 - Distribuição das variantes em irrais - por período e temática da peça	250
Figura 62 - Distribuição das variantes em irrais - por período e sexo/gênero dos personagens	251
Figura 63 - Distribuição das variantes em irrais - por período e fase da vida dos personagens	252
Figura 64 - Distribuição das variantes em irrais - por período e instrução dos personagens	255
Figura 65 - Distribuição das variantes em irrais - por instrução dos personagens	256
Figura 66 - Distribuição das variantes em irrais - por classe social dos personagens	257
Figura 67 - Distribuição das variantes em irrais - por período e classe social dos personagens	258
Figura 68 - Árvore de inferência condicional com padrões de uso de formas inovadoras e conservadoras em condicionais irrais e potenciais	261

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS.....	28
2.1 Sociolinguística Histórica.....	28
2.1.1 Um pouco de História.....	28
2.1.2 Sociolinguística Histórica: um campo híbrido	33
2.1.3 Desafios da Sociolinguística Histórica	39
2.1.4 O trabalho com peças de teatro.....	45
2.2 Verbos.....	50
2.2.1 O(s) tempo(s).....	53
2.2.2 Modo e Modalidade.....	61
2.2.3 Variação de tempo-modo no PB.....	64
2.3 Condicionais e condicionalidade	68
2.3.1 Estado da arte.....	69
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	82
3.1 Delimitação da amostra a ser estudada – o <i>corpus</i>.....	83
3.2 Coleta de dados	90
3.3 Circunscrição do envelope de variação	91
3.3.1 Proposta de classificação das condicionais: forma, relação e valor	91
3.3.2 Combinações verbais que compõem os envelopes.....	105
3.4 Definição das variáveis correlacionadas ao fenômeno.	109
3.4.1 De natureza histórica – periodização.....	111
3.4.2 De natureza social – perfis sociais de personagens	114
3.4.2.1 <i>Sexo/gênero</i>	115
3.4.2.2 <i>Classe social</i>	124
3.4.2.3 <i>Instrução</i>	128
3.4.2.3 <i>Fase da vida</i>	133
3.4.3 Da natureza textual discursiva – temática da peça	135
3.4.5 Da natureza semântico-pragmática: ancoragem temporal.....	138
3.4.6 Da natureza semântica - tipo semântico de verbo	141
3.4.7 Da natureza morfológica (paradigma de conjugação).....	143
3.3.8 O papel da identidade lexical.....	144
3.4 Quantificação das informações resultantes da análise.....	146
4 ANÁLISE	148
4.1 Visão geral acerca das combinações verbais em sentenças condicionais	148
4.2 Visão geral dos resultados em potenciais	170
4.2.1 Correlação entre variáveis em potenciais	189

4.2.1.1 Semântica do verbo	189
4.2.1.2 Paradigma de conjugação.....	192
4.2.1.3 Identidade lexical	196
4.2.1.4 Ancoragem temporal	206
4.2.1.5 Temática da peça.....	209
4.2.1.6 Fase da vida	212
4.2.1.7 Sexo/gênero	214
4.2.1.8 Instrução.....	215
4.2.1.9 Classe social	217
4.2.2 Síntese dos resultados nas potenciais	220
4.3 Visão geral dos resultados em irrealis	225
4.3.1 Correlação entre variáveis em irrealis	237
4.3.1.1 Caracterização da prótase de irrealis.....	237
4.3.1.2 Semântica verbal	241
4.3.1.3 Paradigma de conjugação.....	242
4.3.1.4 Identidade lexical	245
4.3.1.5 Ancoragem.....	248
4.3.1.6 Tema da peça.....	250
4.3.1.7 Sexo/gênero	251
4.3.1.8 Fase da vida	251
4.3.1.9 Instrução	255
4.3.1.10 Classe social	258
4.3.2 Síntese dos resultados nas irrealis.....	259
4.4 Processos paralelos de mudança	261
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	264
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	266
ANEXOS	280

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Variação e mudança na língua são reconhecidas não de hoje, mas o modo como se encara esses processos é distinto a depender do paradigma epistemológico. A Sociolinguística, disciplina relativamente jovem, que teve seu marco de nascimento com William Labov na década de 1960, enxerga a variação e a mudança como componentes inerentes ao desenvolvimento das línguas, que são dinâmicas. Essa dinamicidade é reflexo das inegáveis multiplicidades presentes na sociedade: se os falantes de uma língua não são idênticos entre si, é natural que a língua também não seja homogênea. Tal heterogeneidade linguística, no entanto, não é caótica, mas estruturada, de modo que aspectos linguísticos e sociais estão imbricados em processos de variação e de mudança. Assim, a Sociolinguística tem se configurado como um paradigma de investigação que busca entender a relação entre língua e sociedade e, por isso, abarca elementos linguísticos e sociais que podem favorecer a variação e a mudança na língua, utilizando-se de métodos quantitativos de investigação (CONDE-SILVESTRE, 2013).

Entre os processos de variação e mudança no Português Brasileiro (doravante PB), está a reestruturação de seu quadro verbal. Estudos que se detêm ou se detiveram na investigação da expressão de futuro, por exemplo, atestam a diminuição de futuro sintético (*comprarei*) ao passo que há o surgimento e expansão de futuro perifrástico (*vou comprar*) e de presente do indicativo (*compro*) (GIBBON, 2000; SILVA, 2007, MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006); trabalhos que analisaram a variação de formas com futuro do pretérito (*compraria*) atestam sua diminuição e concorrência em relação a formas de imperfeito, perifrásticas (*ia comprar*) e sintéticas (*comprava*), no mesmo contexto (TAPAZDI, SALVI, 1998; COSTA, 1997, 2003; SOUSA, 2007; SILVA, 2010; TESCH, 2011). Ainda, tem sido atestada uma tendência de substituição do subjuntivo pelo indicativo (PIMPÃO, 2012; BERLINCK, 2015; 2017; 2019a; 2019b; SANTOS, 2020).

Nesta tese, então, dialogamos com trabalhos já realizados acerca de formas que variam entre si, em que algumas deixaram de ser utilizadas e outras têm seu uso expandido, mas partimos de um contexto específico – o das sentenças condicionais -, por entendermos que esse tipo de arranjo traz particularidades que fazem emergir formas verbais não tão frequentes em outros contextos. As articulações de tempo e modo verbais nos permitem amparar nossas representações da experiência e perceber a fala em uma

dimensão tipicamente interpessoal. No interior das sentenças condicionais, isso nem sempre é tão nítido, pois nos deslocamos para outros mundos criados linguisticamente, em que a realização de determinado conteúdo depende da concretização de um outro, nem sempre acessível em um curto intervalo de tempo (*Se José tiver/tem/tivesse/tinha dinheiro, compra/comprará/vai comprar/compraria/comprava uma ilha*¹) (BRANDÃO, 2018). O estudo da mudança do quadro verbal em condicionais se justifica a partir do fato de condicionais serem categorizadas desde a tradição lógica a partir de uma escala de hipoteticidade (*realis, irrealis, potentialis*), tocando estruturalmente em aspectos ligados à modalidade.

Uma questão importante e recorrente nos estudos sobre sentenças condicionais, principalmente naqueles de perspectiva funcionalista (NEVES, 1999, 2000; HIRATA-VALE, 1999, 2001; OLIVEIRA, 2008), tem a ver justamente com a identificação das possíveis nuances semântico-pragmáticas expressas por arranjos diversos, incluindo aí o uso de diferentes conjunções condicionais (OLIVEIRA, 2008) e a articulação dos diferentes tempos e modos verbais (HIRATA-VALE, 1999, 2001). Hirata-Vale (1999), por exemplo, em estudo sobre as construções condicionais no português contemporâneo, com base em uma perspectiva funcionalista, identificou 43 diferentes correlações modo-temporais em 346 dados de orações condicionais encabeçadas por *se*. Entretanto, a linguista não analisou tais combinações como um possível fenômeno variável em seu trabalho, uma vez que, para a autora, “não se considera que existam duas ou mais formas alternantes de orações condicionais que ocorram em um mesmo contexto, com mesmo significado” (HIRATA-VALE, 1999, p.108).

Geralmente, reconhece-se a possibilidade de alternância entre tempos e modos verbais em sentenças condicionais no PB, mas, ainda que haja essa possibilidade de alternância, assegurada pelo sistema linguístico, nem sempre se reconhece como um processo de variação *stricto sensu* (LABOV, 1972; LAVANDERA, 1984)². Obviamente, não podemos excluir a possibilidade de haver distintos valores semântico-pragmáticos atrelados a uma ou outra desinência verbal. Todavia, o discurso de pareamento entre forma e função (POPLACK; DION, 2009)³ tem sido recorrente e parâmetro exclusivo oferecido ao tratamento da alternância verbal em condicionais, sendo cada desinência

¹ São apenas algumas possibilidades de alternância sem que se trate propriamente de variação.

² Conferir polêmica Labov (1978) / Lavandera (1978).

³ Poplack e Dion (2009) referem-se a esse discurso de que cada forma possui uma função em níveis mais altos como uma “doutrina de simetria forma-função” (*doctrine of form-function symmetry*), doutrina essa que necessita ser ultrapassada.

responsável por caracterizar o tipo de condicional no que se refere tanto ao seu grau de hipoteticidade quanto à sua projeção temporal. Formas de presente do indicativo (*compro*), por exemplo, em lugar de futuro sintético (*comprarei*), nem sempre são assumidas como variáveis, sobretudo pela tradição gramatical: as primeiras imprimiriam mais certeza e as segundas mais incerteza. Ora, se uma forma verbal, tradicionalmente associada à noção de [+certeza], ocorre em uma construção que pertence ao polo mais hipotético da escala, isto é, o de menor certeza, é certamente porque outros elementos que não exclusivamente a desinência verbal garantem a manutenção da hipoteticidade.

O que se percebe, no entanto, é que a questão da motivação semântica subjacente à escolha de um tempo ou de um modo verbal fundamenta a discussão acerca da alternância verbal, sobretudo na tradição gramatical, “e é retomada (e muitas vezes mantida) em estudos descritivos” (BERLINCK, 2017). Tal fato nos levou à formulação de uma dissertação de mestrado com o seguinte título: *Alternância verbal em complexo condicional – um fenômeno variável?*⁴ (BRANDÃO, 2018). O título encerra uma pergunta, que imprimia o objetivo central do trabalho: entender o estatuto das alternâncias verbais em complexo condicional – variação ou não?

Na dissertação, trabalhamos com as combinações mais empregadas pelos informantes em entrevistas sociolinguísticas, assumindo como norte os conceitos de empregabilidade de Hymes (1972) e de pressuposto (STALNAKER, 1978; 2002). A resposta para a pergunta que deu título à dissertação foi afirmativa. E a variável que mais atuou sobre a variação foi *temporalidade* ($\chi^2 = 27.8$ (2), $p < 9.125e-07$)⁵ que se referia, basicamente, à ancoragem temporal e não a algo ligado ao grau de hipoteticidade propriamente dito. Além disso, a idade dos falantes mostrou-se a variável social mais significativa sobre a escolha das combinações ($\chi^2 = 20.0$ (8), $p = 0,01$) no interior das condicionais potenciais (BRANDÃO, 2018). Informantes mais jovens privilegiaram o uso do presente do indicativo, o que indiciou em tempo aparente⁶ a possibilidade de se tratar de um processo de mudança em curso na língua, algo que só poderia ser confirmado em um trabalho diacrônico, que é o que nos propusemos a realizar nesta tese.

⁴ Partimos da análise de dados de falas reais, a partir do banco de dados Iboruna (GONÇALVES, s.d.)

⁵ Um teste de qui-quadrado calcula a diferença entre o valor observado e o valor esperado. χ^2 indica que o teste realizado é o de qui-quadrado; o número que o segue é o valor do qui-quadrado; o número entre parênteses refere-se ao grau de liberdade e o p indica o valor de significância. Para que uma diferença seja significativa, ela deve estar abaixo de 0,05 (5%) (LEVSHINA, 2006).

⁶ Lembramos que a análise em tempo aparente pressupõe um estudo de dados produzidos por falantes de diferentes gerações/faixa etárias, em um mesmo momento/sincronia.

Gryner (1990) realizou um dos trabalhos mais completos encontrados na literatura sociolinguística acerca da variação de formas verbais tanto na apódose quanto na prótase das condicionais⁷, a partir de entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro entre 1980 e 1983. A linguista operacionalizou a alternância nas duas partes da construção separadamente, medindo os graus de vinculação das orações condicionais (GRYNER, 1990, 1995). O diferencial desta tese, então, reside na análise da combinação verbal em uma perspectiva diacrônica. Propomo-nos a analisar a alternância verbal em diferentes arranjos condicionais que se inserem por *se*, conjunção condicional prototípica no Português Brasileiro, para, assim, encontrarmos os contextos variáveis e delimitarmos o envelope de variação. Somente a partir da delimitação do envelope conseguimos mensurar a mudança. A tese central é a de que a morfologia verbal não é a responsável única para a expressão de valores ligados ao grau de hipoteticidade de sentenças condicionais, de modo os demais elementos do arranjo fornecem pistas para a interpretação desses valores. Se, antes, indicativo e subjuntivo se opunham nitidamente no Latim, de modo que esse era o modo da dúvida e aquele da certeza, atualmente nem sempre será assim, visto que os arranjos como um todo devem permitir que indicativo seja utilizado em lugar de subjuntivo sem prejuízo de sentido. O mesmo é válido para as formas de presente do indicativo em lugar de futuro (sintético ou perifrástico), e de imperfeito do indicativo no lugar de futuro do pretérito.

Para tanto, apoiamo-nos em uma “tipologia gramatical de orientação cognitivo-funcional, em que a gramática é concebida como função adaptativa e como estrutura” (GIVÓN, 1984, 2001, 2002) (GORSKI, 2021, p.24). Nesse sentido, a partir do modelo de domínios funcionais (GIVÓN, 1984; HOPPER, 1991; LEHMANN, 2011; GORSKI, 2021), defendemos que (i) uma estratégia estrutural, em nosso caso, uma forma verbal, pode servir a mais de um domínio funcional, o que implica reconhecer a multifuncionalidade da forma; e, de outra parte, que (ii) novas camadas (formas) podem emergir e ter seu uso expandido no interior de um mesmo domínio funcional, o que possibilita a variação (GORSKI, 2021).

⁷ Há outros trabalhos representativos que contemplam a oração condicional como um todo no Português (NEVES, 1999, 2000; HIRATA-VALE, 2001; LEÃO, 1961) e em outras línguas (COMRIE, 1986; SWEETSER, 1990; DANCYNGIER, 2004), dando especial atenção para as articulações modo-temporais que nela se encontram, mas tais combinações não foram avaliadas do ponto de vista da teoria da Variação e Mudança Linguística.

A partir de uma análise empírica de 2229 sentenças condicionais de estrutura *se p, q/q se p*, que levou em conta o tipo de vínculo sintático, as relações entre prótase e apódose e os valores associados a essas relações, trazemos uma proposta de classificação para as sentenças condicionais e definimos dois envelopes de variação para o estudo das formas verbais: (i) o envelope das condicionais hipotáticas *potenciais*, as quais se constroem sintaticamente pela relação antecedente-consequente e envolvem eventualidade tanto na prótase quanto na apódose, e (ii) o das condicionais hipotáticas *irreais*, as quais também se constroem sintaticamente pela relação antecedente-consequente, mas a prótase é uma causa que é negada pela relação que estabelece com a apódose⁸. Dentro de cada envelope, identificamos, a partir de testes de comutação/paráfrases de diferentes formas verbais, se o pressuposto se mantinha o mesmo (STALNAKER, 1978; 2002). Este trabalho propiciou a identificação de formas verbais que estavam em um mesmo domínio funcional, e que configuravam, portanto, variação dentro das condicionais potenciais e irreais. Como a delimitação da variação depende da análise dos significados atrelados à sentença, torna-se imprescindível olhar para a relação prótase-apódose como um todo e para as categorias TAM (tempo, aspecto e modo), pois é nessa articulação que podemos captar o sentido veiculado.

Sendo assim, nossas variantes se referem a combinações de tempo e de modo na relação prótase-apódose e não de uma forma verbal apenas, de uma das partes da condicional. Trabalhando com o conceito de empregabilidade (HYMES, 1972), pelo qual uma forma pode ser gramatical, mas não necessariamente empregada, assumimos uma quantidade mínima de dados para a análise quantitativa – 30 dados –, com base em Guy (1980). Ao todo, encontramos 44 combinações verbais, de modo que essas se mostram gramaticais, mas não necessariamente todas elas são se fato empregadas, como veremos.

As combinações que compõem cada envelope de variação podem ser vistas no quadro 1.

⁸ Essa negação ocorre de forma implícita ou explícita, como será visto ao longo desta tese.

Quadro 1 - variantes que compõem os envelopes de variação

	Variantes	Exemplo
Envelope 1 Potenciais	Futuro do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>haver</i> (<i>fs+haver</i>)	Se José tiver dinheiro, há de comprar uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + futuro sintético (<i>fs+fut</i>)	Se José tiver dinheiro, comprará uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>ir</i> (<i>fs+ir</i>)	Se José tiver dinheiro, vai comprar uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo (<i>fs+pres</i>)	Se José tiver dinheiro, compra uma ilha.
	Presente do indicativo + Presente do indicativo (<i>pres+pres</i>)	Se José tem dinheiro, compra uma ilha.
Envelope 2 Irreais	Imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito (<i>pis+fp</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, compraria uma ilha.
	Imperfeito do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>ir</i> (<i>pis+ia</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, ia comprar uma ilha.
	Imperfeito do subjuntivo + imperfeito do indicativo (<i>pis+pi</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, comprava uma ilha.

Fonte: própria

Nossa hipótese é de que há processos paralelos de variação ocorrendo: nas potenciais e nas irreais. O estudo empírico do fenômeno toma como instrumento a metodologia da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1985; MILROY; GORDON, 2003; TAGLIAMONTE, 2006). Diferentemente do que se observa no nível fonético-fonológico, a análise da variação em níveis mais altos tem necessariamente que enfrentar, mais constantemente, problemas ligados à restrição contextual. Por se tratar de um trabalho complexo, que envolve uma variável com mais de dois níveis (alguns deles com dados não suficientes para determinados testes estatísticos), as análises multivariadas foram feitas com base na oposição entre formas mais inovadoras e mais conservadoras. Traçamos, pois, um continuum:

Nas potenciais,

[+conservador]
[+inovador]
Modo subjuntivo > *Modo indicativo*
Perífrase com haver > *futuro sintético* > *presente do indicativo* > *perífrase com ir*

Nas irreais,

[+conservador]
[+inovador]
Modo subjuntivo > *Modo indicativo*
Futuro do pretérito > *imperfeito do indicativo* > *perífrase com ir*

Nas irreais, no entanto, não há variação na prótase em que se tenha uma forma realmente empregada que seja diferente de imperfeito de subjuntivo. A maior heterogeneidade de combinações encontra-se, pois, nas potenciais.

Como podemos ver até aqui, temos que lidar com os três problemas que se colocam em estudos que se situam acima da fonologia: a equivalência semântica, a restrição contextual e o significado social das variantes. Falamos brevemente acerca dos modos como tentamos driblar os dois primeiros problemas. No que se refere ao valor social das variantes, partimos de resultados de estudos empíricos já realizados sobre a mudança no quadro verbal do PB, como mencionamos anteriormente. Não temos variantes que seriam estigmatizadas, mas é inegável o maior *status* atribuído às formas de futuro sintético (do presente e do pretérito), ao menos na contemporaneidade. Além de esta pesquisa tratar de um fenômeno que se encontra acima da fonologia, há uma tônica que amplifica nossos desafios: a diacronia.

Começamos esta tese falando acerca da importância que a Sociolinguística possui ao levar em consideração aspectos linguísticos e sociais para a compreensão de um fenômeno da língua. A Sociolinguística variacionista (quantitativa ou laboviana) tem priorizado desde seu início o estudo da fala, por entender que ela constitui o *locus* privilegiado da variação (CONDE-SILVESTRE, 2007). No entanto, o fato de os linguistas terem que lidar com a falta de acesso ao texto falado de tempos remotos torna necessário estudar fenômenos em registros escritos da língua. Para a representação mais fiel possível do registro oral da época, tem sido profícuo analisar fenômenos linguísticos em cartas (geralmente pessoais) e em peças de teatro de diferentes séculos, por serem registros escritos que podem se aproximar mais do registro oral (BERLINCK, BARBOSA, MARINE, 2008). No entanto, a metodologia sociolinguística, que prevê a análise de aspectos sociais dos usuários da língua (por exemplo, idade, escolaridade, sexo do informante), precisa ser repensada em estudos diacrônicos, pois raramente o pesquisador tem acesso às informações socio-históricas do texto e de suas condições de produção (CONDE-SILVESTRE, 2007; MARTINS, 2014). É a partir da necessidade de apreensão desses aspectos sociais que partimos da Sociolinguística Histórica (CONDE-SILVESTRE, 2007), com vistas a driblar desafios que se colocam em estudos sociolinguísticos que se voltam para a diacronia.

Os dados de condicionais inseridas por se foram extraídos de 101 peças de teatro brasileiras, que foram recolhidas, formatadas e categorizadas no interior do Projeto *Língua EmCena*, projeto esse desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística

de Araraquara (SoLAR), coordenado por Rosane de Andrade Berlinck e do qual a autora desta tese faz parte. Esse projeto nasce da necessidade de se construir um *corpus* robusto que permita uma análise socio-histórica da língua, de modo que propõe um uso renovado das peças de teatro, em que elegemos peças dos séculos XIX, XX e XXI e analisamos os perfis sociais de cada personagem, com base em parâmetros estabelecidos a partir de uma fundamentação histórico-social dos períodos em que as peças foram escritas, dos contextos espaciais, bem como das estéticas do autor de cada peça. Esta tese é, portanto, o primeiro trabalho a testar essa categorização, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Diferentemente de estudos prototípicos de produção, no entanto, o estudo a partir de peças toca em aspectos ligados à avaliação, de modo que a correlação entre o fenômeno e as variáveis sociais não necessariamente representa os usos linguísticos por determinados grupos em uma dada época, mas a *representação* dos usos, tal como filtrado pelos autores. Isto é, semelhante aos resultados de análises de avaliação, não se trata exatamente do que as pessoas fazem, mas o que se pensa que elas fazem. Esse tipo de relativização é importante, visto que estamos utilizando peças de teatro. De todo modo, se, no geral, as peças mostram padrões de usos por determinados grupos ali representados, isso pode nos ajudar a entender a mudança linguística, ao tocar principalmente em problemas ligados aos fatores condicionantes, ao encaixamento, tanto linguístico quanto social e à avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

Entre as variáveis sociais correlacionadas ao uso de uma ou outra combinação no interior de cada envelope de variação, estão fase da vida, instrução, classe social, sexo/gênero. Quanto às variáveis linguísticas, foram correlacionadas ao fenômeno paradigma de conjugação, semântica do verbo e ancoragem temporal, além de uma variável de natureza estilística, como temática da peça. Ainda, olhamos para o efeito da identidade lexical em verbos da prótase e da apódose. Os testes estatísticos foram realizados com o auxílio da plataforma R (CORE TEAM, 2020).

Em síntese, o diferencial deste trabalho reside no fato de analisarmos as combinações verbais no interior de cada tipo de arranjo e de relação, olhando para diferentes aspectos linguísticos, e pela perspectiva diacrônica, levando-se em conta variáveis sociais nem sempre exploradas em outros trabalhos. Trata-se, pois, de um estudo desafiador sobre um objeto complexo. Assim, este trabalho pode trazer uma contribuição tanto para o avanço dos estudos linguísticos variacionistas em níveis acima da fonologia, quanto para as pesquisas em Sociolinguística Histórica, em geral. Essas contribuições parecem ser tanto mais necessárias quando consideramos que a alternância

verbal e, mais precisamente, a mudança no quadro verbal, especialmente por uma análise dentro das condicionais do Português Brasileiro, de um modo geral, não foram ainda suficientemente estudadas.

Isto posto, informamos que nossa tese está dividida do seguinte modo: no capítulo 2, que trata dos subsídios teóricos, abordaremos aspectos ligados à Sociolinguística Histórica, à noção de condicionalidade e às noções ligadas às categorias verbais (TAM), com especial discussão acerca de tempo e modalidade. No capítulo 3, traçamos os procedimentos metodológicos empregados, que incluem a discussão acerca do *corpus* de análise e da periodização estabelecida com base na história social do Brasil, bem como a discussão acerca da circunscrição do envelope de variação e dos critérios de análise linguísticos e sociais correlacionados ao fenômeno. No capítulo 4, partimos para a análise, que inclui desde o detalhamento acerca da formação dos envelopes de variação até a análise da variação e mudança do quadro verbal em condicionais específicas, as que possuem de fato variação. Seguimos, por fim, para nossas considerações finais.

2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

2.1.1 Um pouco de História

Prefiro, embora reconheça as contradições e heterogeneidade do real ou do comportamento humano, tentar descobrir, por detrás delas, as harmonias resultantes dessa espécie de fantástica sinfonia que é a história, feita da incomensurável mistura de elementos de toda espécie, tão dispersos e contraditórios como a própria vida, mas de cuja rede infinitamente complexa é fascinante procurar os eixos e os encontros e desencontros, os paralelismos e as divergências. As secretas regras da composição não se poderão reduzir, nunca, creio, a nenhum sistema totalmente válido, a nenhuma gramática definitiva, mas procurá-los e dizer o que julguei descobrir é tão apaixonante como o prazer de viver (José Mattoso, *A Escrita da História*)

A heterogeneidade e a mudança são, em certa medida, reconhecidas desde os primórdios da humanidade, mas as mudanças de paradigmas epistemológicos definem esses aspectos como parte (ou não) da pesquisa linguística e, por consequência, definem o método de investigação. A ideia de pureza (e de divindade) da língua, por exemplo, já defendida desde Platão, em “Crátilo”, deveria vigorar em detrimento de qualquer heterogeneidade (deturpação, desvios ou caos) que o homem poderia causar com seu uso ao longo do tempo. Essa perspectiva, não raro defendida até os dias de hoje, postulava o “certo e errado” na língua a fim de eliminar o erro, as ambiguidades, os equívocos e manter a lógica da língua-ideal. Tal postura incluía a reflexão imaginativa acerca da linguagem do que se considerava certo ou errado, e a língua era vista como forma de expressão do pensamento. Assim nasce a ideia de gramática, pautada na lógica do pensamento.

A partir do século XVI, de acordo com Camara Jr (1975), é que encontramos a observação dos aspectos da língua como fenômeno linguístico, observação essa, ainda, combinada à orientação lógica e ao ideal de “certo e errado”. O século XVII marca o auge dos estudos lógicos da linguagem, com a publicação da gramática de Port Royal, também denominada de Gramática Geral e Racional. Ainda no século XVII, delineavam-se os caminhos para o estudo histórico da linguagem, pautado na biologia, uma vez que se passava a comparar as línguas, de acordo com suas semelhanças. No entanto, é somente a partir do século XVIII que ideias mais sólidas se desenvolveram sobre o estudo comparativo. Era consenso até então considerar o hebraico a língua de origem da humanidade, mas, com a acentuação dos estudos comparatistas no século XVIII, o sânscrito passou a ser visto como língua-mãe.

Logo, antes da consolidação da linguística moderna, propunha-se a análise de línguas em alguns períodos da história, com o objetivo de observar os graus de parentescos entre elas e determinar, por inferência, características da língua ascendente comuns em um certo conjunto de línguas. Em outras palavras, buscava-se definir o grau de parentesco e encontrar a língua de origem de todas as outras – a língua-mãe. A segunda metade do século XVIII foi marcada por estudos dessa ordem e o trabalho de William Jones – *The Sanscrit Language* (1786) – constitui a marca cronológica de uma reflexão sistemática acerca das mudanças da língua. A perspectiva de língua ideal passa, então, a compartilhar espaço com a perspectiva de mudança linguística.

Alguns anos mais tarde, em 1808, August Wilhelm Schlegel comprova a tese de Jones acerca do parentesco entre latim, grego e sânscrito, a partir de parâmetros morfológicos. Com uma classificação tipológica das línguas, Schlegel diferenciou as línguas analíticas das sintéticas. Em 1816, Franz Bopp avança nos estudos morfológicos, sobretudo nos de morfologia verbal, com uma comparação detalhada entre latim, grego, sânscrito, persa e germânico, o que conferiu a ele o estatuto de fundador da Ciência Histórico-Comparativa da Linguagem (CAMARA Jr., 1975). Tais trabalhos mostravam correspondência sistemática entre as línguas, mas esses não levavam em conta o percurso histórico de entrada, expansão e alteração dos parâmetros morfológicos avaliados. Nesse ínterim, surgem os trabalhos de Jacob Grimm, que avaliou o ramo germânico das línguas europeias em uma sequência de 14 séculos, o que acabou dando origem à Gramática ou Linguística Histórico-Comparativa. Entre as contribuições dos trabalhos comparatistas, está o fato de haver o reconhecimento de que a mudança entre as línguas ocorre de forma sistemática e de que bases linguísticas são fundamentais para a sua compreensão, diferentemente do que propunham os estudos de premissas exclusivamente filosóficas ideacionais.

Já no século XIX, os chamados neogramáticos postulavam leis para mudanças fonéticas na língua para explicar sua evolução. A partir da reconstrução do passado da língua por meio de uma lente própria dessa corrente, identificavam-se formas semelhantes no interior da família de línguas denominadas indo-europeias para se chegar a formas hipotéticas da “língua de origem”. De acordo com Faraco (2005, p.51-52), os neogramáticos “formularam uma teoria, na qual se assumiu que as mudanças fonéticas tinham um caráter de absoluta regularidade e, portanto, deveriam ser entendidas como leis que não admitiam exceções”. Percebe-se, pois, até aqui, algumas diferenças epistemológicas do estudo da língua e da linguagem que se referem, sobretudo, à mudança

de postura da lógica ideacional para a lógica histórica e da noção mais geral de língua universal ou ideal para os estudos das especificidades de cada língua.

No início do século XX, quando a ciência linguística se consolida, o estudo histórico perde espaço para o estudo descritivo, em momento presente. A dicotomia saussuriana sincronia vs diacronia está na base do nascimento da linguística moderna, mais precisamente com a publicação do *Cours de Linguistique Générale*, em 1916. *Langue* (ou sistema), objeto de estudo do estruturalismo, somente deveria ser descrito na sincronia, em sua homogeneidade. De outra parte, a diacronia, a *parole* (a fala) e a heterogeneidade, ainda que reconhecidas, não deveriam entrar na análise de um fato da língua. Vemos, pois, que homogeneidade vs heterogeneidade, *langue* vs *parole*, sincronia vs diacronia, descrição vs história são postulados do *Cours de Linguistique Générale* que conferiam ao linguista o papel de descrever *l'état de langue*, do estado puro, homogêneo e sincrônico da língua. Entretanto, é no próprio livro fundador desses princípios que os discípulos de Saussure reconhecem a mudança linguística e a dificuldade de se separar diacronia e sincronia:

Mas não existirão sons que se transformam com o tempo? As palavras mudam de significação, as gramáticas evoluem; veem-se algumas desaparecer com as formas que serviam para exprimi-las [...]. E se todos os fatos da sincronia associativa e sintagmática tem sua história, como manter a distinção absoluta entre diacronia e sincronia? Isso se torna muito difícil desde que se saia da fonética pura. (SAUSSURE, 2012, p.194)

Ainda que haja o reconhecimento da diacronia, a defesa de um estudo descritivo-sincrônico do estado puro/homogêneo da língua fica evidente, como forma de evitar qualquer interpretação de sincronia e diacronia como faces de um mesmo fenômeno linguístico. Apenas um olhar acerca da língua como objeto homogêneo da investigação sincrônica poderia manter a distinção absoluta entre essa e os fatos linguísticos diacrônicos. Mas é também o próprio Saussure que reconhece a heterogeneidade linguística: “entre todos os indivíduos assim ligados pela linguagem se estabelecerá uma espécie de média: todos reproduzirão – não exatamente decerto, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos nos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2012, p. 33). Assim, vemos que tanto a diacronia quanto a heterogeneidade são reconhecidas por Saussure, de modo que o importante seria o denominador comum e não as diferenças de grupos ou indivíduos.

Mais tarde, em meados do século XX, a ideia de língua como sistema homogêneo se esvai, com o advento da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010). A heterogeneidade, até então reconhecida, mas negada como constitutiva do sistema linguístico, passa a ser encarada como inerente ao sistema, bem como sincronia e diacronia deixam de ser excludentes, diferentemente do que propunha Saussure. Por essa perspectiva, língua, em seu uso real, envolve também os falantes e a estrutura social (sexo, idade, escolaridade, classe social, etnia etc.) que os “permeia”. Os falantes usam a língua (e não o contrário); portanto, ainda mais necessário que reconhecer que a língua muda, é reconhecer que os falantes a mudam. Logo, a dicotomia saussuriana sincronia vs diacronia é desconstruída principalmente a partir da publicação dos *Fundamentos Empíricos* e a língua, “como objeto cognitivo-social-histórico, passa a ser vista também como “permanência e sucessão” (COSERIU, 1979, p.239), o que implica reconhecer que sincronia e diacronia são, na verdade, “duas faces de um mesmo fenômeno” (MATTOS e SILVA, 2008).

Evidentemente, antes de a Sociolinguística se consolidar como área da Linguística, já havia uma preocupação em estabelecer uma relação entre língua, cultura e sociedade. Cezario e Votre (2008) destacam o papel fundamental que Antoine Meillet (1866-1936) desempenhou como precursor da Sociolinguística ao utilizar a estrutura social para explicar mudanças linguísticas ocorridas no francês no início do século XX. Kloebe (1927), no holandês, e Bloomfield (1933), no inglês, também já haviam levado em conta os aspectos sociais e históricos para a compreensão de fenômenos presentes nas línguas. Todavia, a historiografia linguística revela que uma teoria alicerçada no conceito de língua como um “fato social” só passaria a se consolidar a partir de 1960 com o advento dos trabalhos de William Labov (1927 -). Considerado o pai da sociolinguística variacionista⁹, Labov foi quem veementemente propôs que a língua deixasse de ser considerada como um objeto homogêneo para, ao contrário, ser encarada como uma realidade heterogênea em que estruturas linguísticas e sociais estão imbricadas e covariam sistematicamente, característica inerente de todas as línguas e sociedades. Tal variação pode (ou não) levar à mudança linguística e possui influências não apenas internas ao sistema linguístico, mas também influências sociais.

⁹ A sociolinguística variacionista é também “denominada como *linguística secular, sociolinguística laboviana, sociolinguística quantitativa, sociolinguística correlacional ou teoria da variação e mudança*”. BAGNO, 2017, p.434)

Até então, a preocupação, sobretudo dos neogramáticos, referia-se exclusivamente à diacronia e às regras sem exceções, excluindo-se questões sociais. Esses assumiam os fenômenos linguísticos como fatos isolados, principalmente geograficamente (BORBA, 1979). Nesse sentido, Weinreich, orientador de Labov, teve papel fundamental nos estudos da mudança, ao desenvolver uma teoria das Línguas em Contato, em 1953, em que comparou os níveis fonológicos, lexicais e gramaticais de diferentes idiomas ao longo do tempo a partir da observação dos desvios das “normas” de cada língua e descreveu as interferências resultantes no sistema linguístico a partir desses aspectos.

A língua passa, então, com os *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), a ser assumida como um sistema diferenciado, que envolve variação e também possível mudança. Entre os princípios gerais que alicerçam a teoria da variação e mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), destacamos alguns. O primeiro deles se refere ao fato de a mudança ser vista, nesta teoria, como natural e estruturada, isto é, nenhuma mudança ocorreria de forma aleatória ou caótica, diferentemente do que propunham os estruturalistas. Essa regularidade já havia sido reconhecida, como mencionado, desde os comparatistas, mas não do ponto de vista da mudança vista no interior de um sistema linguístico. Além disso, a ideia de homogeneidade mostra-se como uma ilusão, uma vez que, sendo os falantes de uma língua diferentes entre si, as formas linguísticas também o são.

Logo, se as sociedades mudam, a língua também muda. O caráter heterogêneo de uma língua é não apenas inerente ao sistema, mas condição *sine qua non* para uma possível mudança linguística, ainda que nem toda variação resulte em mudança na língua. Quando se trata de mudança, essa não ocorre abruptamente, de modo uniforme ou instantâneo, mas é gradual. Outro postulado é o de que as gramáticas em que ocorre a mudança são de comunidades de fala e não de pequenos grupos, uma vez que a covariação passa a ser generalizada. A mudança, por sua vez, é transmitida dentro da comunidade como um todo de forma heterogênea. Por último, mas não menos importante, fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança, que deve ser observada empiricamente.

A grande dificuldade, no entanto, em nível metodológico, reside na incorporação dos valores sociais em pesquisas que se voltam para a mudança ao longo do tempo, já que os textos que mais se aproximam da fala são escassos e há, não raro, pouca informação

acerca do contexto de produção ou de aspectos sociais dos produtores do texto. E é em meio à necessidade de compreensão dos valores sociais em tempos remotos que nasce a Sociolinguística Histórica (CONDE-SILVESTRE, 2007) (doravante, SH), com vistas exatamente a propor estratégias para apreender aspectos sociais correlacionados à mudança. Dialetólogos, antropólogos, linguistas diacrônicos e filólogos já haviam reconhecido a natureza social da língua, mas Romaine (1982) é a primeira a incluir o termo sócio-história junto de linguística em seu livro que tratou sobre as orações relativas na Escócia; em seguida, Tieken-Boon van Ostade (1987) também faz referência ao termo em seu estudo sobre ‘Do’ auxiliar no Inglês no Século XVIII, intitulado *Auxiliary do in Eighteenth - century English: A Sociohistorical-linguistic Approach*. Já Milroy (1992), em seu livro, faz uso da forma alternativa, hoje comumente utilizada: sociolinguística histórica (CONDE-SILVESTRE, 2007).

Por se tratar de uma área ainda jovem, algumas considerações são necessárias, a fim de que entendamos os limites entre a SH, a Linguística Histórica (doravante, LH) e a Sociolinguística variacionista.

2.1.2 Sociolinguística Histórica: um campo híbrido

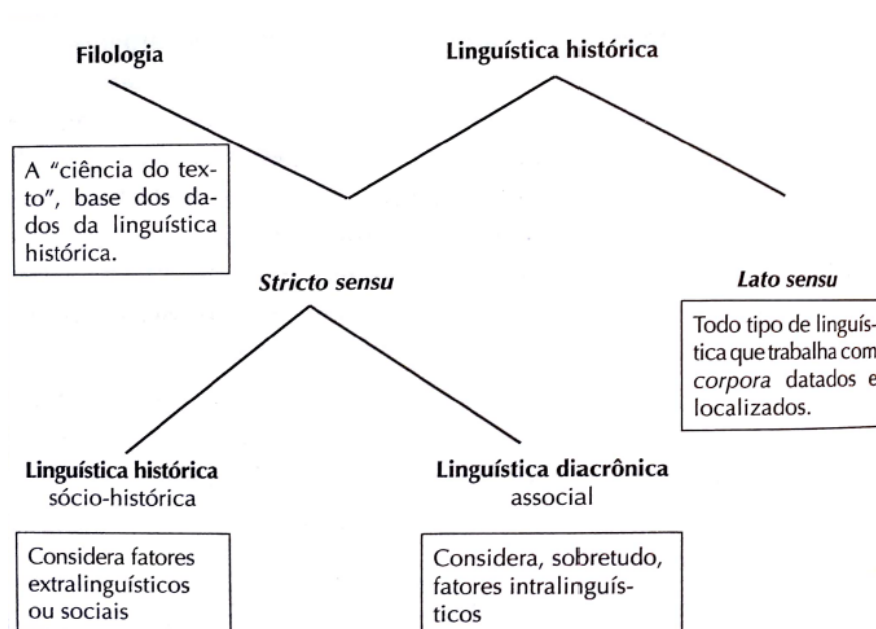
Pensar mudança em tempo real necessariamente envolve o trabalho com a língua em intervalos temporais anteriores à contemporaneidade. Ainda, é preciso não perder de vista que embutidas em Sociolinguística Histórica estão, necessariamente, outras duas perspectivas – Linguística Histórica e Sociolinguística Variacionista.

Isto posto, até os dias atuais, de acordo com Faraco (2005), há contínua tensão entre duas grandes linhas interpretativas acerca dos fatos da mudança linguística: (i) uma mais imanentista, que enxerga a mudança como fato exclusivamente interno ao sistema, condicionada por fatores também internos da própria língua; e (ii) uma mais integrativa, que compreende a mudança articulada ao contexto social em que se inserem os falantes de uma língua, mudança essa motivada por uma conjunção de fatores de ordem interna (estrutural) e externa (social) (FARACO, 2005, p.129-130)

Mattos e Silva (2008) diferencia a Filologia da Linguística Histórica *lato sensu*, ao demonstrar que a primeira se refere a uma ciência do texto, a partir da qual se faz Linguística Histórica (doravante LH), enquanto esta se refere a todo trabalho com *corpora* datados e localizados. Já, *stricto sensu*, a Linguística Histórica se distingue da Linguística

Diacrônica, uma vez que, segundo Mattos e Silva (2008), os estudos diacrônicos consideram apenas fatores internos à língua como motivadores da mudança, como é o caso dos estruturalismos diacrônicos (MARTINET, 1955) ou dos gerativismos diacrônicos, linhas mais imanentistas, nos termos de Faraco (2005); enquanto a Linguística Histórica, *stricto sensu*, envolve estudos que não levam em conta apenas fatores internos, mas também os fatores extralinguísticos, o que implica uma visão mais integrativa da mudança. Em outras palavras, os estudos diacrônicos são considerados a-históricos ou mesmo a-sociais, enquanto os históricos envolvem também os elementos sociais e históricos, além dos internos, para Mattos e Silva (2008). O clássico esquema visto na figura 1 ilustra essas elucidações.

Figura 1 - Esquema proposto por Mattos e Silva (2008)



Fonte: Mattos e Silva (2008, p.10)

A título de exemplo, na linguística brasileira, o trabalho de Faraco (1982) trouxe uma grande contribuição para os estudos históricos, ao atestar que a forma pronominal *você* aparece pela primeira vez no século XVII e seu aparecimento possui motivações sociais. A oposição *tu* e *vós*, típico do português arcaico, começa a abrir espaço para outras formas a partir de 1385, com a revolução burguesa, liderada por D. João I de Avis:

Nessa altura, aparece *Vossa Mercê*, tratamento próprio ao rei e que, posteriormente, no século XVI, começam a aparecer outras formas de tratar reis e a nobreza – *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, por exemplo, tornando-se *Vossa Mercê* mais geral, vindo-se a

gramaticalizar-se [mais tarde] no *Você*. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 59)

O que percebemos é que as mudanças sociais também impulsionam mudanças na língua. Assim, a vertente que nos interessa nesta tese é aquela que Mattos e Silva (2008) chamou de Linguística Histórica *stricto sensu* ou sócio-histórica. Uma concepção sociológica de falante e de língua pode ser vista sobretudo a partir dos trabalhos de Antoine Meillet (1866-1936), que reconhecia a heterogeneidade do sistema da língua e da própria sociedade como principais condições para a mudança (FARACO, 2006). Sob influência de Émile Durkheim (1858-1917), Meillet considerava a mudança linguística como um fato social, que pode ser vista empiricamente: a partir de estudos sobre o vocabulário de línguas indo-europeias, mostrou que termos recorrentes, em várias línguas desse tronco,

pertenciam, na origem, ao léxico da aristocracia, cujos membros das famílias mantinham, de início, relacionamento mais estável e constante entre si, mesmo afastados geograficamente. (...) Essa situação não se repetia no caso das populações não aristocráticas, cujo vocabulário, em decorrência, se caracterizava por uma maior diversidade de lugar para lugar. (FARACO, 2006, p. 154)

A essa altura, já é possível perceber a íntima relação que a Sociolinguística Histórica estabelece com a Linguística Histórica *stricto sensu*, ao se preocupar com aspectos sociais da mudança linguística. A Sociolinguística variacionista, também denominada de sociolinguística laboviana, por sua vez, nasce com os estudos de William Labov, como já mencionamos. Aspectos linguísticos e sociais também estão envolvidos no estudo da língua, mas soma-se a essa abordagem o fato de serem utilizadas metodologias quantitativas para que se chegue a uma compreensão mais geral e abrangente de padrões de uso encontrados:

Um dos postulados centrais da sociolinguística variacionista é o de que os padrões de uso da língua caracterizadores de grupos de falantes que compartilham antecedentes sociais representam uma dimensão crítica da complexa variação inerente a todas as línguas. (BAGNO, 2017, p.434)

Além disso, diferentemente da linguística histórica, que se volta para o estudo do passado da língua, é possível fazer sociolinguística variacionista não apenas se voltando para o passado, mas também na sincronia presente. Estudos da mudança linguística

realizados a partir da proposta da TVM se pautam, em sua grande maioria, na hipótese do tempo aparente; ou seja, a observação da mudança é vista por meio dos diferentes usos em diferentes faixas etárias em uma mesma sincronia: falantes mais velhos no presente representariam a fala de falantes mais jovens do passado, por exemplo. De acordo com Labov (1994), no entanto, os estudos sincrônicos podem nos fornecer pistas para a observação do modo como a língua era, mas a confirmação dessa avaliação somente pode ocorrer a partir do estudo diacrônico, ou seja, em tempo real, comparando diferentes sincronias.

Instaura-se, a partir daí, um grande desafio para os estudos que se voltam para o passado da língua, visto que não temos acesso a textos orais e dificilmente temos informações socio-históricas completas acerca de textos escritos, muitas vezes preservados ao longo do tempo pelo acaso. Conde-Silvestre (2007) diferencia aquilo que Raumolin-Brunberg (1996) chamou de sociolinguística sincrônica e sociolinguística diacrônica. Entre essas diferenciações, estão algumas reportadas no quadro 2.

Quadro 2 - Aspectos divergentes e complementares da investigação em Sociolinguística sincrônica e diacrônica (com base em Raumolin-Brunberg, 1996)

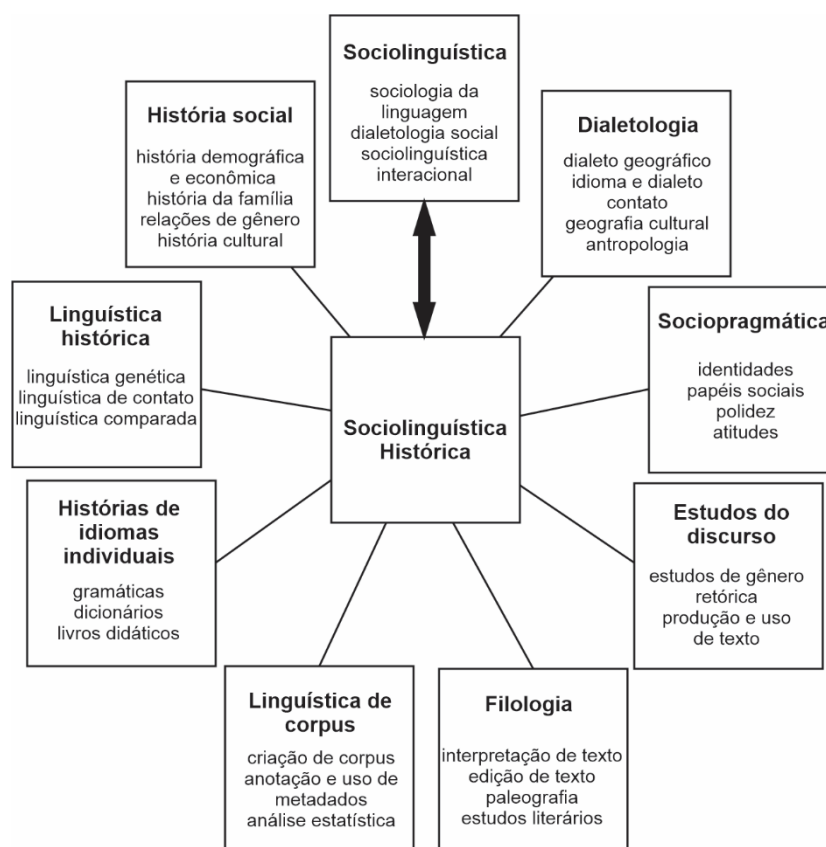
	Sociolinguística sincrônica	Sociolinguística diacrônica
Material	- Dados oriundos do universo oral. - Material autêntico (paradoxo do observador) - Dados relativos a todos os membros de uma comunidade, de todos os estilos e registros.	- Dados oriundos do universo escrito. - Material parcial, que sobreviveu por sorte. - Dados relativos a grupos alfabetizados da comunidade (geralmente homens, de status social médio ou alto) e somente de determinados estilos e registros.
Contexto social	Conhecimento de primeiro mão e disponibilidade de dados suficientes.	Desconhecido. Deve-se reconstruir a partir da investigação histórica
Disciplina vinculada	Sociologia	História social
Amplitude da mudança linguística.	Desconhecida	Conhecida

Fonte: traduzido e adaptado por Berlinck e Brandão (2021) a partir de Conde-Silvestre (2007, p.38)

Assim, trabalhar com a diacronia por uma perspectiva sociolinguística pode ser visto, de acordo com Labov (1994, p. 11), como a arte de fazer “o melhor uso de dados ruins”. Chamamos a atenção para a disciplina vinculada às sociolinguísticas sincrônica e diacrônica. Não se trata exatamente, a nosso ver, de uma diferenciação ou preferência de diálogo com a sociologia na sincronia e com a história social na diacronia, mas de complementação. Além da sociologia, a história social também é importante em estudos

que se voltam para o passado. Ainda no que se refere ao diálogo com outras disciplinas, a Sociolinguística histórica propriamente dita se mostra um campo interdisciplinar, pois pode dialogar com muitas outras áreas, como se vê no esquema da figura 2.

Figura 2 - Esquema com diálogos possíveis da Sociolinguística Histórica



Fonte: Traduzido de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012, p.27)

Além desses aspectos já mencionados, lembramos que frequentemente análises estatísticas são realizadas para entender a covariação de variantes linguísticas em sincronia presente, de modo que essas precisam ser repensadas quando em estudos mais remotos, já que, devido à escassez de informações, há comprometimento de análises estatísticas e, por consequência, de generalizações¹⁰. Isso implica o reconhecimento da necessidade de extensão dos próprios métodos sociolinguísticos, que devem tentar manter a validação científica, bem como sua natureza interdisciplinar quando se voltam para a história (CONDE-SILVESTRE, 2007).

¹⁰ Fazer análise estatística não é condição intrínseca a todos os modos de se fazer Sociolinguística, mas se trata de um aspecto central na sociolinguística laboviana/variacionista/quantitativa.

A proposta pioneira de Romaine (1982) visava exatamente estender os modelos quantitativos para o estudo dos dados históricos. A partir da pesquisa acerca do sistema de pronomes relativos no escocês, a linguista avaliou diferentes gêneros textuais para a compreensão da mudança, indo desde textos oficiais a textos cômicos. O que se percebe, neste sentido, é um olhar acurado para o gênero textual como uma variável externa, avaliada quali e quantitativamente. De acordo com Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2012), ao longo da década de 1980, o gênero textual foi, de fato, considerado como a principal variável externa para os estudos em SH. Contudo, com o avanço dos trabalhos, aspectos ligados à educação, à mobilidade e às redes sociais (MILROY, 1992) também passaram a ser levados em consideração como variáveis externas que auxiliam no entendimento da mudança linguística.

Assim, em busca de soluções para as fragilidades de materiais históricos, a Sociolinguística Histórica tem desenvolvido fundamentos e ferramentas, sobretudo no que se refere aos aspectos sociais. Por isso mesmo a SH pode ser vista como um campo híbrido que se relaciona tanto com a Sociolinguística variacionista¹¹ quanto com a Linguística Histórica, ao subsistir através da transdisciplinaridade, que envolve, necessariamente, a reconstrução da história de uma língua ou de um fenômeno dessa, inserida em seu contexto sociocultural, levando-se em conta também, então, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística.

Ainda que tenha havido e estejam havendo incansáveis avanços, uma vez que a Sociolinguística Histórica tem alcançado aos poucos mais e mais maturidade, trata-se ainda de um campo relativamente jovem, de modo que reflexões teórico-metodológicas continuam a ser fundamentais para seu avanço. Assim, a seguir, trazemos uma discussão acerca dos desafios metodológicos que se colocam em trabalhos dessa natureza.

¹¹ A Sociolinguística Histórica pode também dialogar com outras vertentes da Sociolinguística, para além da laboviana. Bergs (2005), por exemplo, realizou um trabalho com cartas de uma família na Inglaterra no século XV em um intervalo de 100 anos, levando em conta a interface Sociolinguística Histórica e o estudo das redes sociais, com base em Milroy (1985). O foco de nossa discussão recai, no entanto, na sociolinguística variacionista, por entendermos que o estudo de macrocategorias sociais, como fazemos nesta tese, é prototípico dessa vertente.

2.1.3 Desafios da Sociolinguística Histórica

Somente aquele linguista que, ao menos uma vez, sai da atmosfera esfumaçada de hipóteses de seu gabinete (...) e adentra o ar puro da realidade tangível (...) a fim de colher informações sobre aqueles fatos que teorias cinzentas jamais lhe podem revelar, e somente aquele que para sempre renuncia àquele método de investigação antigamente difundido e ainda muito usado segundo o qual as pessoas observam a linguagem somente no papel e tudo resolvem através de terminologia, sistemas de regras e formalismo gramatical e acreditam, assim, terem desvendado a essência dos fenômenos ao terem alinhado um nome para a coisa – somente ele poderá chegar a uma ideia correta sobre o modo como as formas linguísticas vivem e mudam, e somente ele pode adquirir aqueles princípios metodológicos sem os quais nenhum resultado confiável pode jamais ser obtido em investigações sobre a linguagem (...) (trechos selecionados e traduzidos por TARALLO e KATO, 1989, a partir de LABOV, 1981)¹²

Como já mencionamos, por ser uma área razoavelmente nova nos estudos linguísticos, as discussões teórico-metodológicas são imprescindíveis, para que consigamos ultrapassar os limites impostos ao trabalho com dados de tempos remotos, sem negligenciarmos aspectos centrais da SH. Nossos desafios esbarram em alguns dos cinco problemas elencados na TVM por Weinreich, Labov e Herzog (1968), quais sejam (i) o problema dos fatores condicionantes, que se referem às restrições e motivações internas e externas que geraram a mudança de determinado fenômeno; (ii) o problema da transição, que inclui o reconhecimento dos estágios de apreensão de uma forma alternativa à existente, de coexistência entre as formas e de obsolescência da forma mais arcaica; (iii) o problema do encaixamento, tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social, em que as formas são incorporadas ao sistema da língua; (iv) o problema da avaliação, uma vez que a mudança pode ser freada ou acelerada a partir da avaliação subjetiva que os falantes fazem acerca de determinado fenômeno; (v) e o problema da implementação, que se refere a entender por que um determinado fenômeno se deu em

¹² Do original, “only that comparative linguist who for once emerges from the hypotheses-beclouded atmosphere of the workshop in which the original Indo-European forms are forced, and steps into the clear air of tangible reality and of the present in order to get information about those things which gray theory can never reveal to him, and only he who renounces forever that formerly widespread but still used method of investigation according to which people observe language only on paper and resolve everything into terminology, systems of rules, and grammatical formalism and believe they have then fathomed the essence of the phenomena when they have devised a name for the thing – only he can arrive at a correct idea of the way in which linguistic forms live and change, and only he can acquire those methodological principles without which no credible results can be obtained at all in investigations in historical linguistics and without which any penetration into the periods of the past which lie behind the historical tradition of a language is like a sea-voyage without a compass” (LABOV, 1981).

uma certa época e lugar (e grupos) e não em outros. Previamente a esses 5 problemas, há uma tônica fundamental nos trabalhos de SH que diz respeito à própria coleta dos textos fonte e à recuperação de valores sociais, como veremos. Assim, este subcapítulo abordará aspectos metodológicos e seus desdobramentos ou justificativas teóricas.

Tarallo e Kato (1989) mencionam, em seu clássico artigo acerca da harmonia trans-sistêmica, quão extensos eram os debates entre o “ser empírico” e o “ser racionalista” (TARALLO; KATO, 1989). Os autores iniciam seu artigo com o célebre trecho presente em Labov (1981), o qual mereceu aqui ser reproduzido na epígrafe. Nesse trecho, tecem-se considerações sobre o papel do linguista e críticas ao método exclusivamente racionalista de algumas correntes teóricas, aí incluídos a neogramática e (por que não?) o gerativismo. O convite ao ar puro da realidade nos leva a pensar no estudo socio-histórico da língua - universo vasto e pedregoso -, uma vez que precisamos constantemente nos deslocar de onde¹³ estamos para entender não apenas a gramática da mudança linguística, mas também a própria gramática de mudanças sociais das épocas em estudo.

Por ser um trabalho empírico, assim como a Sociolinguística *stricto sensu*, a SH precisa lidar, necessariamente, com dados reais, preferencialmente com os dados mais próximos do vernáculo. Aí reside o primeiro desafio: encontrar textos representativos da língua de uma época. O grande problema é que há, não raro, a falta de textos de determinada natureza, pois muitas vezes nosso trabalho fica restrito ao acaso, à possibilidade de encontrarmos os textos. Isso dificulta o trabalho do linguista, diferentemente de quando lidamos com a sincronia atual. Atualmente, as entrevistas sociolinguísticas, individuais ou em grupos, formais e informais, se consolidaram como um recurso profícuo de estudo da variação linguística. Além dessas entrevistas, gravações de programas de rádio, TV, filmes, discursos políticos etc. se mostram promissores para os estudos empíricos. Ainda, na sincronia atual, é possível construirmos, com os aparatos tecnológicos hoje existentes, nosso próprio *corpus*; enquanto, quando nos voltamos à diacronia, ficamos à mercê daquilo que se manteve, por algum motivo, muitas vezes aleatório, existente.

Além disso, o que temos (quando temos), no geral, são produções por uma parcela restrita dos membros das comunidades (homens, letrados, da elite), o que esbarra nos problemas (ii) e (iii) da TVM, pois a falta de representatividade de outros grupos sociais,

¹³ Entenda-se onde como espaço e tempo.

geralmente de camadas menos privilegiadas e/ou de mulheres silenciadas ao longo do tempo, interfere na apreensão de mecanismos condicionadores, o que consequentemente interfere na nossa compreensão sobre a difusão ou mesmo o encaixamento de uma forma linguística na estrutura social. Para a representação mais fiel possível do registro oral da época, tem sido profícuo avaliar os fenômenos linguísticos em cartas (geralmente pessoais), diários e em peças de teatro de diferentes séculos, por serem registros escritos que podem se aproximar mais do registro oral (BERLINCK, BARBOSA, MARINE, 2008). No que se refere ao trabalho com cartas, alguns projetos coletivos têm sido desenvolvidos no mundo com vistas a construção de *corpora* que se preocupam com aspectos socio-históricos. É o caso do ambicioso projeto *Post Scriptum* (P.S), sediado na Universidade de Lisboa e com foco em produções do português e do espanhol. Marquilha (2015), ao falar sobretudo do estudo com o Português, mostra um panorama do estudo socio-histórico que tem sido realizado para a composição dos *corpora*. A principal fonte para a documentação do *Post Scriptum* é o arquivo da Inquisição portuguesa (1532–1821), que foi um tribunal canônico especial que recebeu uma comissão papal para processar heresias (MARQUILHAS, 2015). Os inquisidores portugueses julgaram, ao longo de três séculos, uma soma total de quase 40.000 processos (processos), principalmente concentrados em acusações do judaísmo, mas também cobrindo outras práticas vistas pela Igreja Católica como sendo tanto pecado quanto crime. Suspeitos da inquisição eram frequentemente presos com todos os seus bens, entre eles correspondências privadas suspeitas, as quais os inquisidores consideravam como prova criminal. A maioria das cartas era dirigida a parentes, amigos, namorados ou meros conhecidos, e eram arquivadas pelos tribunais civis e eclesiásticos, juntamente com a documentação que os contextualiza. Essa documentação lança luz sobre os perfis dos escritores e destinatários, visto que o que interessava ao tribunal era o valor incriminatório das cartas. O discurso usado nelas vem de diversos estratos sociais: foram escritos por e para homens, mulheres e até crianças, pelos poderosos e pelos destituídos de poder, de todas as partes de Portugal. Em alguns casos, é possível conhecer as histórias de vida dessas pessoas, apesar de suas origens modestas, através do depoimento de réus ou testemunhas. Com isso, deu-se origem a uma preciosa coleção de cartas escritas por uma grande maioria de pessoas comuns: pessoas que escreveram sobre um criminoso por impulso, como é o caso de extorsões, ameaças e insultos, ou estavam apenas elaborando assuntos cotidianos, alheios à chance existente de que suas cartas pudessem se tornar uma prova a ser exposta em tribunal. A partir da análise socio-histórica das cartas, chegou-se

a uma categorização do ponto de vista da hierarquização social, em que havia sujeitos de auto escalão, baixo escalão e os desconhecidos. Trata-se, pois, de uma preocupação com aspectos socio-históricos de produção. Projetos como esses, no entanto, ainda não são muitos, no Brasil e no mundo¹⁴.

Além das cartas, as peças de teatro também têm sido um contexto profícuo para o estudo de fenômenos linguísticos que se voltam para textos escritos que se aproximem da fala. Quando a Linguística Histórica vivencia uma corrente de renovação no cenário brasileiro, a partir dos anos 1980, as peças de teatro foram bastante exploradas como fonte de dados (TARALLO, 1983; DUARTE, 2012; CYRINO, 1993, 1997; BERLINCK, 1989, 1995, 2001). Esses estudos permitiram a caracterização de todo um conjunto de processos de variação e mudança na história do PB, como é o caso da tese de Tarallo (1983), que explora *corpora* de cartas e de peças de três séculos, para traçar a história das estratégias de relativização no PB. Entretanto, esses trabalhos não exploraram o potencial desses textos como fontes de informação socio-histórica.

Alguns autores (MONTGOMERY, 2007; SCHNEIDER, 2002) não veem nas peças de teatro um tipo de texto prototípico para o estudo da mudança linguística, no que se refere a sua representatividade enquanto próximas à oralidade e à realidade linguística, mas nós argumentaremos posteriormente o contrário, defendendo que as peças de teatro podem ser vistas como um gênero muito profícuo para os estudos linguísticos socio-históricos se estas contam com um trabalho histórico, social e antropológico.

Há, ainda, outros desafios, como a quantidade da amostragem, que implica pensar sua representatividade científica para a explicação de um fenômeno, bem como a representatividade dessa amostragem no que se refere à aproximação da oralidade. Já é consenso que uma pesquisa científica não precisa levar em conta toda uma população para se chegar a generalizações, mas o estudo quantitativo necessita de um considerável número de dados e células. Há, contudo, testes estatísticos que podemos aplicar para observarmos se a amostra é confiável para determinado fenômeno, ainda que haja poucos dados ou células preenchidas. Romaine (1985) tece críticas à justificativa de Labov de que a fala de um único indivíduo não é suficientemente consistente para produzir um padrão interpretável e de que por isso há a necessidade de amostras com um número maior

¹⁴ Há, no entanto, ainda que poucos, grandes projetos no Brasil em diálogo com a Linguística Histórica, como o PROHPOR, PHPB, PHPP, LABOR-HISTÓRICO, Tycho Brahe, entre outros que se voltam para o estudo da língua em tempo real e reúnem uma heterogeneidade de textos, com estudos socio-históricos acerca do Português Brasileiro e das mudanças que ocorreram na língua.

de informantes. A grande contradição metodológica implícita, de acordo com Romaine, reside no fato de Labov defender essa justificativa, mas concluir que alguns falantes que representam uma determinada categoria: idade, sexo, classe etc, são suficientes para revelar a estrutura. Romaine (1985) defende a observação relativa dos dados na amostragem a depender da natureza dos fenômenos. Marquilhas (2015), por sua vez, junto do grupo do projeto *Post Scriptum*, fez um levantamento dos grupos sociais e da própria demografia de Portugal ao longo dos séculos, com vistas a se chegar a uma amostra representativa da época, inclusive levando-se em conta a indicação de Labov de que uma amostra significativa precisaria conter entre 0,003 e 0,025 do total da população real.

Isto posto, a metodologia sociolinguística, que prevê a análise de aspectos sociais dos usuários da língua, dados e replicáveis em larga escala, como escolaridade, idade ou classe social, precisa ser repensada nos estudos de tempos remotos, pois raramente o pesquisador tem acesso às informações socio-históricas do texto e de suas condições de produção (CONDE-SILVESTRE, 2007; MARTINS, 2014; COELHO *et al*, 2014). Tendo em vista essas dificuldades, não raro, estudos que se voltam para a compreensão da língua ao longo da história, inclusive os que se denominam sociolinguísticos, acabam por assumir como periféricas as questões sociais de produção da fonte escrita. É o que vemos na crítica feita por Romaine (1985, p. 20):

A língua escrita tem sido objeto de estudos, mas meu ponto de vista é de que técnicas da sociolinguística (ou pelo menos técnicas consideradas especificamente sociolinguísticas) não têm sido empregadas e aqueles que se autodenominam sociolinguistas ainda não se engajaram em tais estudos.

Assim, o que se vê, geralmente, é uma linguística diacrônica e não uma Sociolinguística Histórica propriamente dita. Neste ponto, chegamos a um problema fundamental dos estudos históricos, àquilo que Labov (1994) chamou de *paradoxo histórico*, que se constrói em certa medida a partir das diferenças entre passado e presente, mas também em boa parte devido à escassez de informações de fontes históricas, muitas vezes encontradas ao acaso e incompletas, como já mencionamos. O *paradoxo histórico* se define a partir da premissa de que sabemos que há diferenças entre passado e presente, mas não sabemos ao certo como se materializam essas diferenças. Em épocas passadas, como novas formas se estabelecem na comunidade de fala, entre faixa-etárias, escolaridades ou estratos sociais? Como o prestígio, as normas de correção e as atitudes dos falantes em relação a formas específicas podem afetar as mudanças?

Para responder a essas perguntas, a sociolinguística histórica pode partir do pressuposto de que os mesmos princípios e mecanismos fundamentais de variação e mudança da linguagem são válidos ao longo do tempo. No entanto, se formos além dos pressupostos básicos do *uniformitarismo*, que se resume na ideia de que as “forças que operam para produzir mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de magnitude que aqueles que operaram cinco ou dez mil anos atrás” (LABOV, 1972, 275), podemos cair no perigo de “anacronismo ideacional” (BERGS, 2012), pelo qual transpomos conceitos modernos como classe social, gênero ou prestígio para configurações históricas, mesmo sua aplicabilidade e validade sendo amplamente restritas às sociedades da época.

Obviamente, o que observamos no presente pode nos ajudar a entender o passado. Labov (1994) afirma de maneira muito inspiradora que quanto mais conhecemos uma variedade ou língua (idioma), mais podemos descobrir sobre ela. No entanto, devemos ter cautela ao transpor para o passado as lentes que utilizamos no presente. Bergs (2012) exemplifica os anacronismos a partir do cinema, em que, dificilmente, um diretor colocaria no figurino de um homem da Idade Média um relógio digital. Quanto partimos para o nível ideacional, o autor lembra do papel que crianças exerciam na Idade Média: antes dos 7 anos, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, os quais se transformariam em um humano adulto aos 7 anos. Janda e Joseph (2003) trazem uma proposta alternativa ao *uniformitarismo*, segundo a qual devemos lutar pelo *maximalismo informacional*, definido como:

A utilização de todos os meios razoáveis para estender nosso conhecimento do que poderia ter ocorrido no passado, embora não seja diretamente observável. Normalmente, este envolverá uma forte concentração no presente imediato, mas é na verdade mais realista apenas dizer que desejamos obter o máximo de informações de um máximo de fontes potenciais.¹⁵ (JANDA E JOSEPH, 2003, p.37, tradução nossa)

Tal proposta é, de acordo com Bergs (2012), mais avançada, por envolver uma variedade de perspectivas necessárias para enriquecer nossa compreensão do passado, como os estudos de história das épocas estudadas, que já contêm uma série de modelos e métodos inovadores. Nesse sentido, o papel do sociolinguista histórico é reconstruir um

¹⁵ Do original: the utilization of all reasonable means to extend our knowledge of what might have been going on in the past, even though it is not directly observable. Normally, this will involve a heavy concentration on the immediate present, but it is in fact more realistic just to say we wish to gain a maximum of information from a maximum of potential sources (...) (JANDA E JOSEPH, 2003, p.37)

quadro amplo do contexto social em que as variedades linguísticas sob investigação foram utilizadas, atentando-se ao método indutivo para identificar as condições sociais de variação e mudança linguística, garantindo validade empírica, social e histórica (c. NEVALAINEN, 2006).

Na voz de Mattos e Silva (2004 p.33-34), “palmilhando os caminhos da *ars interpretandi*, palmilharemos também os caminhos da sociolinguística histórica ou sócio-história linguística, tentando estabelecer – o que é difícil, e muito, para o passado – a correlação entre fatores extralinguísticos e linguísticos”. No entanto, alcançar essas informações é fundamental em uma abordagem que concebe a língua como indissociável da sociedade (MEILLET, 1921; WEINREICH, LABOV, HERZOG 1968; LABOV 1972, 1982, 1994, 2001, 2010).

A difícil (mas não impossível) tarefa de correlacionar variáveis sociais da produção escrita do passado aos fenômenos linguísticos precisa ser encarada. E é com vistas a contribuir com o avanço da perspectiva socio-histórica, muitas vezes colocada em segundo plano, que nasce o projeto Língua EmCena, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara, sob coordenação de Rosane de Andrade Berlinck. Temos desenvolvido, com uma equipe de 16 integrantes, a categorização de perfis sociais de personagens de 101 peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI, com base em estudos sociológicos, antropológicos e históricos sobre a realidade brasileira. A discussão sobre essas categorias fica, no entanto, para o capítulo sobre descrição do *corpus* de pesquisa, mas, de antemão, adiantamos que até mesmo o recorte temporal é justificado pela história, pois, na medida em que “pretendemos realizar estudos sociolinguísticos que tenham um grau de realismo sociológico, o modelo de sociedade que usamos deve ser o mais próximo quanto possível para a coisa real” (BLOMMART, 2007, p. 15).

2.1.4 O trabalho com peças de teatro

A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (Alfredo Bosi, *Narrativa e resistência*)

Montgomery (2007) argumenta que não se pode dizer muito sobre textos literários, que são por natureza arquétipos e frequentemente usados para dramatizar

personagens. De fato, personagens não são falantes em situações reais de fala e envolvem, não raro, estereótipos. No entanto, a construção ou mesmo retratação desses estereótipos são partes constitutivas para entendermos a língua e a própria sociedade ao longo da história. Lembramos que um dos problemas envolvidos no estudo da mudança linguística passa pelo crivo da avaliação para chegar ao encaixamento.

Isto posto, a importância que o gênero teatral exerce no Brasil pode ser vista desde o princípio de nossa história, enquanto colonizados. Assim, o aparecimento do teatro no Brasil, ainda que amador, coincide com a própria ideia de nacionalidade, uma vez que apareceu, no Brasil, como instrumento de catequese de tribos indígenas. No entanto, de antemão, ressaltamos que a estabilidade desse gênero, inclusive quando produzido por brasileiros, nascidos no Brasil, inicia-se, segundo Faria (2012), alguns anos após a Independência do país, na terceira década do século XIX. Historicamente, há pouquíssimos registros de peças teatrais escritas por brasileiros em séculos anteriores ao XIX e, nas palavras de Tarallo (1990, p.184) “a luta por uma brasilidade linguística acentua-se a partir do século XIX, coincidindo com os processos históricos de independência política e, posteriormente, com a proclamação da república brasileira”.

Para além do viés colonizador que o teatro exerceu no Brasil, muitas peças retratam a própria sociedade da época. Os críticos de teatro, por exemplo, defendem a possibilidade de reconstrução da moralidade e dos costumes de uma época a partir do mergulho em peças teatrais de determinados autores, como de Martins Pena, escritor do início do século XIX: “*se se perdessem todas as leis, escritos, memórias da história brasileira dos primeiros cinquenta anos do século XIX, e ficassem somente as comédias de Pena, era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época*”. (ARÊAS, 2012, p.125). A língua, como reflexo dessa sociedade, é utilizada não apenas como puro veículo dessas representações, mas como parte constitutiva da história que se conta. A título de exemplo, a peça *Cala boca, Etelvina!*, de autoria de Armando Gonzaga, data do início do século XX e, como o próprio título já sugere, envolve questões linguísticas fundamentais, como a orientação constante de que a personagem Etelvina se “cale”. Vejamos alguns trechos retirados da peça para entendermos os motivos:

[AG-LIBÓRIO] - O essencial é que você não fale... Não fale e tenha modos mais de acordo com sua nova posição.

(...)

[AG-ETELVINA]

Foi o senhor que mandou. Para mim tanto faz chamar o senhor de papai como de outro troço qualquer. Ê a beça...

[AG-LIBÓRIO]

(Desesperado) *Esse Palavreado!*...(A Etelvina) Você, quando a baronesa chegar, não dê uma palavra, está entendendo?

(...)

[AG-BARONESA]

Mas diga-me com toda a franqueza. Onde foi o Adelino encontrar essa menina?

[AG-MACÁRIO]

Não sei, baronesa. Ele me mandou dizer que se casava com uma moça de boa família, **pobre, sim, mas honesta e muito bem educada...**

[AG-BARONESA]

Quanto à honestidade, nada posso ainda dizer; mas a respeito de educação, o que me parece é que ela a recebeu no meio da rua.

[AG-MACÁRIO]

E rua das mais baixas. Não viu os seus modos agora na mesa? Pois é sempre assim...

[AG-BARONESA]

E a linguagem que ela fala? Eu nunca ouvi coisa igual.

[AG-MACÁRIO]

O pai, no entanto, **parece um homem de certa educação.**

(*Cala a boca, Etelvina!*, Armando Gonzaga)

Ora, se se pede constantemente que uma pessoa “cale a boca”, há algo linguístico envolvido. E de fato há, como vemos nos diálogos. Etelvina é uma criada que se passa pela “patroa” ao longo do drama e seu “modo de falar” é o que acaba por gerar desconfiança nas pessoas acerca da sua identidade, por isso é que ela deve sempre se manter calada, de acordo com os personagens, ainda que ela não fique.

Aqui, acaba por se delinear outro aspecto fundamental que as peças nos apresentam: a representação de fala de camadas menos abastadas na sociedade, como é o caso de Etelvina e outros tantos personagens que ocupam espaços de menor prestígio social. Os textos escritos em tempos remotos estão restritos em sua maioria a camadas específicas da sociedade, quais sejam as que envolvem ao menos alfabetização e, no caso das peças, um nível de letramento literário por parte dos autores. No entanto, ainda que escritas por pessoas letradas, as peças de teatro retratam a fala de distintas camadas sociais, incluindo as que não sabem ler ou escrever, além de fornecerem informações acerca de faixas etárias, classes, sexo, escolaridade etc.

Logo, os estereótipos e arquétipos teatrais não parecem ser negativos, como defende Montgomery (2007). Pelo contrário, contribuem para a compreensão acerca dos valores sociais das formas linguísticas, valores estes que não são intrínsecos às formas, mas negociados socialmente, de acordo com os falantes que as utilizavam na época e, no caso das peças, da avaliação que se fazia desses usos.

A partir de agora, então, traçaremos os ganhos que o trabalho com peças de teatro pode oferecer aos estudos socio-históricos. Utilizaremos para isso as cinco dimensões discutidas por Montgomery (2007): (i) textual, (ii) temporal, (iii) social, (iv) espacial e (v) representatividade.

A **dimensão textual**, de acordo com o autor, se refere ao tipo de texto utilizado para a pesquisa e o quão perto da fala esse está, levando-se em conta seu registro e estilo. Montgomery (2007) menciona os arquétipos das peças de teatro como negativos à pesquisa, como já mencionamos, mas não compactuamos com essa ideia, como já dito. Além disso, por se tratar de um tipo de texto feito para ser encenado oralmente, as peças de teatro podem ser consideradas o gênero escrito mais próximo da fala em tempos remotos ou ao menos mais próximo do que autores consideravam prototípico da fala da sociedade de forma geral e de determinados grupos de forma específica.

A **dimensão temporal** se refere ao momento em que o texto foi produzido. Neste ponto, o autor tenta afastar mais uma vez as peças de teatro do estatuto de *locus* privilegiado para os estudos linguísticos, primeiro porque o tempo de escrita e publicação podem ser distintos; segundo porque nem sempre se tem acesso às edições primeiríssimas. O primeiro aspecto não parece se sustentar quando comparamos essa situação com as de cartas, por exemplo, que levavam algum tempo para chegar ao seu destinatário e há autores de peças de teatro que chegaram a escrever uma peça de teatro em uma única noite, como é o caso de Qorpo-Santo (1829-1883). Ademais, perguntamos se o tempo entre produção e publicação seria significativo a ponto de descaracterizar o vínculo contemporâneo à época de escrita desse texto. Obviamente, uma peça pode ser escrita intencionalmente para retratar outro espaço/tempo, mas há inúmeras que se situam no Brasil e retratam a contemporaneidade sobre a qual foi escrita. Já o segundo aspecto é, de fato, um problema com o qual temos que lidar, mas que pode se atenuar na medida em que privilegiemos primeiras edições dos exemplares. Ainda, por se tratar de peças de teatro brasileiras, os autores são conhecidos e sabemos pelos estudos biográficos quando a peça foi escrita e até mesmo qual idade esses autores tinham quando as escreveram.

A **dimensão social** está ligada às informações que sabemos sobre as pessoas que produziram o texto. Aqui, o trabalho com as peças é, literalmente, duplamente positivo: primeiramente porque, por se tratar de autores conhecidos, temos as informações biográficas acerca dos escritores; em segundo lugar, os autores fornecem informações acerca dos perfis sociais de cada personagem e assim podemos recuperar ou mesmo inferir seu grau de instrução, sua faixa etária, sexo, profissão, classe social, etnia etc.

A **dimensão espacial** se refere à origem do texto e à nacionalidade do autor. Por priorizarmos peças escritas por brasileiros nascidos no Brasil, a dimensão espacial é recuperada por completo. Os estudos biográficos nos ajudam a identificar esses aspectos facilmente.

A **dimensão da representatividade** está relacionada à distribuição das categorias na amostragem de acordo com a quantidade de indivíduos (de qual grupo os dados são típicos? Quão confiável é a fonte para generalizações?). Claramente, como em muitos trabalhos socio-históricos, a escassez de textos-fonte é nítida e, quando encontramos textos de natureza distintas – cartas, documentos, diários etc. - isso ocorre muitas vezes ao acaso, como já mencionamos anteriormente, e com informações também escassas acerca dos perfis dos indivíduos. Essa dimensão é, então, uma via de mão dupla quando pensamos no trabalho com as peças de teatro. A peça de teatro representa, a nosso ver, um *locus* privilegiado para o estudo da mudança linguística, sobretudo porque pode retratar a fala de mulheres, negros, analfabetos, pessoas de classe baixa, crianças etc., perfis estes que dificilmente encontramos em cartas, diários etc. Os perfis representam as diferentes camadas de sua época e estão além da realidade unilateral da escrita, pois os escritores, de diferentes gêneros textuais, são na sua maioria esmagadora homens, letrados, brancos e de classe alta. Então, a contramão do trabalho com as peças se refere à representatividade unilateral dos escritores. Porém, tal perfil de “escreventes” é generalizado e faz parte da própria história: mulheres e negros encontravam pouco ou nenhum espaço para escrita no Brasil. Machado de Assis era negro e pobre - uma exceção -, e, ainda assim, tratava-se de um homem e não de uma mulher. Assim, a criação dos perfis e todo o constructo linguístico de personagens está restrita às lentes masculinas de um pequeno grupo em tempos remotos, mas tais lentes passam a se alterar conforme a história se altera. A generalização pode vir com uma quantidade significativa de peças teatrais de diferentes autores e épocas e dos dados delas oriundos. O déficit representacional do perfil social dos autores muito mais que um desafio metodológico, é um problema histórico, o qual precisamos encarar. Já a representação dos personagens mostra-se um ganho colossal quando comparamos a variabilidade de perfis sociais em relação ao que encontramos em outros gêneros textuais.

2.2 VERBOS

In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum et Deus erat Verbum...

A epígrafe que abre este capítulo coloca em evidência o papel literalmente fundamental que o verbo desempenha na formação do mundo cristão ocidental. Do latim “*verbum*”, que significa “palavra”, o verbo esteve não apenas presente como foi responsável pela gênese do mundo pela lente cristã. Segundo a tradição cristã, as palavras proferidas por Deus fizeram com que se criasse o mundo, de modo que o verbo “estava com Deus e era Deus”. Tal elucidação por si só demonstra o complexo papel que o verbo, não de hoje, desempenha em nossas vidas, “*bem mais complexo do que sugerem aquelas explicações tradicionais*” (ILARI e BASSO, 2001, p.163).

Na língua, neste caso na portuguesa, “verbo é uma criação linguística destinada a expressar a noção predicativa” (SAID ALI, 1971, p. 119). No interior dessa predicação, precisamos levar em conta algumas categorias verbais. Para Camara Jr. (1956), as categorias verbais são quatro: o aspecto, o tempo, a voz e o modo:

Temos como dados fundamentais de uma apresentação dinâmica, ou processo (que é o cerne conceitual do verbo), **o aspecto** que se reveste o processo em sua realização, **o seu tempo** de ocorrência, **o modo** por que o encara o sujeito falante, e **a voz da palavra**, isto é, o que nos diz sobre os seres que o processo verbal envolve. (CAMARA JR., 1956, p.15, grifos nossos)

De acordo com Ilari e Basso (2001, p. 164), “todo verbo comporta um molde ou matriz para a construção de sentenças” a partir de sua **unidade lexical**, o que caracteriza estados de coisas. O verbo “amar”, por exemplo, implica uma pessoa que ama outra, ou ama um objeto, uma coisa, uma situação etc, enquanto “dormir” pode ser preenchido com apenas um argumento. Como unidade lexical, é característico do verbo estabelecer alguma perspectiva “segundo a qual será conceitualizado o estado de coisas descrito” (p.164), o que envolve **o tipo de participação** que os referentes ligados ao verbo exercem: “João bateu em Pedro” e “Pedro apanhou de João” mostram que verbos distintos selecionam o tipo de participação que os argumentos “João” e “Pedro” exercem. Além disso, há, no português, marcações morfológicas de **pessoas no verbo**, as quais identificam os participantes envolvidos, tendo o português três possibilidades: primeira, segunda e terceira pessoa. Ainda, encontramos nos verbos, sistematicamente, **desinências**

de tempo, ligadas, basicamente, à ideia de passado, presente e futuro, isto é, anterioridade, concomitância e posterioridade ao momento de fala, o que veremos melhor *a posteriori*, mas que, de antemão, revela o caráter dêitico do tempo. Ademais, as próprias desinências verbais de tempo guardam consigo outro valor: **o aspecto**, que se refere à duração. A oposição prototípica que temos em PB é entre pretérito perfeito (comprei) e pretérito imperfeito (comprava). Ainda no que se refere ao aspecto, há uma estrutura interna dos verbos que se denomina **aspecto lexical**, do ponto de vista da *Aktionsart*, em que podemos avaliar se o estado de coisas invocado pelo verbo possui certa duração (João leu durante horas) ou se traz pontualidade (João quebrou um vaso) no interior da sentença. Há, também, **o modo** ligado aos verbos, isto é, a possibilidade de marcação de uma atitude do falante frente ao enunciado, com base, não somente, mas também, nas tradicionais ideias de certeza e incerteza. Diz-se, de forma geral, que indicativo é o modo que expressa modalidade de certeza enquanto subjuntivo expressa modalidade de incerteza e aqui discordamos dos autores. Tal questão será mais bem trabalhada no subcapítulo que trata de modo verbal e modalidade em específico. Por último, Ilari e Basso (2001) discutem **a voz**, que se refere à possibilidade de se colocar o sujeito ora como agente ora como paciente em uma oração: (i) “João quebrou o vidro” e (ii) “o vidro foi quebrado por João”. Em (i), o sujeito é João e é o agente, aquele que quebra o vidro; em (ii), o vidro se torna sujeito, mas trata-se de um sujeito paciente, que recebeu a ação por parte de João.

Tais categorias gramaticais atravessam o domínio funcional multidimensional de tempo-aspecto-modalidade (TAM) (GIVÓN, 1984; GORSKI, 2021), que estão interconectadas e, em uma abordagem cognitivo-funcional, pela qual “a gramática é concebida como função adaptativa e como estrutura” (GORSKI, 2021), esses domínios podem ser acionados diferentemente ou mesmo se sobrepor. Nesse caso, categorias gramaticais, como a morfologia de futuro, por exemplo, podem indicar tempo futuro em relação ao momento da fala, assim como modalidade, sendo predição a modalidade prototípica da morfologia de futuro (BYBEE *et al.*, 1991; 1994). De acordo com Bittencourt (2014, p.141), “isso torna difícil definir categoricamente se o futuro está mais para tempo ou para modo verbal, (...) o que, para Comrie (1985), pode ser resolvido através de uma investigação empírica”. Compactuamos, pois, com a importância do trabalho empírico. Presente do indicativo, por sua vez, é frequentemente classificado como morfologia que indica prototipicamente concomitância entre momento de evento e da fala (tempo presente), bem como codifica modalidade ligada à certeza e ao aspecto

cursivo. Ocorre que esses valores se sobrepõem em relação a outros a depender contexto. Bittencourt (2014) diferencia três contextos de uso de presente do indicativo:

(i) *presente do indicativo* (pressupondo-se a expressão do tempo presente pelo verbo); (ii) *presente do indicativo modal* (mais *irrealis*) – referente aos casos em que o dado trata-se de um verbo modal que antecede um principal –; (iii) *presente do indicativo com ‘ideia’ de futuro* (quando a situação descrita pelo verbo está localizada no futuro). (BITTENCOURT, 2014, p. 206)

Nesse sentido, os contextos (i) e (iii) acionam categorias de tempo e o contexto (ii) o de modalidade. Tais domínios permitem que a forma de presente de indicativo varie com outras que também acionam esses domínios. É o caso da variação entre futuro sintético e presente do indicativo: quando presente do indicativo está inserido em um contexto que envolve modalidade *irrealis* e/ou indica futuridade, essa morfologia pode ser utilizada em lugar de futuro sintético. Nesse sentido,

O modelo de domínios funcionais prevê a possibilidade de uma estratégia estrutural servir a mais de um domínio, preenchendo várias funções simultânea ou alternativamente (LEHMANN, 2011) – o que podemos associar à multifuncionalidade. Por outro lado, Hopper (1991) vincula à noção de domínio funcional o princípio da estratificação, segundo o qual novas camadas estão continuamente emergindo dentro de um domínio funcional sem que as camadas (formas) mais antigas necessariamente desapareçam, ou seja, diferentes camadas podem coexistir e interagir no âmbito de um domínio funcional – o que podemos associar à variação. (GORSKI, 2021, p.25)

Essa proposta aventada por Gorski (2021) parece dar conta da variação e abre caminho para explicar a mudança, abrangendo as perspectivas semasiológica e onomasiológica. Tal possibilidade estrutural da qual fala Gorski (2021), com base em Lehmann (2011), é também o que parece permitir a variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, por exemplo. Alguns trabalhos, entre eles o de Costa (2003) e o de Sousa (2007), salientam que um dos elementos que asseguram a possibilidade de variação entre as formas de imperfeito do indicativo e futuro do pretérito é o aspecto *imperfectivo* comum originalmente a ambas as formas. É possível também delimitar os contextos de análise da variação entre futuro do pretérito e imperfeito do indicativo a partir do domínio do tempo. Silva (1998) analisou a variação entre essas duas formas, além da forma de mais que perfeito analítico, definindo o contexto de análise como “uma situação S passada e posterior a outra situação também passada, à qual se

ancora tomando-a como ponto de referência R, podendo se projetar para além do momento de fala (GORSKI, 2021, s.p.).

Com essas breves elucidações, que serão detalhadas a seguir, já pode se delinear o quão complexo é o trabalho com os verbos quando se concebe a língua como um elemento social cognitivo e funcional. Como se vê, as categorias de tempo, modalidade e aspecto compõem aquilo que se denomina de domínios multifuncionais e estão interconectadas. Ainda assim, “podem ser metodologicamente descritas em separado, por representarem diferentes pontos de partida” (GORSKI, 2021, s.p.). Com isso, para fins didáticos, abordaremos tempo e modo separadamente, ainda que reconheçamos que essas categorias se sobreponham.

Nesta pesquisa, nos interessa, especialmente, discussões acerca do tempo e modo verbais, por isso reservaremos um subcapítulo para cada uma dessas categorias¹⁶. Logo, nos próximos subcapítulos, falaremos mais especificamente dessas categorias, levando-se em conta (i) os aspectos ligados à compreensão da ideia de tempo linguístico, cronológico e psicológico, (ii) os aspectos ligados à compreensão da ideia de modo e modalidade, e (iii) o resultado de alguns estudos linguísticos empíricos já desenvolvidos sobre a variação de tempo-modo no PB, não necessariamente em sentenças condicionais, mas também nelas.

2.2.1 O(s) tempo(s)

Indagações acerca do tempo transcendem o viés gramatical. Resolver as questões metafísicas envolvendo o tempo, de acordo com Bergson (1979), traria a solução para todos as demais questões da humanidade. Isso justifica o estatuto de problema essencial que a compreensão acerca do tempo tem, o que acaba por nos trazer à memória, não raro, as indagações já bastante conhecidas de Santo Agostinho: “que é, pois, o tempo? Se me perguntam, sei. Se me pedem explicação, não sei”.

A metáfora de Heráclito, pela qual se diz que é impossível nos banharmos duas vezes em um mesmo rio, uma vez que nem rio nem nós somos mais os mesmos, revela um aspecto fundamental do tempo: sua dinamicidade. O tempo corresponde ao rio, que corre desde seu inconcebível princípio, permanecendo e se transformando, e com o qual

¹⁶ Questões relativas ao aspecto serão trazidas para discussão ao longo da tese, mas não é o foco.

nos encontramos assim que viemos ao mundo. No entanto, “nós também somos igualmente o rio, flutuantes”, o que nos causa aquilo que Borges chamou de horror sagrado, pois não podemos prescindir do tempo, que também está dentro de nós: “nossa consciência está continuamente passando de um estado a outro, e isto é o tempo: uma sucessão” (BORGES, 1985, p.42). Grosso modo, essa complexidade define o tempo metafisicamente.

A sucessão, como se pode imaginar, não é simples de ser compreendida. Para além da cronologia natural, isto é, da realidade do tempo externo que não para e que marca linearmente a sucessão em direção ao devir, o tempo, estando também dentro de nós, envolve, necessariamente, um transgredir da unidirecionalidade cronológica, a partir da nossa realidade interna:

Reter o que já não é, antecipar o que ainda não é, eis a primeira função da consciência. Não haveria para ela o presente se este se reduzisse ao instante matemático. Este instante é apenas o limite, puramente teórico, que separa o passado do futuro; ele pode a rigor ser concebido, não é jamais percebido; quando cremos surpreendê-lo, ele já está longe de nós. O que percebemos de fato é uma certa espessura de duração que se compõe de duas partes: nosso passado imediato e nosso futuro iminente. Sobre este passado nos apoiamos, sobre este futuro nos debruçamos; apoiar-se e debruçar-se desta maneira é o que é próprio de um ser consciente. Digamos, pois, que a consciência é o traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte entre passado e o futuro. (BERGSON, 1979, p.71)

E expressamos isso por meio da linguagem: expressamos nossas lembranças do que já se tornou passado na realidade externa, ou fazemos projeções para aquilo que ainda está por vir. Podemos narrar ou descrever o que ocorreu durante a pandemia de COVID-19 no ano de 2020 e 2021 assim como podemos imaginar como será o mundo após a pandemia, com base em nosso conhecimento de mundo. Além disso, podemos imaginar como teria sido a pandemia de COVID-19 se algumas condições tivessem sido preenchidas, isto é, podemos, além de lembrar ou pensar de eventos ou situações do passado, fazer projeções do que poderia ter ocorrido. Não podemos alterar a realidade do que passou no tempo cronológico, mas podemos criar outros feixes de mundo possíveis no interior do tempo psicológico. De acordo com Chafe (2018), a consciência inclui uma mistura de experiências imediatas, experiências percebidas, lembradas ou antecipadas, aprendidas com outras pessoas ou mesmo experiências que são apenas imaginadas.

Isto posto, é comum observarmos em pesquisas linguísticas uma definição tripartida de tempo, em que há (i) o tempo cronológico, caracterizado como um ponto em constante, irreversível e uniforme deslocamento em direção ao futuro, (ii) o tempo psicológico, o qual é interno ao indivíduo e, por isso, não é uniforme e pode parar, retroceder, acelerar etc. e (iii) o tempo gramatical, caracterizado, neste caso no PB, como acréscimo de morfemas ao radical (CORÔA, 2005, p.24). Essa tripartição parte, no entanto, de uma divisão motivada, principalmente, pela necessidade que temos de usar determinada dimensão para pensarmos acerca de uma entidade tão complexa e abstrata como é o tempo (JESPERSEN, 1958). A partir disso, vale ressaltar que até mesmo as metáforas para o tempo chegam, constantemente, a serem construídas a partir de analogias com o próprio espaço, uma dimensão concreta (TRAUGOTT 1978):

Tempos **atrás**¹⁷
 Momentos **a frente**
 Momentos **distantes**.
 Tempo **curto/longo**.

Logo, o tempo “é um só e cada um dos três [cronológico, psicológico e gramatical] ao mesmo tempo” (CORÔA, 2005, p.23), visto que mesmo nossas lembranças ou projeções são proferidas ou pensadas a partir de um ponto da cronologia.

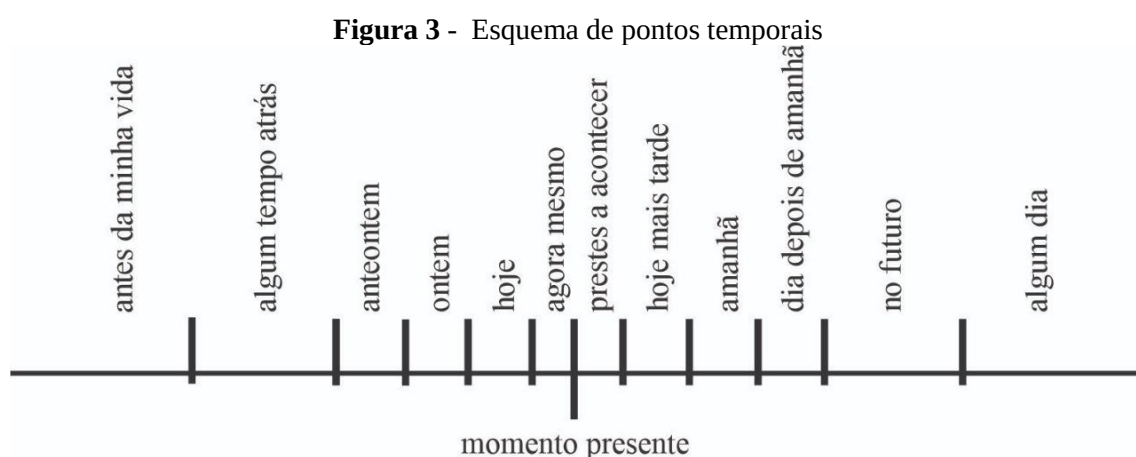
Antes de passarmos para a discussão acerca da morfologia verbal, vale ressaltarmos que esta não é uma categoria obrigatória das línguas, ainda que seja comum em boa parte delas. Isso não significa obviamente que as línguas sem marcação morfológica de tempo não marquem o tempo, mas tal fato ocorre de outro modo que não pela morfologia. Comrie (1985) assevera que o birmanês, por exemplo, língua falada em alguns países do sul asiático, sobretudo em Mianmar, não possui marcação gramatical de tempo, de modo que a referência temporal ocorre por meio de advérbios, como “*manaathpyan*” (“amanhã”), ou pelo conhecimento de mundo em conjunção com outros elementos do enunciado ou, ainda, por uma relação que se estabelece entre *irrealis*, ligado

¹⁷ O que temos, nas línguas, no geral, é uma relação de sucessão temporal em que o tempo e espacialidade se ligam às noções “frente” e “atrás” (o futuro está na frente e o passado ficou para trás). No entanto, há registros de um caso na literatura, da língua Aymara - falada nas montanhas andinas do oeste da Bolívia, sudeste do Peru e norte do Chile -, que marca o tempo em uma perspectiva não sucessiva, mas contemplativa, em que a palavra básica para frente (*nayra*, “olho / frente / visão”) também é uma expressão básica que significa passado, e a palavra básica voltar (*qhipa*, “atrás”) é uma expressão básica para o significado de futuro. Nessa língua, o passado pode ser visto, por isso está à frente dos olhos. Já o futuro é incerto e está, portanto, atrás de nós; não pode ser visualizado. (NÚÑEZ & SWEETSER, 2001, p.402)

ao tempo futuro e *realis* (ligado ao tempo presente), categorias expressas morfologicamente nessa língua e que veremos melhor posteriormente no subcapítulo ligado a modo e modalidade. Além de haver algumas línguas orais que não expressam o tempo morfologicamente, há também as de sinais que, não raro, não possuem morfologia verbal para marcação de tempo. A LIBRAS, língua brasileira de sinais, por exemplo, marca o tempo lexicalmente, tal como o birmanês, além da marcação por meio do direcionamento do corpo, sobretudo do tronco e da cabeça: direcionamentos para frente representam futuro e direcionamentos para trás representam passado (ALEIXO, 2021).

A maneira como vivenciamos as relações temporais vai depender da maneira como nós experimentamos o momento presente, de acordo com Chafe (2018), isto é, a maneira como vivenciamos eventos ou estados que são deslocados do momento presente através da lembrança ou da imaginação. A título de exemplo, Comrie (1985) identificou em uma variedade de idiomas duas distinções comumente empregadas para o futuro: (i) hoje ou amanhã vs. depois de amanhã e (ii) nos próximos dias vs depois dos próximos dias. Mas essa distinção não é categórica. Em um dialeto da língua bantu de Camarões, Haiman (1980) identificou cinco marcações para o futuro: (i) imediatamente após o tempo de uso da palavra; (ii) mais tarde no mesmo dia, (iii) no dia seguinte, (iv) alguns dias depois, (v) muito tempo depois.

Chafe (2018) sumariza os pontos temporais ao longo de uma linha, com base em Comrie (1985), tal como se vê no esquema a seguir:



Fonte: esquema traduzido de Chafe (2018, p.141), com base em Comrie (1985)

Se o tempo está em constante transformação, o presente, do ponto de vista lógico, não existe. Isso significa que, mesmo que queiramos expressar o “agora”, este é passado em relação à nossa fala. Para Chafe (2018), experienciamos a mudança constante do tempo conforme ela passa pela janela da nossa consciência, de modo que até mesmo nossas experiências imediatas são interpretações em algum grau. O esquema a seguir, no entanto, feito com base em Chafe (2018) mostra uma distinção entre experiência imediata e deslocada, o que, mais tarde, vai contribuir com a análise das condicionais.

Figura 4 - Esquema de distinção entre experiência imediata e deslocada



experiência imediata versus experiência deslocada

Fonte: Traduzido de Chafe, 2018, p. 143

O PB, assim como boa parte das línguas, possui marcação morfológica de tempo, mas que não diferencia, por exemplo, se uma ação aconteceu ontem, antes de ontem, há alguns dias ou há muito tempo por desinências. Assim, dizemos: ontem/antes de ontem/há alguns dias/há muito tempo eu corri. Contudo, estudos linguísticos mostram uma preferência por algumas desinências modo-temporais em função da distância temporal, sobretudo no que se refere a distâncias que se projetam para o devir. Gorski *et al.* (2002), em trabalho acerca da variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis, chegam a resultados que conferem à forma de presente do indicativo com valor de futuro o traço [+futuridade]¹⁸.

Muitos estudos linguísticos, para caracterizar o tempo gramatical, fazem uso do esquema lógico proposto por Reichenbach, em que há 3 pontos temporais com os quais os *tempora* verbais se relacionam: (i) momento da fala (S, do inglês *speech*) que se refere ao instante em que se realiza a enunciação; (ii) o momento do evento (E, do inglês *event*), que se refere ao tempo em que ocorre o evento predicado; e (iii) o ponto de referência (R, do inglês *reference*), que diz respeito às perspectivas concomitantes ou não concomitantes

¹⁸ O trabalho realizado por Gorski *et al.* (2002) será trazido à discussão com maiores detalhes na apresentação dos trabalhos empíricos acerca da variação de tempo-modo no PB.

ao momento de fala. De acordo com Corôa (2005), R é o que mais se aproxima do tempo psicológico, uma vez que se refere a um tempo que pode “violar” a ordem cronológica das coisas e dos fatos. É, nesse sentido, um sistema temporal fixo com respeito à ideia de simultaneidade e anterioridade. Logo, o esquema dos três pontos/momentos em relação à morfologia verbal ficaria representado a partir do seguinte quadro, com base em Reichenbach.

Quadro 3 - Esquema proposto por Reichenbach

Diagrama	Tempo gramatical (inglês)	Tempo gramatical (tradução livre para o PB)
E-R-S ¹⁹	Past perfect (plusperfect)	Pretérito mais-que-perfeito
E,R-S	Simple past	Pretérito perfeito simples
R-E-S	Future-in-the-past	Futuro do pretérito
R-S, E		
R-S-E		
E-S,R	Perfect	Pretérito perfeito composto
S,R,E	Present	Presente
S,R-E	Prospective	Futuro perifrástico
S-E-R	Future perfect	Futuro perfeito
S,E,R		
E-S-R		
S-R,E	Future	Futuro
S-R-E	Future-in-the-future	Futuro do futuro

Fonte: esquema elaborado com base em Blackburn e Jørgensen, 2016.

Ainda que haja treze possibilidades, Reichenbach assevera que a quantidade de combinações de fato utilizadas nas línguas naturais varia. No inglês, por exemplo, há seis possibilidades entre as treze. Prior (1967), no entanto, partindo da lógica híbrida, critica o esquema proposto pelo alemão, alegando que a teoria de Reichenbach é ao mesmo tempo simplista e complicada; simplista porque concebe uma única possibilidade de ponto de referência para cada tempo verbal e complicada porque falta uma generalização fundamental.

Comrie (1985), partindo de dados reais em busca de solucionar as falhas da teoria reichenbaniana (1947), mas sem desconsiderar os postulados da lógica, sugere representações distintas, em que S (*speech*) significa o tempo em que se fala, E (*event*) o tempo sobre o qual se fala e R (*reference*) seria estabelecida contextualmente e varia em sua representação. A partir disso, propõe uma generalização fundamental para os tempos gramaticais, a qual pode ser vista no esquema a seguir:

¹⁹ Os traços significam não concomitância temporal e as vírgulas, concomitância.

Figura 5 - Esquema geral formulado por Comrie (1985)

tempo *E (relativo a R)* (relativo a S)*

Fonte: Traduzido de Comrie, 1985, p.130

De maneira geral, quando E precede S, trata-se de algo lembrado ou que se imagina que ocorreu – o passado -, e quando E precede S, deve ser algo imaginado para o futuro (CHAFE, 2018, p.139). Já a concomitância entre E e S, indicando que todos os intervalos de E estão em S e vice-versa, representaria o tempo presente. Comrie (1985) denomina esses tempos de absolutos e defende que há uma relação direta entre E e S nesses casos, de modo que o evento pode se localizar antes, durante ou após o momento de fala. Isso significa que até mesmo o mais-que-perfeito, por exemplo, deve ser visto como um evento anterior ao momento da fala, e por isso podemos usar o pretérito perfeito em lugar do mais-que-perfeito (ARAÚJO, 2013; MARTINS, 2015). O presente narrado também se refere a um momento passado, pois este já passou enquanto o interpretamos. De forma geral, os tempos absolutos podem ser sumarizados do seguinte modo, segundo Comrie (1985, p. 123):

Presente: E simultâneo a S

Passado: E anterior a S

Futuro: E posterior a S

Para os tempos relativos, “tudo o que é necessário é estabelecer um outro ponto no tempo, ou seja, o ponto de referência, simbolizado por R” (COMRIE, 1985, p.124)²⁰. Enquanto nos tempos absolutos há uma relação entre E e S, nos relativos a relação ocorre entre E e R, pois não há ancoragem dêitica que parte do presente. Assim, “a característica de todas essas representações de tempo relativo é que existe um ponto de referência R que não está ancorado, que não é ele mesmo localizado no tempo em relação a qualquer

²⁰ Do original, “all that is necessary is to establish a further time point , namely the reference point , symbolised R” (p. 124)

centro dêitico, como o momento presente”²¹ (COMRIE, 1985. p.125). A representação pode ser vista como a que se segue:

Passado relativo: E anterior a R

Futuro relativo: E posterior a R

Ao combinar os tempos absolutos e os relativos, Comrie (1985) assevera que não há relação direta entre E e S, de modo que E está localizado em relação a R e R está localizado em relação a S. Isto é, R está entre E e S, relativo a E e S. O autor exemplifica essa ideia a partir do mais-que-perfeito utilizado como um ponto passado antes do passado:

Mais-que-perfeito: E anterior a R anterior a S

A partir das representações, Comrie (1985) sumariza as possibilidades de relações temporais:

E

E relativo a S

E relativo a R

E relativo a R relativo a S

No interior dessa ideia de relativo estabelecem-se todos os diferentes valores: simultaneidade, anterioridade, posterioridade, não-anterioridade e não-posterioridade. Tal teoria acaba por dar conta das falhas da teoria de Reichenbach, primeiro porque envolve generalização, segundo porque permite uma infinidade de pontos de referência, e terceiro, mas não menos importante, porque a relação entre E, R e S ocorre pragmaticamente, em que R é relativo no interior do contexto textual e não dado a priori como características intrínsecas aos tempos-modos verbais. Olhar para uma forma verbal empiricamente pode revelar outros comportamentos que extrapolem esses esquemas propostos por Comrie (1985), por exemplo. É o caso do trabalho de Bittencourt (2014, p.220) que considera futuro do subjuntivo um tempo absoluto-relativo não prototípico,

²¹ Do original, “The major characteristic of all these representations for relative tense is that there is a reference point R which is not anchored , i . e . which is not itself located in time relative to any deictic centre , such as the present moment” (p.125)

“uma vez que em alguns usos não se identifica uma segunda relação temporal clara, além da estabelecida com o momento de fala”, como no exemplo 1:

- 1- Porque se a gente FOR colocar os – até não sei se são quatro ou cinco candidatos, eu não sei, porque eu nem presto atenção –, única pessoa que eu acho que fez um feito muito grande [...] (POA 22)²²

Trata-se de um dado de fala do banco de dados armazenados no núcleo de pesquisa Varsul (Variação Linguística na Região Sul). Vemos que o informante inicia um enunciado e suspende-o, de modo que não fica claro com o que exatamente as relações são estabelecidas. Esses tipos de sentenças são, no entanto, muito comuns na fala, e se referem àquilo que se denomina de estruturas desgarradas (DECAT, 2011). De acordo com Decat (2011), essas sentenças muitas vezes acabam funcionando como um adendo e possuem um caráter remático, estabelecendo relação mais frouxa com os enunciados.

Íntima e muitas vezes sobreposta relação há entre as categorias de tempo e modalidade, como já mencionamos. O futuro do subjuntivo (exemplo 1), por exemplo, aciona aspectos ligados à modalidade e ao tempo: ao tempo porque há uma projeção para o futuro e à modalidade porque inevitavelmente projetar-se para o futuro envolve alguma incerteza. A depender do contexto linguístico, de outros elementos do enunciado ou mesmo da escolha lexical, esses traços podem se sobrepor, o que reforça o caráter multifuncional dos verbos. Além disso, a expressão de dúvida/incerteza junto da projeção de futuro não é algo exclusivo da morfologia de futuro, seja do indicativo ou do subjuntivo. Em outras palavras, não se configura como uma regra categórica, pois há marcadores sintáticos, lexicais, prosódicos etc. que também definem modalidade. Uma sentença como “eu duvido da sua palavra” contém a dúvida expressa pela carga semântico-lexical do verbo “duvidar”. A seguir, discutiremos modo e modalidade de forma um pouco mais detalhada.

2.2.2 Modo e Modalidade

Parece ser consenso na literatura que a forma como olhamos para modalidade varia de língua para língua. A atitude subjetiva por parte do falante nos parece uma categoria universal, mas como essa categoria se organiza e se materializa na língua varia.

²² Exemplo extraído de Bittencourt (2001, p. 221)

De toda maneira, noções ligadas à dúvida ou certeza são uma preocupação que se ligaria à fonte do conhecimento por meio dos nossos sentidos. Chafe (2018) dá o exemplo de um trabalho realizado com a língua Wintu, no norte da Califórnia (LEE, 1938), em que há desinências verbais que indicariam cinco distintas fontes do conhecimento de uma afirmação: *kupa-ke*, *kupa-be*, *kupa-nte*, *kupa-re*, *kupa-el*. Os exemplos fornecidos pelo autor, com base em uma situação em que se quer afirmar que “Harry está cortando lenha” (*Harry is chopping wood*), são:

- 2- Harry kupake (se eu soubesse disso por ouvir dizer)
- 3- Harry kupabe (se eu vejo ou vi Harry cortando)
- 4- Harry kupante (se eu ouvi-lo, ou se uma lasca voou e me atingiu)
- 5- Harry kupare (se eu fui para sua cabana, não o encontrei e vi que seu machado não estava lá)
- 6- Harry kupael (se eu souber que Harry tem um trabalho cortando lenha todos os dias a esta hora, que ele é um funcionário confiável, e, talvez, que ele não está em sua cabana)²³ (CHAFE, 2018, p.152)

Diferentemente do Wintu, no PB, nós não temos na morfologia verbal marcação semelhante, de modo que se quisermos inserir nossa fonte de conhecimento, faremos isso sintaticamente ou lexicalmente: “eu vi que Harry está cortando lenha”, “ouvi dizer que Harry está cortando lenha”, etc.

Logo, a modalidade, como podemos ver, não se restringe a dúvida e certeza, irreabilidade e realidade, facticidade e não facticidade. Para Bybee e Fleischman (1995), a modalidade cobre uma vasta extensão de nuances semânticas – jussivo, desiderativo, intentivo, hipotético, potencial, obrigatório, dubitativo, exortativo, exclamativo etc.

Ainda assim, a oposição irreabilidade e realidade é um dos aspectos avaliados quando se trata de modalidade, que tem sido utilizada largamente e não de hoje no estudo das línguas. Tal uso desenfreado dos termos tem suscitado críticas (TRASK, 1993; PALMER, 1986; BYBEE; PERKINS E PALGLIUKA, 1994), sobretudo devido à heterogeneidade, isto é, à pouca uniformidade, com que as línguas naturais, interlinguisticamente falando, manifestam esses valores. Alguns autores colocam em dúvida inclusive a existência das noções de irreabilidade e realidade nas línguas (TRASK,

²³ Do original, (2) Harry kupake (if I knew this by hearsay)

(3) Harry kupabe (if I see or have seen Harry chopping)

(4) Harry kupante (if I hear him, or if a chip flies off and hits me)

(5) Harry kupare (if I have gone to his cabin to find him absent and his axe gone)

(6) Harry kupael (if I know that Harry has a job chopping wood every day at this hour, that he is a dependable employee, and, perhaps, that he is not in his cabin) (p.152)

1993; PALMER, 1986). No entanto, Chafe (1995) vai argumentar que essas categorias, ainda que não comprovadamente expressas em todas as línguas, mostram-se como possivelmente universais, as quais se materializam de diferentes modos, não necessariamente pela flexão verbal. Em Caddo, língua minoritária falada na cidade de Oklahoma, nos EUA, há prefixos que distinguem pessoa, caso e realidade (CHAFE, 1995). O afixo de primeira pessoa para expressar realidade é *ci-*; nas mesmas condições, mas para expressar irreabilidade, é *t'a-lt'i-*. Logo, Caddo é uma língua, segundo Chafe (1995), com uma distinção formal clara e onipresente das modalidades de irreabilidade e realidade. Isso não retrata, porém, a situação de boa parte das línguas, entre elas o Português, ainda que haja discursos que defendam um pareamento entre forma e função até os dias hodiernos.

No PB, a variação de formas verbais para expressar determinados valores temporais (presente, passado e futuro) parece ser mais facilmente aceita do que a variação de modo para indicar determinados valores modais, tal como irreabilidade e realidade. É o que vemos nas gramáticas de cunho mais tradicional e até mesmo na literatura mais recente:

Em termos gerais, podemos concluir que o falante faz uso do modo verbal indicativo quando avalia a situação a que se refere um estado de coisas real. O modo subjuntivo, por sua vez, é utilizado quando o falante avalia a situação a que se refere como um estado de coisas duvidoso. (ABRAÇADO, 2020, p.74)

O indicativo é, na grande maioria dos empregos, o modo que utilizamos para falar de situações *reais* e, por isso, em oposição ao indicativo, o subjuntivo nos remete a situações ou pelo menos fatos que consideramos *não-reais* (ILARI; BASSO, 2001, p. 313)

Se essa correlação fosse ainda hoje verdade, poderíamos pensar que a diminuição do subjuntivo nas línguas, tendência já vista e atestada (LeBLANC, 2009; POPLACK; LEALESS; DION, 2013; POPLACK *et al.*, 2018), levaria a uma diminuição da expressão da dúvida, da irreabilidade. Não é obviamente o caso. Muitos outros linguistas já salientaram o atual caráter meramente formal do subjuntivo em oposição ao indicativo, como assevera Camara Jr. (1956):

A multiplicidade dos modos formais tende, nitidamente, a simplificar-se em proveito do indicativo como modo formal único. Isso não importa em concluir numa tendência linguística a omitir-se a expressão de atitude psíquica do sujeito falante para com os fatos que anuncia. Essa atitude é uma consequência inelutável da natureza humana, que não

saberia manter-se impassível e neutra na exteriorização verbal. A tendência é apenas no sentido de retirar-se a essa atitude o caráter de força diretriz na estruturação mórfica. (CAMARA JR, 1956, p.18)

Estamos nos referindo apenas aos modos subjuntivo e indicativo, porque são os modos com morfologia que mais encontramos em nossos dados, mas estudos têm atestado a queda da morfologia de imperativo (ver, por exemplo, SCHERRE, 2004), também em razão de um emprego da morfologia do presente do indicativo. Para além de questões semântico-pragmáticas envolvidas, a variação está regida por fatores sociais (extralinguísticos), em alguns contextos e línguas, o que representa mais uma prova de que essas formas podem ser intercambiáveis, isto é, estarem em variação e possivelmente em um processo de mudança. Na língua italiana, o uso de indicativo em lugar de subjuntivo parece sofrer tanto estigma quanto a ausência de marca redundante de plural em PB. De acordo com Digesto (2020), o uso de subjuntivo tornou-se uma característica linguística que se apregoa como símbolo do italiano polido e do pertencer a uma posição social mais elevada, ao passo que o uso do indicativo é muitas vezes condenado como uma característica do discurso popular, inculto ou descuidado. No Brasil, estudos têm atestado a relação entre o uso variável do modo e o nível de escolaridade do falante. A seguir, apresentaremos resultados de alguns trabalhos no Brasil que se detiveram no uso variável tanto do tempo quanto do modo verbal em PB.

2.2.3 Variação de tempo-modo no PB

Neste subcapítulo, veremos brevemente alguns trabalhos que se detiveram no estudo da variação entre tempo-modo verbais. Iniciamos a discussão a partir de uma pesquisa realizada por Gorski *et al.* (2002) com dados do projeto VARSUL. As autoras analisaram a variação dos seguintes tempos/modo verbais: (i) futuro do presente do indicativo; (ii) futuro do pretérito do indicativo; (iii) mais-que-perfeito do indicativo e (iv) presente do subjuntivo.

Os resultados obtidos pelas pesquisadoras mostram evidências de redução do paradigma modo-temporal no Português falado, com uma preferência dos falantes pelos seguintes usos sintetizados no quadro 4:

Quadro 4 - preferência de usos verbais no Português

Redução	Preferência
Futuro do presente	Perífrase com IR
Futuro do Pretérito	Pretérito imperfeito
Mais que perfeito sintético	Pretérito perfeito
Presente do subjuntivo	Presente do indicativo

Quadro feito com base em Gorski *et al.* (2002)

A partir desse quadro mais geral, as autoras sintetizam os principais contextos de cada forma verbal:

Quadro 5 - Contextos de preferência de cada forma verbal

Valor Temporal	Contexto	Variante	%
Futuro do Presente	[+ <i>irrealis</i>] [+ futuridade] [+P3] [+movimento]	→ presente	(38)
	[+ <i>realis</i>] [- futuridade] [+P1] [- movimento]	→ perífrase	(61)
Presente do Subjuntivo	[+ <i>irrealis</i>] [+ futuridade] [+P3]	→ presente do subjuntivo	(59)
	[+ <i>realis</i>] [- futuridade] [+P1]	→ presente do indicativo	(41)
Futuro do Pretérito	[+ futuridade]*	→ futuro do pretérito	(17)
	[- futuridade] [+ condicionalidade]	→ pretérito imperfeito	(46)
	[+ discurso indireto]	→ perífrase	(37)
Pretérito	[+ dinamicidade] [R não flexionado]	→ pretérito mais-que-perfeito	(24)
Mais-que-Perfeito	[- dinamicidade] [R discursivo]	→ pretérito perfeito	(76)

Fonte: Gorski *et al.*, 2002, p.265

Interessa-nos, neste quadro, sobretudo os resultados acerca das variantes de futuro do presente e futuro do pretérito, uma vez que essas são as variantes privilegiadas mais frequentes em condicionais potenciais e irreais em tempos mais remotos. Vemos que ao presente em lugar de futuro do presente se associam os valores [+irrealis] [+futuridade] [P3] [+movimento] enquanto à perífrase se associam [+realis] [-futuridade] [+P1] [-movimento]. Ao futuro do pretérito associam-se, sobretudo, o valor [+futuridade], enquanto o imperfeito em lugar de futuro do pretérito os valores [-futuridade] e [+condicionalidade] se sobressaem. Já a perífrase foi preferida em contextos de [+discurso indireto].

Em estudos anteriores sobre a variação verbal em condicionais brasileiras, a partir de entrevistas do ALIP, Brandão (2015; 2018) observamos que, em apódoses de

condicionais potenciais, em lugar do futuro sintético, presente do indicativo e perífrase com *ir* são as formas que mais apareceram. Contextos de definição temporal e de definitude do sujeito privilegiaram o uso da perífrase enquanto contextos de indefinição temporal e indefinitude do sujeito privilegiaram o presente. A idade dos informantes também se mostrou significativa e indicou que mais jovens faziam maior uso de presente do que os mais velhos, enquanto estes utilizaram mais a perífrase. Já nas irreais, o imperfeito do indicativo foi o preferido junto da forma perifrástica, em lugar do futuro do pretérito, sobretudo, em contextos de ordem canônica, com formas com saliência fônica baixa, em momento de referência passado, em textos narrativos e com informantes que tinham 56 anos ou mais. Em contrapartida, futuro do pretérito foi preferido principalmente em contextos de ordem não-canônica, em formas com saliência mais alta, em momento de referência futuro, em artigos de opinião e na fala de informantes que tinham entre 36 e 55 anos.

Logo, tanto a morfologia de imperfeito quanto a perífrase com *ir* são reconhecidas como variantes de futuro do pretérito (TAPAZDI; SALVI, 1998; COSTA, 1997, 2003; TESCH, 2011; OLIVEIRA *et al.* 2013). Ainda, há trabalhos representativos que trataram especificamente sobre as formas variantes de futuro do presente sintético, os quais também atestam seu decréscimo (BARBOSA, 2005; BORGES, 2008; GIBBON, 2000; SILVA, 2007, MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006.)²⁴.

No que se refere à variação de futuro do subjuntivo e presente do indicativo, trabalhos também têm atestado preferências de uso diferentes a depender dos contextos sintáticos, das funções discursivo-pragmáticas, da própria estrutura argumentativa bem como da identidade lexical dos verbos. Gryner (1996), em trabalho sobre a variação entre presente do indicativo e do futuro subjuntivo em condicionais, constata que este segundo ocorre tipicamente em contextos de refutação, não-exemplificação e de não generalização. Já o indicativo ocorre em maior escala em orações com generalização, exemplificação e confirmação. Berlinck (2019a; 2019b), por sua vez, em trabalhos com orações completivas e condicionais, respectivamente, evidencia que “a maioria dos contextos normativos de subjuntivo em completivas estão, de fato, ocupados pelo indicativo” (BERLINCK, 2017, p.21); também percebe uma tendência de mudança com preferência pelo indicativo em prótases de complexo condicional, mas em menor escala.

²⁴ Uma revisão mais completa da literatura, bem como revisão do tratamento de gramáticas tradicionais, descritivas e históricas acerca da alternância verbal pode ser vista em Brandão (2018).

No entanto, o subjuntivo ainda se mantém em maior uso, ainda que com distribuição variável:

Uma análise-piloto de subamostra do *corpus* de dados de fala (Iboruna) confirmou esse contexto como aquele que parece estar mais aberto à entrada das formas de indicativo (em um conjunto de 180 dados encontramos 27,5% de formas de indicativo em completivas, contra 10% de formas desse modo em orações adverbiais). (BERLINCK, 2017, p.05)

Para além da preferência de um modo a outro, Berlinck (2017; 2019) mostra que algumas identidades lexicais se mostram como contextos de preservação do subjuntivo, enquanto outras privilegiam o indicativo: *querer* se mantém associado a subjuntivo e *pensar* a indicativo²⁵. É, além disso, no âmbito do presente que o indicativo se instalaria primeiramente em comparação ao imperfeito, de modo que *querer* ocorre nessa configuração apenas nos dados de fala do século XXI, mas *pensar* já pelo menos desde as peças do XIX.

Gonçalves e Santos (sd/np), em estudo com dados de fala do interior paulista, observam que o subjuntivo foi favorecido em orações encaixadas em predicados não-factivos volitivos, e em complexo condicional irreais e potenciais. Já o indicativo ocorreu em maior escala em orações temporais provenientes de relatos de procedimento, em complexo condicional reais, e em orações encaixadas em predicados indiferentes de opinião, bicondicionais e emotivos/avaliativos. Os autores evidenciam que variáveis sociais – escolaridade, sexo e origem do informante - não se correlacionam com o uso variável dos modos.

Pimpão e Santos (2018), contudo, observaram um uso quase categórico de presente do subjuntivo com projeção futura em dados de falantes com escolaridade universitária (92%), enquanto seu menor índice de uso ocorreu com falantes do nível primário (59%).

Com essa brevíssima revisão, já é possível percebermos o quanto o trabalho com tempo, modo e a própria modalidade se constitui um verdadeiro desafio, que tem sido encarado no Brasil. As discussões acerca de tempo e modalidade serão retomadas no subcapítulo que se segue, que trata das noções de condição, condicionalidade e dos intervalos de tempo entre prótase e apódose das sentenças.

²⁵ Essa referência ao *querer* e ao *pensar* é válida para as completivas, em que esses verbos regem a oração subordinada.

2.3 CONDICIONAIS E CONDICIONALIDADE

Se eu me imagino, ou se cada um de vocês se imagina em uma casa escura, desaparece o mundo visível, desaparece seu corpo. (...) Mas poderíamos imaginar outra série, com alfa, beta, gama... poderíamos imaginar outras séries de tempos. (...) Por que imaginar uma única série de tempo?

(Jorge Luis Borges. *O tempo*)

Abordaremos a natureza das condicionais, no que se refere aos seus aspectos sintático-semânticos e pragmático-discursivos, com foco nas discussões acerca da noção de condicionalidade e de valores a ela relacionados. Por haver distintos pontos de vista sobre a definição e os limites da condicionalidade, apresentamos uma revisão da literatura levando em conta estudos, de diferentes perspectivas, que avaliaram o grau de vinculação, o tipo de vinculação entre as condicionais e os valores a esses aspectos relacionados, bem como as diferentes denominações desses diferentes tipos e graus.

Esta discussão e nossas propostas de classificação das sentenças condicionais coadunam-se sobretudo a uma visão de língua e gramática de orientação cognitivo-funcional (GIVÓN, 2001; BYBEE, 2016; BYBEE *et al.*, 1994; GORSKI, 2021), na medida em que enxerga a língua como um sistema adaptativo complexo, o que envolve representações cognitivas e comunicação do conhecimento/experiência (GORSKI, 2021). Essa vertente parte da realidade concreta da língua, de modo que teoriza sobre tendências de mudança e estabilização da língua em uso, o que as aproxima da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV E HERZOG)²⁶, que concebe a língua como um sistema diferenciado, em que estruturas linguísticas e sociais estão imbricadas em processos de variação e de mudança. Assim, as discussões deste capítulo retomam trabalhos de diferentes perspectivas, mas sobretudo se alinham a trabalhos funcionalistas e cognitivistas já realizados sobre o fenômeno²⁷.

De início, convém ressaltar que há, ao menos, três aspectos fundamentais que geralmente guiam a caracterização de uma construção condicional, ainda que uns mais

²⁶ O diálogo entre Funcionalismo e Sociolinguística ocorre devido aos objetivos e a questões teóricas, ainda que já tenha havido recusa explícita por parte da Sociolinguística Variacionista em aderir pressupostos do funcionalismo clássico.

²⁷ Aspectos sociais referentes ao funcionamento da língua que ultrapassem o nível pragmático-discursivo são parte fundamental desta tese e estão alicerçados na TVM, que se preocupa com o encaixamento de uma forma linguística a partir da relação entre sistema linguístico e aspectos socio-históricos de comunidades de fala envolvidas.

que outros a depender do arcabouço teórico assumido: “(i) o processo de articulação que origina a construção condicional; (ii) a natureza semântica da relação que une as duas orações e (iii) os diferentes valores e estratégias que essa relação pode assumir” (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2011, p. 196). Vamos abordá-los ao longo das discussões.

2.3.1 Estado da arte

É em certa medida consensual a ideia de que construções²⁸ condicionais refletem características inerentemente humanas, como a capacidade de raciocinarmos sobre situações alternativas e de fazermos inferências baseadas em informações incompletas, para que se imaginem possíveis correlações entre as situações e se entenda como o mundo mudaria se certas correlações fossem diferentes (TRAUGOTT *et al.*, 1986[2009]). Nesta tese, estamos entendendo construção/sentença como um constructo linguístico que envolve forma e função de seus constituintes, cujo material gramatical é caracterizado pela coevolução dinâmica de significado e forma (BYBEE; PERKINS E PAGLIUCA, 1994)²⁹. Assim, a criação de “situações alternativas” nas condicionais se referiria a sua função geral, enquanto a materialização dessa criação ocorreria por meio de diferentes constituintes – a forma.

Logo, a literatura linguística assume que há alguma correlação de princípios entre as propriedades semânticas das condicionais, por um lado, e sua forma por outro. Embora possa não haver uma relação rigorosa entre significado e forma, tal relação estaria longe de ser arbitrária e refletiria uma gama finita de correlatos conceituais. Em resumo, o arranjo condicional de esquema “se p, (então) q/ (então) q, se p” reflete diretamente a capacidade humana de raciocinarmos sobre feixes de mundos (TRAUGOTT *et. al.*, 1986), a partir da criação de um sentido geral da relação entre antecedente (p) e consequente (q).

Tradicionalmente, as sentenças condicionais são conhecidas como orações subordinadas adverbiais, cuja oração “subordinada”, também denominada de antecedente ou prótase, funcionaria como um constituinte adjunto à oração “principal”, que é também comumente conhecida nos estudos linguísticos como consequente ou apódose. No entanto, a classificação da oração subordinada apenas como uma espécie de “adjunto

²⁸ Leia-se construção/sentença/período como todo o arranjo condicional. Quando nos referirmos a uma das partes da sentença condicional, especificaremos pelos termos prótase e apódose.

²⁹ A doutrina de simetria de forma-função não é assumida nesta tese. Diferentemente, trabalha-se com a noção de prototipia de funções que uma forma pode ter, e empregabilidade (HYMES, 1972) de formas que mantêm o mesmo fundo comum de significação (STALNAKER, 2002), o que configura variação.

adverbial” da oração principal tem sido redimensionada em estudos linguísticos de base funcionalista. Nessa perspectiva, as orações consideradas de fato subordinadas se caracterizam pelos traços [+encaixamento] [+dependência], quais sejam as conhecidas pela tradição gramatical como completivas e adjetivas restritivas. As coordenadas (ou paratáticas) possuem [-encaixamento] [-dependência]. Já, às adverbiais, também conhecidas como orações hipotáticas, relacionam-se os traços [-encaixamento] [+dependência]. As condicionais são, então, um tipo de oração hipotática (NEVES; BRAGA, 2016). Dizemos, por exemplo, que a configuração prótase-apódose/ apódose-prótase assegura o caráter condicional das construções “se q, (então) p / (então) p se q”, e o que se denomina oração condicionante, antecedente ou prótase é a oração de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional de outra oração: a condicionada, a conseqüente ou a apódose, também designada na tradição gramatical por ‘principal’ (MATEUS *et al.*, 2003, p. 705).

De acordo com a tradição lógica, a condicionalidade envolve condição necessária na prótase para realização do conteúdo da apódose. Nessa perspectiva, Geraldi (1978) diferencia enunciados hipotéticos de enunciados condicionais. De acordo com o autor, os enunciados hipotéticos resultam de duas enunciações distintas, em que se instala um quadro discursivo na suposição da prótase, sobre o qual se tece o conteúdo proposicional da apódose, enquanto, em enunciados condicionais, há uma única enunciação, resultante da relação prótase-apódose, cujo conteúdo afirmado não está nem em p, nem em q, mas no resultado da relação entre elas. Vejamos os exemplos a seguir:

7- *Se você tiver sede, há cervejas na geladeira.* (GERALDI, 1978, p.207)

8- *Se João vier, Pedro irá.* (GERALDI, 1978, p.86)

Períodos do tipo 7 não estabeleceriam uma relação causal entre si característica das condicionais, pois a “existência de cervejas na geladeira” não causa “a sede”, o que aproximaria sintaticamente esse tipo de enunciado da coordenação, de acordo com Geraldi (1978). Diferentemente, no exemplo 8, a “ida de Pedro” depende semanticamente da “vinda de João”, o que atribuiria a orações desse tipo o estatuto de subordinação. Comrie (1986) reconhece orações como as do exemplo 7 como condicionais sem condicionalidade, mas defende que esse tipo de construção não é tão comum nas línguas sendo, portanto, “atípicas”, o que não parece ser verdade, pelo menos no Português Brasileiro, como veremos posteriormente.

Outra estrutura inserida pela conjunção *se* sob uma forma hipotética são as que contêm “*se, é/era/foi (porque)*” nas apódoses, denominadas por Leão (1961) de “processo sintático de realce”. Segundo a autora, essas construções realçam uma circunstância presente depois do verbo *ser*, como se vê no exemplo 9:

9- *Se correu, foi porque teve medo* (LEÃO, 1961, p. 104)

De acordo com Leão (1961), há um realce na causa pela qual “correu”, de modo que “teve medo” é posto em evidência. Tal estrutura equivale a dizer que alguém pode ter corrido apenas por conta do medo ou, ainda, que se não fosse o medo, a pessoa não teria corrido. É não apenas evidente a noção causal, como também essa é realçada nesse tipo de construção de acordo com a autora. Porém, nesse caso, haveria uma inversão da direção da causalidade.

Há, além dessas, outras vertentes que diferenciam as condicionais de acordo não apenas com a noção de causa-consequência. Para Sweetser (1990), por exemplo, a natureza das relações que podem se estabelecer entre orações depende do domínio cognitivo em que os pressupostos expressos são construídos: (i) no domínio do **conteúdo**, a causalidade se mantém entre os eventos e situações descritas; (ii) no domínio **epistêmico**, há a ligação de premissas e conclusões; (iii) no domínio dos **atos de fala**, as prótases são usadas como comentários sobre os atos de fala presente nas apódoses. Os exemplos 10, 11 e 12, retirados de Sweetser (1990) ilustram, respectivamente, os três tipos de condicionais.

10- *Se Mary for, John irá.*³⁰

11- *Se John foi àquela festa, (então) ele estava tentando enfurecer Miriam.*³¹

12- *Se eu ainda não pedi para você fazer isso, por favor, assine o livro de visitas antes de você ir.*³²

No exemplo 10, a partida de Mary pode ocasionar a ida de John. Em 11, há a premissa de que se o enunciador sabe que John foi a festa, então ele conclui que ele foi com o objetivo de enfurecer Miriam. Já, no exemplo 12, se constrói um quadro enunciativo para efeitos de interação sobre o qual se faz um pedido.

³⁰ Do original, “If Mary goes, John will go”.

³¹ Do original, “If John went to that party, (then) he was trying to infuriate Miriam”.

³² Do original, “If I haven’t already asked you to do so, please sign the guest book before you go”.

Ao analisar as condicionais do inglês a partir da ótica de modelos mentais, Johnson-Laird (1986[2009]) afirma que há, não raro, uma visão unívoca de que existem esquemas inferenciais na mente humana ao projetar uma condicional que incluiriam todos eles apenas a relação causa-consequência entre prótase e apódose. Para o autor, existem dois problemas nessa relação - a natureza e o grau de vinculação -, uma vez que se deve avaliar até que ponto o antecedente determina o estado de coisas em que o consequente deve ser analisado. Acerca disso, Johnson-Laird (2009 [1986]) propõe a elucidação de dois extremos quando se refere às condicionais. No extremo 1, o antecedente não tem relação com o consequente e expressa ou implica desejo, necessidade, predileção ou estado de espírito, enquanto o consequente fornece informações factuais de potencial interesse ao interlocutor, como vemos no exemplo 13. No extremo 2, observado no exemplo 14, o antecedente determina completamente o estado de coisas em que as condições de verdade devem ser avaliadas:

13- *Se você ficar sem gasolina, há uma garagem na estrada*³³. (Johnson-Laird, 1986, p.69)

14- *Se alguém está em uma sala, há uma sala que não está vazia*.³⁴ (Johnson-Laird, 1986, p.70)

No exemplo 13, há uma relação semelhante à denominada de período hipotético por Geraldi (1978). No que se refere ao exemplo 14, notamos que o consequente é verdadeiro em qualquer circunstância em que o antecedente também o é: “*a condicional é verdadeira se e somente se “q” for verdadeiro em todos os mundos acessíveis em que p é verdadeiro*” (JOHNSON-LAIRD, 1986, p.70).³⁵ Uma terceira categoria de condicionais, considerada por Johnson-Laird (1986) a mais frequente e problemática, refere-se às construções cujo antecedente fornece apenas parte da especificação do estado de coisas em que o consequente será avaliado, o que parece se aproximar dos chamados enunciados condicionais por Geraldi (1978) e envolve a dúvida, aqui inerente tanto à prótase quanto à apódose. Vejamos o exemplo 15.

15- *Se chover no Saara, o deserto florescerá*³⁶ (Johnson-Laird, 1986, p.68)

³³ Do original, “If you've run out of petrol, there's a garage down the road”

³⁴ Do original, “If someone is in a room, there is a room that is not empty”

³⁵ Do original, “the conditional is true if and only if q is true in all the accessible worlds in which p is true.”

³⁶ Do original, “If it rains in the Sahara, the desert will bloom”

Notamos que a possibilidade de o deserto florescer depende da chuva, mas ambos os eventos são por excelência eventos em potencialidade. No caso do exemplo 15, é impossível afirmarmos se o conseqüente é verdadeiro ou falso e isso se deve, sobretudo, de acordo com Johnson-Laird (1986), à natureza do vínculo, neste caso causal, e à não concomitância temporal entre os eventos da prótase e da apódose. Primeiro é necessário chover e, depois (quem sabe?), o deserto florescerá. No exemplo 16, ainda que se trate da mesma possibilidade de determinado evento na prótase, a concomitância temporal traz a afirmação verdadeira na apódose quando se reconhece o fato de que um deserto fica molhado caso venha a chover.

16- *Se chover no Saara, o deserto ficará molhado*³⁷ (Johnson-Laird, 1986, p.68)

Em síntese, a interpretação da conseqüente da condicional requer a construção de um cenário baseado no modelo inicial da antecedente e crenças sobre as relações entre as duas (JOHNSON-LAIRD, 1986). Percebe-se, assim, desde o início deste capítulo, que uma das maiores problemáticas envolvendo as condicionais reside nos tipos de encaixamento, na dependência semântica entre prótase e apódose e nos significados relacionados a esses aspectos.

Do ponto de vista sociocognitivo (LAKOFF, 1987), tanto o exemplo 15 quanto 16 seriam considerados da mesma natureza seguindo um tipo de extensão metafórica, uma vez que a representação conceitual de temporalidade está, na abordagem construcionista, relacionada à conexão causal. Isso significa que, sendo o passado a causa do futuro, a antecedente seria a causa para a oração conseqüente, portanto prótase e apódose representariam, por excelência, passado e futuro, respectivamente. No exemplo 15, a possibilidade de chover antecede o florescer do deserto e, no exemplo 16, a possível chuva também antecede o fato de o deserto com ela ficar molhado:

A passagem da concepção de antecendência à acepção de causa constitui Implicatura Convencionalizada. Pode-se dizer, então, que relações causais estão associadas metonimicamente a tempo, às quais se acrescentam por contágio. (BEZERRA; MEIRELES, 2009, p.153).

Dudman (1986), no entanto, rejeita todas as análises que consideram prótases como antecedentes lógicos tendo seu próprio valor de verdade, visto que, segundo ela, os enunciados não devem ser considerados fora da situação em que estão inseridos.

³⁷ Do original, “If it rains in the Sahara, the desert will get wet”

Outra interpretação polêmica para as sentenças condicionais, sobretudo para as prótases, refere-se ao seu estatuto discursivo. Haiman (1978) elaborou a ideia de que prótases são pragmaticamente tópicos, uma vez que apresentam conhecimento já compartilhado entre falante e ouvinte, no qual se ancora o enunciado seguinte, e costumam ocorrer no início das sentenças. Akatsuka (2009) argumenta que Haiman (1978) acabou por deixar de lado dois aspectos fundamentais do discurso: o contexto anterior e a atitude do falante.

Dik (1990) separa as condicionais em três âmbitos: condicionais predicativas, condicionais proposicionais e condicionais de ato ilocucionário. Nas primeiras, percebe-se estados de coisas, em que é possível observar se algo pode ocorrer, ser percebido, existir ou acontecer em algum mundo, localizado no tempo e no espaço e/ou com certa duração; as proposicionais se referem a algum fato possível que se pode conhecer, mencionar, negar, rejeitar, avaliar como verdadeiro ou falso; e as condicionais de ato ilocucionário envolvem atos de fala.

Dancygier (2004), em trabalho com as condicionais do inglês, também apresenta os parâmetros básicos de condicionalidade ligados à causalidade e à sequenciação lógica, como formas verbais, ordem das orações e entonação, sendo as formas verbais (preditivas e não-preditivas) os melhores indicadores das interpretações pretendidas nas condicionais, segundo a autora. Para além do quadro hipotético “se p,q”, as condicionais, ainda que possuam distintas formas e funções a depender de seu contexto, podem compartilhar traços comuns em sua composicionalidade que estão além do vínculo causal entre p e q.

Uma outra diferenciação entre as condicionais, largamente difundida, refere-se ao grau de hipoteticidade, geralmente associado à modalidade, ora vista como valor de verdade ora vista como força de asserção. Desde a tradição greco-romana, a diferenciação entre os tipos de condicionais se subdivide em três grandes categorias guiadas pelo critério semântico: real, potencial e contrafactual. Nas reais, o enunciado da prótase é tido como real e, conseqüentemente, o da apódose também o é, ou ao menos é visto como necessário, de acordo com Neves (1999), em construções como “*Se essa aréola possui uma série de tubérculos, então o tubérculo é nomeado de (...)*”. Já nas potenciais, as condicionais representam um mundo epistemicamente possível (Ex.: *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor*), enquanto, no caso das contrafactuais, a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade (Ex.: *se o Japão fosse uma Birmânia,*

as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão.) (NEVES, 1999)³⁸.

Segundo Bybee (1998), em sua crítica à conceptualização gramatical, o termo *irrealis* aparenta ser geral demais para ser útil, ainda que ele possa sê-lo como ponto de partida. Sobre isso reflete a autora ao criticar trabalhos que assumem uma visão “jakobsoniana” acerca desses domínios, como o binarismo *realidade vs irrealidade*, por exemplo, em que formas possuiriam conteúdos inerentes a elas. Diferentemente, a modalidade, para Bybee (1998, p.263), deve ser pensada a partir (i) da modalidade orientada a agentes, (ii) da modalidade orientada a oradores (iii) da modalidade epistêmica e (iv) do domínio das proposições subordinadas: os modos subordinados são geralmente relacionados de forma síncrona ou diacrônica aos três primeiros domínios.

Em síntese, vemos que as discussões acerca da condicionalidade são várias e distintas, a depender do quadro teórico. O que alguns desses trabalhos têm em comum é o papel de destaque que a forma verbal ocupa como parâmetro para definição do tipo de condicional, sobretudo no que se refere ao tempo-modo verbal e às noções de realidade e irrealidade, principalmente porque seria com base no emprego de indicativo e subjuntivo na prótase que se convencionou classificar as orações entre irreal, real e potencial. O modo indicativo tanto na prótase quanto na apódose definiria o que tradicionalmente se conhece como condicional real/factual; futuro do subjuntivo na prótase e futuro do indicativo na apódose definiriam as potenciais/eventuais; e imperfeito do subjuntivo na prótase e futuro do pretérito na apódose definiriam as irreais/contrafactuais.

Segundo Neves (1999), o uso do indicativo na prótase assinalaria a *possível verdade* dos conteúdos, enquanto o uso do subjuntivo assinala a *possível falsidade*: “a *possível verdade* é bem menos escolhida no condicionamento de uma eventualidade” (NEVES, 1999, p.535). Em construções como *Porque se você não tiver outra opção não tiver Chacrinha, não tiver Flávio Cavalcanti (), não tiver Sílvio Santos o povo () o povo vai ligar pra TV universitária.*³⁹, Neves (1999) afirma que facilmente se pode concordar que há uma noção de “menos provável”, dado o uso do subjuntivo, enquanto uma substituição das formas de subjuntivo por indicativo traria ao enunciado a noção de “mais provável” (*Porque se você não tem outra opção não tem Chacrinha, não tem Flávio*

³⁸ Os exemplos em itálico deste parágrafo foram retirados de Neves (1999, p.498-525)

³⁹ Extraído de Neves, 1999, p.535.

Cavalcanti (), não tem *Sílvia Santos o povo () o povo vai ligar pra TV universitária.*⁴⁰). Há, portanto, uma escala de potencialidade/eventualidade, motivada pela escolha verbal.

Ilari e Basso (2001), ao trabalharem com modalidade verbal, assumem que essa se refere ao “tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos” (p.167). Certos usos do subjuntivo indicam “claramente” que o estado de coisas descrito pertence a um mundo diferente do mundo real, ou seja, pertence ao mundo imaginário (*Ex.: Se eu fosse presidente da república, haveria um feriado por semana*). Já o uso do indicativo, segundo os autores, permitiria descrever as mesmas situações, mas referindo-se ao mundo em que vivemos, imprimindo uma afirmação “categórica”, como no exemplo dado pelos autores – “*Sou presidente da república, há um feriado por semana.*” (ILARI, BASSO, 2001, p.167). Entretanto, vale chamarmos atenção para o fato de Ilari e Basso (2001) utilizarem arranjos distintos para a contraposição entre os modos verbais, de maneira que a troca do subjuntivo por indicativo na condicional utilizada pelos autores parece manter a leitura de irrealidade. Basta trocarmos *se eu fosse presidente da república, haveria um feriado por semana* por *se eu era presidente da república, haveria um feriado por semana*. Nesse sentido, o que parece ficar claro é que, frequentemente, trabalhos linguísticos assumem que uma desinência tem/expressa valores inerentes, seguindo a tradição e desconsiderando seu arranjo.

Já para Leão (1961), ainda que possa haver nuances semânticas entre o uso de uma ou outra forma verbal, a irrealidade ou realidade da oração condicional decorre do contexto e não propriamente das combinações modo-temporais, o que implica inclusive um mesmo esquema modo-temporal poder exprimir tanto irrealidade quanto potencialidade. Os exemplos a seguir, retirados de Leão (1961, p.86), ilustram contextos distintos com o mesmo esquema modo-temporal (imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito):

- 17- *Se eu **tivesse** asas, **voaria** para lá.*
- 18- *Se eu **fosse** você, **agiria** dessa maneira.*
- 19- *Se eu **tivesse** dinheiro, **repartiria** com você.*
- 20- *Se **quisesses**, ainda **chegarias** a tempo.*

De acordo com a autora, as orações 17 e 18 são irrealis, enquanto a oração 19 seria improvável, mas não impossível e a 20 possível e ainda com maior grau de probabilidade

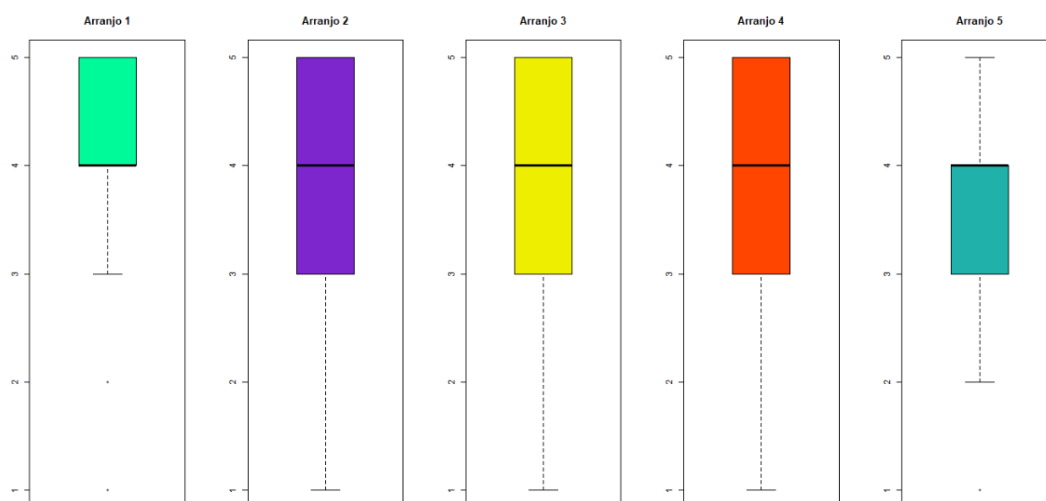
⁴⁰ Exemplos extraídos de Neves (1999, p. 511-513)

que a 19. Em trabalho de percepção realizado acerca de arranjos condicionais, Berlinck, Brandão e Sene (2020) observamos como estudantes do curso de Letras avaliavam determinados arranjos no que se refere ao “grau de certeza” da realização do conteúdo veiculado na apódose. Os resultados apontaram para uma gradação semelhante à apresentada por Leão (1961) em seu estudo de produção. Os arranjos podem ser vistos nos exemplos a seguir, que contam apenas com as formas verbais no infinitivo, mas que foram aplicados com formas de subjuntivo e indicativo na prótase e com tempos verbais de presente, futuro e imperfeito do indicativo na apódose.

- 21- *se precisar + estar lá* (arranjo 1)
- 22- *se cair + machucar* (arranjo 2)
- 23- *se entrar + sair* (arranjo 3)
- 24- *se ter dinheiro + comprar chocolate* (arranjo 4)
- 25- *se ter dinheiro + comprar ilha* (arranjo 5)

Notamos que o arranjo do tipo 21 se aproxima daquilo que Geraldi (1961) chamou de período hipotético e Johnson-Laird (1986[2009]) colocou em um dos extremos da noção de condicionalidade. Já os demais arranjos pressupõem causa-consequência entre o evento da prótase e da apódase, mas 22 se aproxima daquilo que Sweetser (1990) chamou de condicionais de domínio epistêmico e 23, 24 e 25 de condicionais de conteúdo. Vejamos o a figura 6, um gráfico extraído de Berlinck *et al.* (2020).

Figura 6 - Dispersão de respostas para os 5 arranjos



Fonte: Berlinck; Brandão; Sene (2020, p.44)

Trata-se de um boxplot, construído na plataforma R. Vemos que ele plota 5 contextos de avaliação: arranjo 1, arranjo 2, arranjo 3, arranjo 4 e arranjo 5, que se referem aos enunciados listados nos exemplos de 21 a 25. Cada caixinha colorida se refere à concentração das respostas e o traço em meio à caixa se refere à mediana. A escala se constrói de 1 a 5, em que 1 significa [-certeza] e 5 significa [+certeza]. Diferentes combinações modo-temporais foram apresentadas no interior de cada arranjo e, de modo geral, os respondentes avaliaram os graus de certeza muito mais com base no arranjo em si do que com base na combinação modo-temporal. Quando olhamos para os arranjos 2, 3 e 4, vemos que esses tiveram um padrão de respostas idêntico, cuja avaliação dos respondentes indica que esses enunciados mostraram uma média de respostas de “certezas intermediárias” (de 3 a 5). Já o arranjo 1 mostra um grau maior de certeza a partir da média concentrada no nível 5. O arranjo 5 por sua vez, foi o considerado com [-certeza] em comparação com os demais arranjos, já que a média se concentra a partir do nível 3.

Assim, vemos que, ainda que orações como 24 e 25 tenham vínculos causais, orações como “se José tiver dinheiro, compra chocolate” são consideradas menos hipotéticas que “se José tiver dinheiro, compra uma ilha” em testes de percepção, o que significa que “comprar uma ilha” traz menos certeza do que “comprar chocolate” para a percepção linguística. Logo, a noção de crença e cultura compartilhadas é fundamental para a interpretação de um enunciado.

Nesse sentido, partindo de Brandão (2018), é possível assumirmos que há algumas atividades comuns na prática da vida e também conversacional, em que pessoas dizem “coisas” para que outras pessoas saibam “coisas” que não sabiam antes e adquiram certas informações específicas. Em níveis práticos, uma construção como (26) tem um pressuposto distinto do que se vê em (27) e em (28).

26- Se José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?

27- Se José tem dinheiro, ele compra uma ilha.

28- Se José tem dinheiro, ele compra sorvete no mercadinho da esquina.

Embora essas sejam construções descontextualizadas, o que inferimos, *a priori*, é que, na primeira, o pressuposto é de que José tem dinheiro. Tal construção poderia ser parafraseada por “[já que] José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?”. Já na segunda, o pressuposto é diferente: embora, para essa construção, a descontextualização prejudique ainda mais a interpretação, há a possibilidade de haver dois pressupostos. O primeiro é de que José não tem dinheiro no momento em que essa construção foi

hipoteticamente produzida; tal arranjo poderia ser parafraseado por “[*se por acaso*] José tem dinheiro, ele compra uma ilha”. O segundo pressuposto é de que “[*sempre que*] José tem dinheiro, ele compra uma ilha”, dadas as noções habitual e iterativa que ao presente do indicativo se associam, nesse caso. Contudo, esse segundo pressuposto não parece ser facilmente aceitável fora do contexto, sem sabermos quem é José, o que faz, onde vive, pois, socialmente, e pensando-se na realidade, não se imagina que pessoas comprem “ilhas” a todo momento. Soma-se a isso o fato de que ainda que “ilhas” sejam específicas em sua conceptualização, bem como concretas, indetermina-se ilha com o artigo “uma” (BRANDÃO, 2018).

Já em (28), parece haver menor hipoteticidade no enunciado, por trocarmos o complemento “ilha” por “sorvete” e acrescentarmos um espaço físico - “mercadinho da esquina” -, o que faz com que o segundo pressuposto mencionado há pouco seja facilmente aceito: “[*sempre que*] José tem dinheiro, ele compra sorvete no mercadinho da esquina”. O complemento passa a ser “sorvete”, um substantivo mais quantificável em sua concretude e extensão, além de estar acompanhado de um adjunto de lugar “no mercadinho da esquina”. Esse tipo de sentença aciona aspecto, além de modalidade, como se se tratasse de fato de um hábito de José, quando este tem dinheiro. Nesse sentido, o que parece diferenciar uma construção da outra seria, pois, a natureza dos complementos e adjuntos, e não única e exclusivamente a combinação modo-temporal. Vejamos as construções (27) e (28) reformuladas, agora ancoradas em um momento específico no futuro, como se vê em (29) e (30).

29- No próximo mês, se José tem dinheiro, ele compra uma ilha.

30- No próximo mês, se José tem dinheiro, ele compra sorvete no mercadinho da esquina.

A especificidade temporal em perspectiva acaba por levar as duas construções, anteriormente distintas (uma mais iterativa que a outra), ao mesmo pressuposto: no próximo mês, *se José tem dinheiro, ele compra algo, seja sorvete ou ilha*. Mantendo o mesmo arranjo dessas construções, mas alterando-se o tempo-modo verbal, o pressuposto parece também não se alterar. Vejamos (31) e (32):

31- No próximo mês, se José tiver dinheiro, ele comprará/vai comprar uma ilha.

32- No próximo mês, se José tiver dinheiro, ele comprará/vai comprar balas na venda.⁴¹

⁴¹ Exemplos de 26 a 32 retirados de Brandão (2018)

O que vemos em (29-32) é a manutenção do pressuposto de que, caso uma determinada condição (*p*), no próximo mês, seja preenchida, há potencialmente chances de que *então* (*q*) se realize. Tal potencialidade se evidencia, nos exemplos acima, a partir da interação entre os elementos gramaticais e lexicais da construção como um todo, e não exclusivamente pela desinência modo-temporal do verbo, o que reforça a importância de olharmos para os arranjos como um todo (BRANDÃO, 2018).

Em síntese, é importante pensarmos se diferentes formas verbais no interior das condicionais modificariam sobremaneira a natureza da condicional, ou, como se espera defender nesta tese, se seriam os constituintes como um todo na construção que, inter-relacionados, dariam origem aos distintos graus de certeza e incerteza, presentes em um quadro hipotético mais amplo inserido por *se* (DIK, 1990) e imprimiriam este ou aquele significado. Nesse sentido, nos aliamos à ideia de que “construções contêm o significado que especifica a função dos argumentos em uma oração e eles se combinam com o verbo para determinar o significado de uma oração” (BYBEE, 2006, p.130). Bybee (2006) não está tratando da relação entre duas orações ao fazer essa afirmação, mas estendemos tal ideia para o âmbito das hipotáticas, uma vez que, em nossa perspectiva, os elementos de todo o arranjo se combinam com o verbo e não apenas este ou uma desinência modo-temporal é exclusivamente responsável pela veiculação de determinados valores.

Vemos que a classificação das condicionais pode ser vista a partir de diferentes perspectivas e a modalidade tem sido a categoria do complexo TAM elencada nas discussões. No capítulo 3, que inclui a metodologia empregada, fazemos uma proposta de classificação das sentenças condicionais. Para tal, traçamos uma hierarquização de traços ligados, respectivamente, **(i) à forma geral da condicional, (ii) à relação que se estabelece entre prótase e apódose e (iii) aos valores associados a essas relações.** Trata-se de uma caracterização construída a partir de um trabalho empírico com os dados, levando-se em conta sobretudo o que os trabalhos cognitivo-funcionalistas elencam para a reflexão acerca da modalidade e de graus de vinculação, mas também fazendo adequações, quando necessário.

Givón (1995), por exemplo, considera todos os casos de condicionais como formas de *irrealis* (pertencentes a escala de graus de certeza). A partir dessa categoria maior – *irrealis* –, o autor mapeia os arranjos e as escalas de certeza, com base em uma correspondência entre a lógica e uma teoria comunicativa. A reformulação givoniana pressupõe a adoção de uma abordagem cognitivo-comunicativa, que leva em conta os

objetivos comunicativos aliados à escala epistêmica de modalidade. Logo, o sentido passa a ser socialmente negociado e avaliado em níveis de certeza subjetiva, e não mais em níveis de verdade. Givón (1995) propõe, então, que, diferentemente da tradição lógica, em que se teria (i) verdade necessária, (ii) verdade factual, (iii) verdade possível e (iv) não-verdade, adote-se, na perspectiva cognitivo-comunicativa, respectivamente, em relação à tradição lógica, (i) pressuposição, (ii) asserção realis, (iii) asserção irrealis e (iv) asserção-NEG. Nosso trabalho dialoga com o que postula Givón (1995), mas utiliza-se de nomenclaturas distintas, que se aproximam mais do que propõe Neves e Braga (2016): condicionais factuais/reais; condicionais eventuais/potenciais; condicionais contrafactuais/irreais. Além disso, inserimos o componente sintático-semântico na análise também, para entendermos se uma sentença está, ou não, em variação com outra. Diferentemente de Geraldi (1961), estamos de acordo com Johnson-Laird (1986) quando este propõe uma gradação das condicionais, o que não afetaria o estatuto de condicional, mas imprimiria graus de vinculação distintos, com base na função que prótase e apódose exercem. Ainda, outros domínios de TAM podem estar, em maior ou menor medida, imbricados nas sentenças e precisam ser consideradas.

A seguir, no capítulo intitulado procedimentos metodológicos, retomaremos alguns dos trabalhos apresentados neste capítulo, para embasarmos nossas hipóteses bem como os critérios de análise, tanto no que se refere à classificação das condicionais e ao envelope de variação quanto às variáveis correlacionadas ao fenômeno da alternância verbal em sentenças condicionais potenciais e irreais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à coleta e análise do fenômeno propriamente ditas, o estudo empírico toma como instrumento a metodologia da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1985; MILROY; GORDON, 2003; TAGLIAMONTE, 2006).

Os procedimentos incluem:

- (i) **delimitação da amostra a ser estudada** – trabalhamos com peças de teatro brasileiras dos séculos XIX, XX e início do XXI, as quais devem retratar eventos contemporâneos à sua época de produção;
- (ii) **coleta de dados** – com auxílio dos concordanciadores TEXTQUIM e KONTEXT, extraímos todas as condicionais inseridas pela conjunção *se*;
- (iii) **circunscrição dos envelopes de variação**, com a definição das variáveis e suas respectivas variantes;
- (iv) **definição de variáveis que possam explicar a variação e a mudança e análise e codificação dos dados segundo as variáveis definidas** - observamos a influência dos seguintes grupos: (i) de natureza histórica: sincronia de produção do dado; (ii) de natureza social: perfil dos personagens (fase da vida, grau de instrução, classe social e sexo); (iii) de natureza textual-discursiva: temática da peça; (iv) de natureza semântico-pragmática: ancoragem temporal (BRANDÃO, 2018, CHAFE, 2018); (v) de natureza semântica - tipo semântico de verbo (estado/processo); (vi) de natureza morfológica (paradigma de conjugação);
- (v) **quantificação das informações resultantes da análise** – Utilizamos a plataforma R (CORE TEAM, 2020), para que possamos fazer diferentes testes estatísticos que se julgar necessário, tanto univariados quanto multivariados; e
- (vi) **interpretação dos resultados da quantificação à luz das hipóteses e da base teórica** – pretendemos identificar, descrever e comparar a funcionamento de usos de combinações do quadro verbal em sentenças condicionais de cada período.

Passemos para a discussão acerca de cada procedimento.

3.1 Delimitação da amostra a ser estudada – o *corpus*

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.* (Tecendo a manhã, João Cabral de Melo Neto)

A epígrafe que abre este subcapítulo representa, muito que poeticamente, a construção de nosso *corpus*, que contou muitas mãos, como ficará evidente ao longo da discussão. As peças foram reunidas com base na representatividade dos autores, no fato de essas retratarem situações contemporâneas à época da escrita, na data de publicação e na disponibilidade dessas no formato digital/online. Tais peças foram recolhidas, formatadas e categorizadas no interior do Projeto *Língua emCena*, projeto esse desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR), coordenado por Rosane de Andrade Berlinck e do qual a autora desta tese faz parte. Toda a categorização de perfis sociais foi, portanto, realizada coletivamente pelo SoLAR⁴². Esta tese apresenta, então, a primeira análise feita com o *corpus* e com as categorizações.

O projeto nasce da necessidade de se construir um *corpus* robusto que permita uma análise socio-histórica da língua. Nesse sentido, o que o nosso projeto (leia-se projeto *Língua emCena*) propõe é um uso renovado das peças de teatro para estudos socio-históricos, em que elegemos peças e analisamos os perfis sociais de cada personagem, com base em parâmetros estabelecidos a partir de uma fundamentação histórico-social dos períodos em que as peças foram escritas, dos contextos espaciais bem como das estéticas do autor de cada peça.

Para conseguirmos captar o *background* socio-histórico dos textos dramáticos, partimos de uma periodização proposta por historiadores da coleção *História do Brasil-Nação*, publicada em 2012, e que compreende os períodos que vão de 1808 a 2010. Tal coleção foi dirigida por Lília Moritz Schwarcz e conta com coordenadores e autores notáveis e comprometidos com o trabalho histórico de cada período, entre eles José

⁴² Integrantes do projeto: Alessandra Guerra; Ana Paula Martins; Bruna Rafaelle Costa; Caio Barros; Camila Bordonal Clempi; Caroline Carnielli Biazolli; Caroline da Silva Lauriano; Fabrício Paiva Mota; Juliana Bertucci Barbosa; Larissa Campoi Peluco; Letícia Gaspar Pinto; Lívia Valili; Marcus Garcia de Sene; Maria Carolina Ferreira da Silva; Milena Aparecida de Almeida; Natasha Cassia Shibata; Rosane de Andrade Berlinck, Sílvia Maria Brandão; Victor Hugo Scanavachi.

Murilo de Carvalho, Boris Fausto, Alfredo Bosi, Angela de Castro Gomes, Letícia Pinheiro, Marcelo de Paiva Abreu e Eliana de Freitas Dutra. Cada volume discute um período distinto, com base em marcos socio-históricos e em características da população, da sociedade, da vida política, das relações internacionais e das dinâmicas econômica e cultural que alteraram a sociedade brasileira substancialmente. Os períodos ficam assim divididos, partindo da periodização proposta pela coleção História do Brasil Nação:

Quadro 6 - periodização proposta com base em História do Brasil Nação

Periodização	
1831-1889	A construção nacional
1890-1930	A abertura para o mundo
1931-1964	Olhando para dentro
1965-2010	Modernização, ditadura e democracia

Fonte: própria

Tal divisão contempla os recortes temporais que fizemos, uma vez que partimos de peças de teatro a partir do século XIX. Isso porque, historicamente, há pouquíssimos registros de peças teatrais escritas por brasileiros em séculos anteriores ao XIX e, nas palavras de Tarallo (1990, p.184) “a luta por uma brasilidade linguística acentua-se a partir do século XIX, coincidindo com os processos históricos de independência política e, posteriormente, com a proclamação da república brasileira”.

O período da construção nacional (1831-1889) inclui o Primeiro Reinado da monarquia brasileira, marcada por lutas políticas e guerras civis, e do Segundo Reinado, considerado um período de crescimento econômico. Todo o período é marcado pela escravidão e por lutas incansáveis para sua abolição, sobretudo a partir de 1850. A abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889 foram seguidas pela importação de mão de obra estrangeira, principalmente a europeia. A partir de então, a sociedade brasileira passa a se abrir para o mundo.

O período de abertura para o mundo, que compreende de 1890 a 1930, é marcado pelo desejo constante de modernização, a partir do recém instituído regime republicano. Com o fim da escravidão e a Proclamação da República, abriram-se possibilidades de acesso à cidadania e à inclusão social que iam além da origem nobre ou monárquica. No entanto, a exclusão social pautada em teorias racistas discriminatórias, em diferentes níveis, incluindo os socioespaciais, marcam esse período, junto da modernização pautada em ideais europeus.

Com a queda da Bolsa de Nova York em 1929, instalou-se uma crise econômica mundial que interferiu nas exportações que o Brasil fazia, entre elas a de café. Nesse contexto, a República Velha se finda em 1930 com o Golpe de Estado de Getúlio Vargas, apoiado pelas oligarquias de oposição à paulista. O período denominado “olhando para dentro” (1930-1964) inclui mudanças substanciais do ponto de vista político, econômico e social, de modo que há, nesse período, entre outros eventos importantes, o surgimento do Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, o suicídio de Getúlio Vargas e a inauguração de Brasília, com o desenvolvimento proposto por Juscelino Kubitschek. Junto desses marcos, houve um estímulo à migração no Brasil, com incentivos econômicos; e a essa altura, as projeções e desejos dos modernistas de 1922 ganham mais maturidade, de modo que passa a haver maior valorização da arte no Brasil.

O quarto período postulado pela Coleção Brasil Nação inaugura-se a partir do Golpe de 1964, período marcado pela ditadura militar, pela censura e pelo medo. Revoluções populares e o papel do jovem ganham protagonismo na luta contra o estado de sítio no qual toda a sociedade se via imersa. Ainda que a partir de 1980 tenha se iniciado o processo de redemocratização do Brasil, fazendo com que se ampliassem noções ligadas à cidadania, a democracia se mostra jovem no Brasil e é, até os dias hodiernos, marcada pela luta entre o conservadorismo e a revolução social. Os anos 2000, de acordo com os autores, embora não tenham resolvido nossas tantas desigualdades sociais, promoveram o encontro das classes populares com o país e seus símbolos.

Após essa breve contextualização, vemos que a periodização proposta pela Coleção vai até 2010 e mostra conflitos em todos os períodos da nossa história. Ao fazermos uso das peças de teatro que se ancoram na contemporaneidade na qual foram escritas, iremos até a segunda década dos anos dois mil, isto é, incluiremos algumas peças mais contemporâneas a 2020.

Como se pode ver, a relevância do trabalho desenvolvido pelo SoLAr pode ser vista desde o olhar histórico-social para os períodos da história com base em trabalhos de referência acerca do Brasil. No que se refere à categorização dos perfis sociais dos personagens, também partimos das ciências sociais, da história e da antropologia. Empregamos uma metodologia de análise que consiste em um estudo prévio do contexto histórico e de determinada categoria, buscando entender como a sociedade se estratificava

à época em relação a grau de instrução, classe social, fase da vida, etnia⁴³ e sexo. A partir disso, dividimos o grupo composto por 16 integrantes em 4 subgrupos. Esses, por sua vez, fizeram um estudo aprofundado acerca de grau de instrução, classe social, fase da vida, sexo e etnia. Cada grupo mantém-se responsável pela criação dos critérios, discutidos, refinados e definidos em reunião conjunta com todos os demais membros. Para a categorização das peças, adotamos uma análise às cegas, que envolve a leitura de uma mesma peça por dois integrantes diferentes e, quando necessário, por um terceiro integrante para que o resultado final da categorização se concretize com diligência.

Tentamos abarcar peças em todas as décadas de cada período. O que vale a pena ressaltarmos, mas que não é novidade, é o fato de haver pouquíssimas mulheres entre os escritores. Como já mencionamos, isso é um problema histórico. Ainda, lembramos que a escolha pelos autores não ocorreu de forma aleatória. Críticos de teatro (FARIA, 2012; NETO, 2007) elencam os autores por nós trabalhados como figuras importantes do teatro brasileiro. Entre os critérios adotados para a escolha das peças, priorizamos apenas aquelas em que as situações retratadas reflitam aspectos da vida da sociedade da época em que foram produzidas. Além disso, na medida do possível, buscamos primeiras edições ou edições que mantinham o texto integral e original.

Para cada sincronia, que se baseia na periodicidade proposta em História do Brasil-nação: 1808-2010 (2012), o grupo categorizou peças que somavam, juntas, entre duzentas e cinquenta mil (250.000) e trezentas mil palavras (300.000). No total, contamos, então, com um corpus de pouco mais que um milhão de palavras.

O quadro 7 traz o número exato de palavras por sincronia.

⁴³ Embora o grupo SoLAr tenha trabalhado com a categoria etnia, entendendo que o Brasil, em sua totalidade desigual, segue uma lógica eurocêntrica, essa categoria não será correlacionada em nosso trabalho, devido à baixa frequência de personagens pretos, indígenas, etc. Algumas peças trazem personagens “não-brancos” de forma explícita e esses estão, não raro, na escala mais baixa da hierarquia social (classe baixa, sem instrução), o que, como sabemos, tem relação com a exclusão social que permeia o Brasil. De todo modo, essa categoria não será correlacionada quantitativamente nesta tese.

Quadro 7 - periodização e quantitativo de palavras, autores e peças

Período		N. palavras	N. autores	N. peças
1831-1889 XIX	A construção nacional	281.106	5	43
1990-1930 XIX-P1	Abertura para o mundo	257.985	8	19
1931-1964 XX-P2	Olhando para dentro	257.286	5	14
1964-2010 XX-P3	Modernização, ditadura e democracia	267.371	14	25
Total	4 sincronias	1.063.746	32	101

Fonte: própria

O quadro 8 traz o nome dos autores e das peças, o ano de publicação/edição e o número de palavras em cada uma. Organizamos em ordem cronológica o quadro.

Quadro 8 - Peças que compõem o corpus

Autor	Peça	Ano	N. palavras
Martins Pena	O juiz de paz na roça	1838	5.587
Martins Pena	O judas em sábado de aleluia	1844	8.400
Martins Pena	As casadas solteiras	1845	11.556
Martins Pena	O dileitante	1845	7.936
Martins Pena	O noviço	1845	13.422
Martins Pena	Os dois ou o inglês maquinista	1845	8.650
Martins Pena	Os três médicos	1845	6.842
Martins Pena	Os meirinhos	1846	6.303
Artur Azevedo	Abel e Helena	1860	15.725
Machado de Assis	Hoje avental, amanhã luva	1860	4.144
Machado de Assis	Forças caudinas	1860	8.510
França Júnior	Meia hora de cinismo	1861	6.362
Machado de Assis	Desencantos	1861	8.696
França Júnior	Tipos de atualidade	1862	13.034
Machado de Assis	O caminho da porta	1862	7.359
Machado de Assis	Quase ministro	1862	5.109
Machado de Assis	Suplício de uma mulher	1865	8.880
Qorpo-Santo	As relações naturais	1866	4311
Qorpo-Santo	Certa identidade	1866	1674
Qorpo-Santo	Eu sou a vida	1866	2656
Qorpo-Santo	Hoje sou um amanhã outro	1866	3728
Qorpo-Santo	Lanterna de fogo	1866	8145
Qorpo-Santo	Mateus e Mateusa	1866	3562
Qorpo-Santo	Um assovio	1866	3175
Qorpo-Santo	Um credor da fazenda	1866	1529
Qorpo-Santo	Um parto	1866	4816
Qorpo-Santo	Dous irmãos	1866	3919
Qorpo-Santo	Marido extremoso	1866	3755
Qorpo-Santo	Separação de dois esposos	1866	4749
França Júnior	Amor com amor e paga	1870	3.720

Artur Azevedo	Amor por anexins	1.872	3.436
Artur Azevedo	A pele do lobo	1877	3.238
Machado de Assis	Antes missa	1878	1.594
Artur Azevedo	A joia	1879	9.796
Machado de Assis	Tu, só por tu, puro amor	1881	6.747
França Júnior	Caiu o ministério	1882	12.696
França Júnior	Dois proveitos em um saco	1883	3.924
Qorpo-Santo	Marinheiro escritor	1886	7446
Qorpo-Santo	Uma pitada de rapé	1886	731
França Júnior	Maldita parentela	1887	6.377
Qorpo-Santo	Hóspede	1887	3989
Artur Azevedo	A Almajarra	1888	7.331
França Júnior	As doutoras	1889	17.547
5 autores	43 peças	1838 - 1889	281.106
Machado de Assis	Não consultes o médico	1896	5.257
Artur Azevedo	A capital federal	1897	28.844
Coelho Neto	O relicário	1901	17.948
Goulart de Andrade	Depois da morte	1903	2.942
Machado de Assis	Lição de botânica	1905	5.690
Coelho Neto	A muralha	1907	19.049
Goulart de Andrade	Renúncia	1907	2.614
Goulart de Andrade	Sonata ao luar	1907	2.764
Coelho Neto	Quebranto	1908	18.883
Coelho Neto	O dinheiro	1918	16.747
Gastão Tojeiro	o simpático jeremias	1918	20.371
Gastão Tojeiro	onde canta o sabiá	1920	21.035
Armando Gonzaga	Ministro do supremo	1921	14.043
Coelho Neto	O patinho torto	1924	15.278
Armando Gonzaga	Cala a boca, Etelvina	1925	16.682
Armando Gonzaga	A descoberta da América	1928	17.231
Júlia Lopes de Almeida	quem não perdoa	1917	19.675
Júlia Lopes de Almeida	doidos de amor	1917	7.008
Júlia Lopes de Almeida	a herança	1909	5.924
8 autores	19 peças	1896 - 1909	257.985
Joracy Camargo	Deus lhe pague	1932	18.553
Nelson Rodrigues	A mulher sem pecado	1941	14.387
Nelson Rodrigues	Vestido de noiva	1943	14.422
Nelson Rodrigues	Álbum de família	1946	6.730
Ariano Suassuna	Uma mulher vestida de sol	1947	24.038
Ariano Suassuna	Torturas de um coração	1951	5.690
Ariano Suassuna	Auto da Compadecida	1955	22.976
Ariano Suassuna	O santo e a porca	1957	18.769
Nelson Rodrigues	Viúva porém honesta	1957	15.119
Oduvaldo Viana Filho	Chapetuda Futebol Clube	1959	20.600
Ariano Suassuna	Farsa da boa preguiça	1960	28.896
Dias Gomes	A invasão	1960	21.341
Dias Gomes	O pagador de promessas	1962	22.257
Dias Gomes	Roque Santeiro ou o berço do herói	1963	23.508
5 autores	14 peças	1932 - 1963	257.286
Myrian	A ameaça veio com a chuva	1966	13.025
Plínio Marcos	Navalha na carne	1967	7.167
Consuelo de Castro	À prova de fogo	1968-1972	12.940

Chico Buarque	Roda Viva	1968	5.789
Dias Gomes	Santo Inquérito	1968	16.033
Plínio Marcos	Homens de papel	1968	13.506
Leilah Assunção	Fala baixo, senão eu grito	1969	14.968
Carlos Novaes	A mulher integral	1975	16.346
Dias Gomes	As primícias	1977	10.900
Leilah Assunção	Sobrevividos	1978	6.565
Dias Gomes	O bem amado	1980	14.614
Dias Gomes	Campeões do Mundo	1980	18.435
Plínio Marcos	Balada de um palhaço	1986	8.887
Miguel Fallabela	A partilha	1988	14.243
Plínio Marcos	Marcha rocha	1988	7.622
Leilah Assunção	Lua nua	1988	14.071
Luís Alberto de Abreu	Cala boca já morreu	1998	19.150
Mário Bortolotto	Nossa vida não vale um chevrolet	1998	6.675
Mário Bortolotto	À queima roupa	1998	4.704
Leilah Assunção	Intimidade indecente	2001	8.996
Mário Bortolotto	Éramos todos thunderbirds	2001	5.926
Newton Moreno	Agreste	2004	3.169
Ave Terrena Alves	As 3 uyras de sp city	2008	6.827
Leilah Assunção	Ilustríssimo filho da mãe	2008	6.055
Camilo Pellegrini	Amores de Sabrina	2010	10.758
14 autores	25 peças	1966 - 2010	267.371
TOTAL			
32 autores	101 peças	4 sincronias	1.063.746

Fonte: própria

Estamos lidando com um *corpus* composto por um pouco mais que um milhão de palavras. O número de personagens que produziram dados de condicionais potenciais e irreais em suas falas é de 490. É a partir dessa quantificação e desses personagens que produziram dados que vamos apresentar as discussões de variáveis sociais. Isto é, a caracterização geral que faremos não se refere à caracterização geral da amostra de peças, visto que esse trabalho se encontra ainda em andamento pelo grupo do projeto Língua EmCena, mas aos 490 personagens que produziram dados de condicionais potenciais e irreais. Isso significa que uma peça pode ter, por exemplo, 10 personagens, mas, se apenas 3 produziram os dados que procuramos, então a caracterização apresentada nesta tese é apenas desses 3.

Informações específicas acerca da categorização serão apresentadas na seção que abordará as variáveis correlacionadas aos fenômenos.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em partes com um concordanciador criado pelo projeto TEXTQUIM. Trata-se de um projeto desenvolvido desde 2003 por uma equipe do Instituto de Letras e por uma equipe da Área de Educação Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No próprio site do projeto (disponível em <<http://www.ufrgs.br/textecc/textquim/ferramentas.php>> Acesso em maio de 2021), fazemos o upload do arquivo, colocamos o item lexical desejado (em nosso caso, colocamos a conjunção *se*) e o programa retorna todos os contextos onde *se* apareceu. A partir daí, extraímos apenas os contextos com *se* que nos interessam, isto é, aqueles em que *se* é uma conjunção condicional. O site funciona de forma rápida, é de fácil entendimento e preciso, não possui especificações acerca da formatação de textos e aceita caracteres especiais, o que se mostra muito funcional e vantajoso para nós linguistas, bem como para pesquisadores de outras áreas. No entanto, é possível fazer *upload* apenas de uma peça por vez. Boa parte dos dados foi extraída a partir desse site.

O *Kontext*, por sua vez, é um software de concordância criado recentemente, em 2019, por Salvio Digesto, da UOttawa. O software pode ser baixado e é totalmente gratuito (Disponível em <<https://www.digesto.ca/kontext>> Acesso em Dezembro de 2020). Ele extrai palavras, frases ou sequências de caracteres com seu contexto anterior e posterior, assim como o TEXTQUIM. No entanto, o *Kontext*, diferente do TEXTQUIM, retorna o dado fornecendo exatamente o informante, ou, em nosso caso o personagem, que produziu a sentença, item, etc. Quando salvamos em Excel, o nome do informante fica em uma coluna separadamente, bem como as demais informações de origens ligadas às peças. Além disso, esse software permite fazer upload de mais de um arquivo ao mesmo tempo e combiná-los como preferirmos, ou mesmo combinarmos nossos informantes. O ponto negativo é que o *Kontext* consegue selecionar apenas vinte palavras antes e depois do item lexical pesquisado, enquanto o TEXTQUIM seleciona trinta. Ainda, há critérios de formatação que devem ser seguidos à risca para que o software leia os arquivos sem erro. Por se tratar de um programa novo, ainda em teste com ampliações e reformulações, mostra-se uma ferramenta com potencial indispensável para linguistas de todo o mundo.

Como não temos um *corpus* anotado, foi preciso avaliar manualmente dado a dado, para observarmos se se tratava de um contexto de condicional e, possivelmente, de variação. A seguir, falaremos mais detidamente acerca disso.

3.3 Circunscrição do envelope de variação

A definição do envelope de variação faz parte da própria análise, mas vamos aqui reportar alguns procedimentos que utilizamos para chegar a sua formação, incluindo a proposta de classificação das sentenças condicionais.

De início, chamamos a atenção para o fato de, como já mencionamos, os concordanciadores utilizados retornarem uma lista de ocorrência de determinada palavra/item ou frase em uma quantidade definida de contextos. Por não termos um corpus anotado, foi preciso refinar e mapear os contextos em que -se configurava uma conjunção condicional. Desse modo, os usos de -se como conjunção integrante (*ele não disse se vinha*), pronome (*vive-se*), parte de estrutura comparativa (*como se eu gostasse de chocolate*) ou de exceção (*salvo se/ só se - Mas cá está e daqui não sai mais, só se/salvo se me cortarem o pescoço/ Relicário, Coelho Neto*), e como partícula expletiva (*Vosmecê pensa que os santos não vêem essas coisas. Ora se vê...! Santo Antônio então!.../ Patinho Torto, Coelho Neto*) foram excluídos.

3.3.1 Proposta de classificação das condicionais: forma, relação e valor

Como estamos trabalhando com variação e mudança na língua em nível acima da fonologia, mapear todas as formas pertencentes a cada domínio parece uma tarefa difícil, se não impossível devido à dinamicidade da língua, por isso estamos de acordo com Silva-Corvalán (2001), quando essa afirma que “uma definição funcional de variável sintática converte o objeto de estudo em algo ilimitado” (p.133, tradução nossa), como se verá nos enunciados que se seguem, acompanhados de um “etc.”.

Vamos a hacer ejercicio ahora?

- a) Mmm, estoy cansado
- b) Mmm, tengo sueño.
- c) Mmm, esta novela está muy interesante.
- d) Mmm, viene Pepe esta tarde.

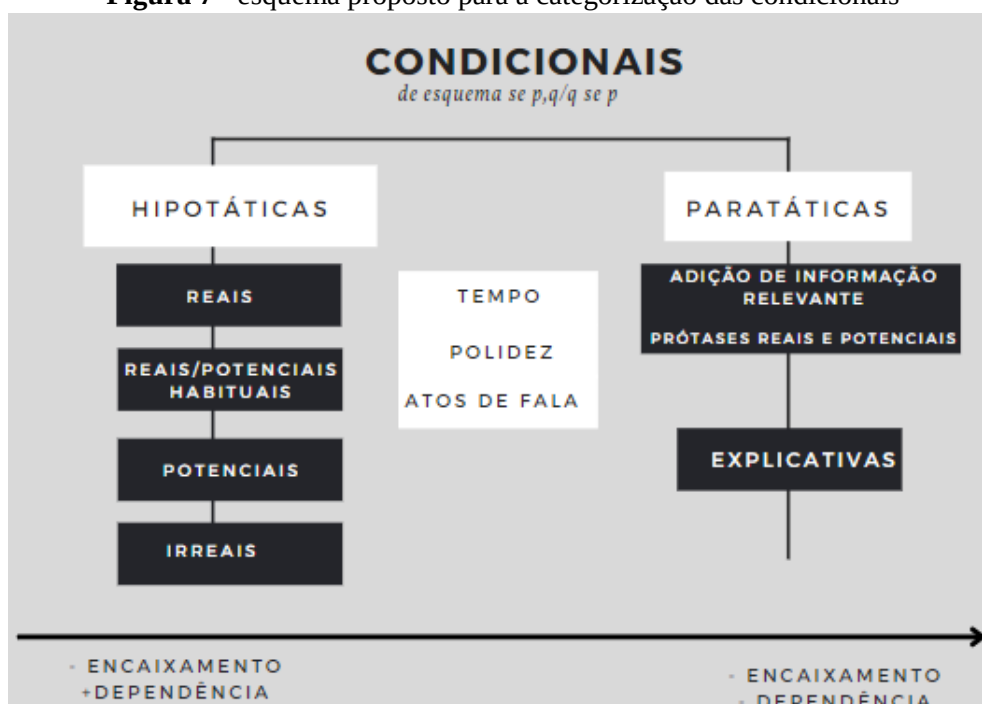
Etc. (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 133)

Assim, segundo Silva-Corvalán (2001), se levada em conta a intenção comunicativa, embora tenham características sintáticas diferentes, os enunciados acima, além de outros pressupostos pelo “etc.” deverão “dizer a mesma coisa” nessa perspectiva:

“No, no vayamos a hacer ejercicio ahora”. Tal discussão se situa no âmbito da pragmática, como podemos perceber.

Escolhemos partir, então, dos dados empíricos observados, da ideia de que a conjunção condicional instala um quadro hipotético mais amplo inserido por *se* (DIK, 1990). Trata-se de um domínio funcional – o quadro hipotético –, que está sendo delimitado, aqui, pelas ocorrências de condicionais inseridas pela conjunção condicional prototípica do PB (NEVES, 2000; OLIVEIRA, 2008). A partir dessa visão mais ampla de quadro hipotético, mapeamos os tipos de arranjos encontrados, levando-se em conta a relação sintático-semântica entre prótase e apódose e os valores associados a essas relações. A figura 7 ilustra essa perspectiva.

Figura 7 - esquema proposto para a categorização das condicionais



Fonte: própria

As hipotáticas são as condicionais por excelência, na medida em que fica evidente a noção de condicionalidade entre prótase e apódose. Vamos pensar esse quadro de forma um pouco detalhada a seguir. No que se refere à **(i) forma da condicional**, por trabalharmos apenas com as construções inseridas por *se*, assumimos que essa conjunção condicional, quando possui prótase e apódose, estabelece uma relação do tipo *p, q*, que faz parte de uma moldura hipotética, sem estabelecer um único tipo de relação entre antecedente e conseqüente inerente à conjunção. Já a condicionalidade, a qual traz a ideia

de antecedente na prótase e consequente na apódose, só pode ser vista a partir do tipo de relação entre ambas, como veremos adiante.

Portanto, o *se* condicional já nos é suficiente para identificarmos o que chamamos sentença condicional. Isso significa que as orações sem apódose também são condicionais (exemplos 33 e 34); não necessariamente possuem o consequente, mas nem por isso deixam de imprimir alguma condição. O mesmo ocorre com construções com prótase e um período sem verbo na apódose (exemplo 35) ou com enunciados sem verbo na prótase ou na apódose (exemplos 36 e 37). Vejamos os exemplos a seguir:

- 33- Oh, John, oh, Bolingbrok, se eu tivesse uma mulher como as vossas... (Casadas solteiras, Martins Pena)
- 34- E se eu lhe provar que não é? (Quase Ministro, Machado de Assis)
- 35- [FJ-D. ANA] - Pois não passa a noite conosco? [FJ-CARLOS] - Se não fossem os doentes, com muito prazer. (Tipos da atualidade, França Júnior)
- 36- Se isto se espalha, que escândalo, meu Deus! (Tipos da atualidade, França Júnior)
- 37- Se é uma só obra, deve ser uma só mulher. Se diversas produções em um só livro, diversas mulheres ocupadas com um só homem! (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)

A criação de um feixe de circunstância é evidente em 33-37. No entanto, interessante é ver que o consequente fica em suspensão nas construções 33 e 34, ao menos do ponto de vista de sua materialização textual. Nesse caso, não temos uma relação de hipotaxe, em que há prótase e apódose. Estudos linguísticos têm denominado esse tipo de construção de insubordinada (MITHUN, 2008; HIRATA-VALE, 2017) ou desgarrada (DECAT, 2011), uma vez que se evidencia sintaticamente a independência desse tipo de construção, o que confere a elas um estatuto distinto das demais. Obviamente, elas possuem valores discursivos e metatextuais distintos a depender do contexto (HIRATA-VALE, 2007), mas, por ora, vale ressaltar apenas seu caráter sintático. Essas não estão incluídas na figura 7, por não serem foco desta tese, mas certamente estariam à direita do quadro, após as paratáticas.

Já 35 e 36 possuem um preenchimento, mas sem verbo na apódose, e envolvem, não raro, uma avaliação acerca da concretização da circunstância junto da elipse verbal. Facilmente, conseguimos recuperar a ideia de que em 35 o personagem Carlos imprime a ideia de que “se não fossem os doentes, com muito prazer” passaria/passava/ia passar a noite, algo que podemos recuperar com o enunciado anterior, da personagem Ana. Já, em 36, o efeito de sentido é recuperado na exclamação: “que escândalo seria/será/vai ser” se isto se espalha! Em 37, sem recuperarmos a oração condicional anterior, ficaria difícil classificar o enunciado, mas o *se* aliado aos demais elementos da construção nos mostra

a circunstância e sua consequência, a partir do paralelismo: “se (**são**) diversas produções em um só livro, (**devem ser**) diversas mulheres ocupadas com um só homem”. Como nosso interesse reside no estudo de articulações modo-temporais em prótase e apódose, condicionais sem apódose ou com apódose e/ou prótase sem verbo não serão incluídas na análise.

A condicionalidade, então, passa a ser avaliada a partir do tópico (ii) elencado no capítulo teórico, qual seja **a relação que se estabelece entre prótases e apódoses** inseridas por *se* em construções complexas, ambas com verbos na prótase e na apódose. Há, nesse sentido, outros vínculos possibilitados pelas condicionais, que não excluem a noção de condição, mas que se somam a ela. Ou seja, ainda que o *se* condicional já expresse uma sentença condicional, isso não significa que, necessariamente, a noção de causa-consequência, característica prototípica da condicionalidade, será o único traço nas condicionais, como já pudemos confirmar por outros trabalhos apresentados (por exemplo, LEÃO, 1961; JOHNSON-LAIRD; 1986; SWEETSER, 1990; DIK, 1990). Assim, analisamos a vinculação sintática do ponto de vista de seu encaixamento e de sua dependência semântica.

O quadro 9 mostra os tipos de vínculos entre prótase e apódose encontrados em nosso *corpus*. Esses serão detalhados e exemplificados na sequência. A sintaxe, de um modo geral, e as condicionais, em particular, podem ser pensadas em uma perspectiva escalar, em um continuum, como veremos.

Quadro 9 - Natureza de vinculação entre as condicionais

Natureza da vinculação	Encaixamento	Dependência
1- Hipotática	[-]	[+]
2- Paratática	[-]	[-]

Fonte: própria

Esquema de vinculação em continuum



Fonte: própria

Vemos uma gradação de vinculação sintático-semântica entre as sentenças. Antes, no entanto, de avançarmos nas discussões, ressaltamos que encontramos uma espécie de **condicional de complementação**. Esse não é um tipo de condicional discutido na bibliografia por nós consultada, mas que encontramos no *corpus*; é um tipo de oração que nos parece ser limítrofe entre a subordinação e a hipotaxe e estaria do lado esquerdo do esquema visto acima. Nessas, a prótase se aproxima de um complemento, mas de modo distinto da ideia prototípica de complementação (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008). Vejamos os exemplos 38 e 39, retirados do corpus de análise.

38- V. Exa. *há de desculpar-me se interrompo* (Caminho da Porta, Machado de Assis)

39- *Menino, se você estava ébrio quando me falou, eu não tenho culpa.* (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)

40- *De vez em quando ia verificar se a mosca ainda estava lá.* (As doutoras, França Júnior)

Casos como o que vemos em 40 são efetivamente tratados como completivas na literatura e, nesse caso, *se* seria um complementizador e não uma conjunção condicional (GONÇALVES, SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008). Assim, é evidente a relação de encaixamento que se estabelece entre a subordinada e a principal, a partir do verbo “verificar” (“verificar” o quê? “se a mosca ainda estava lá”). Em 38, no entanto, o estatuto subordinativo, muito próximo das orações encaixadas, ocorre porque o verbo “desculpar” exige não apenas o complemento direto, mas também o indireto: “desculpa-se alguém de algo”. Nesse sentido, “se interrompo” ocupa a complementação indireta “de algo”. A ordem indireta facilita esse tipo de leitura: “há de desculpar-me” do que? “se interrompo”. Podemos afirmar que se trata de uma oração substantiva, mas também poderia facilmente ser lida como uma oração condicional, tais como as epistêmicas ou mesmo de atos de fala (SWEETSER, 1990): partindo da premissa de que “estou interrompendo”, “há de desculpar-me” em que “desculpar” opera no nível da enunciação. Nesse sentido, quando invertemos a ordem (*Se interrompo, há de desculpar-me*), tal noção evidencia-se com maior facilidade. É o que temos, por exemplo, no exemplo 39. Ainda que haja uma certa premissa e conclusão, tal como nas denominadas por Sweetser (1990) de epistêmicas, o estatuto de complementação da prótase (“*não tenho culpa*” de que? “*se você estava ébrio quando me falou*”) é também evidente. Invertendo a ordem, a leitura subordinativa das substantivas fica ainda mais visível: “*eu não tenho culpa se você estava ébrio quando me falou*”.

Assim, seriam condicionais de complementação essas que são limítrofes entre subordinação e hipotaxe, as dos exemplos 38 e 39. Tais tipos de orações não apareceram com tanta frequência no *corpus* analisado, e também por isso foram excluídas, mas sentimos a necessidade de reportá-las, uma vez que sobretudo a inversão da ordem é que gera a leitura condicional.

As condicionais hipotáticas se referem às genuinamente condicionais com condicionalidade de acordo com os trabalhos aqui elencados e se aproximam em boa parte das denominadas condicionais de conteúdo por Sweetser (1990) ou das predicativas por Dik (1990). Relativizamos com “em boa parte” porque, por um lado, as sentenças se aproximam na medida em que o conteúdo da apódose depende semanticamente do conteúdo da prótase; por outro, se afastam da classificação e dos critérios que parecem se sobrepor na análise funcionalista: ora critério sintático, ora critério semântico, ora critério pragmático-discursivo. Embora isso não fique muito claro na proposta de Sweetser (1990), o que ela considera é se as duas orações constituem uma asserção, ou se constituem duas asserções distintas. Ao diferenciar as condicionais do tipo epistêmicas das de conteúdo, usa-se o critério da vinculação sintático-semântica: as condicionais de domínio epistêmico ligam premissas e conclusões e as de conteúdo possuem causalidade entre eventos e situações descritas – uma asserção. Mas as condicionais consideradas de atos de fala são consideradas a partir de seu valor pragmático-discursivo, uma vez que se considera uma condicional de atos de fala quando as prótases são usadas como comentários sobre os atos de fala presentes nas apódoses – duas asserções.

Para nós, condicionais hipotáticas são aquelas que possuem em sua estrutura uma relação de causa na prótase e consequência na apódose. A causa é, pois, uma condição necessária para os eventos da apódose. Tais tipos são os que mais nos interessam porque evidenciam valores ligados ao grau de hipoteticidade tanto na prótase quanto na apódose, e é, no interior dessas, que encontramos as condicionais por nós denominadas de *potenciais* e *irreais*⁴⁴, universo de interesse deste trabalho. Isto posto, nas condicionais hipotáticas, há uma relação explícita entre causa e consequência. Vejamos os exemplos a seguir:

⁴⁴ Como ficará claro em nossa classificação, não se trata do termo *irrealis* no sentido de Givón (1995). Uma comparação plausível será do que consideramos *irrealis* com o que o autor considera como condicional contrafactual e condicional subjuntiva. O que chamamos de *irrealis* se aproxima daquilo que Neves e Braga (2016) consideram como irreal/contrafactual e de potencial aquilo que as autoras denominam de potenciais/eventuais.

- 41- Se ele deixá por um conto e quinhento, compro. (A capital Federal, Arthur Azevedo)
 42- Se conseguir, é sua a minha mão. (Amor por Anexins, Arthur Azevedo)
 43- Se quiser, será sua mulher. (Um assovio, Qorpo-Santo)

Em 41, vemos que a realização da apódose (“comprar”) depende da satisfação de uma condição anterior (“deixar por um conto e quinhentos”); em 42, a realização da apódose está condicionada a um dos personagens “conseguir” algo; em 43, “ser mulher” de um dos personagens depende semanticamente do desejo deste. Nesses casos, diferentemente das condicionais de complementação, essas guardam, na prótase e na apódose, um vínculo sintático de menor encaixamento na estrutura argumental, mas dependem semanticamente uma da outra.

Já nas **condicionais paratáticas**, prótases e apódoses não se caracterizam nem por um encaixamento sintático e nem por uma dependência semântica *stricto sensu*. Essas se aproximam tanto das consideradas por Sweetser (1990) de epistêmicas quanto das consideradas como atos de fala. O denominador comum dessas, como podemos ver, são as duas asserções de ambos os tipos de arranjos que possuem um estatuto muito próximo da coordenação. Consideramos que há, nessas condicionais que chamamos de paratáticas, duas asserções, não necessariamente vinculadas sintática e semanticamente, por isso faz sentido manter as de ato de fala e as epistêmicas nessa mesma categoria. Peres e Mascarenhas (2006) dizem o seguinte a respeito da proposta tripartida de Sweetser (1990):

A modalidade epistêmica pode ser vista como uma forma de relação de explicação (ou "conjunção causal", nos termos de Sweetser) entre uma proposição e um ato de fala, ou seja, um ato assertivo. Se esta perspectiva é adotada, os modos de ato epistêmico e de fala podem vir sob um guarda-chuva pragmático único, contrastando apenas com um tipo de conexão puramente semântica ("conteúdo" ou "mundo real" de Sweetser)⁴⁵ (PERES; MASCARENHAS, 2006, p. 42, tradução nossa)

Estamos de acordo com o que os autores propõem e, partindo disso, defendemos o rótulo parataxe para esse tipo de condicional, uma vez que o vínculo causal entre prótase e apódose não se materializa sintaticamente. Os valores vinculados nesses tipos de condicionais vão emergir de todo o seu arranjo, como veremos posteriormente. Vejamos,

⁴⁵ Do original, the epistemic mode can be seen as a form of explanation relation (or “causal conjunction”, in Sweetser’s terms) between a proposition and a speech act, namely an assertive one. If this perspective is adopted, the epistemic and speech act modes can come under a single pragmatic umbrella, contrasting only with a purely semantic (Sweetser’s “content” or “real-world”) kind of connection. (PERES; MASCARENHAS, 2006, p. 42)

a princípio, a partir dos exemplos a seguir, a natureza de vinculação das condicionais paratáticas:

- 44- Mas se me faltasse esse noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes. (Amor por anexins, Arthur Azevedo)
- 45- Se na loja do Pacífico não tiver, tem na do Leite, na do Rodolfo, ou do Paradedá. (Matheus e Matheusa, Qorpo-Santo)
- 46- Se o não tenho satisfeito, é porque me tem sido impossível (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)

Há, em 44-46, uma relação distinta das orações consideradas hipotáticas, porque não necessariamente há uma dependência semântica⁴⁶ ou um tipo de vínculo de causalidade da prótase para a consequência da apódose. Diferentemente, há na apódose uma informação relevante ou a explicação do contexto anterior: em 44, a existência de outros rapazes que “têm feito pé-de-alferes” não depende da falta do noivo, mas é relevante que se saiba que, se faltar um noivo, de algum modo, “já há outros”. Também em 45, a existência de algo na loja do Leite, Rodolfo ou Paradedá não depende da ausência na loja do Pacífico, mas é relevante o interlocutor saber que, caso não haja na loja do primeiro, haverá na dos outros. Já casos como o do exemplo 46, como já abordado por nós nesta tese, ainda que se aproximem das causais, mostra uma estrutura mais próxima da coordenação com uma explicação acerca da não satisfação. Diferentemente das condicionais hipotáticas, em que a prótase é condição necessária ou causa do evento da prótase, há uma inversão em 46, em que a apódose é a causa da prótase: “tem sido impossível e por esse motivo o personagem não tem “satisfeito” ou “o personagem não tem satisfeito porque tem sido impossível”.

Quando nos referimos aos **(iii) valores associados a esses arranjos**, não excluimos os níveis sintático-semântico, mas seguimos em direção ao nível pragmático-discursivo. Vejamos o quadro 10:

⁴⁶ A dependência pode ocorrer nas paratáticas no nível pragmático.

Quadro 10 - Vínculo e valor nas condicionais

Vínculo Sintático-semântico	Valor discursivo-pragmático
Hipotática	com asserção real com asserção real e aspecto habitual com asserção potencial com asserção irreal
Paratática	→ com informação relevante na apódose → prótase pode ser real, potencial ou estratégia de → prótase pode funcionar como estratégia de polidez com explicação

Fonte: própria

Nas condicionais hipotáticas, ou seja, naquelas em que se mostram dois eventos dependentes semanticamente (primeiro a condição necessária/causa → então a consequência), mas com menos encaixamento sintático, podemos encontrar diferentes valores, como veremos a partir dos exemplos a seguir:

- 47- Se o Sr. não mudar de comportamento, estamos todos perdidos! Teremos em breve de nos servirmos com as nossas próprias mãos! (Um assovio, Qorpo-santo)
 48- Se encontra-me, leva-me o diabo (Casadas solteiras, Martins Pena)
 49- Se o Sr. não tivesse ainda há pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro, eu acreditaria (Mateus e Mateusa, Qorpo-santo)
 50- E se não fôssemos à casa de nossa amiga, nada sabíamos! (Hóspede, Qorpo-santo)
 51- Se a minha presença não lhe agrada, eu me retiro. (Um parto, Qorpo-santo)
 52- Um amor mui diverso do amor ordinário dos salões; um amor capaz de sacrifício, capaz de tudo? Não acredita? [MA-TITIO] - *Se me afirma, acredito*; mas...
 53- Não tenho descanso! Se como, quero! Se não como, desespero! Se bebo, desejo; Se não bebo, almejo! Se saio, apeteço! Se não saio, careço! (Lanterna de fogo, Qorpo-Santo)

Nos exemplos 47-53, notamos a noção de causa na prótase e consequência na apódose. Em 47, “estamos todos perdidos” é uma eventual consequência da não mudança de comportamento; em 48, “diabo levar” é a consequência de um possível “encontro”. Assim, tanto 47 quanto 48 possuem uma consequência eventual, provável, por isso são denominadas de condicionais potenciais. Já em 49 e 50, ainda que haja a noção de causa e consequência, o conteúdo da prótase é negado⁴⁷ e, por consequência, a apódose também. Essas possuem uma asserção de irrealidade, portanto, sendo denominadas de irreais. Em

⁴⁷ Os termos positivo e negativo não se referem às polaridades das sentenças, mas à afirmação ou negação (positivo) por trás delas e sua refutação (negativo). No caso, por exemplo de “E se não fôssemos à casa de nossa amiga, nada sabíamos!”, há prótase positiva (se não fôssemos à casa de nossa amiga) e um pressuposto negativo: fomos à casa de nossa amiga; a apódose positiva (nada sabíamos) é negada por um pressuposto de conteúdo asseverado negativo (agora sabemos).

49, fica claro que o personagem não “acredita” e somente acreditaria se seu interlocutor não tivesse “ainda há pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro”. Ou seja, o interlocutor “tirou a sorte grande” e, portanto, a consequência é a asserção de o personagem “não acreditar”. O mesmo ocorre em 50, pois, negando-se a prótase, vemos que ocorreu a ida à casa e, assim, sabe-se sobre algo. Nas hipotáticas irrealis, então, há uma relação de negação do conteúdo da prótase, a partir da relação que se estabelece com a apódose. Quando há morfologia de futuro do pretérito composto, essa noção fica mais evidente, em exemplos como “Se José tivesse tido dinheiro, teria comprado uma ilha”. Há prótase positiva (se José tivesse tido dinheiro) e o pressuposto negativo (José não teve dinheiro), e a apódose positiva (teria comprado uma ilha) é negada por um pressuposto de conteúdo asseverado negativo (não comprou a ilha). Questões relativas às formas verbais serão tratadas posteriormente, no entanto, de modo que o exemplo aqui reportado trata-se apenas de uma ilustração do que estamos chamando de irrealidade e alguns autores chamam de contrafactualidade ou de condicional subjuntiva.

Nos exemplos 51 e 55, há o mesmo vínculo sintático-semântico de hipotaxe, mas se relacionam a esses arranjos uma asserção distinta: a presença do personagem não agradar ao seu interlocutor é a causa para esse se retirar, bem como “não querer” que a personagem “viva” naquele espaço é a causa para o mesmo personagem ir para a “Côrte”. Essas condicionais denominamos de hipotáticas com asserção real, uma vez que a prótase é proferida com asserção de maior certeza, em que a conjunção *se* poderia ser substituída por “já que”: “já que a minha presença não lhe agrada, eu me retiro” ou “já que me afirma, acredito”.

O que ocorre em 53 é o que denominamos de condicionais com asserção real/potencial que aciona também aspecto – habitualidade. Essas sentenças se mostram um tipo de condicional que se encontra em uma escala intermediária entre reais e potenciais: há uma asserção de verdade a partir da noção aspectual iterativa, mas a prótase das habituais não mostra a verdade das reais (*já que como, quero**), que se assevera a partir de algo estabelecido, observado ou afirmado, como uma espécie de topicalização (HAIMAN, 1978); essas prótases mostram uma espécie de potencialidade que se constrói a partir da habitualidade: “quando/sempre que como, quero”, como se vê no exemplo 53.

Chamamos, pois, a atenção para o fato de que há nuances quanto ao tipo de asserção entre prótase e apódose mesmo no interior de uma vinculação causal, ou seja, nas condicionais com condicionalidade. Nessas, há uma escala de asserção sendo evidenciada – que vai daquilo asseverado como [+real] ao [+irreal]. Esse domínio da modalidade pode

ser, além disso, atravessado por questões aspectuais e temporais. Nesse caso, o grau de asserção/hipoteticidade pode acionar outros domínios das categorias de TAM, que também estão imbricadas nesse processo. Como nosso foco de análise recai sobre as potenciais e as irreais, deve ficar claro que a diferença entre elas é de modalidade. No entanto, como já vimos, noções de tempo e modalidade estão intimamente imbricadas. Projetar-se para o futuro (tempo) envolve naturalmente possibilidade/eventualidade (modalidade), enquanto asseverar acerca de algo que já aconteceu/acontece ou é/não é, em que se nega o conteúdo da prótase, envolve contrafactualidade. Essas noções só podem ser depreendidas no, entanto, no arranjo. Os exemplos 54 e 55 ilustram isso:

54- O que mais me preocupa é verificar que **hoje** eu não seria capaz de um gesto desses. ***Se visse** um homem morrendo, com falta de ar, eu o **deixaria** morrer. Não **colaria** a minha boca na dele, não lhe daria o ar dos meus pulmões.* (O Santo Inquérito, Dias Gomes)

55- **Há quinze dias** que chegamos... [MP-BOLINGBROK] Yes! [MP-JOHN] E **há oito** que nossos negócios estão concluídos, e ***estariamos** já de volta, se não **fosse** o amor que nos prende.* (As casadas solteiras, Martins Pena)

Há uma asserção distinta entre 54 e 55 e questões relativas ao tempo contribuem para essa diferenciação. Em 54, não vemos negação da prótase, de modo que o personagem postula o que faria (ou não) se visse um homem morrendo. Note que ver um homem morrer ainda pode acontecer e se mostra como algo presentificado, recuperado pelo advérbio “hoje”. Condicionais como essas não são consideradas por nós como irreais, pois não é “impossível” que se veja um homem morrendo, de modo que o estado de coisas da prótase encontra-se em suspensão. Condicionais como essas são também consideradas potenciais, mas somam-se à eventualidade as estratégias de polidez e de preservação da face relacionadas ao uso de futuro do pretérito, por exemplo. Quando formos discutir acerca dos tempo-modos verbais nas condicionais encontradas, isso será melhor detalhado. Queremos chamar a atenção apenas para o fato de que 54 envolve uma asserção potencial e 55 uma asserção irreal, a partir da qual se nega a volta da personagem para seu país, devido ao amor que sente por outra personagem: tal volta poderia ter ocorrido logo após o término dos negócios, não fosse o sentimento. Há, nesse sentido, prótase positiva (se não fosse esse amor) e pressuposto negativo (é esse amor a causa); a apódose positiva (estariamos de volta) é negada por um pressuposto negativo (não voltamos).

Os arranjos são muito heterogêneos e dinâmicos, de modo que também encontramos potenciais que se projetam em um evento em potencial no passado (exemplo 56), e reais com projeção para o passado (exemplo 57) e para o presente (exemplo 58), como nos exemplos que se seguem.

- 56- [DG-VELHO] (Começa a se inquietar) – Nada ainda? [DG-RIBA] – Nada. [DG-VELHO] – É... (Consulta novamente o relógio) [DG-RIBA] – Escute, velho, *você não acha perigoso esperar tanto? Se eles caíram, vão ser torturados... Até falar.* (Campões do mundo, Dias Gomes)
- 57- Oh, não, o senhor não tem culpa de nada. *Se pequei, devo pagar sozinha* pelos meus pecados. (Santo Inquérito, Dias Gomes)
- 58- [PM – GÁ] - Dá pra Gá! Gá quer! [PM – COCO] - *Se tu quer, eu te dou.* [PM – GÁ] - (Alegre) Dá! Dá! (Tenta pegar) (Homens de Papel, Plínio Marcos)

Além disso, as condicionais hipotáticas também podem operar no nível interpessoal, a partir de atos de fala, em exemplos como o que se vê em 59.

- 59- [MP-MARIQUINHA] - Jamais o ousarei! [MP-FELÍCIO] - Pois bem, *se o não ousas dizer, fujamos.* (Dois ingleses maquinistas, Martins Pena)

Esses aspectos serão melhor explorados nas análises, que discutem as combinações verbais em cada tipo de arranjo e mostram as restrições contextuais de uso de cada uma.

Nas **condicionais paratáticas**, ou seja, nas que não possuem necessariamente uma relação de causa e consequência, há uma **premissa** da qual se parte para, em seguida, (i) explicá-la; ou (ii) adicionar a ela uma informação relevante.

- 60- Se o não tenho satisfeito, é porque me tem sido impossível (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)
- 61- Se na loja do Pacífico não tiver, tem na do Leite, na do Rodolfo, ou do Paradedá. (Matheus e Matheusa, Qorpo-Santo)
- 62- Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele não foge. (Colocam-se juntas do armário, silenciosas.) (Martins Pena, O noviço)

Em 60, a apódose serve como uma explicação da prótase (LEÃO, 1961) e não o inverso que ocorre com as hipotáticas (a apódose é consequência). Já a sentença 61 possui na apódose uma informação relevante para o caso de “não ter” nas lojas listadas. As informações relevantes podem se materializar no nível do enunciado, mas também o podem no nível da enunciação, como o que vemos em 62. Nessas, “pode sair e passear” é uma chancela que opera no nível da enunciação, como um ato ilocucionário indireto, mas que não mantém vínculo causal com a prótase e não deixa de ser uma informação

relevante: é relevante você saber que “pode sair e passear”, “se você quiser”, em que a chancela ou possibilidade existente ocorre de forma afirmativa na apódose. Assim, independentemente de se querer ou não, “pode-se”/“existe essa possibilidade”. Como prótase e apódose possuem maior independência, a prótase das paratáticas também pode funcionar como uma asserção potencial ou real sobre a qual se adiciona uma informação relevante, mas a relação que se estabelece com a apódose é distinta das hipotáticas. Uma sentença como “*Se seu Eusébio não soubesse ser pai, aqui estou eu que hei de sabê-lo*” (A Capital Federal, Artur Azevedo)” mostra a eventualidade da prótase. No entanto, “estar aqui” não depende semanticamente de seu Eusébio não saber ser pai. Como veremos melhor no capítulo de análise, a prótase pode servir até mesmo como estratégia de polidez, que opera no nível comunicativo.

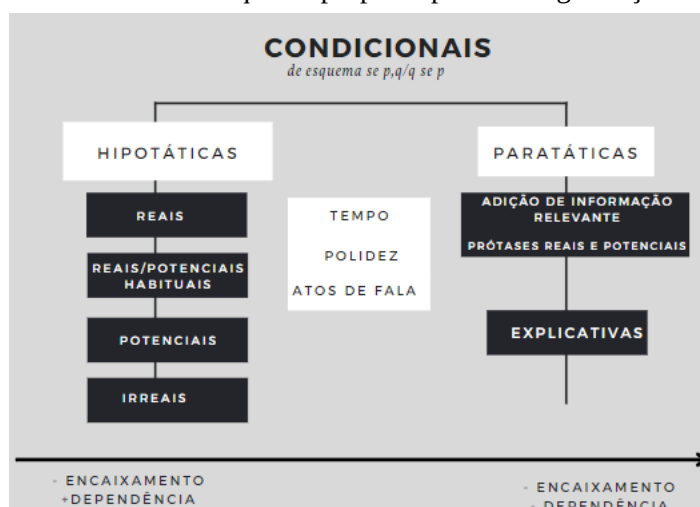
Em 63 algo semelhante ocorre, mas a informação relevante vem na forma de um ato ilocucionário direto.

63- Se lhe posso ser útil, disponha de mim. (Suplício de Mulher, Machado de Assis)

Nesse tipo de oração, a prótase é um comentário polido e o que se tem é a declaração da apódose em formato de declaração imperativa, interrogativa ou exclamativa. Assim, “disponha de mim” é uma informação relevante tal como “saiba que você pode contar comigo” ou “você pode contar comigo”, mas essa informação relevante opera no nível interpessoal.

Retomamos, então, a figura reportada no início deste subcapítulo.

Figura 8 - Retomada do esquema proposto para a categorização das condicionais



Fonte: própria

Pelo esquema da figura 8, a proposta parte de um quadro hipotético mais amplo, pensa nos tipos de vinculação e nos valores a eles relacionados de forma geral: nas hipotáticas, se se trata de uma sentença com asserção real, real/habitual com habialidade, potencial e irreal. Todas essas podem ter aspectos relativos a tempo, polidez e atos de fala acionados, em maior ou menor medida. Nas paratáticas, o vínculo sintático é distinto, mas as prótases também podem indiciar potencialidade e realidade, ou polidez, mas a apódose apresenta uma informação relevante ou uma explicação da prótase. Nessas, aspectos relativos ao tempo, polidez e atos de fala também são acionados, em maior ou menor medida. Nas paratáticas, o vínculo sintático é, pois, mais frouxo.

Em síntese, trata-se de uma análise complexa, pois, como se viu nas discussões até aqui, nem sempre a relação que se estabelece entre prótase e apódose é a da causalidade, de modo que, partindo de domínios funcionais, há possibilidade de uma estratégia estrutural como *se p,q* cumprir diferentes funções, simultânea ou alternadamente, o que reforça o caráter multifuncional da análise. Além disso, diferentes categorias podem ser acionados e se somarem à noção de hipoteticidade nas sentenças condicionais, sem que a noção de hipoteticidade se perca, como é o caso de polidez e de atos de fala. Aspectos relativos ao tempo também podem ser acionados. Um uso categórico de determinada combinação em um tipo de condicional, que não parece ser intercambiado sem prejuízo de sentido com nenhuma outra combinação verbal, pode mostrar restrições funcionais; um uso heterogêneo, no entanto, ainda que haja preferências contextuais, pode mostrar variação. Quando se trabalha além da descrição, “outros tipos de significados, e mesmo nuances de significado referencial” (PAIVA; SCHERRE 1999, p. 210), podem ser tomados como variáveis que se correlacionam ao fenômeno.

O diferencial deste trabalho reside no fato de analisarmos as combinações verbais no interior de cada tipo de arranjo e de relação, olhando para diferentes aspectos linguísticos, e pela perspectiva diacrônica, levando-se em conta variáveis sociais nem sempre exploradas em outros trabalhos. Uma descrição geral será feita acerca dos tempo-modo verbais presentes em cada tipo de arranjo, mas o foco desta tese recai sobre as formas realmente empregadas em hipotáticas potenciais e irrealis, como já mencionamos. Nessas, olharemos para a variação e mudança do quadro verbal.

O trabalho de Gryner (1990;1995; 2003, 2012), aquele do qual o nosso trabalho mais se aproxima, é um dos mais completos encontrados na literatura sociolinguística acerca da alternância de formas verbais em apódose e prótase de condicionais potenciais

(eventuais ou possíveis) e contrafactuais (irreais ou impossíveis) do PB, tanto pela perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Todavia, a linguista operacionalizou a alternância nas duas partes da construção separadamente, medindo os graus de vinculação das sentenças condicionais (GRYNER, 1995). Diferentemente, nossas variantes surgem como as combinações modo-temporais nesse universo de potencialidade e irreabilidade. Tal fato se justifica por assumirmos que a gradação de hipoteticidade emerge do contexto de interação entre os elementos da prótase e da apódose, quando avaliadas conjuntamente, e não exclusivamente pelas desinências verbais, como já pudemos brevemente observar pelas elucidações. Ora, se a própria delimitação da variação depende da análise dos significados atrelados à construção, torna-se imprescindível olhar para a relação prótase-apódose como um todo, pois é nessa articulação que poderemos captar o sentido veiculado.

3.3.2 Combinações verbais que compõem os envelopes

Como já mencionamos, as desgarradas (*Mal educado... Se descesse do carro pelo menos.../ Cala a boca senão eu grito, Leilah Assunção*) ou sem verbo na apódose (*Abel, se te mereço, piedade.../ Abel e Helena, Artur Azevedo*), bem como as paratáticas (*Se a história do movimento estudantil precisa de bucha de canhão, estamos aí/ À prova de fogo, Consuelo de Castro*) e as hipotáticas reais e habituais (*se tá todo mundo querendo se juntar contra um cara que é ruim, nós está com essa gente./ Homens de papel, Plínio Marcos*) serão listadas e discutidas brevemente na análise, mas não entram na análise quantitativa visto que só nos interessa as sentenças condicionais inseridas por –se com verbos na prótase e na apódose, que sejam hipotáticas potenciais e irreais, tal como nos exemplos a seguir.

64- Se eu **descobrir** que minha mulher é perdida, **morro** de desgosto. (Farsa da boa preguiça, Ariano Suassuna)

65- Se o Sr. não **fosse** mais namorado que um macaco preso a um cepo, certamente não **diria** - que sou velha. (Juiz de Paz na roça, Martins Pena)

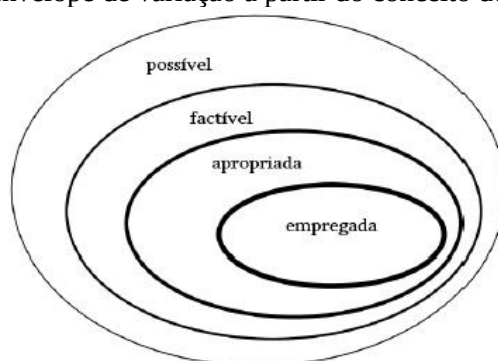
As sentenças 64 e 65 são, respectivamente, exemplos de condicionais potenciais e irreais, que possuem combinações modo-temporais que entram para a análise. No caso de 64, temos a combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo; já em 65 temos imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo. Ambos os tipos de

condicionais e, por consequência as combinações nesses contextos, fazem parte de envelopes de variação distintos, por expressarem modalidades distintas: potencialidade e irrealidade, respectivamente. Para observarmos quais formas estariam em variação com essas, dentro de cada envelope, procuramos fazer testes de comutação de combinações dentro de cada arranjo, observando se o pressuposto se mantinha o mesmo, com base em Stalnaker (1978, 2002).⁴⁸ O pressuposto, segundo Stalnaker (2002), refere-se a um fundo comum, ou seja, às ferramentas utilizadas pelos locutores para resgatar os referentes comuns entre os interlocutores.

Encontramos 44 combinações modo-temporais distintas e seu detalhamento será reportado durante a análise. Como se poderá ver, há arranjos condicionais variados, junto de uma quantidade expressiva de combinações modo-temporais. Não serão todas as combinações modo-temporais que entrarão na análise e, para isso, algumas decisões metodológicas são tomadas.

Na Teoria da Variação e Mudança, para além da gramaticalidade, a frequência é fundamental para que possamos medir a expansão ou retração de determinada variante. Nesse sentido, assim como fizemos em Brandão (2018), trabalharemos com a noção de competência comunicativa, de Hymes (1972), para o qual uma forma pode ser (i) possível (ou seja, gramatical), (ii) factível (viável, em termos de possibilidade de um falante utilizá-la no arranjo linguístico), (iii) apropriada (em termos de adequação no interior da situação) e (iv) empregada (ou seja, realmente utilizada). Nossos envelopes de variação se definirão a partir das formas de fato empregadas no interior de cada condicional, aí inclusos todos os demais atributos anteriores. Vejamos a figura 9.

Figura 9 - Definição do envelope de variação a partir do conceito de competência comunicativa



Fonte: OUSHIRO, 2011, p. 57.

⁴⁸ Para mais detalhamento, ver Brandão (2018)

Para que uma forma seja empregada, ela precisa, necessariamente, ser apropriada, factível e possível. Ou seja, os atributos são cumulativos: uma forma somente é factível se for possível, apropriada se for factível e empregada se for apropriada. Por conseguinte, nosso universo de estudo se define pelo subconjunto de formas empregadas, que está contido em todos os demais (BRANDÃO, 2018). Por formas de fato empregadas estamos entendendo que, sendo este um estudo variacionista, testes estatísticos são feitos a fim de que se compreenda a variação, quando reconhecida. Isso posto, assumimos uma quantidade mínima de dados para a análise quantitativa – 30 dados⁴⁹ –, com base em Guy (1980). Além da questão numérica, há um aspecto fundamental na avaliação das condicionais – os diferentes significados resultantes de diferentes arranjos, como temos lembrado desde o início. É por isso que, como veremos na análise, não teremos apenas um único envelope de variação e a definição desses envelopes faz parte do estudo empírico.

Reportamos novamente o quadro, já apresentado na introdução, que contém dois envelopes de variação, com suas respectivas variantes, lembrando que nossas variantes se referem às combinações verbais na prótase e na apódose de hipotaxes condicionais potenciais e irrealis. Esse é, pois, o fenômeno em estudo.

Quadro 11 - variantes que compõem os dois envelopes de variação

	Variantes	Exemplo
Envelope 1 Potenciais	Futuro do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>haver</i> (<i>fs+haver</i>)	Se José tiver dinheiro, há de comprar uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + futuro sintético (<i>fs+fut</i>)	Se José tiver dinheiro, comprará uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>ir</i> (<i>fs+ir</i>)	Se José tiver dinheiro, vai comprar uma ilha.
	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo (<i>fs+pres</i>)	Se José tiver dinheiro, compra uma ilha.
	Presente do indicativo + Presente do indicativo (<i>pres+pres</i>)	Se José tem dinheiro, compra uma ilha.
Envelope 2 Irreais	Imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito (<i>pis+fp</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, compraria uma ilha.
	Imperfeito do subjuntivo + perífrase formada a partir de <i>ir</i> (<i>pis+ia</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, ia comprar uma ilha.
	Imperfeito do subjuntivo + imperfeito do indicativo (<i>pis+pi</i>)	Se naquele tempo José tivesse dinheiro, comprava uma ilha.

Fonte: própria

⁴⁹ Guy (1980) assume 30 dados como mínimo para a análise estatística. No entanto, há uma combinação em específico que apareceu 29 vezes em nosso trabalho (*fs+haver*) e, portanto, será incluída na análise porque a literatura prevê seu uso como variante.

Os detalhes e os motivos pelos quais chegamos a essas variantes e a esses envelopes serão reportados na análise. Pela história da língua e pelos resultados já encontrados com dados de fala (BRANDÃO, 2018), chegamos a um continuum em que consideramos determinadas combinações mais inovadoras ou mais conservadoras. Por conservadoras, estamos assumindo futuros sintéticos em apódoses e uso de modo subjuntivo em prótases, partindo de resultados de estudos empíricos já realizados sobre o fenômeno (OLIVEIRA, 2006; COSTA, 2003; POPLACK *et al.*, 2018; DIGESTO, 2020). Nesse caso, podemos traçar um continuum entre os traços mais conservadores e mais inovadores com expressão de potencialidade tanto na prótase (em relação à alternância de modo) quanto na apódose (em relação à alternância de tempos verbais)⁵⁰.

Nas potenciais:

[+conservador]

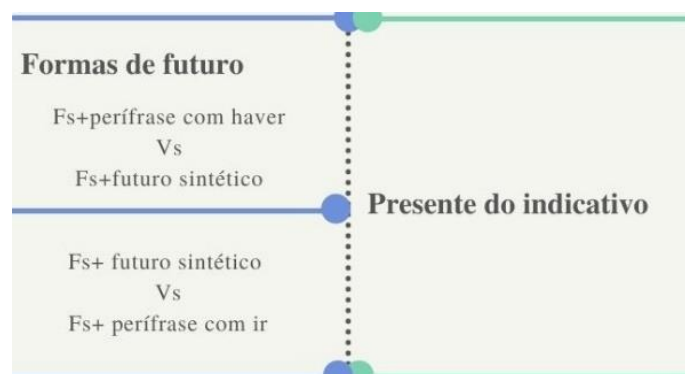
[+inovador]

Modo subjuntivo > *Modo indicativo*

Perífrase com haver > *futuro sintético* > *presente do indicativo* > *perífrase com ir*

Há algumas particularidades, no entanto, pois presente do indicativo parece ser uma forma básica que se mantém estável nas primeiras sincronias e tem seu uso ampliado com o tempo, variando com as formas de futuro (simples e perifrástico), como no esquema a seguir:

Figura 10 - Esquema de hipótese de variação e mudança em condicionais potenciais



Fonte: própria

⁵⁰ Isso significa que as formas elencadas como inovadoras não necessariamente não existiam na língua, mas essas expressavam outros valores que não a princípio o da potencialidade.

O esquema ilustra processos paralelos ocorrendo: fs+perífrase com haver variando com fs+fut; ambas as formas de futuro, por sua vez, variam com o presente do indicativo. Após o desaparecimento de fs+perífrase com haver, fs+fut passa a variar com fs+perífrase com ir; ambas as formas de futuro, por sua vez, variam com o presente do indicativo, conferindo ao presente uma espécie de forma básica e estável nas condicionais.

Também podemos fazer isso com as irrealis⁵¹:

Nas irrealis

[+conservador]

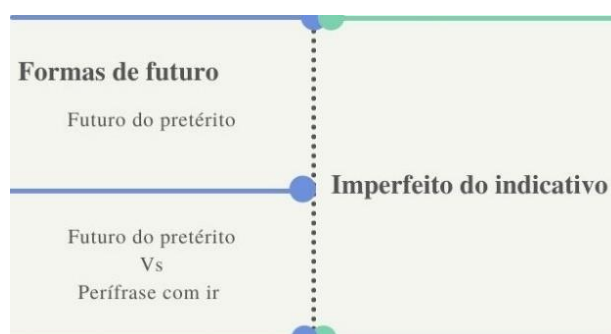
[+inovador]

Modo subjuntivo > *Modo indicativo*

futuro do pretérito > *imperfeito do indicativo* > *perífrase com ir*

No caso das irrealis, a forma mais básica seria a de imperfeito do indicativo, que estaria concorrendo com futuro do pretérito que, por sua vez, estaria concorrendo com a forma perifrástica formada a partir de *ir*. O esquema da figura 11 ilustra essa ideia.

Figura 11 - Esquema de hipótese de variação e mudança em condicionais irrealis



Fonte: própria

3.4 Definição das variáveis correlacionadas ao fenômeno

Tentamos manter um paralelismo de análise entre as potenciais e as irrealis, uma vez que nossa hipótese é de que a mudança no quadro verbal em ambas tem seguido

⁵¹ Não encontramos empregabilidade (mais de 30 ocorrências) por parte de imperfeito do subjuntivo e perífrase com haver, bem como empregabilidade de indicativo em prótases de irrealis.

processos paralelos, ainda que a mudança no quadro verbal das irreais esteja em momento anterior em relação ao que ocorre nas potenciais.

A primeira variável correlacionada ao fenômeno é periodização, pois a hipótese de mudança emerge da cronologia. Entre as variáveis independentes de natureza linguística correlacionadas ao fenômeno estão (i) paradigma de conjugação, (ii) semântica verbal, e (iii) ancoragem temporal. Entre as variáveis independentes de natureza social, estão (i) sexo, (ii) fase da vida, (iii) grau de instrução e (iv) classe social. O quadro 12 sintetiza os níveis de cada variável, o que vai ser melhor explorado a seguir.

Quadro 12 - Variáveis independentes correlacionadas ao fenômeno

Natureza	Variáveis independentes	Variantes
Histórica	Periodização	(XIX, XX-1, XX-2 e XX-3 ⁵²) <i>Amálgama</i> : sincronia 1 / sincronia 2 / sincronia 3.
Social	Sexo	feminino / masculino
	Fase da vida	Fase 1, fase 2 e fase 3 <i>Amálgama</i> : jovens adultos / adultos mais velhos
	Instrução	Sem instrução, básica, técnica e avançada <i>Amálgama</i> : instrução básica ou nenhuma / instrução técnica ou avançada
	Classe social	Classe 1, classe 2, classe 3, classe 4 <i>Amálgama</i> : classes 1 e 2 / classes 3 e 4
Textual	Tema da peça	[+objetivo] [+subjeto]
Linguística	Paradigma de conjugação	Verbos de primeira conjugação / verbos de segunda ou terceira conjugação
	Semântica verbal	Verbos de processo / verbos de estado
	Ancoragem temporal	Ancoragem imediata / ancoragem deslocada

Fonte: própria

O primeiro aspecto relevante do quadro se refere à necessidade de amálgamas que foram realizadas durante a análise sobretudo com as variáveis sociais. Essas amálgamas seguidas da alteração do nome dos níveis possuem um respaldo conceitual, mas também estatístico, como ficará claro. A periodização, por exemplo, vai nos mostrar que a mudança começa a ocorrer de forma significativa apenas após XX-1, o que nos permite amalgamar XIX e XX-1 em uma única sincronia, qual seja a sincronia 1. Amalgamar variantes de fase da vida, instrução e classe social também tem esse tipo de respaldo, mas

⁵² Vamos nos referir aos períodos com essa enumeração para facilitar a compreensão. Quando utilizarmos apenas XIX, estaremos nos referindo ao período de 1831-1889; quando for XX-1, o período de 1890-1930; quando XX-2, ao período de 1931-1964 e, quando XX-3, ao período que compreende de 1964 a 2010.

há, ainda, um aspecto fundamental: nem sempre tivemos um número considerável de personagens pertencentes a determinadas categorias sociais. A título de exemplificação, foram raras as representações de personagens pertencentes à fase 1 (criança/adolescente) nas peças. Isso tem a ver com a própria configuração do gênero dramático e será melhor discutido posteriormente.

Além dessas, há variáveis aleatórias, como identidade lexical, autor da peça e personagem que serão considerados tanto na análise descritiva quanto na inferencial. Discussão especial será destinada à análise da identidade lexical, por termos hipóteses específicas a seu respeito, como o fato de não ser ortogonal, haja vista, por exemplo, a relação entre verbos de primeira conjugação (em boa parte regulares) e de segunda e terceira conjugação (em boa parte irregulares) e a identidade lexical: identidades lexicais mais frequentes são também em sua maioria de 2ª e 3ª conjugação, enquanto as menos frequentes são em sua maioria de primeira conjugação.

Vamos seguir a ordem do quadro para a apresentação e incluiremos a discussão da identidade lexical após a discussão da morfologia verbal, uma vez que noções de frequência em ambas caminham juntas.

3.4.1 De natureza histórica – periodização

Como já discutimos acerca da periodização por nós adotada anteriormente, seguindo o que propõe o projeto *Língua EmCena*, vamos aqui apenas tecer algumas considerações e elencar nossas hipóteses. A primeira consideração é que, por mais que tenhamos como hipótese um caminho de mudança, como sabemos, o caminho não é tão linear e pode haver ramificações, ou processos paralelos de mudança.

Além disso, a mudança pode seguir em ritmos diferentes, de aceleração ou desaceleração. Com os resultados isso ficará mais evidente e nos permitirá amalgamar as duas primeiras sincronias.

Nossas hipóteses serão construídas para as irreais e para as potenciais do ponto de vista da onomasiologia, isto é, analisamos quais são as combinações modo-temporais no interior de cada uma dessas, que mantêm entre si os valores de irrealidade e potencialidade, respectivamente. No mestrado, chegamos a resultados que nos possibilitaram fazer uma projeção de percurso de mudança linguística, em que a forma verbal prototípica para assegurar a potencialidade e/ou irrealidade da apódose deixaria de

ser o futuro sintético (*comprará* nas potenciais e *compraria* nas irreais) e passaria a ser a forma de imperfeito do indicativo nas irreais (*comprava*) e presente nas potenciais (*compra*), e/ou de perífrases formadas a partir de IR+Infinitivo (*vai comprar* nas potenciais e *ia comprar* nas irreais). Já na prótase, as formas verbais do subjuntivo – exemplo: *tiver*, no caso das potenciais e *tivesse* das irreais - passariam a ser substituídas por formas de indicativo (*tem* nas potenciais, e *tinha* nas irreais)⁵³. Nossa hipótese é, entretanto, que esse processo na prótase está incipiente, sobretudo nas irreais.

As hipóteses elencadas durante o mestrado mostram indícios de que há processos paralelos de variação e uma aparente mudança ocorrendo tanto na apódose quanto na prótase das condicionais. Tal fato não implicaria considerar que os processos paralelos estariam no mesmo estágio. Gryner (2008), em estudo socio-histórico sobre as condicionais, afirma que não observou o comportamento verbal dentro das irreais porque essas se inseririam apenas com o imperfeito do subjuntivo na prótase, de maneira que não seria possível uma variação propriamente dita, já que o uso do subjuntivo é categórico nesses casos, cedendo a essas condicionais um espaço reservado das demais. Também nos deparamos com um resultado semelhante, sobretudo quando analisamos dados de períodos mais remotos, mas nos interessa saber o que isso significa; ou seja, por que nas potenciais se encontram formas de indicativo na prótase e nas irreais não? O momento em que se encontra cada mudança parece ser parte constitutiva da resposta. Além disso, ainda que não haja variação na prótase, na apódose isso parece estar bastante disseminado, como veremos.

Nossa variável é a combinação verbal entre prótase e apódose, mas temos hipóteses referentes às duas. De forma geral, nossas hipóteses são as seguintes:

- (i) Nas apódoses das potenciais, presente do indicativo aparecerá em menor escala que futuro sintético nas primeiras sincronias, e aumentará ao longo do tempo. O futuro sintético, por sua vez, decai com o passar do tempo e dá espaço às formas perifrásticas. Em outras palavras, pode-se dizer que presente está em variação com as formas de futuro; estas formas se subdividem e variam em relação às suas formas sintéticas e perifrásticas.

⁵³ Não se trata de um pareamento *stricto sensu* entre forma e função, mas de prototipia de usos de combinações modo-temporais dentro de cada tipo de condicional.

- (ii) Nas apódoses das irrealis, imperfeito do indicativo aparecerá em menor escala que futuro do pretérito nas primeiras sincronias, e aumentará ao longo do tempo. O futuro do pretérito, por sua vez, decai com o passar do tempo e dá espaço às formas perifrásticas. Nesse caso, imperfeito do indicativo está em variação com as formas de futuro do pretérito sintético e perifrástica.
- (iii) Combinações modo-temporais nas potenciais estão em um processo mais avançado de mudança, de modo que inovam primeiro com as perífrases formadas a partir de *ir* (*vou comprar*) em relação às perífrases com *ir* nas irrealis (*ia comprar*) e trazem a diminuição do futuro sintético primeiro que as irrealis.
- (iv) Mudanças nas apódoses ocorrem primeiro que nas prótases: primeiro modificamos o tempo e depois o modo.
- (v) Combinações com subjuntivo na prótase serão mais frequentes em todos os períodos, tanto nas potenciais quanto nas irrealis. Entretanto, as condicionais potenciais inovarão primeiro que as irrealis na prótase.
- (vi) Identidades lexicais mais frequentes podem frear, entrincheirar, ou alavancar processos de mudança, cristalizando desinências junto do radical.

Além dessas hipóteses, traçamos também um caminho semasiológico com combinações mais frequentes ao longo dos séculos, isto é, analisamos como as combinações se distribuíram com base em seus diferentes vínculos sintáticos e semânticos. Isso dialoga com nossas hipóteses centrais:

- (i) formas prototipicamente utilizadas para a expressão de [+realidade] [+habitualidade] [+verdades atemporais] aumentam seu uso em contexto de [+potencialidade] – como o presente nas potenciais
- (ii) formas prototipicamente utilizadas para a expressão de [+habitualidade] aumentam seu uso em contexto de [+irrealidade], como o imperfeito do indicativo nas irrealis.

3.4.2 De natureza social – perfis sociais de personagens

Como já mencionamos, a categorização dos perfis sociais dos personagens faz parte de um projeto mais amplo. De antemão, vale ressaltar que a correlação do fenômeno em estudo com as variáveis sociais não necessariamente representa os usos linguísticos por determinados grupos em uma dada época, mas a *representação* dos usos, tal como filtrado pelos autores. Isto é, semelhante aos resultados de análises de avaliação, não é exatamente o que as pessoas fazem, mas o que se pensa que elas fazem. Esse tipo de relativização é importante, visto que estamos utilizando peças de teatro. De todo modo, se, no geral, as peças mostram padrões de usos por determinados grupos ali representados, isso pode nos ajudar a entender a mudança linguística.

No geral, as peças trazem algumas informações como idade e ocupação do personagem. Entretanto, em muitas peças a idade não aparece e, mesmo que apareça, para não cairmos em anacronismos, precisamos pesquisar e entender questões relacionadas ao que seria considerado adulto, criança ou idoso à época. Ou, ainda, estudar, como estudamos, aspectos relacionados à expectativa de vida das pessoas da época. As categorias que apresentaremos, bem como seus critérios, seguem-se na tentativa de não cairmos em anacronismos, por isso o leitor pode estranhar os rótulos e os critérios que adotamos para o século XIX⁵⁴ e os três períodos do XX. Entre esses períodos, não há mudança de rótulo, apenas de critérios, uma vez que a sociedade se alterou. No entanto, devido ao aumento populacional e às diferentes ramificações presentes a partir da década de 1960, nomenclaturas e critérios se alteraram, ainda que guardem semelhanças com o que temos visto. A comparação é possível ao longo dos séculos, mas deve ser relativizada em razão do contexto social.

Além disso, as peças trazem poucas informações acerca do grau de instrução ou da classe social. Essas questões colocam em evidência o árduo desafio do projeto. Para tentarmos lidar com essas questões, partimos, no geral, das ocupações que os personagens tinham e dos contextos nos quais se inseriam, seja do ponto de vista profissional, social ou familiar. A partir disso, correlacionamos esses aspectos aos estudos sociais e históricos da época. Por um lado, encontramos informações dadas e, por outro, fizemos inferências com base nos papéis sociais recuperados a partir dos diálogos ou de didascálias. Essa diferenciação entre o dado e o inferido foi registrada em nossas categorizações. Quando

⁵⁴ O estudo do século XIX inicia-se em 1838 com as peças de Martins Pena.

não encontrávamos nenhum indício acerca de algum papel social do personagem, mantínhamos NA (não aplica), de modo que a categoria fosse neutralizada na análise, isto é, não contabilizada.

Ainda, há um aspecto fundamental a mencionar: nem sempre um mesmo nível apareceu na mesma escala em todas as sincronias, o que poderia impactar nos resultados, por isso, decidimos fazer algumas amálgamas, mas isso será relatado a seguir. Antes, porém, ressaltamos que os dados foram produzidos por 490 personagens. Nem sempre a soma da distribuição das categorias somará os 490, visto que alguns personagens não traziam qualquer informação que pudesse nos fazer sequer inferir sua estratificação.

Em síntese, nossa hipótese é de que as variáveis sociais correlacionadas ao fenômeno em estudo têm um importante papel na mudança linguística, mas não podemos perder de vista que essas variáveis certamente estão atravessadas por um processo morfossintático de perda das formas sintéticas de futuro. Nesse caso, as variáveis sociais podem potencializar ou retardar tendências estruturais. Além disso, as variáveis não são de todo ortogonais, o que deve ser visto com prudência.

3.4.2.1 Sexo/gênero

A categoria sexo é basicamente dada do ponto de vista da categorização, que divide dicotomicamente personagens do sexo feminino e masculino. Isso é percebido na categorização sobretudo pela atribuição dos nomes às personagens. Uma única personagem não binária das primeiras sincronias foi encontrada na peça “Patinho Torto”, de Coelho Neto. Datada de 1924, a peça traz a personagem Eufêmia como central, caracterizada pelo autor como “noiva” de certa personagem, do sexo masculino. Ocorre que ao longo da peça Eufêmia descobre não ser quem acreditou ser a vida toda e passa a se reconhecer como homem e a ser “noivo” de outra personagem, agora do sexo feminino. Tal peça põe em evidência questões ligadas ao papel social do gênero: um fato curioso que justifica o reconhecimento do papel de gênero, sobretudo feminino, é que, ao longo da peça, aparenta-se que mulheres não podiam fumar na época, a não ser que estivessem com dor de dente. Por isso, Eufêmia dizia o tempo todo que estava com dor de dente, para poder fumar. Isso mostra, desde o começo, o interesse da Eufêmia de não estar dentro de um padrão. É bastante informada, tem vários conhecimentos de mundo (como quando foi produzido o primeiro cigarro).

O caso da personagem Eufêmia é uma exceção nas peças e, por isso, a categoria dessa personagem foi marcada como feminino.masculino, já que a transformação ocorre durante o transcorrer da peça. Na análise, a categoria sexo/gênero desta personagem foi neutralizada, marcada como “não se aplica”, por ser uma única personagem com essa caracterização e estarmos querendo entender a mudança em nível macro. O caso de Eufêmia, no entanto, toca em questões sensíveis à identidade de gênero. À época da escrita da peça, discussões como performance de gênero (BUTLER, 1989) ainda não haviam emergido com tanta veemência, mas ficam nítidas nessa peça as expectativas e regras que são atribuídas ao gênero, como o próprio uso do cigarro que ficaria restrito deliberadamente apenas aos homens. Butler (1989), em “problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, defende que nossos conceitos acerca do que viria a ser feminino ou masculino variam cultural e historicamente. As peças de teatro são um “prato cheio” para a compreensão do patriarcado, sobretudo as mais antigas, porque foram em sua maioria escritas por homens e trazem representações daquilo que os próprios autores percebiam ser atributo de cada gênero.

No que se refere ao estudo da língua, em especial, tem sido no geral consensual que essa não é diferenciada por aspectos biológicos de diferenças de sexo, mas sim por aspectos sociais, como o gênero.⁵⁵ De todo modo, as análises de diferenciação de gênero começam dividindo a população em homens e mulheres (LABOV, 1994). A correlação entre a variável sexo/gênero e determinado fenômeno linguístico não é tarefa simples, no entanto. Somos até hoje constantemente inclinados a assumir, sem alguma criticidade, a tese laboviana de que mulheres usam em maior escala formas de prestígio do que os homens, seja devido a uma maior conformidade das mulheres às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritivas e possuem prestígio, seja devido a uma menor conformidade quando não há tanto prestígio (LABOV, 1994)⁵⁶. Isto é, mulheres, ao utilizarem em maior escala formas mais prestigiadas, por um lado, seriam inovadoras quando a mudança segue um processo de implementação de uma forma mais prestigiada ou com prestígio encoberto (TRUDGILL, 1991); por outro lado, quando se trata de um processo de implementação de uma forma estigmatizada ou de menor prestígio, essas seriam conservadoras.

⁵⁵ Há, no entanto, a defesa de que aspectos biológicos ou neuropsicológicos, em que mulheres teriam certa vantagem no comportamento verbal, estariam na base do uso de formas mais prestigiadas por mulheres (CHAMBERS, 1995).

⁵⁶ Labov assim explicita: *Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.* (LABOV, 1994, p.293)

Ao correlacionar sexo e classe social, Labov (1994) reforça essa tese ao concluir que mulheres pertencentes à classe média-baixa, por possuírem menor poder econômico do que os homens, procuram se assegurar pelo capital simbólico embutido em formas de prestígio. Ou seja, uma insegurança social e psicológica estaria na base do uso de formas de maior prestígio por parte das mulheres. A partir disso, não podemos perder de vista o fato de as variáveis não serem tão independentes quanto se imagina, como é o caso de sexo/gênero e classe social, tal como já reconhecia Labov (1994).

Há, ainda, um fator que se sobressai na explicação do paradoxo do gênero: para além da insegurança social, Labov (1994) defende que a mobilidade social, sobretudo dos filhos, no geral cuidados pelas mães, é aspecto impulsionador desse maior uso de formas de maior prestígio, visto que as mulheres estariam preparando o capital simbólico da prole. Nesse caso,

Labov parece se distanciar de uma perspectiva tradicional ao focar os indivíduos (as mulheres) em suas redes sociais, de forma a identificar os líderes da mudança. Suas conclusões apontam que as líderes possuem uma posição central em suas redes sociais (elas influenciam seus amigos e parentes) e elas também mantêm relações fora de suas localidades (demonstra a rota da mudança). Nas pesquisas de Labov, as líderes possuem uma posição econômica e social central em suas redes sociais locais e suas ações como líderes podem ser explicadas a partir das histórias de seus contatos sociais em anos de formação, que inclui uma história de não conformidade. (SEVERO, 2006, s/p)

Ainda que muitos estudos tendam a simplificar o estudo da variável sexo/gênero e restringi-la à tese laboviana de que mulheres lideram a mudança com o uso de variantes de maior prestígio, algumas pesquisas têm questionado se de fato mulheres fazem uso dessas formas ou se essas formas possuem prestígio porque mulheres as usam (OUSHIRO, MENDES, 2011).

A essa altura, vai ficando cada vez mais evidente que pensar papéis do gênero em estudos variacionistas trata-se de algo complexo, sobretudo na contemporaneidade, em que as mulheres têm questionado com ainda mais veemência os tradicionais papéis a nós impostos. Eckert (1989), em crítica à tese laboviana de que mulheres liderariam a mudança, defende que o gênero não possui papel uniforme, já que as regras ou mesmo as expectativas da sociedade sobre a construção social do sexo são distintas culturalmente e mudam com o tempo. Isso significa que, se a sociedade muda com o tempo - premissa essa que está na base da mudança linguística para a Sociolinguística -, também explicações do modelo teórico da Sociolinguística deveriam mudar: “a explicação de as

mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade” (FREITAG, 2015, p.18).

Isso torna ainda mais complexo, desafiador e fascinante o trabalho com sexo/gênero na diacronia. Necessariamente, reconhecer a complexidade inerente ao estudo de sexo/gênero implica entender que, ao longo do tempo, papéis sociais exercidos por personagens do sexo/gênero masculino e feminino se alteraram. Nesse sentido, nossas hipóteses também se alteram a depender da sincronia, uma vez que aspectos ligados à mobilidade e aos papéis sociais são considerados nesta tese.

Isto posto, nas peças de teatro, tanto personagens do sexo/gênero masculino quanto feminino são retratados do ponto de vista da ótica dos autores, que é o ponto de vista dominante. Além disso, os papéis sociais relacionados ao sexo/gênero podem ser transpassados por outras questões, como classe social, instrução, ocupação, etnia, geografia etc. De acordo com Mendonça e Ribeiro (2011):

Cuidar da casa, dos filhos e do marido, configurava-se os atributos da mulher no Brasil desde o tempo de Colônia. A condição social da mulher no olhar dos homens, herdeiros dos valores portugueses era de um ser inferior. (...) Lançar-se enquanto mulher para espaços além do doméstico é galgar índices elevados de discriminação. Ler e trabalhar não são de fato ações vistas com bons olhos à mulher. (MENDONÇA; RIBEIRO, 2011, p.99)

A condição de inferioridade pode ter se atenuado ao longo dos séculos, a partir das lutas sociais, mas não desaparecido. Para D’Incao, no século XIX, “a chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa-grande e dominava a senzala” (D’INCAO, 2004, p.187). O papel que as mulheres tinham no século XIX é distinto do que temos no século XXI, ainda que algumas contradições e desigualdades se mantenham. Sabe-se que as lutas femininas por direitos sociais e civis, como o direito ao voto, por exemplo, em nível de mundo (a exemplo do movimento sufragista na Inglaterra no século XIX) são frequentes e incessantes, mas as conquistas demoraram e têm demorado, sendo modestas até agora.

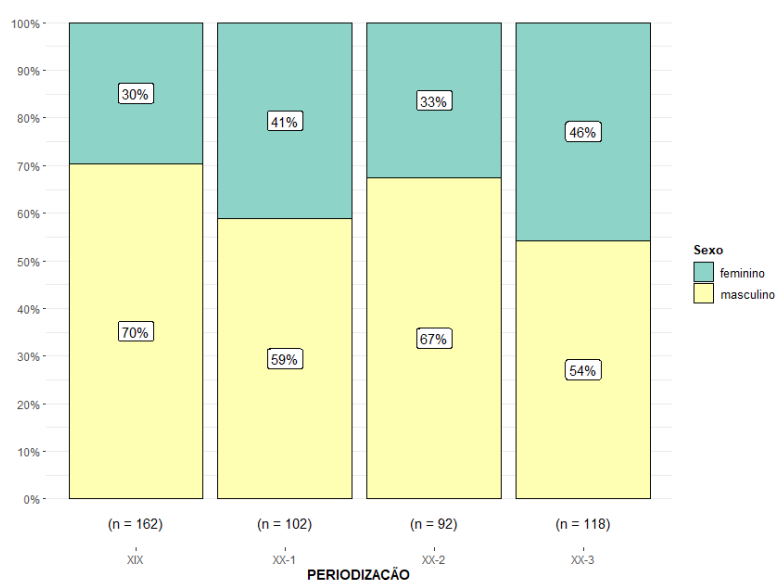
O que parece haver, sobretudo na mudança do século XIX para o XX, de acordo com Mendonça e Ribeiro (2011), é uma mudança de atores de chancela para a manutenção do papel atribuído à mulher: desde o período colonial, a mulher era tutelada pela ideologia cristã, mas,

a partir do século XIX, após a Independência, surge o controle e o poder médico. O discurso médico sustenta o religioso, naturalizando a condição da mulher como aquela que procria, ou seja, a inserção do médico nas questões da família legitima cientificamente o patriarcalismo colonial. Isto é acentuado no início do século XX, quando a medicina consolidada estabelece normas e regras para o casamento, para a maternidade e para a vida familiar. (...) A manifestação do desejo e o apelo para a satisfação sexual a colocam em permanente conflito pessoal, psicológico e social, dividida entre a moral introjetada ao longo das gerações e as transformações culturais advindas a partir das últimas décadas do século XX. (MENDONÇA; RIBEIRO, 2011, p.93)

As lutas por igualdade de gênero, que se acentuam sobretudo a partir de meados do século XX e que perduram até os dias de hoje, vêm transformando a realidade, a passos curtos, diríamos, mas vêm.

Quando olhamos para o gráfico que mostra a distribuição das personagens de acordo com sexo/gênero, vemos que há quase o dobro de representação de personagens do sexo masculino do que do feminino, nas sincronias XIX e XX-2. As sincronias XX-1 e XX-3 apresentam uma diferença menor, mas ainda com prevalência de representações de personagens do sexo masculino.

Figura 12 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com sexo/gênero



Essa desigualdade da produção de dados tem a ver, por um lado, com a preferência de representação de vozes masculinas e, por outro, com a própria falta de representatividade de vozes de mulheres ao longo da história, com seu silenciamento inclusive na própria literatura. Em trabalho sobre perfis sociais e estereótipos no romance brasileiro, Dacastagnè (2021) comprova que, mesmo mais recentemente, o romance brasileiro privilegia, ainda, a representação de personagens brancas, do sexo masculino e de classe média.

A predominância de personagens do sexo masculino é evidente nos romances estudados por Dacastagnè (2021), de modo que 60% das personagens protagonistas são do sexo masculino contra 40% do sexo feminino. Nos dados das peças, ocorre algo semelhante. As mudanças ocorridas na sociedade ao longo do tempo influenciam, em alguma medida, no maior protagonismo de personagens do sexo feminino, mas de modo ainda muito incipiente e estereotipado nos romances. Tal estereótipo tanto é verdade que, de acordo com Decastagné (2021), no romance brasileiro, personagens do sexo feminino estabelecem mais expressivamente relações amorosas e familiares do que relações profissionais e acadêmicas:

As relações profissionais e acadêmicas, que incluem patrão/empregado, cliente/fornecedor, colegas de trabalho e sócios, bem como professores e seus alunos, estão muito mais presentes nas personagens masculinas do que nas femininas, o que é condizente com o insulamento das mulheres na esfera privada. (DACASTAGNÈ, 2021, p.127)

Nas peças de teatro, não parece ser diferente, com uma predominância de vozes masculinas, além do fato de os próprios escritores serem em sua esmagadora maioria do sexo masculino. Ademais, quando nos voltamos para peças escritas em tempos mais remotos, as mulheres são retratadas em sua maioria como “do lar”, “esposa de fulano” etc., enquanto os homens são retratados geralmente com alguma profissão ou ocupação profissional que extrapola o ambiente doméstico (advogado, assessor, médico, negociante etc.). Personagens do sexo feminino, quando possuíam alguma ocupação externa ao lar no século XIX, o que foi raro, eram em sua maioria caracterizadas como “prostituta”, “cortesã”, “parteira”. Há uma única personagem caracterizada com algo que se afasta dessas outras ocupações – diretora de grêmio. Essa personagem está presente em uma peça de França Júnior cujo nome é “As doutoras” e trata exatamente do destaque de mulheres em profissões até então muito restritas a homens – medicina e direito. As personagens do sexo/gênero feminino enfrentam preconceito nessa peça, além dos ciúmes

de seus maridos, que as fazem abdicar suas carreiras, para seguirem o padrão comum à época – ser esposa e mãe, e cuidar do filho/da casa em tempo integral. Assim, trata-se de uma peça com temática específica que aborda exatamente a desigualdade de gênero dentro do mercado de trabalho. Na realidade concreta, até pelo menos meados do século XIX, não parece ser diferente do que vemos nas peças:

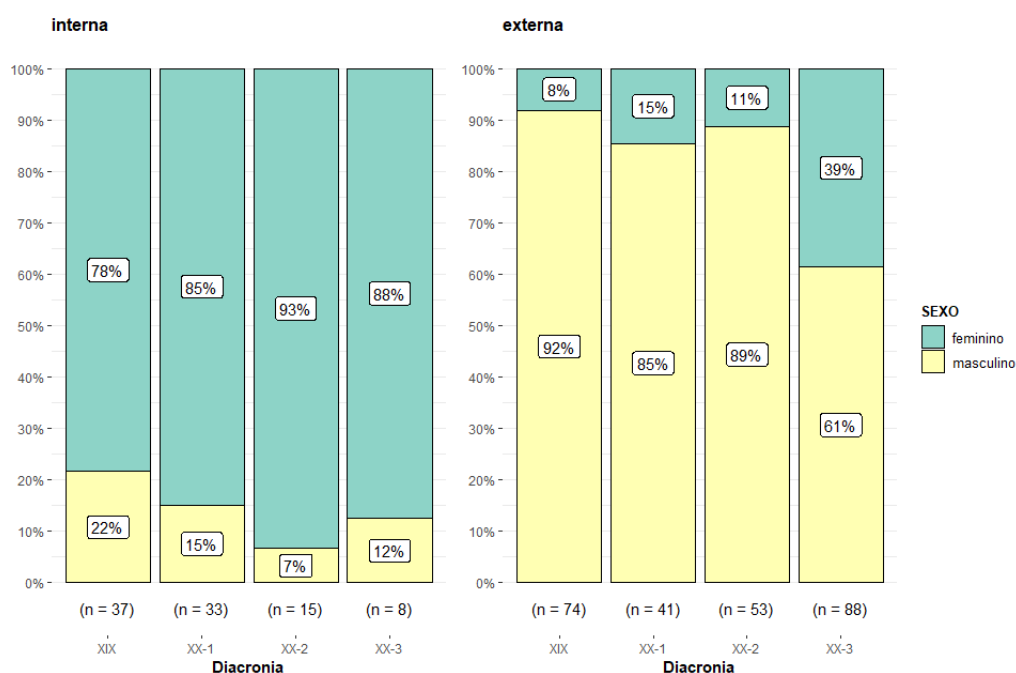
o homem se voltava para o externo, para o mundo dos negócios, das realizações profissionais, se envolvia com o trabalho remunerado; enquanto à mulher era reservado o espaço de dentro, do âmbito doméstico, onde se dedicava aos afazeres domésticos, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, – os quais previam o envolvimento emocional e a vigilância. (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p.01)

No Brasil, isso parece se estender ainda pela primeira metade do século XX, já com diferenças a depender da classe e até do espaço menos ou mais urbanizado em que se vive.

À medida que o tempo avança, papéis de gênero vão se alterando. De acordo com Simões e Hashimoto (2012), o início do século XX (especialmente a partir de 1920), com processos de urbanização e desenvolvimento das cidades, marca o declínio do modelo familiar que lograva às mulheres o espaço doméstico, de modo que essas passaram a participar do mercado de trabalho de maneira crescente desde então.

Nas peças, isso parece se confirmar. Tanto isso é verdade que, a partir de XX-3, há personagens do sexo feminino com mais ocupações externas ao ambiente doméstico - advogada, atriz, catadora de papel, educadora, professora, executiva, guarda de prisão, astróloga, estudante universitária, entrevistadora, vendedora e prostituta. Até então, a ocupação da mulher ficava, em sua maioria, restrita ao ambiente familiar nas peças. Mais recentemente, esse quadro parece ir se alterando. O gráfico a seguir mostra um cruzamento entre sexo e natureza da ocupação – interna ou externa ao lar, ao longo do tempo, o que deixa mais clara a explanação aqui realizada.

Figura 13 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com sexo/gênero e natureza da ocupação⁵⁷



O gráfico é bastante elucidativo no que se refere aos papéis sociais: enquanto personagens do sexo masculino em sua maioria esmagadora, desde a primeira sincronia, são representados exercendo atividades externas ao ambiente doméstico, personagens do sexo feminino ganham mais espaço no mercado de trabalho apenas a partir da sincronia XX-3, isto é, a partir de 1964. Também a partir de 1964, quando olhamos para as ocupações das personagens do sexo masculino que são internas ao lar, interessante é ver que essas se restringem a uma não ocupação: desempregado e aposentado. No século XIX e início do XX, essas atividades internas ao lar são também pouco variadas para personagens do século masculino: criado, solteirão que vive de renda, aposentado.

Com isso, se o papel sobretudo de mulheres se altera com o tempo, também nossas hipóteses são diferentes a depender da sincronia. Vamos defender que há uma diferenciação de uso das combinações entre personagens do sexo masculino e feminino, mas essa diferença deve diminuir à medida que mulheres passam a ocupar espaços antes relegados aos homens. Isso significa que não esperamos encontrar diferenças

⁵⁷ Havia personagens que não tinham qualquer indicação da ocupação. Esses foram marcados com NA e neutralizados na contagem.

estatisticamente significativas na sincronia mais recente – XX-3, assim como em Brandão (2018), mas talvez possamos encontrar em sincronias anteriores.

No trabalho de Gryner (2008), a autora chegou a resultados que mostram uma preferência das mulheres pelas formas de presente do indicativo em apódoses. Tal resultado se justificaria não somente por um prestígio encoberto envolvendo essas formas, mas pelo seu caráter assertivo: “as transformações da sociedade e a crescente participação da mulher na esfera pública favoreceriam o incremento de um estilo mais afirmativo” (GRYNER, 2008, p.22). Seguiremos uma linha semelhante à de Gryner (2008), mas com alguma ressalva, pois um aumento de uso de presente em apódoses, sobretudo um uso por personagens do sexo feminino, poderia levar a entender que as apódoses também se tornaram mais “assertivas” ao longo do tempo e que mulheres seriam mais assertivas que homens. Não parece ser este o caso e precisaríamos de um teste de percepção para isso. Obviamente, analogias podem existir e traços básicos do presente do indicativo podem se manter, mas o resultado disso deve ser neutralizado no arranjo condicional, preservando o fundo comum da potencialidade, no caso das potenciais. Nesse sentido, nossa hipótese é também de que mulheres usam em maior escala formas de presente do indicativo do que os homens, mas pelo motivo de essa forma ter uma espécie de morfologia coringa, básica, não marcada, enquanto formas de futuro, sintético e perifrástico, por exemplo, seriam um pouco mais marcadas socialmente.

Ao estender essa hipótese para as irreais, vamos argumentar que a forma básica seria a de imperfeito do indicativo (*comprava*), enquanto a perífrase (*ia comprar*) e a forma sintética de futuro ocorreria em maior escala na fala de personagens do sexo masculino. O quadro 13 resume nossas hipóteses.

Quadro 13 - Hipóteses acerca da variável sexo/gênero

	Personagens do sexo feminino	Personagens do sexo maculino
Nas potenciais	+ presente	+ formas de futuro (sintético e perifrástico)
Nas irreais	+ imperfeito do indicativo	+ formas de futuro (sintético e perifrástico)

Tais hipóteses devem ser válidas apenas para as primeiras sincronias, visto que, com o avançar do tempo, a mobilidade de personagens do sexo feminino se altera

substancialmente no mercado de trabalho, aproximando-se do que se vê com personagens do sexo masculino.

3.4.2.2 *Classe social*

A classe social foi pensada com base em um estudo aprofundado acerca desse conceito no Brasil e não se liga somente ao poder aquisitivo. O próprio conceito de classe é um conceito moderno. Partindo da ideia de Max Weber de que as classes não podem ser vistas apenas do ponto de vista da divisão do trabalho, o projeto *Língua EmCena* considera as classes a partir também do tipo de trabalho (ocupação), do consumo, do estilo de vida e do status social. Para isso, utiliza-se de uma classificação com base no papel (imagem social) e na ocupação dos indivíduos sociais, considerando reflexões da socio-história brasileira:

Essa estrutura de classes engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autoperpetuante da ordem social vigente. Seu comando natural são as classes dominantes. Seus setores mais dinâmicos são as classes intermediárias. Seu núcleo mais combativo, as classes subalternas. E seu componente majoritário são as classes oprimidas, só capazes de explosões catárticas ou de expressão indireta de sua revolta. (DARCY RIBEIRO, 1995, p.209)

O projeto *Língua EmCena* seguiu a categorização da classe em consonância com o que propõe Darcy Ribeiro (1995), como pode-se ver no quadro 14.

Quadro 14 - Proposta de Darcy Ribeiro para classe social

Classes dominantes	PATRONATO OLIGÁRQUICO (senhorial, parasitário) PATRONATO MODERNO (empresarial contratista) PATRICIADO ESTATAL (político, militar, tecnocrático) PATRICIADO CIVIL (eminências, lideranças, celebridades) ESTAMENTO GERENCIAL ESTRANGEIRO	Funções de comando
Setores Intermédios	AUTÔNOMOS (profissionais liberais, pequenos empresários) DEPENDENTES (funcionários, empregados)	Setor dinâmico ²⁰
Classes subalternas	CAMPESINATO (assalariados rurais, parceiros, minifundistas) OPERARIADO (fabril, serviços)	Núcleo de combatividade
Classes oprimidas	MARGINAIS (trabalhadores estacionais, coletores, volantes, empregados domésticos, biscateiros, delinqüentes, prostitutas, mendigos)	A maioria

Fonte: DARCY RIBEIRO, 1995, p.211

A equipe do projeto *Língua EmCena* optou por seguir rótulos numéricos, como o que vemos no quadro 15. Obviamente, a configuração social se alterou ao longo dos séculos, de modo que o que compõe o que se chamou de classes 1, 2, 3 e 4 se altera com base nas mudanças sociais. Reportamos, aqui, então, apenas uma visão geral dos critérios:

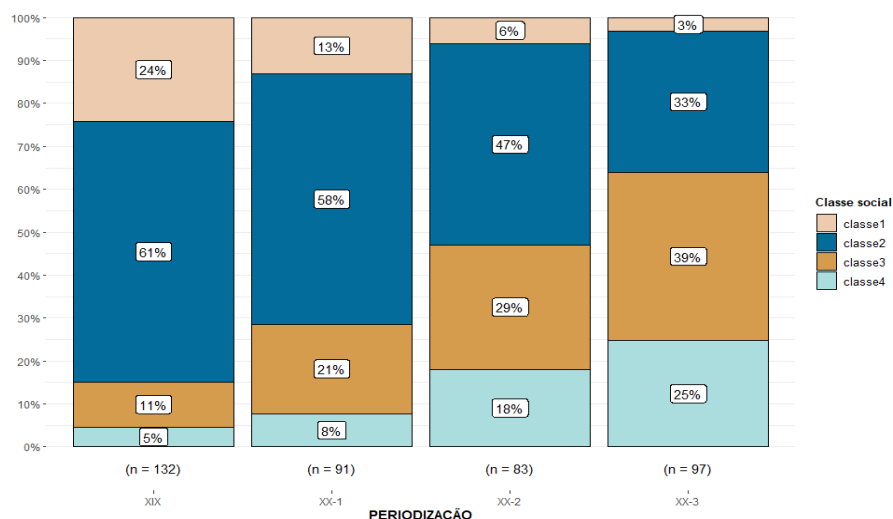
Quadro 15 - Rótulo e critérios para análise da classe social

CLASSE SOCIAL	Critério
NA	sem qualquer indício da classe
Classe 1	alta sociedade/ alta burguesia/dominantes
Classe 2	classe emergente /intermediárias e/ou “classes médias” - junção de duas “classes” - média e pequena burguesia.
Classe 3	proletariado/camponeses/assalariados (classe subalterna)
Classe 4	oprimidos /marginalizados

Fonte: projeto *Língua EmCena*, 2022, em construção

A figura 14 mostra a distribuição dos personagens de acordo com as classes.

Figura 14 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com classe social



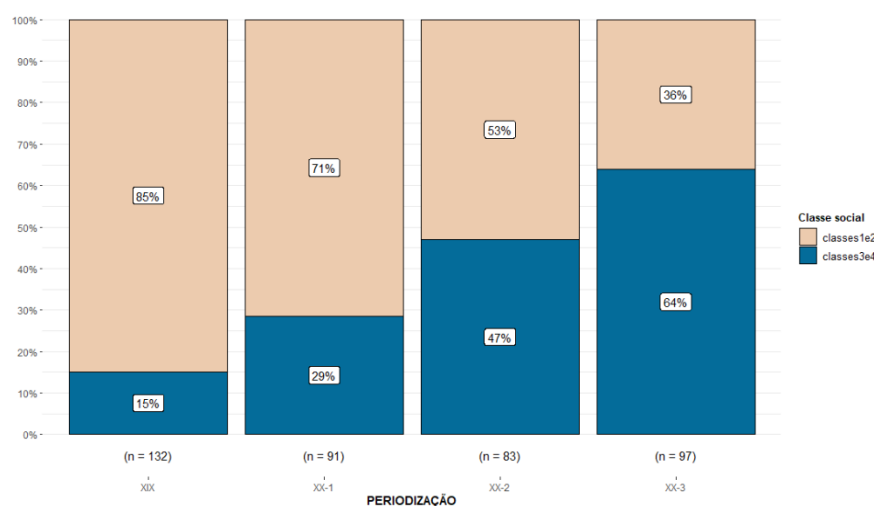
Há uma nítida mudança de foco de representação de personagens ao longo do tempo: enquanto nas duas primeiras sincronias, personagens das classes 1 e 2 são mais frequentes, nas últimas duas, a representação da classe 1 diminui, ao passo que aumenta a representação de personagens de classes mais baixas – 3 e 4. Tal mudança é gradativa ao longo de todo o tempo.

No que se refere ao século XIX, o universo retratado pelas peças dessa época é, de acordo com Faria (2012, p.160), “preferencialmente o da burguesia, apreendida com visível simpatia pelos dramaturgos, interessados em descrever o seu modo de vida e prescrever os seus valores éticos”, o que inclui a representação de uma sociedade letrada, civilizada e moralizante, que consegue sair vitoriosa às ameaças dos “maus burgueses” - ameaça essa à estabilidade das “boas famílias”. Com o tempo, a representatividade de classes mais populares aumenta, o que pode ter a ver com a própria escolha de peças por parte do projeto *Língua EmCena*, mas também com a necessidade de maior representatividade da realidade brasileira que a literatura, principalmente a partir do modernismo, começa a sentir.

Nossa decisão metodológica será, para os testes estatísticos, amalgamar⁵⁸ os dados de personagens das classes 3 e 4 em uma única classe. Isso se justifica devido à hipótese que temos de que formas inovadoras emergem dessas classes mais baixas e pelo fato de termos poucos personagens pertencentes à classe 4 sobretudo nas primeiras sincronias. Também vamos amalgamar personagens das classes 1 e 2 em uma única classe, haja vista que há poucos personagens da classe dominante nas sincronias mais recentes, como se vê na figura 14. Isso também se justifica pelas nossas hipóteses acerca da mudança, que deve ser freada por classes mais altas.

A reconfiguração dos personagens, a partir das amálgamas, pode ser vista no gráfico a seguir.

Figura 15 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com classe social (amálgama)



Assim, nossas hipóteses são que personagens de classes mais altas produzirão em menor escala formas mais inovadoras, como as combinações que contêm perífrases com *ir*, presente do indicativo e imperfeito do indicativo, enquanto personagens das classes mais baixas produzirão essas formas em maior escala. O quadro 16 sintetiza essas hipóteses:

⁵⁸ As amálgamas possuem também uma motivação estatística, pois, antes de serem amalgamadas, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 16 - Hipóteses acerca da variável classe social

	Personagens de classes + baixas	Personagens de classes + altas
Nas potenciais	+ presente + perífrase formada a partir de <i>ir</i> + indicativo	+ futuro sintético + perífrase formada a partir de <i>haver</i> + subjuntivo
Nas irreais	+ imperfeito do indicativo + perífrase formada a partir de <i>ir</i>	+ futuro do pretérito

Nossa hipótese é, pois, que a mudança linguística, tanto nas potenciais quanto nas irreais, emerge da fala de personagens de classes mais baixas. Trata-se, pois, da hipótese de haja uma mudança vinda de baixo⁵⁹ (*from below*) (LABOV, 1994).

3.4.2.3 Instrução

A configuração da sociedade brasileira em tempos mais remotos, como no século XIX, não permite que adotemos os mesmos critérios geralmente utilizados na contemporaneidade para as análises acerca da escolaridade: ensino básico/fundamental; médio e superior, por exemplo. Isso porque não necessariamente se tinha uma educação formal e, quando se tinha, essa não era para todos. Pensar em uma educação “que não é para todos” pode servir até mesmo para os dias hodiernos, mas, em tempos mais remotos, a segregação ocorria institucionalmente: a Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, garantia a instrução primária e gratuita aos cidadãos, ao passo que o Ato Adicional de 1834 trazia a proibição de negros frequentarem as escolas públicas, mesmo se livres (ALMEIDA; SANCHEZ, 2016).

Além disso, não de hoje, a educação possui uma função mercadológica que se liga aos ideais político-econômicos da época. Com o avanço da modernização e necessidade de mão de obra qualificada, políticas de incentivo à profissionalização são criadas, mas, como já mencionamos, tal incentivo vinculado à educação não necessariamente ocorria na prática, muito menos formalmente, em tempos mais remotos. É por isso que saber ler e escrever no início do século XIX, por exemplo, não estava vinculado exclusivamente a

⁵⁹ Mudanças vinda de cima (*from above*) e de baixo (*from below*), de acordo com Labov (1994), dizem respeito ao nível de consciência e à classe econômica: mudanças vindas de baixo emergem primeiramente no vernáculo, enquanto as mudanças vindas de cima estão acima da consciência e geralmente são introduzidas por classes dominantes.

frequentar espaços formais de educação, como a escola. Instituições não formais de educação como a família e a igreja cumpriam esse papel de ensino. Ainda durante o Império, com a pressão exercida pela classe dominante que ensejava que seus filhos fossem reconhecidos rapidamente como os “homens cultos do país” (RIBEIRO, 1993), o ensino secundário vai se implementando, junto do ensino superior, sobretudo nas instituições de ensino particulares, “o que contribuiu ainda mais para a alta seletividade e o elitismo educacional” (RIBEIRO, 1993, p.17).

A partir dos primeiros anos de República, buscava-se a universalização do ensino bem como seu remodelamento, visando sua inovação, o que não se concretizou na prática:

Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas. (AZEVEDO, 1953, p. 134, Apud. RIBEIRO, 1993, p.18).

O ensino secundário ficava restrito, então, à elite dominante da época, que incentivava a ampliação do ensino secundário, para que seus filhos se tornassem os futuros administradores do país. Apenas a partir de 1930 é que os educadores passam a denunciar com veemência o índice de analfabetismo no Brasil: “nesse contexto, surge um movimento de cunho pedagógico – A escola Nova” (RIBEIRO, 1993, p. 19), com vistas a defender o ensino gratuito, universal e obrigatório, como mecanismo determinante de mudança social. A história não seguiu, entretanto, sem conflitos, uma vez que os ideais católicos se contrapunham aos da Escola Nova.

De todo modo, para atender ao desenvolvimento industrial, buscava-se a universalização do ensino, com maior incentivo ao conhecimento técnico e numérico, com o ensino superior ainda restrito em sua maioria às classes dominantes (RIBEIRO, 1990). O processo de democratização do ensino seguiu e segue a passos curtos, mas tem se modificado ao longo do tempo, ainda que a história mostre que:

a educação escolar no Brasil nunca foi considerada como prioridade nacional: ela serviu apenas a uma determinada camada social, em detrimento das outras camadas da sociedade que permaneceram iletradas e sem acesso à escola. Mesmo com a evolução histórico-econômica do país (...); mesmo tendo, ao longo de cinco séculos de história, passado de uma economia agrária-comercial-exportadora para uma economia baseada na industrialização e no desenvolvimento tecnológico; mesmo com as oscilações políticas e revoluções por que

passou, o Brasil não priorizou a educação em seus investimentos político-sociais e a estrutura educacional permaneceu substancialmente inalterada até nossos dias, continuando a agir como transmissora da ideologia das elites e atendendo de forma mais ou menos satisfatória apenas a uma pequena parcela da sociedade (RIBEIRO, 1990, p.15)

A essa altura, já se pode perceber que não podemos ter um olhar anacrônico para instrução/escolarização, aplicando rótulos que bancos de dados da atualidade podem aplicar, devido à maior democratização do ensino escolar, sobretudo público. Nesse sentido, o projeto *Língua EmCena* optou por usar o rótulo instrução, que foi subdividida em 4 níveis. Antes, porém, de apresentarmos os rótulos, vale lembrar que a categorização dos personagens partiu de sua ocupação ou de informações presentes ao longo da peça, pois dificilmente uma peça traria algo como “personagem com ensino avançado/superior/etc.”. Vejamos o quadro 17 com os rótulos.

Quadro 17 - Rótulos e critérios para análise da instrução

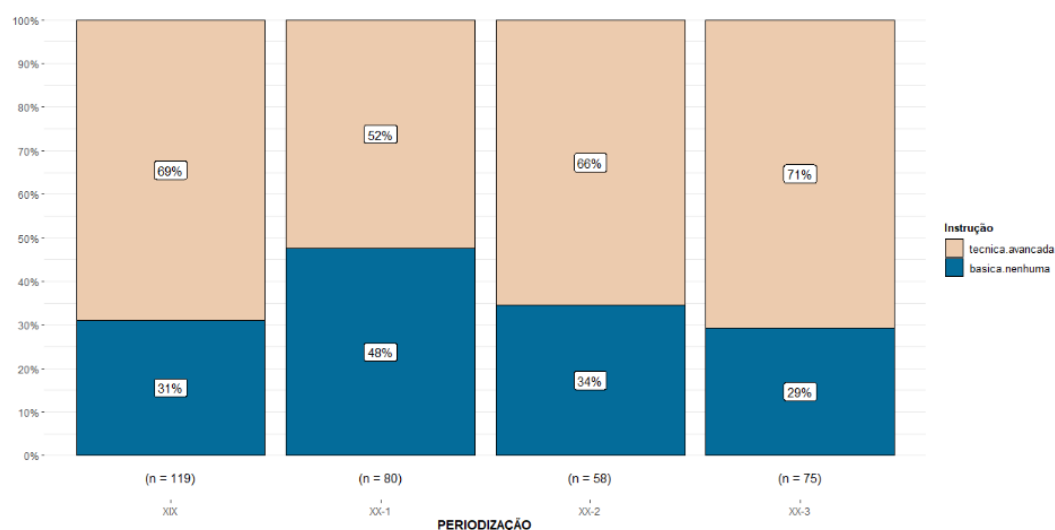
INSTRUCAO	CARACTERÍSTICA
NA	Não há qualquer indício acerca da instrução.
Sem instrução	Personagens claramente analfabetas, que não sabem ler
Básica	O único indício é o de que a personagem sabe ler ou sabe ler e escrever.
Técnica	A personagem exerce algum ofício e/ou tem algum tipo de conhecimento especializado sobre algo. (ex: caixeiro/negociante; soldados; policiais; ministros; musicista; pianista; poeta; flautista etc.)
Avançada	A personagem, além de saber ler e escrever, está se preparando para ingressar ou está cursando o ensino superior, ou já exerce uma profissão que demanda formação superior (ex: médicos, advogados, engenheiros, etc.).

Fonte: projeto *Língua EmCena*, 2022, em construção.

Como decisão metodológica para este trabalho em específico, decidimos amalgamar os dados de personagens sem instrução e com instrução básica em uma única categoria, tendo em vista que há pouquíssimos personagens sem nenhuma instrução – 2 no XIX, 3 no XX-1, 3 no XX-2 e 1 no XX-3, totalizando 9 personagens. Também vamos amalgamar personagens com instrução técnica aos de instrução avançada, tendo em vista que nossas hipóteses são as mesmas para ambas as instruções: personagens com instrução técnica e avançada produzirão em menor escala formas mais inovadoras, como as *perífrases com ir* e *presente do indicativo* tanto na prótase quanto na apódose nas potenciais, e *imperfecto do indicativo* nas apódose das irrealis, enquanto personagens sem instrução ou apenas com instrução básica produzirão essas variantes em maior escala.

Futuro sintético e a perífrase formada a partir de haver aparecerão em maior escala entre personagens com instrução técnica e avançada. O gráfico a seguir mostra a distribuição das categorias ligadas à instrução, em relação aos personagens que produziram nossos dados:

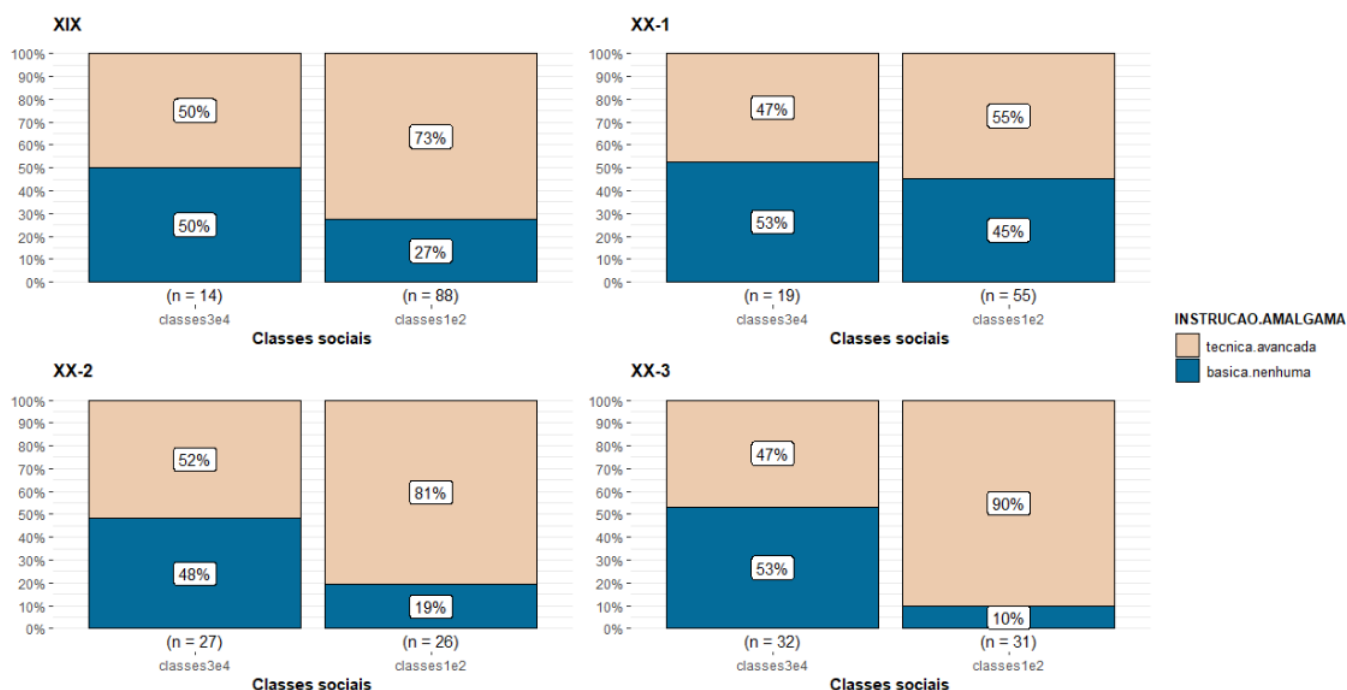
Figura 16 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com instrução (amalgama)



Fonte: própria

Personagens com instrução técnica e avançada que produziram condicionais, isto é, com maior instrução, são maioria em todas as sincronias. Quando cruzamos classe social com instrução, percebemos uma preferência pela representação de algumas camadas sociais que acabam tendo também maior instrução. Logo, a maior quantidade de personagens com maior instrução pode se explicar pelo caráter do drama, muito pautado no melodrama ou nas comédias, com representação sobressalente de grupos específicos. É então, de se esperar, que haja a representação dos “homens cultos do país” (RIBEIRO, 1993), o que por si só mostra uma não ortogonalidade entre instrução e classe social. Isso tanto é verdade que, quando cruzamos instrução com classe social, vemos que as classes mais abastadas são as que possuem maior instrução, como se vê no gráfico a seguir.

Figura 17 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com instrução e classe social



Fonte: própria

Personagens da classe mais abastada junto da intermediária são os que têm instrução mais elevada em basicamente todas as sincronias, o que vai ao encontro do que postula Ribeiro (1993) acerca da educação no Brasil, ainda muito restrita a algumas camadas sociais, mas também mostra a preferência pela representação de certos perfis sociais. Logo, vemos que as variáveis não são tão ortogonais assim, fruto da preferência das peças pela representação teatral e da própria história.

Resumimos nossas hipóteses acerca dessa variável no quadro 18:

Quadro 18 - Hipóteses acerca da variável instrução

	Personagens com básica ou nenhuma instrução	Personagens com instrução técnica ou avançada
Nas potenciais	+ presente + perífrase formada a partir de <i>ir</i> + indicativo	+ futuro sintético + perífrase formada a partir de <i>haver</i> + subjuntivo
Nas irreais	+ imperfeito do indicativo + perífrase formada a partir de <i>ir</i>	+ futuro do pretérito

Fonte: própria

3.4.2.3 Fase da vida

Pode-se pensar as faixas etárias ou, neste caso, as fases da vida, de diferentes pontos de vista : pela cronologia, isto é, pelos anos de vida; pelo viés biológico (mudanças corporais) e pelo viés social (que se relaciona a papéis sociais) (LOZANO-POVEDA, 2011). A equipe do projeto *Língua EmCena* optou por usar denominação fase da vida porque não são todos os personagens que possuem informações acerca de seus anos de vida e porque os fatores cronológicos, biológicos e sociais caminham juntos e, a depender da época, se sobrepõem. Mesmo a questão cronológica se altera ao longo dos anos, devido ao aumento da expectativa de vida propiciado pelo avanço da medicina, principalmente a partir do início do século XX, com a criação do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, com direção de Oswaldo Cruz - a atual Fiocruz – e do Instituto Serumtherápico, com Vital Brazil, em São Paulo (o atual Instituto Butantan).

Além disso, o olhar para a fase da vida não foi igual para brancos e negros do século XIX, uma vez que a expectativa de vida destes era menor que daqueles, devido, obviamente, às condições desumanas às quais eram submetidos. De acordo com Mello (1983), escravos acima de 35 anos eram evitados e se preferiam os que estivessem entre 15 e 29 anos.

Noções ligadas à juventude, bem como o que era ser considerado adulto ou idoso também se alteraram ao longo dos anos. Acerca da juventude, por exemplo, de acordo com Enne (2010),

o jovem como sujeito objetivado, ou seja, a partir do recorte da faixa etária, só se consolida em cena efetivamente a partir de meados do século XX, quando o contexto sociocultural permitirá que a confluência entre juventude, consumo e mídia se traduza na possibilidade de configuração e reconfiguração das identidades (como discursos produtores de sentidos) a partir da construção de múltiplos estilos de vida. (ENNE, 2010, p.13)

Além disso, as relações familiares se mostram um aspecto importante no estudo do que denominamos de fase da vida, o que significa que ser pai ou mãe traz ao personagem um papel social que o afasta de uma faixa mais inicial, ainda que este seja jovem.

A partir do exposto, ressaltamos que os critérios para a análise da fase da vida bem como seus níveis se alteram ao longo do tempo e substancialmente partir de 1964 no projeto *Língua EmCena*. Os níveis se mantêm os mesmos ao longo do século XIX, XX-1 e XX-2. Além disso, enquanto no século XIX a idade era fundamental para se definir a

fase da vida, no XX, com os papéis sociais aliados ao aumento da expectativa de vida e da própria manutenção da vida, o critério social se sobressai. Isso significa que, se há um personagem, no século XX, seja na parte 1 ou 2, que possui 48 anos e é ao mesmo tempo caracterizado como velho, esse fará parte da fase 3.

Quadro 19 - Rótulo e critérios para análise da fase da vida

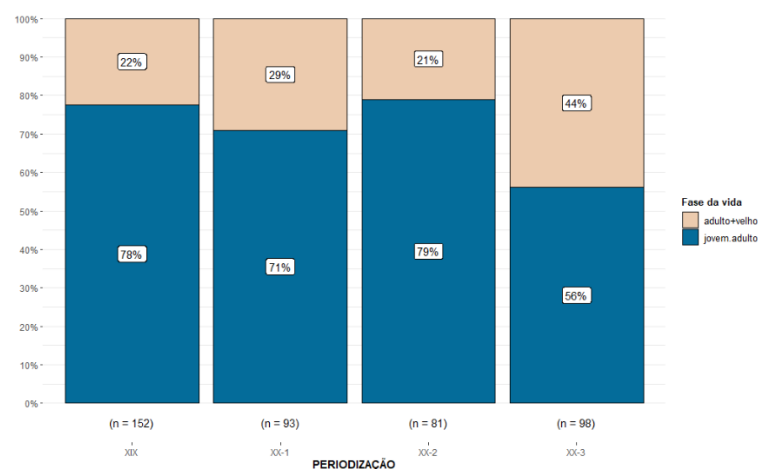
FASE DA VIDA	IDADE	CRITÉRIO SOCIAL
Fase 1 Criança e jovem	0-15	Crianças ou jovens estudando, sem filhos
Fase 2 Adulto	16-50	Pai, mãe, mulher solteira, homem solteiro, com atividade, sem atividade.
Fase 3 Idoso/Velho	51 ou mais	Pai ou mãe de pessoas da fase 2, pessoas ditas velhas, de bengalas.

Fonte: projeto Língua EmCena, 2022, em construção

A partir de 1964, com o protagonismo jovem e aumento da expectativa de vida, a fase 2 foi bipartida em fase 2a e 2b no projeto. A fase 2a se refere a personagens jovens que estão estudando, sem filhos, ou, se tem filho, o filho deve ser uma criança recém-nascida; solteiro, recém-casado, socioeconomicamente dependente de alguém, personagens em protestos, jovens sonhadores. Já a fase 2b se refere a personagens que são caracterizados como pai ou mãe de personagem da fase 2a ou da fase 1 que não seja recém-nascido, personagens mais experientes que personagens da fase 2a; que possuem mais vivência ou que são donos do próprio negócio. Possuem cargos que exigem experiência: gerência, por exemplo.

Ainda assim, optamos por manter e apresentar na tese amálgamas, devido tanto à insuficiência de dados quanto às características de cada fase. Os personagens da fase 2a foram amalgamados aos personagens da fase 1, que são raros: de 490 personagens, apenas 9 são da fase 1, o que é característico do gênero dramático, visto que, em não se tratando de teatro infantil, as peças acabam retratando a vida adulta; já personagens da fase 2b foram amalgamados aos personagens da fase 3, devido à maturidade. Para facilitar a compreensão, em vez de rótulos numéricos, vamos usar rótulo “jovem adulto” para personagens mais jovens e “adulto+” para os mais velhos, uma vez que temos raros personagens adolescentes ou crianças. O gráfico a seguir mostra a quantidade de dados produzidos por personagens das duas fases.

Figura 18 - Distribuição dos personagens que produziram dados de acordo com fase da vida (amalgama)



Fonte: própria

Vemos que as peças trazem, em sua maioria, personagens jovens adultos, o que parece ter a ver também com a preferência de representatividade dramática por essa fase. Nossas hipóteses são que personagens mais velhos (adulto+) produzirão em menor escala formas mais inovadoras, como as perífrases com *ir*, presente do indicativo e imperfeito do indicativo, enquanto personagens mais jovens (jovem.adulto) produzirão essas formas em maior escala. A síntese dessas hipóteses pode ser vista no quadro 20.

Quadro 20 - Hipóteses acerca da variável fase da vida

	Personagens mais jovens (jovem.adulto)	Personagens mais velhos (adulto+)
Nas potenciais	+ presente + perífrase formada a partir de <i>ir</i> + indicativo	+ futuro sintético + perífrase formada a partir de <i>haver</i> + subjuntivo
Nas irrealis	+ imperfeito do indicativo + perífrase formada a partir de <i>ir</i>	+ futuro do pretérito

3.4.3 Da natureza textual discursiva – temática da peça

De acordo com Fiorin (2006, p.69), os gêneros textuais são “espaços de estabilidade e instabilidade, permanência e mudança “ e o conteúdo temático se refere aos domínios de sentido dos quais determinado gênero se ocupa.

As temáticas das peças são variadas a depender não apenas do período como também da estética dos autores. Além disso, no interior da produção de cada autor, pode

haver peças com diferentes enfoques, seja social, familiar, sentimental etc. Ainda, dentro de uma mesma peça, diferentes enfoques podem ser dados, sincreticamente. Com o objetivo de sistematizar e criar categorias para as temáticas gerais das peças, pensamos em olhar para a temática geral com base em dois níveis: um que envolve temáticas de teor mais objetivo, outro com temáticas de teor mais subjetivo. A identificação da temática ocorre por meio da síntese de palavras-chaves para cada peça que o projeto *Língua EmCena* criou.

Fizemos algo semelhante em Berlinck e Brandão (2021), com cartas pessoais, que se mostra um gênero relativamente mais estável que as peças (MARCOTULIO, 2010). Nessas, dividimos os temas em duas categorias mais gerais: (i) temas subjetivos, que tratavam sobre “relacionamentos, normalmente amorosos ou de amizade e (ii) temas objetivos, que incluíam sobretudo relatos de situações do cotidiano, assuntos financeiros etc. (BERLINCK; BRANDÃO, 2021, p.254).

Assim temos dois níveis para essa variável, como podemos ver na proposta do quadro 21, a seguir⁶⁰:

Quadro 21 - Categorização dos temas das peças

Temas	Palavras-chave
[+objetivo]	Ascensão social; Apadrinhamento político; Aparências sociais; Mobilidade social / ⁶¹ negócios / hipocrisia; abuso de poder; relações burguesas / crítica ao crescimento urbano; costumes urbanos, deslocamento rural para o urbano/ relações públicas; movimentos estudantis; crítica a militares e políticos; pobreza; desigualdade.
[+subjetivo]	dramas amorosos; familiar / traição; relações amorosas / conversas existenciais;/ surrealismo; relação familiar; ambiguidade; teatro do duplo.

Fonte: própria

A título de exemplo, uma peça como “A invasão”, de Dias Gomes, foi categorizada como uma peça com temática mais objetiva, cuja sinopse envolve a história da invasão de um grupo de favelados do Rio de Janeiro que, ao perderem seus barracos em uma enchente, passam a se abrigar em uma construção abandonada. Os personagens

⁶⁰ Há peças que possuem temáticas híbridas e que utilizam a questão social como pano de fundo para discussões mais subjetivas. Veremos, pois, o que se sobressai na peça, mas a sobreposição não pode ser perdida de vista.

⁶¹ As barras indicam separação de palavras-chaves em peças e o ponto vírgula refere-se às palavras dentro de uma mesma peça. Isso significa que uma peça que trata apenas de relações públicas será [+objetivo], uma que trate de relação familiar, mas também de relações públicas, é categorizada como [+híbrido], enquanto uma que trate apenas de relação familiar será [+subjetivo].

passam a viver oprimidos entre as promessas de políticos demagogos e a exploração de negociantes. A história foi baseada em fato real que ocorreu no Rio de Janeiro na década de 1950 e o lugar da invasão ficou conhecido como "A Favela do Esqueleto", uma favela existente até o início da década de 1960 no lugar onde hoje se localiza a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Por sua vez, uma peça como “A mulher sem Pecado”, de Nelson Rodrigues, é caracterizada como peça com tema +subjetivo, visto que envolve sobretudo a relação amorosa entre dois personagens e o drama é de caráter mais psicológico: dr. Olegário desconfia que sua mulher o trai e arma situações para tentar descobrir, porém a todo momento mistura alucinações com a realidade.

Levando-se em consideração que (i) uma das funções do presente se refere a sua possibilidade de projetar situações indeterminadas (MARTELOTTA, 1986), algo que parece ser mais propício de ocorrer em temas subjetivos; bem como que (ii) temas subjetivos podem fazer emergir com mais facilidade o vernáculo, nossa hipótese é de que variantes com presente do indicativo ocorram em maior escala em peças com temática subjetiva, enquanto *fs+fut*, *fs+ir* e *fs+haver* deve ocorrer mais entre peças com temática objetiva. Nas irreais, por seu turno, mesmo que estejamos assumindo que imperfeito do indicativo seja uma forma mais inovadora, quando utilizada em lugar de futuro do pretérito, levaremos em conta o fato de imperfeito ter um uso corrente, em outros contextos, ligado à uma situação iterativa (de algo que acontecia com alguma frequência). O aspecto costuma ser acionado de um ponto de vista mais objetivo, ainda que imperfeito não atualize aspecto quando é empregado pelo futuro do pretérito normalmente para expressar “uma situação que seria consequência certa de outra que não ocorreu” (TRAVAGLIA, 1985, p.169-170). Nesse sentido, a hipótese é de que imperfeito do indicativo será utilizado mais em contextos de temática objetiva enquanto futuro do pretérito, um tempo que já foi considerado modo condicional, ocorreria em maior escala entre temas mais subjetivos, assim como sua concorrente direta: *ia+infinitivo*.

A síntese dessas hipóteses pode ser vista no quadro 22.

Quadro 22 - Hipóteses acerca da variável temática da peça

	Temas mais objetivos	Temas mais subjetivos
Nas potenciais	+ futuro sintético + perífrase formada a partir de <i>ir</i> + subjuntivo	+ presente do indicativo
Nas irreais	+ imperfeito do indicativo	+ futuro do pretérito + perífrase formada a partir de <i>ir</i>

3.4.5 Da natureza semântico-pragmática: ancoragem temporal

As discussões que se encontram no capítulo **Verbo** podem nos ajudar a entender a relação que se estabelece entre o tipo de condicional e suas relações modo-temporais. Este é, inclusive, um dos critérios já utilizados para se caracterizar as condicionais. Segundo Mateus *et al.* (2003) as condicionais podem ser factuais, hipotéticas ou contrafactuais a depender da verificação da proposição no mundo real e do intervalo de tempo entre elas. No que se refere ao intervalo de tempo, para que seja factual, é preciso que a oração esteja em um intervalo de tempo “relevante”, o que estamos entendendo como verificável do ponto de vista positivo (*Ex.: se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra/ entrará em ebulição.*). Nessas, verifica-se que após a água atingir a temperatura de 100°C, *ela entrará em ebulição*. Nas denominadas por Mateus *et al.* (2003) de hipotéticas, não há um intervalo de tempo acessível (*Ex.: Se a Maria estudar, tem/terá maiores notas*). As condicionais contrafactuais (*Se o Sol girasse à volta da Terra, não havia/haveria sistema solar*⁶²) são as que são verificadas no mundo alternativo ao mundo real pois, no intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente se verifica (*O Sol não gira em torno da Terra.*) (BRANDÃO, 2018).

Em suma, poderíamos afirmar que as prótases das condicionais podem ser, de acordo com o intervalo de tempo estabelecido com as apódoses, afirmadas (nas reais), afirmadas/potencializadas e generalizadas (nas habituais), negadas (nas irreais) e indefinidas (nas potenciais).

A ancoragem temporal se refere à realidade da qual as condicionais partem para sua materialização, como uma espécie de quadro de referência. Amparando-nos na

⁶² Os exemplos em itálico deste parágrafo e do anterior foram retirados de Mateus *et al.* (2006, p. 701-708)

discussão proposta por Chafe (2018, p. 143), vamos analisar as condicionais com base em sua ancoragem a partir do seguinte esquema.

Figura 19 - Esquema de ancoragem temporal



Fonte: própria, com base em Chafe (2018)

A ancoragem temporal é assumida por nós como uma característica dêitica, em que o arranjo, neste caso da prótase, pode se encontrar ancorado no momento da enunciação, se referindo à realidade imediata, ou pode ser deslocado desse momento da enunciação, seja por meio da prospecção, a qual se refere ao devir, seja por meio da retrospecção, que se refere ao momento anterior à enunciação. Condicionais com prospecção são prototipicamente encontradas nas condicionais potenciais enquanto as condicionais irreais privilegiam a retrospecção. Já a realidade imediata se refere ao momento da enunciação e contempla as duas. Além disso, pode haver uma suspensão da ancoragem, em que uma sentença não se ancora em nenhum momento de referência. Essas amalgamamos às de realidade imediata, pois as hipóteses são as mesmas para ambas. O quadro 23 ilustra os níveis da nossa variável.

Quadro 23 - Critérios de identificação da ancoragem verbal

Ancoragem	Exemplificação
Realidade imediata e atemporal	[CN – ENGRÁCIA] - Homem, não me obrigue a fazer um escândalo. Eu grito, seu Bernardo. [CN – BERNARDO] (azedando-se) - Mau! Mau! [CN – ENGRÁCIA] - <i>Se dá mais um passo eu grito</i>. Estou em minha casa, posso gritar. (Cala a boca, Etelvina, Armango Gonzaga) [QS-GABRIEL] GALDINO - Com todos os diabos! Estou hoje com tais disposições de avançar a corações, que <i>se tu não fosses casada (pondo a mão em Luduvica)</i>, protesto que não escaparias! (Casadas solteiras, Martins Pena)
Realidade deslocada - prospecção	Sábado de aleluia, sim. Faço anos e dou um baile à fantasia . [AZ-Figueiredo] Bravo ! Não faltarei! [AZ-LOLA] Contanto que vá fantasiado! <i>Se não vai, não entra!</i> (A Capital Federal, Arthur Azevedo) Não vos peço nada. Quereis que vos prometa alguma cousa? Uma só cousa prometo; não contar a vosso pai o que se passou. Mas, <i>se por</i>

	<i>denúncia ou desconfiança, for interrogado por ele, então lhe direi tudo.</i> (Tudo por amor, Machado de Assis)
Realidade deslocada - retrospecto	<i>Se o Sr. não tivesse ainda há pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro, eu acreditaria</i> (Juiz de Paz na roça, Martins Pena) Quando eu voltei, Francisco, certamente combinado com meu pai, me disse que ia ficar vivo! Ah, Francisco por que fez isso? Ele sabia que, <i>se não dissesse assim, eu não aceitaria!</i> (Uma muralha, Ariano Suassuna)

Fonte: própria

Observamos que, nos exemplos de realidade imediata, a condicional se materializa sobre um quadro que se refere ao presente da enunciação, quase como se dissesse: “se neste momento estiver doente, eu o curo” ou “se tu não fosse, hoje, casada, não escaparias”; na realidade deslocada com prospecção, a ancoragem é não-concomitante ao momento de fala, ou seja, é deslocada para o devir, de modo que “Sábado de Aleluia” é posterior ao momento da fala, bem como a possibilidade de ser “interrogado”, no segundo exemplo; na realidade com retrospecto, a condicional se ancora em um momento anterior ao da fala: “ainda há pouco” ou “quando voltei”, ambas ancoradas no passado em relação à enunciação. Nossa hipótese é de que, nas potenciais, combinações como fs+fut aparecerão em maior escala em contextos de realidade deslocada enquanto combinações com presente (fs+pres e pres+pres) aparecerão em maior contexto de realidade imediata. Nas irreais, pis+fp aparecerá em maior escala em contexto de realidade imediata enquanto pis+pi em contexto de realidade deslocada. Nossas hipóteses se justificam a partir dos valores básicos que se atribuem ao imperfeito do indicativo (passado) e ao presente do indicativo (presente), bem como os valores básicos associados às formas de futuro (futuro).

O quadro a seguir sintetiza as hipóteses de contextos preferidos para cada forma verbal.

Quadro 24 - Hipóteses acerca da variável ancoragem temporal

	Realidade imediata	Realidade deslocada
Nas potenciais	+ fs+presente do indicativo +indicativo	+ fs+futuro sintético + fs+futuro perifrástico +subjuntivo
Nas irreais	+ pis+imperfeito	+ futuro do pretérito + pis+perífrase formada a partir de <i>ir</i>

Fonte: própria

3.4.6 Da natureza semântica - tipo semântico de verbo

A princípio, adotamos uma classificação sintático-semântica contida no *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo* (DGV) de Borba *et al.* (1990), mas, em seguida, amalgamamos algumas dessas categorias. De acordo com Borba (1996), há quatro classes semânticas para os verbos: (i) ação, (ii) processo, (iii) ação-processo e (i) estado.

Semanticamente, **verbos de ação** expressam uma atividade realizada por um sujeito agente, isto é, há um fazer por parte do sujeito; sintaticamente, possuem ao menos um argumento – o sujeito – em exemplos como “*José brincou*”. No entanto, podem conter especificadores (*José gritou barbaridades*) e/ou dois argumentos (*José foi à praia*), mas, quando há, “o segundo será um complemento que se caracteriza pelo fato de não expressar nenhuma mudança (de estado físico ou moral, de condição, de posicionamento no tempo e/ou no espaço)” (BORBA, 1996, p.58).

Os **verbos de processo**, por sua vez, apresentam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente, experimentador ou beneficiário. Em síntese, “traduzem sempre um acontecer ou um experimentar, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta.” (p.58), em exemplos como “*Ana sente frio*” ou “*a chuva parou*”. Ana, no exemplo, experimenta o frio; já a chuva é afetada pelo processo de “*parar*”. Assim como os verbos de ação, os de processo exigem ao menos um argumento – o sujeito – mas podem conter um especificador ou mesmo outros argumentos. No exemplo em que “*Ana sente frio*” há dois argumentos (*Ana e frio*) e em “*A chuva parou*” há apenas um (*chuva*).

Os verbos de **ação-processo** envolvem sujeito agente ou uma causação que afeta o complemento, levando-o sempre a uma mudança de estado, condição ou posição, ou mesmo a de sua existência. E por isso tais verbos são também comumente chamados de causativos ou de verbos de mudança de estado. Em um exemplo como: “*José quebrou o vidro*”, há uma ação por parte de José que afeta o objeto – o vidro. Nesse sentido, verbos de ação-processo possuem, em geral, no mínimo, dois argumentos: um agente/causativo e um afetado/efetuado (BORBA, 1996, p.59)

Os **verbos de estado** se definem semanticamente pela expressão de uma propriedade, situação ou mesmo condição contida no próprio sujeito, em exemplos como: “*José tem seis filhos*”. Nesse exemplo, não temos um sujeito agentivo, nem causativo e nem paciente. Temos, pois, um argumento que se comporta, tal como define Borba

(1996), como um “inativo”. Há um argumento obrigatório, que seria esse sujeito inativo, mas também os verbos de estado podem compor predicados estativos, ligando o núcleo do predicado ao seu sujeito (“*José está feliz*”)

Fizemos uma análise piloto com a classificação de Borba (1996), mas por termos poucos dados, a subdivisão em quatro níveis não permitiu identificar nenhum padrão de comportamento. Por isso, fizemos uma subdivisão mais simples, opondo verbos de estado aos de processo (que incluem tanto os de movimento, quanto os de atividade), partindo da classificação proposta por Ilari e Basso (2008, p.264). Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, verbos de estado (na prótase e na apódose) e verbos de processo (na prótase e na apódose).

66- Parece-te. **Há de ser** difícil, se não **for** impossível. (A muralha, Coelho Neto)

67- Se a minha pobre filha **fôr** com o senhor para S. Paulo, não **ouvirá** mais óperas italianas. (O diletante, Martins Pena)

Nossa hipótese é a de que a inovação ocorrerá em maior escala em combinações com verbos de processo, que incluem verbos de processo, ação-processo e ação, enquanto as formas mais conservadoras ocorrerão em maior escala entre os verbos de estado.

A preferência de uso de presente, por exemplo, em verbos de processo (ou movimento) poderia envolver em alguma medida o acúmulo metafórico de traços das categorias de espaço e de tempo – o movimento/processo possui um lançar-se em relação a algo, não necessariamente do ponto de vista temporal ou mesmo aspectual. O quadro 25 a seguir sintetiza as hipóteses.

Quadro 25 - Hipóteses acerca da variável semântica verbal

	Verbos de estado	Verbos de processo
Nas potenciais	+ fs+futuro sintético + fs+futuro perifrástico + subjuntivo	+ fs+presente do indicativo + indicativo
Nas irreais	+ pis+futuro do pretérito + pis+perífrase formada a partir de <i>ir</i>	+ pis+imperfeito

3.4.7 Da natureza morfológica (paradigma de conjugação)

Há verbos de primeira conjugação, terminados em -ar (comprar, casar, cortar, terminar, estar etc.), os de segunda conjugação, terminados em -er (comer, fazer, poder, ter, ser, etc.) e os de terceira conjugação, terminados em -ir (dormir, fingir, sentir, etc.).

A hipótese é de que a inovação ocorra entre verbos de primeira conjugação, devido a sua maior regularidade de conjugação. Isso facilitaria a aplicação de uma mesma regra morfológica a vários verbos diferentes. As outras conjugações tendem a conter menos verbos e esses verbos, embora não necessariamente irregulares, são tipicamente de alta frequência (BYBEE, 1985;2007). Em estudo sobre a aquisição morfológica do francês por crianças, Guillaume (1927/1973), apud Bybee (2007), mostra que todas as crianças generalizaram muito a primeira conjugação e isso se deve à hipótese de que uma regra morfológica em diferentes verbos com menos frequência de *token* pode ser mais facilmente aprendida se essa regra se estende entre eles (os verbos), enquanto verbos mais frequentes são mais autônomos e menos propensos à produtividade de um padrão, já que são alocados na memória como unidade e não como uma forma acrescida de uma desinência. De acordo com Bybee (2007, p.434),

Se a entrada contiver um grande número de itens distintos que compartilham um afixo, essas palavras serão relacionadas umas às outras no léxico, e surgirá a existência do afixo. Quanto mais formas tiverem o afixo, mais forte será a representação desse. Quanto mais forte for a representação do afixo, mais fácil será acessar quando uma nova palavra precisar ser flexionada, e maior será a probabilidade de que esse afixo seja produtivo. Se essas hipóteses estiverem corretas, então as formas de alta frequência de *token* serão mais autônomas e mais propensas a não serem analisadas, e menos propensas a participarem de esquemas; formas de alta frequência de *token*, portanto, não contribuirão com a produtividade de um padrão. (BYBEE, 2007, p.434, tradução nossa⁶³)

⁶³ Do original, *if the input contains a large number of distinct items which share an affix, these words will be related to one another in the lexicon, and the existence of the affix will emerge. The more forms that bear the affix, the stronger the representation of that. The stronger the representation of the affix, the easier it will be to access when a new word needs to be inflected, and the greater likelihood that that affix will be productive. If these hypotheses are correct, then forms of high token frequency will be more autonomous and more likely to be unanalysed, and less likely to participate in schemas; high token frequency forms will thus not contribute to the productivity of a pattern* (BYBEE, 2007, p.434).

Os verbos de segunda e terceira conjugação são amalgamados em nosso trabalho, por serem menos numerosos, enquanto os de primeira conjugação permanecem separados.

O quadro 26 traz exemplos de verbos de primeira, e de segunda e terceira conjugação.

Quadro 26 - Paradigma de conjugação

Verbos de primeira conjugação	Amar, gostar, dar, andar, comprar, chamar, lavar etc.
Verbos de segunda e terceira conjugação	Comer, dizer, ser, ir, dormir, poder, querer, temer, ter etc.

Fonte: própria

Nossa hipótese é de que verbos de segunda e terceira conjugação, que são em sua maioria também irregulares, preservariam as formas mais conservadoras, enquanto os de primeira conjugação, na maioria dos casos regulares, preservariam formas mais inovadoras. O quadro 27 sintetiza nossas hipóteses.

Quadro 27 - Hipóteses acerca da variável paradigma de conjugação

	Verbos de primeira conjugação	Verbos de segunda e terceira conjugação
Nas potenciais	+ fs+presente do indicativo + fs+futuro perifrástico +indicativo	+ fs+futuro sintético + subjuntivo
Nas irrealis	+ pis+imperfeito + pis+perífrase formada a partir de <i>ir</i>	+ pis+futuro do pretérito

Fonte: própria

O paradigma de conjugação não parece operar sozinho, no entanto, por isso, olhar para o efeito da identidade lexical se mostra fundamental.

3.3.8 O papel da identidade lexical

Para Bybee (1995), irregulares, por exemplo, são resistentes à inovação linguística não porque suas conexões com a base são mais bem estabelecidas, mas por serem lexicalmente mais fortes, devido sua alta frequência. Podemos estender essa reflexão para variáveis que olham para o item lexical, seja do ponto de vista do *type*, seja do ponto de vista do *token*.

O controle da identidade lexical tem se mostrado fundamental nos estudos de línguas românicas que se detêm em estudar variação de formas verbais (BERLINCK, 2015; BRANDÃO, 2018; POPLACK *et al.*, 2018; DIGESTO, 2020; 2021), por indicar que a alta frequência de uma variante pode estar relacionada à alta frequência de determinado item lexical. Nesse sentido, verbos irregulares, que são, por um lado, um grupo seletivo de verbos e, por outro, muito produtivos em sua seleção, poderiam privilegiar uma forma em detrimento de outra. De acordo com Berlinck (2019), o caráter distintivo das formas irregulares, “*que resulta de [...] desvio em face dos padrões gerais morfológicos da conjugação*” (NEVES, 2018, p.1274), *lhes assegura saliência. A junção de produtividade e saliência pode levar à manutenção da forma*” (BERLINCK, 2019, p.95). Tanto Brandão (2018) quanto Berlinck (2019), por exemplo, pudemos constatar uma concentração de uso de subjuntivo em alguns poucos verbos irregulares, como *ter*, *ser* e *querer*. Em Brandão (2018), nos 607 dados analisados de orações potenciais, constatamos que esses três verbos concentram, em conjunto, 39% da morfologia de subjuntivo.

A correlação entre identidade lexical e outras variáveis independentes, entre elas paradigma de conjugação, ainda não é sistematicamente clara entre os estudos linguísticos, e suscita reflexões acerca do estatuto da identidade lexical – trata-se, de fato, de uma variável independente? De acordo com Erker e Guy (2012), a identidade lexical tem um papel fundamental, mas não independente, no estudo da variação. Por um lado, não daria apenas para desconsiderar as identidades lexicais no estudo da língua em uso; por outro, avaliá-las como uma variável independente seria um equívoco. A frequência mais alta de determinados itens lexicais não favorecerá ou desfavorecerá uma variante sozinha, mas interagirá significativamente com outras variáveis (ERKER; GUY, 2012). Assim, nossa hipótese é de que a identidade lexical ter valor significativo na interação com cada restrição contextual – com cada variável independente:

O efeito da frequência lexical – melhor configurado como uma variável discreta em vez de contínua – é complexo; estatisticamente, não tem efeito direto independente, mas opera inteiramente por meio da interação com outras restrições⁶⁴. (ERKER; GUY, 2012, p.526, tradução nossa)

⁶⁴ Do original *the frequency effect - best configured as a discrete rather than continuous variable - is complex; statistically, it has no independent direct effect, but operates entirely through interaction with other constraints*. (ERKER; GUY, 2012, p.526)

Nos estudos sociolinguísticos, operacionalizar o estudo da identidade lexical se mostra um desafio, uma vez que, ainda que se mostre fundamental em perspectivas que partem da gramática de uso (BYBEE, 2002), a frequência de uso de determinados itens ainda não é sistematicamente testada. Nesta tese, fizemos apenas um levantamento descritivo das identidades presentes em prótases e apódoses de condicionais irrealis e potenciais, mas testes estatísticos multivariados realizados em R comportam as identidades lexicais como variáveis aleatórias. A proposta de Erker e Guy (2012) é de que se dividam as identidades lexicais em dois grupos distintos – o das identidades lexicais frequentes e o das infrequentes - para que as análises sejam testadas a partir de então. Por infrequente, os autores postulam que são os verbos com um índice de 1% do total da amostra; por frequente, são os que aparecem acima desse índice. Eles trabalharam com um corpus do espanhol com 4916 verbos, um número muito superior ao nosso. Estamos ampliando o percentual do que se considera identidade lexical frequente para 4%, visto que os dados obtidos são 4 vezes menos que o de Guy (2012). Essa frequência, no entanto, vai funcionar para apresentarmos o comportamento individual desses verbos altamente frequentes, observando se determinada morfologia ocorreria mais com uma outra identidade lexical. O teste que vai medir seu efeito é a análise multivariada de efeitos aleatórios, realizado com a ajuda do R (CORE TEAM, 2020), o que será melhor explicado a seguir.

3.4 Quantificação das informações resultantes da análise

Utilizamos a plataforma R (CORE TEAM, 2020), para que possamos fazer diferentes testes estatísticos, tanto univariados quanto multivariados. Buscando entender as motivações de uso de uma ou outra combinação, reportaremos os resultados univariados, mas, para que observemos a atuação da mudança entre formas mais inovadoras ou mais conservadoras, faremos análises multivariadas.

Trata-se de um fenômeno complexo, cuja variável dependente possui 5 níveis nas condicionais potenciais e 3 níveis nas condicionais irrealis. Para entender as preferências de uso dessas combinações, trabalhamos com a hipótese de que haja Efeito de Taxa Constante (*Constant Rate Effect*) (KROCH, 1989), pelo qual a difusão da mudança deve seguir ao longo do tempo de maneira “uniforme” nos diferentes contextos. Transpondo essa noção para o trabalho aqui realizado, a título de exemplificação, se nossa hipótese é a de que personagens mais jovens fazem maior uso de formas mais inovadoras – fs+pres,

pres+pres e fs+ir -, essa hipótese é válida para todas as sincronias, assumindo que há um efeito de taxa constante. O mesmo se estende para as demais variáveis, de modo que a tendência do efeito sobre o uso de determinada combinação deve se manter ao longo do tempo, ainda que sem índices idênticos e ainda que nem sempre a diferença seja estatisticamente significativa. Isso significa que a hierarquia de força de atuação pode mudar: fase da vida pode mostrar diferenças significativas apenas em uma única sincronia, por exemplo, mas a hipótese é de que a tendência se manterá a mesma (mais jovens utilizando formas mais inovadoras e mais velhos fazendo mais uso das conservadoras, em todas as sincronias). Assim, as análises de regressão logística serão feitas levando-se em conta todos os períodos, em um mesmo modelo.

Essas análises multivariadas serão realizadas levando-se em consideração também que há poucos dados se olharmos apenas para cada combinação, por isso essas ocorrerão a partir da contraposição entre formas inovadoras e conservadoras. Seria pouco produtivo contrapor a combinação fs+ir e fs+haver em uma análise multivariada, por exemplo, visto que temos poucos dados dessas. Por isso, apresentaremos as análises multivariadas apenas a partir da oposição inovadora vs conservadora. As análises univariadas, no entanto, mostrarão o detalhamento acerca do comportamento de cada combinação individualmente e em cada período.

Outro aspecto diz respeito às naturezas distintas das variáveis independentes - morfológica (paradigma de conjugação), semântica (traço semântico do verbo), semântico-pragmática (ancoragem temporal), textual (temática da peça), social (fase da vida, sexo, instrução e classe social) e histórica (cronologia). Quando necessário, então, realizamos a análise das formas da prótase separadas da apódose. Isso vai acontecer na análise de paradigma de conjugação e de semântica do verbo, ambas variáveis que acabam exigindo um olhar para os dois lados separadamente, visto que a análise se refere ao verbo em si, da prótase e da apódose. Também olhamos para a identidade lexical do verbo na prótase e apódose, separadamente, mas lembramos que essa variável não é uma variável fixa, de modo que, nas análises univariadas, faremos uma descrição geral, mas, na análise de regressão logística, a identidade lexical será considerada aleatória.

4 ANÁLISE

4.1 Visão geral acerca das combinações verbais em sentenças condicionais

Embora já tenhamos desde o início do texto explicitado as variantes de nossos envelopes de variação, sua formação faz parte da própria análise, pois partiu do trabalho empírico. Nas condicionais, trabalhamos com as combinações modo-temporais na prótase e na apódose de fato mais empregadas (HYMES, 1972), estabelecendo como limite mínimo 30 ocorrências (GUY, 1980), como já foi justificado na metodologia deste trabalho. Como se trata de um estudo acima da fonologia, restrições estruturais e funcionais devem ser consideradas. A partir disso, fizemos testes de comutação de tempos-modo verbais nas sentenças, observando se o pressuposto de valor de verdade se mantinha o mesmo (STALNAKER, 2002). Para Paiva (1998, p. 92), *“restringindo o termo equivalência a valor de verdade, é possível postular a existência de variações morfossintáticas e, ao mesmo tempo, depreender as restrições funcionais de alternância entre elas, respeitando, assim, o imperativo de distintividade entre as formas”*.

Antes, porém, de chegarmos aos nossos envelopes de variação, percorremos um longo caminho, por isso vamos apresentar os resultados gerais dos tipos de condicionais bem como as combinações encontradas em cada tipo, observando suas restrições funcionais, para que assim se compreenda o percurso que fizemos até chegarmos à formação dos envelopes de variação.

Começaremos pela visão geral acerca da frequência das sentenças no que se refere aos seus vínculos. Em seguida, apresentamos as especificidades funcionais no que se refere à modalidade. Depois, apresentamos as combinações verbais encontradas no *corpus*, e em cada tipo de condicional as que foram mais frequentes. A partir de então, fazemos uma descrição acerca de algumas restrições funcionais que há dentro de cada subtipo. Por último, quando discutirmos a delimitação do envelope de variação de hipotáticas potenciais e irreais, mostramos o recorte que fizemos para seu estudo.

A tabela 1 mostra a distribuição de condicionais de acordo com os tipos de vínculos, o que inclui as desgarradas, para que possamos observar sua frequência⁶⁵.

⁶⁵ Os tipos de vínculos não são suficientes, ainda, para definir o envelope de variação, neste trabalho.

Tabela 1 - frequência dos tipos de vínculos sintáticos em condicionais ao longo do tempo

VÍNCULOS	SÉCULO				Total
	XIX	XX-1	XX-2	XX-3	
Hipotáticas	541 59.3 %	346 53.7 %	395 65.1 %	495 64.2 %	1777 60.5 %
Paratáticas	153 16.8 %	110 17.1 %	51 8.4 %	138 17.9 %	452 15.4 %
Desgarradas	219 24 %	188 29.2 %	161 26.5 %	138 17.9 %	706 24.1 %
Total	913 100 %	644 100 %	607 100 %	771 100 %	2935 100 %

Fonte: própria

Ao todo, foram encontradas 2935 condicionais. As condicionais hipotáticas, essas que mantêm uma noção de causalidade entre prótase e apódose, são o tipo de condicional mais frequente no *corpus*, como podemos observar, representando 60% do total, em exemplos como os que se seguem:

68- Um amor mui diverso do amor ordinário dos salões; um amor capaz de sacrifício, capaz de tudo? Não acredita? [MA-TITIO] - *Se me afirma, acredito; mas...* (As forças Caudinas, Machado de Assis)

69- É difícil conter! Em muitas de tão aflito, por certas Deusas eu grito! E a verdade é: Que não tenho descanso! *Se como, quero! Se não como, desespero! Se bebo, desejo; Se não bebo, almejo! Se saio, apeteço! Se não saio, careço!* (Lanterna de fogo, Qorpo-Santo)

70- *Se eu fugir, ele não se casa.* (Judas em sábado de aleluia, Martins Pena)

71- [PM – Todos] - Fica, Seu Berrão! Fica [PM – BERRÃO] - Não dá. *Se desse, ficava de gosto.* (Homens de papel, Plínio Marcos)

As paratáticas estão logo em seguida, com uma frequência média de 15%. Nessas, como já foi mencionado, não há exatamente uma relação de causa e consequência, mas de adição de informação relevante (exemplo 72) ou de um ato de fala (exemplo 73), bem como há paratáticas explicativas, em que a apódose é a explicação da prótase (exemplo 74).

- 72- [MA-PEDRO-ALVES] Se houver dúvida, aqui estou eu para pleitear a sua causa. (desencanto, Machado de Assis)
- 73- [FJ - BASÍLIO] (Para a menina.) - Eu vou ver um par para ti, Isabelinha. (Dirigindo-se a um dos convidados.). Se ainda não tem dama, peço-lhe que dance com esta menina. (A menina sai de braço com o convidado.) (Maldita Parentela, França Júnior)
- 74- [DG-VELHO] (Interrompe) – Se não há condições para a luta armada, é porque só a luta armada criará essas condições. (Campeões do mundo, Dias Gomes)

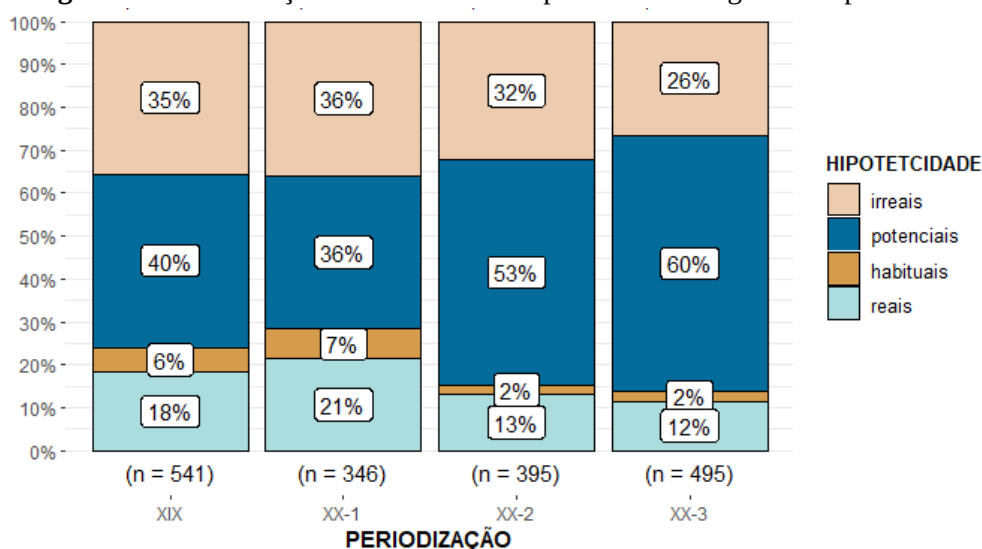
No exemplo 72, a apódose funciona como adição de uma informação relevante (*aqui estou eu*). Em 73, a informação relevante opera no nível interpessoal, em que o personagem faz um pedido, de modo que a prótase funciona como uma espécie de recurso de polidez, já que o pedido está sendo feito quer o interlocutor tenha ou não dama; em 74, trata-se de uma sentença explicativa. Essas diferenças serão mais bem elucidadas ao longo da apresentação das combinações verbais em cada tipo de condicional.

Chama a atenção, além disso, a quantidade de orações desgarradas ou que não possuíam o verbo na apódose nos três períodos, em exemplos como:

- 75- Até ao cachorro ele quer dar carta de nobreza! [AS-PADRE] - Faço tudo para agradá-lo e vai-se queixar ao bispo. **Ah se fosse no tempo do outro!** (Auto da Compadecida, Ariano Suassuna)
- 76- [DG-BONITÃO] - Você compreende, eu também tenho ambições; **Se eu não tivesse qualidades, bem.** Mas eu sei que tenho qualidades. (O pagador de promessas, Dias Gomes)

Não será o foco deste trabalho, como já mencionamos, analisar orações insubordinadas, pois nosso objetivo central é analisar correlações modo-temporais, e essas desgarradas não possuem apódose (exemplo 75) ou, se possuem, não contam com um verbo (exemplo 76). No entanto, não podemos deixar de registrar o quão comum são essas condicionais no Português Brasileiro.

Olhando um pouco mais de perto para as hipotaxes, levando-se em conta o grau de hipoteticidade que emerge dessas, temos a seguinte distribuição ao longo do tempo:

Figura 20 - Distribuição de condicionais hipotáticas ao longo do tempo

Fonte: própria

Há tendências aqui vistas bastante semelhantes entre si e que já foram atestadas em outros trabalhos (BRANDÃO, 2018; NEVES, 1999, 2000; HIRATA-VALE, 1999), como o fato de, entre as hipotaxes, as orações potenciais serem as mais frequentes, seguidas das irreais e das reais. As diferenças de índice de uso de uma sincronia para a outra pode ter a ver com os objetivos comunicativos distintos na produção de dados em cada peça. As peças dos períodos XIX e do XX-1, por exemplo, que compreendem de 1838-1930, têm um índice maior de ocorrências de hipotáticas irreais e reais, o que não quer dizer que nessa época se faziam mais afirmações com asserção real e irreal, mas que os contextos enunciativos podem ter exigido um pouco mais desse tipo de condicional, devido a temáticas das peças e aos propósitos comunicativos dos diálogos, por exemplo.

Feitas essas observações mais gerais, a partir de agora, elencaremos as combinações modo-temporais que encontramos nas condicionais paratáticas e hipotáticas. Mais uma vez, lembramos que as de complementação não entram na análise por conta de seu estatuto ambíguo que as aproxima das orações substantivas e, portanto, mereceriam outro tipo de análise; as desgarradas, por sua vez, também não entram devido à impossibilidade de se avaliar correlações verbais entre prótase e apódose, como já foi dito.

A literatura prevê algumas combinações modo-temporais no interior das condicionais reais, irreais e eventuais, como se vê no quadro a seguir, retirado de Neves e Braga (2016, p.151)

Quadro 28 - Relação modo temporal em sentenças condicionais

ORAÇÃO NÚCLEO (APÓDOSE)	ORAÇÃO CONDICIONAL (PRÓTASE)	REAL	IRREAL	EVENTUAL
Presente do indicativo	Presente do indicativo	X		X
	Futuro do subjuntivo			X
	Presente do subjuntivo			X
	Pret. perfeito do indicativo	X		
	Ø			X
Futuro do presente	Futuro do subjuntivo			X
	Presente do indicativo	X		X
Futuro do pretérito	Pret. imperf. do subjuntivo		X	X
	Futuro do subjuntivo			X
Pretérito imperfeito do indicativo	Pretérito imperfeito subjuntivo			X
	Pretérito imperfeito indicativo	X		
Pretérito perfeito indicativo	Pretérito perfeito indicativo	X		
	Presente do indicativo	X		
Futuro pretérito composto	Pretérito imperfeito subjuntivo		X	
Futuro presente composto	Pretérito perfeito indicativo	X		
Presente contínuo	Futuro do subjuntivo			X
Pretérito imperfeito do subjuntivo	Futuro do subjuntivo			X
Ø		X	X	X

Fonte: reproduzido de Neves e Braga (2016, p. 151)

As autoras apresentam a distribuição de 16 combinações modo-temporais. Contudo, como estamos lidando com a diacronia, outras combinações modo-temporais podem ocorrer em momentos mais remotos ou mais recentes. No que se refere à expressão dos tempos verbais, sobretudo em apódoses, estudos discutem formas verbais já usadas em sincronias passadas que até hoje concorrem para expressar determinados valores, como o caso do futuro do pretérito do indicativo na expressão de irrealidade (BRANDÃO, 2015; 2018; TESH, 2011; COSTA, 1997), já previsto no quadro apresentado por Neves, Braga (2016), seja em sentenças que estamos considerando como irrealis seja em eventuais. Por outro lado, temos formas verbais que caíram em desuso, como a perífrase formada com *haver* (*hei/havia de comprar*), ou que passaram a ocorrer, como as perífrases formadas com *ir* (*vou/ia comprar*). Costa (2006), em estudo sobre as variantes de futuro do pretérito ao longo do tempo, identifica o decréscimo de *havia de* (*havia de comprar*) como auxiliar, e o crescimento de *ia* (*ia comprar*) também como auxiliar. Seus resultados, que se situam em um trabalho que compreendeu os períodos de 1733 a 1997,

mostram que a perífrase formada a partir de *havia*+infinitivo começa a decair apenas a partir de meados do século XIX, de modo que no final do século XX está basicamente em desuso. Já a perífrase formada de *ia*+infinitivo possui um baixo uso desde o início do século XVIII e passa a ocorrer em maior escala a partir do início do século XX, sendo a variante mais usada no final desse século. Basicamente o mesmo ocorreu em estudos que analisaram as variantes do futuro simples (*comprarei*) no PB. Malvar (2003), por exemplo, constatou diacronicamente o decréscimo da perífrase com *haver* (*hei de comprar*) e a implementação da perífrase com *ir* (*vou comprar*). Tendências semelhantes são encontradas nos trabalhos de Gryner (1997; 2003), Santos (2000) e Oliveira (2006).

No que se refere ao futuro sintético (*comprarei*), comparando-se seu uso em modalidades da língua - fala e escrita -, Oliveira (2006) encontrou uma proporção de uso relativamente alta de futuro sintético na escrita do final do século XX – 64%, bem como um índice baixíssimo dessa forma na oralidade – apenas 3%. Em Brandão (2018), não encontramos o uso de futuro sintético no contexto das condicionais, em entrevistas sociolinguísticas, a não ser em estruturas cristalizadas: Inf.: nenhuma vida... *se ela não sabe cuiDÁ(r) se ela não sabe sê(r) responsável por esse/ uma vida de um ser com/ indefeso... quem dirá OU::tras vidas... OU::tras coisas indefesas... cê entendeu?....* (BRANDÃO, 2018, p. 74)

A forma de presente do indicativo (*compro*) também tem sido constatada em contextos em que se prescreveria o uso do futuro, como mencionamos. Oliveira (2006) mostra que a partir do século XX o uso de presente se torna mais significativo em contextos de futuro, e não estaria concorrendo com o futuro perifrástico, mas com o futuro simples. Para Martelotta (1986), bem como para Oliveira (2006), o emprego de presente estaria em uma espécie de “nicho” com diferentes particularidades, que não teriam a ver com a expressão de futuridade, mas com uma marcação temporal indeterminada, que não se refere ao tempo cronológico propriamente dito. A título de exemplificação, Martelotta (1986), em estudo sobre a forma de presente, observa que, em 94,5% dos casos, o presente do indicativo projeta situações permanentes ou indeterminadas, enquanto 4% projetam situações de futuro e 1,5% situações de presente.

O quadro proposto por Neves e Braga (2016) é um ponto de partida, mas, já que estamos nos voltando para o passado da língua, outras combinações modo-temporais podem ser encontradas. Isso, todavia, não seria um aspecto apenas da diacronia, pois em Brandão (2018) encontramos 27 diferentes combinações modo-temporais. Vamos argumentar que o gênero textual pode ser fator determinante de prototipia de uso de determinadas combinações. Nas peças, por exemplo, o fato de essa envolver mais

interação do que nas entrevistas sociolinguísticas, em que locutor e interlocutor dialogam sobre diferentes aspectos, poderia fazer emergir combinações não encontradas antes nas entrevistas. Vamos, agora, listar as combinações encontradas em condicionais paratáticas e hipotáticas. Depois, cruzaremos os tipos de condicionais com as formas verbais.

Ao todo, ao longo de três séculos, encontramos 44 distintas combinações modo-temporais distribuídas em 2.229 condicionais que continham verbo na prótase e na apódose. O quadro 29 traz as combinações, exemplos dessas e sua abreviação para posteriores discussões.

Quadro 29 - Total de combinações modo-temporais encontradas nas três sincronias

Combinações	Exemplos	Abreviação
P ⁶⁶ : Futuro do subjuntivo A: Futuro do pretérito	Se me quiserem criminalar, julgando que eu o matei, isso seria pior! (Os Meirinhos, Martins Pena)	fs+fp
P: Futuro do subjuntivo A: Futuro do presente indicativo	Se o não fizer , ela o ferirá (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)	fs+fut
P: Futuro do Subjuntivo A: Perífrase com Haver	Se tal fizer , cheios de júbilo, hemos de dançar todos assim! (Abel e Helena, Artur Azevedo)	fs+haver
P: Futuro do Subjuntivo A: Imperativo	Se quiser entrar não faça cerimônia. (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)	fs+imperativo
P: Futuro do Subjuntivo A: Infinitivo	Oh! senhorr, não tem a menor periga. Se cachorra estar danada, estar ainda melhor, porque faz, mais esforça e trem tem mais velocidade. (Caiu o ministério, França Júnior) ⁶⁷	fs+inf
P: Futuro do Subjuntivo A: perífrase com Ir flexionada no presente	Este deve estar frio. Se a menina quiser , eu vou buscar outro. (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)	fs+ir
P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do indicativo	Olhe, se você não for hoje, eu não faço mais caso de você! (Desencantos, Machado de Assis)	fs+pres
P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do Subjuntivo	Se eu contar a vocês o que se passou comigo há quatro anos, talvez não me acreditem (Meia hora de cinismo, França Júnior)	fs+ps
P: Perífrase com Haver A: Imperativo	Se o há de ser de minha filha, seja meu... (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)	haver+imperativo
P: Perífrase com IR A: Presente do Indicativo	Se vai servir à Sra. D. Luduvina, eis que se ouve a voz do Sr. Fernando de Noronha (Um assovio, Qorpo-Santo)	ir+pres

⁶⁶ Lê-se P como prótase e A como apódose.

⁶⁷ Trata-se de um exemplo de um personagem estrangeiro.

P: Mais-que-perfeito do Indicativo (sintético) A: Imperfeito do indicativo	E se eu o não fora ainda, não era de admirar (Mateus e Mateusa, Qorpo-Santo)	maisq+pi
P: Mais-que-perfeito do Indicativo (sintético) A: Futuro do presente do indicativo	Não tomará sobre mim tal trabalho, se não fora por expressa ordem do Dom Abade (o noviço, Martins Pena)	maisq+fut
P: Presente do subjuntivo A: Presente do indicativo	Mim fica contente se encontre nossos beles. (Lanterna de fogo, Qorpo-Santo)	ps+pres
P: Presente do subjuntivo A: Imperativo	Não te queixes , si um dia venha medrar aqui a atra.	ps+pres
P: Pretérito perfeito A: Futuro do pretérito	Se veio cá para fazer papel de jarra, seria melhor ter ficado em casa. (Maldita parantela, França Júnior)	pass+fp
P: Pretérito perfeito A: futuro do presente do indicativo	Se o soldado roubou-lhe a filha, o chefe, o capitão ou algum outro superior a ele, roubar-lhe-á o filho (Lanterna de Fogo, Qorpo-Santo)	pass+fut
P: Pretérito perfeito A: Perífrase com Haver	Se não se comoveu à franca manifestação do meu afeto, há de comover-se a outro modo de revelação. (Machado de Assis, Caminho da Porta)	pass+haver
P: Pretérito perfeito A: Perífrase com Ir	Se alguém viu a gente entrar aqui, amanhã toda a cidade vai saber.. (Roque Santeiro, Dias Gomes)	pass+ir
P: Pretérito Perfeito A: Imperativo	Se não se preparou , para outra vez prepare-se (Mateus e Mateusa, Qorpo-Santo)	pass+imperativo
P: Pretérito Perfeito A: Pretérito Perfeito	Se, porém, deixaram de lutar com as crianças, nem por isso deixaram de o fazer consigo (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)	pass+pass
P: Pretérito Perfeito A: Imperfeito do Indicativo	Está visto que, se não viu um, não podia ver o outro... (Abel e helena, Artur Azevedo)	pass+pi
P: Pretérito perfeito A: Presente do indicativo	Se V. Exa. não teve bastante espírito para ser minha esposa, deve tê-lo pelo menos, para ser minha sogra. (Desencantos, Machado de Assis)	pass+pres
P: Imperfeito do Indicativo A: Futuro do Pretérito	Se o texto original estava aprovado, nele não mudariamos uma vírgula.	pi+fp
P: Imperfeito do Indicativo A: Pretérito perfeito	E se o conheciam , senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranqüilidade de gênio? (Martins Pena, o Noviço)	pi+pass
P: Imperfeito do Indicativo A: Imperfeito do Indicativo	Se estava suada oferecia-lhe um sorvete para refrescar-se. (Tipos da atualidade, França Júnior)	pi+pi
P: Imperfeito do Indicativo A: Imperfeito do Subjuntivo	Se não me queria assim, não se casasse comigo. (A almajarra, Artur Azevedo)	pi+pis
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Futuro do pretérito	Se o encarasse agora, morreria de vergonha. (Um parto, Qorpo-Santo)	pis+fp
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Futuro do Indicativo	Se os meus diminutos préstimos de alguma utilidade lhes pudessem servir, com o	pis+fut

	maior gosto estarão ao dispor de Vossas Senhorias. (Machado de Assis, As forças caudinas)	
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Perífrase com Haver (PI)	E se teu pai não fôsse incumbido de me levar, havia ser soldado por força (O hóspede, Qorpo-Santo)	pis+haver
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Perífrase com ir (PI)	Se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. (O pagador de promessas, Dias gomes)	pis+ir (pi)
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Perífrase com ir (FP)	Se o Papa escolhido não tivesse sido ⁶⁸ um sujeito cheio de defeitos, como eu, nunca mais ninguém iria entender	pis+ir (fp)
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Mais-que-perfeito analítico	Se não fosse o criado, eu tinha dormido no jardim (Quebranto, Coelho Neto)	Pis+maisq.a
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Futuro do pretérito analítico	Senhor, isto não teria acontecido se nos tivésseis dado a mão de vossas filhas. (As casadas solteiras, Martins Pena)	Pis+fp.a
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Mais-que-perfeito sintético	Se o dissessem , pudera ser curada (As casadas solteiras, Martins Pena)	pis+maisq
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Imperfeito do Indicativo	E se não fôssemos à casa de nossa amiga, nada sabíamos! (O noviço, Martins Pena)	pis+pi
P: Imperfeito do Subjuntivo A: Imperfeito do Subjuntivo	Se não fosse o senhor talvez que a Senhora Dona Ana ignorasse (Meia hora de cinismo, França Júnior)	pis+pis
P: Mais-que-perfeito analítico A: Perífrase com Ir	E depois, se eu tinha fugido do inferno, por que ia voltar a ele? (Roque Santeiro, Dias Gomes)	maisq+ir
P: Presente do Indicativo A: Futuro do Indicativo	Se não morre nesses dias mais próximos, naturalmente irá também (O relicário, Coelho Neto)	pres+fut
P: Presente do Indicativo A: Perífrase com Haver	Se o não sou , ainda hei de ser . (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)	pres+haver
P: Presente do Indicativo A: Imperativo	Se está louca, vá para a Caridade! (Um parto, Qorpo-Santo)	pres+imperativo
P: Presente do Indicativo A: Infinitivo	Se mim não alcança privilégia, estar ⁶⁹ perdida! (Caiu o Ministério, França Júnior)	pres+inf
P: Presente do Indicativo A: Perífrase com Ir	Si o Dr. Cornélio o apanha , vai ser uma desgraça. (A capital federal, Artur Azevedo)	pres+ir
P: Presente do Indicativo A: Pretérito perfeito	Se assim é , mostrou-se generoso (Desencantos, Machado de Assis)	pres+pass
P: Presente do Indicativo A: Imperfeito do Indicativo	Se não lhe falas , ainda aqui estava (Tipos da atualidade, França Júnior)	pres+pi

⁶⁸ Trata-se do imperfeito composto, mas como estamos analisando a forma flexionada, já adiantamos que amalgamaremos formas compostas e simples.

⁶⁹ Trata-se de um exemplo de um personagem estrangeiro.

P: Presente do Indicativo	Se se demoram, perdem a lição de hoje!	pres+pres
A: Presente do Indicativo	(os três médicos, França Júnior)	
Total = 44 combinações modo-temporais ao longo de 4 períodos		

Como se vê, os arranjos são heterogêneos e a quantidade de diferentes combinações mostra a dinamicidade que sentenças condicionais possuem. Algumas dessas combinações, contudo, apareceram apenas uma vez ao longo do tempo. É o caso de imperfeito do indicativo na prótase + presente do indicativo na apódose, como no exemplo 77:

- 77- Eu não queria ofender a senhora, eu... (Chora.) *eu **quero** ver a minha mãe estraçalhada nos trilhos de um trem se eu **queria** ofender a senhora que eu gosto tanto.* (Lua nua, Leilah Assunção)

Também é o caso de mais-que-perfeito sintético na prótase e futuro sintético na apódose:

- 78- Espera, Florência, ouçamos o Reverendíssimo. Foi, sem dúvida, por ordem do Sr. Dom Abade que Vossa Reverendíssima veio prender nosso sobrinho? [MP-MESTRE] - *Não tomará sobre mim tal trabalho, se não fora por expressa ordem do Dom Abade.* (O noviço, Martins Pena)

As combinações que apareceram uma única vez são gramaticais, mas se mostram pouquíssimo produtivas na língua. Algumas delas inclusive geram dúvidas se seriam de fato gramaticais no PB, como é o caso de infinitivo na prótase e na apódose, combinação essa que também apareceu em um único dado, mas esse produzido por um personagem considerado estrangeiro.

- 79- [FJ - MR.JAMES] - Oh! senhorr, não tem a menor periga. *Se cachorra **estar** danada, **estar** ainda melhor*, porque faz mais esforço e trem tem mais velocidade.

A seguir, elencamos as combinações que apareceram ao longo do tempo mais de 30 vezes. Das 44 combinações verbais encontradas, 12 estão presentes em 2029 dados, de modo que as outras 32 combinações somam apenas 200 ocorrências, juntas. Essas 12 combinações são, portanto, muito frequentes. Primeiramente, veremos quantas vezes cada uma dessas 12 apareceram e, em seguida, veremos quais dessas estão presentes em cada tipo de condicional.

Quadro 30 - Combinações verbais mais frequentes no corpus

Combinações mais frequentes	Quantidade	Exemplo
Pres+pres	536	Se se demoram, perdem a lição de hoje! (os três médicos, França Júnior)
Fs+pres	416	Olhe, se você não for hoje, eu não faço mais caso de você! (Desencantos, Machado de Assis)
Pis+fp	293	Se o encarasse agora, morreria de vergonha. (Um parto, Qorpo-Santo)
Pis+pi	240	E se não fôssemos à casa de nossa amiga, nada sabíamos ! (O noviço, Martins Pena)
Fs+fut	167	Se o não fizer , ela o ferirá (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)
Fs+ir	107	Este deve estar frio. Se a menina quiser , eu vou buscar outro. (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)
Pres+imp	66	Se está louca, vá para a Caridade! (Um parto, Qorpo-Santo)
Pass+pres	56	Se V. Exa. não teve bastante espírito para ser minha esposa, deve tê-lo pelo menos, para ser minha sogra. (Desencantos, Machado de Assis)
Fs+imp	42	Se quiser entrar não faça cerimônia. (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)
Fs+haver	36	Se tal fizer , cheios de júbilo, hemos de dançar todos assim! (Abel e Helena, Artur Azevedo)
Pis+ir	35	Se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. (O pagador de promessas, Dias gomes)
Pres+fut	35	Se não morre nesses dias mais próximos, naturalmente irá também (O relicário, Coelho Neto)
Infrequentes	200	Exemplos de combinações infrequentes: fs+fp; fs+ps; fs+inf; haver+imperativo; inf+pres; ir+pres; maisq+pi; maisq+fut; pass+fp; pass+fut; pass+pi; pi+pass; pi+pis; pis+maisq; pis+pass; pres+fp; pres+inf; pres+ir, pres+pass; pres+pi.

Veremos agora como essas combinações modo-temporais se distribuem em cada tipo de condicional.

Tabela 2 - Frequência de uso de combinações verbais em condicionais

<i>Combinações</i>	<i>Condicionais</i>					<i>Total</i>
	irreais	potenciais	habituais	reais	paratáticas	
pres+pres	0	124 23.1 %	59 11 %	165 30.8 %	188 35.1 %	536 100 %
fs+pres	0	314 75.5 %	1 0.2 %	0	101 24.3 %	416 100 %
pis+fp	289 98.6 %	2 0.7 %	0	0	2 0.7 %	293 100 %
pis+pi	236 98.3 %	0	0	0	4 1.7 %	240 100 %
fs+fut	0	167 100 %	0	0	0	167 100 %
fs+ir	0	107 100 %	0	0	0	107 100 %
pres+imp	0	8 12.1 %	0	36 54.5 %	22 33.3 %	66 100 %
pass+pres	0	0	0	26 46.4 %	30 53.6 %	56 100 %
fs+imp	0	15 35.7 %	0	0	27 64.3 %	42 100 %
fs+haver	0	36 100 %	0	0	0	36 100 %
pis+ia	35 100 %	0	0	0	0	35 100 %
pres+fut	0	20 57.1 %	0	10 28.6 %	5 14.3 %	35 100 %
infrequentes	14 7 %	55 27.5 %	14 7 %	45 22.5 %	72 36 %	200 100 %
Total	574 25.8 %	848 38 %	74 3.3 %	282 12.7 %	451 20.2 %	2229 100 %

Olhando para a preferência de uso das combinações, vemos que pres+pres, a combinação que mais apareceu nas condicionais, é utilizada em larga escala nas paratáticas, em seguida nas reais, nas potenciais e, por último, nas habituais. Fs+pres tem

como contexto preferido as potenciais e as paratáticas (nessa ordem). Há um único dado de fs+pres nas habituais, o que pode ser visto no arranjo presente no exemplo 80:

80- [MF-DIMAS]: Elas **costumam** me deixar em paz se eu **lavar** minha boca de noite. (À queima roupa, Mário Bortolotto)

A noção de habitualidade parece ocorrer pela escolha lexical do verbo na apódose (costumam), que indica uma situação habitual, rotineira.

Algumas combinações tiveram uma preferência quase categórica por determinados contextos, como é o caso de pis+fp, pis+pi e pis+ia, que ocorreram quase 100% nas hipotáticas irreais; e de fs+haver, fs+ir e fs+fut, que foram utilizadas de forma categórica nas potenciais.

Combinações com imperativo na apódose apareceram em diferentes contextos, quer em sentenças paratáticas, como um ato de fala, quer em sentenças hipotáticas, reais ou potenciais. Vejamos os exemplos a seguir:

90- **Queira demorar-se** alguns instantes, entreter-se com o que há em cima desta mesa, se lhe aprouver, enquanto eu vou chamá-la. (Hoje sou um, amanhã outro, Qorpo-Santo)

91- Onde a senhora me vê, tenho dentro de mim um hospital. Vou procurar um especialista. [AG – ZULMIRA] — Si é assim, não **deixe** de embarcar hoje mesmo. [AG – LÍBANIO] — Não deixo não. Vou no trem das oito e meia. (A descoberta da América, Armando Gonzaga)

92 - [DG-ODORICO] – Mas agora pode ficar tranqüilo. Ninguém vai incomodar o senhor nem por esse nem por qualquer outro motivo... E, se incomodarem, **reaja**. Não é preciso exagerar, mas reaja, que é disso que precisamos. (O bem amado, Dias Gomes)

No exemplo 90, “queira demorar-se” indica um pedido, e a prótase indica apenas alguma polidez, de modo que condicionais desse tipo foram consideradas paratáticas⁷⁰. Em 91 e 92, no entanto, a apódose apresenta um conselho, que deverá ser seguido apenas a partir do preenchimento das condições, de modo que há causalidade entre prótase e apódose. Em 91, reconhece-se uma realidade: “si é assim”, que poderia ser facilmente parafraseada por “já que é assim”. Em 92, a relação que a apódose estabelece com o antecedente é de eventualidade: “se incomodarem”. Veja que antes o personagem afirma que “ninguém vai incomodar”, mas, se incomodarem, ou seja, um evento em potencial,

⁷⁰ Há também paratáticas com morfologia de presente do indicativo utilizada em lugar da morfologia de imperativo, em sentenças como: “[FJ- MARIA] (Baixo a Praxedes.) - Vai ali junto àquele berço e se és capaz **convence** a tua doutora de todas essas belas teorias que pregaste há pouco. (As doutoras, França Júnior). Nas reais e nas potenciais, não encontramos esse tipo de variação, ainda que consideremos possível.

“reaja”. Essas condicionais operam no nível interpessoal e estão orientadas ao agente (BYBEE, 1998), somando-se à camada de hipoteticidade quando em hipotáticas⁷¹. Não há, nesses tipos de sentenças, um vínculo sintático único que seja decorrente de uso de imperativo na apódose, mas há acionamento do nível interpessoal. Mais uma vez, não é o uso de imperativo em condicionais, por exemplo, que definiria sua classificação quanto ao seu vínculo ou grau de asserção, mas a relação que os elementos da apódose estabelecem com a prótase e vice e versa. Combinações com imperativo na apódose se distribuíram de forma heterogênea em relação aos tipos de sentenças condicionais: Pres+imperativo teve como preferência contextual as reais, seguidas das paratáticas e depois das potenciais; Fs+imperativo ocorreu nas paratáticas e nas potenciais. Assim, vemos que as condicionais com imperativo não caracterizam um tipo de condicional em particular, mas de fato, trata-se de um uso de outra natureza, que opera no nível interpessoal.

O fato de não haver combinação com subjuntivo nas reais indicia o caráter de “dúvida” atrelado ao uso desse modo, mas o mesmo não é válido para as formas de presente do indicativo em prótases, que são utilizadas tanto em contextos de maior quanto de menor certeza. Assim, se o subjuntivo contribui para a leitura da incerteza/dúvida na maioria das sentenças condicionais, não podemos dizer que o presente do indicativo carrega consigo apenas o valor de certeza, o que implica reconhecer sua multifuncionalidade.

A combinação pres+fut apareceu entre as potenciais, seguidas das reais e paratáticas, enquanto pass+pres ficou restrita às paratáticas e reais. Entre as combinações infrequentes, essas se concentraram entre as paratáticas, seguidas das potenciais, das reais e com uso idêntico entre habituais e irrealis. A maior heterogeneidade de combinações nas paratáticas parece decorrer do vínculo mais frouxo que há nessas sentenças e dos diferentes valores a elas relacionados.

⁷¹ Essas combinações não vão compor o envelope das potenciais, por entendermos que, ao acionarem valores discursivo-pragmáticos distintos das demais potenciais, não estariam em variação com as demais combinações. Além disso, nem sempre parece ser possível a variação *stricto sensu* entre presente do indicativo e imperativo nas condicionais (“quer demorar-se alguns instantes”; “não deixa de embarcar hoje mesmo”). A leitura dessas sentenças com indicativo poderia fazer com que se perdesse a orientação ao agente. O único arranjo que possibilitaria variação na apódose entre imperativo e presente do indicativo parece ser o terceiro “Se incomodarem, reage”. Esse arranjo refere-se a uma hipotática potencial, mas a mudança também poderia gerar ambiguidade: trata-se de uma percepção acerca de alguém que pode reagir ou de um conselho dirigido ao interlocutor?

Os resultados potencializam a ideia de que o estudo das formas verbais em sentenças condicionais configura algo complexo, pois os arranjos possuem multifuncionalidades. Vamos, a partir de agora, olhar para as condicionais mais de perto, levando em conta suas restrições funcionais. Começemos pelas paratáticas.

Nas **paratáticas** explicativas, há uma ordenação invertida da causa e consequência e encontramos uma estrutura lexificalizada que encabeça na apódose a causa de uma realidade ou eventualidade. Isso significa que, enquanto nas demais condicionais – as hipotáticas - a prótase é a causa para uma possível, real ou irreal concretização do conteúdo da apódose, nessas, como já discutimos anteriormente, a causa ou explicação encontra-se na apódose, de modo que a eventualidade ou realidade reside apenas na prótase, que é explicada pela apódose:

93- Se o vencer **é porque** conheço bem as regras da luta, tenho treinado e, sobretudo, tenho confiança nos meus músculos!.. (Onde canta o sabiá, Gastão Tojeiro)

94- Se nada disso **aconteceu, foi** porque eu agi com inteligência e bom senso. (Santo Inquérito, Dias Gomes)

Em 93, conhecer as regras explica um possível vencer. Em 94, agir com inteligência explica por que “nada disso aconteceu”. Isso ilustra a inversão de disposição dos eventos que as explicativas possuem: primeiro se conhece bem as regras e então é possível se vencer, por exemplo (exemplo 93). Tais construções se aproximariam de outras, na medida em que, ao retirarmos a estrutura lexicalizada – *é porque* -, a apódose se mantém verdadeira, isto é, a eventualidade residiria apenas na prótase, quando há eventualidade, como no caso do exemplo 95. Retirando a estrutura “*é porque*”, ficaríamos com o seguinte arranjo:

95- Se vencer, conheço bem as regras da luta...

A presença de “*é porque*” auxilia e realça a vinculação explicativa, e evita ambiguidades, sobretudo quando a prótase traz eventualidade. Um arranjo como o que se vê em 95 não estabeleceria à primeira vista um vínculo sintático-semântico explícito entre antecedente e o conseqüente, o que aproximaria esse tipo de construção inclusive de uma oração insubordinada: “*conheço bem as regras da luta, então, se vencer...*”. O que diferencia a sentença 93 da sentença 94 se refere à referência temporal: note que 93 se

projeta para o futuro e 94 para o passado. Nesse caso, questões relacionadas ao tempo são acionadas.

Além das explicativas, há paratáticas que acionam o nível interpessoal também, como já mencionamos.

96- [CN –LÍVIA] - Se é porque está fumando, não faça cerimonia. (O dinheiro, Coelho Neto)

Além dessas, há paratáticas em que há declarações em apódoses, e as prótases carregam consigo valores ligados a potencialidade, irreabilidade e realidade, mas com a finalidade de se cumprir funções comunicativas distintas das reais, potenciais e irreais. Além disso, há uma multifuncionalidade relacionada às estratégias empregadas. Vejamos as sentenças do quadro 31:

Quadro 31 - Valores comunicativos de prótases de paratáticas declarativas

Valor comunicativo	Exemplificação
Reconhecimento/evidência de uma realidade	<u>Se a dor torna um homem triste</u> , tem ele cura (A Capital Federal, Artur Azevedo)
Reconhecimento de uma possibilidade	<u>Se seu Eusébio não soubé sê pai</u> , aqui estou eu que hei de sabê sê mãe (a capital federal, Artur Azevedo)
Estratégia de polidez/atenuação da informação	Acha que ele tem razão? [MA-MARGARIDA] - Acho, <u>se o não ofendo...</u> [MA-TITIO] - Qual, ofender! Se eu até me honro com isso. <u>Se quiser bater-se comigo</u> , ainda estou às suas ordens.

Fonte: própria

Nas prótases das paratáticas em que há o reconhecimento ou evidência de uma realidade, essas sentenças de forma geral se aproximam das condicionais reais na medida em que podemos substituir o *se* por *já que*, e a combinação preferida é *pres+pres*. No entanto, note que “ter a cura” não depende semanticamente de “ter dor”. Nas prótases das paratáticas com reconhecimento de uma possibilidade, a prótase a princípio se aproxima das prótases das potenciais e a combinação preferida é *fs+pres*. No entanto, “estar aqui” não depende semanticamente de seu Eusébio não saber ser pai. Além disso, algumas dessas prótases parecem ser utilizadas como estratégia de polidez/atenuação da informação – “Acha que ele tem razão? [MA-MARGARIDA] - Acho, *se o não ofendo....*”. Nesse tipo de condicional que insere na apódose uma informação relevante, o uso de subjuntivo na prótase fica restrito a essas sentenças que postulam uma eventualidade antes

da informação relevante – “*se seu Eusébio não souber ser pai*”. Nas que evidenciam uma realidade, há apenas uso de *pres+pres*. Nas que funcionam como estratégia de polidez, há variação entre os modos verbais utilizados na prótase: subjuntivo e indicativo. O verbo *querer* na prótase, no entanto, flexionado no subjuntivo, mostra-se frequente. Nesse sentido, há variação dos modos indicativo e subjuntivo em paratáticas em que a prótase funciona como reconhecimento de uma potencialidade ou como mecanismo de polidez, mas isso não ocorre nas paratáticas em que a prótase traz o reconhecimento de uma realidade, cuja combinação utilizada é *pres+pres*

Logo, o vínculo mais frouxo nas paratáticas possibilita uma maior variabilidade de valores, relação e combinações modo-temporais. Estudar variação em cada tipo de paratática não é o objetivo desta tese, no entanto.

Nas reais, não há variação entre indicativo e subjuntivo na prótase e algumas combinações verbais ocorreram com frequência. Vejamos os exemplos a seguir.

97- Oh, não, o senhor não tem culpa de nada. *Se pequei, devo pagar sozinha* pelos meus pecados. (Santo Inquérito, Dias Gomes)

98- [MP-MARIQUINHA] - Jamais o ousarei! [MP-FELÍCIO] - Pois bem, *se o não ousas dizer, fujamos*. (Dois ingleses maquinistas, Martins Pena)

99- [PM – GÁ] - Dá pra Gá! Gá quer! [PM – COCO] - *Se tu quer, eu te dou*. [PM – GÁ] - (Alegre) Dá! Dá! (Tenta pegar) (Homens de Papel, Plínio Marcos)

Todas essas três sentenças podem ter o *–se* intercambiado por *já que*, sem perda de sentido: *já que pequei, devo pagar/ Já que não ousas dizer, fujamos/ já que tu quer, eu te dou*. No entanto, essas não parecem estar em variação, pois nem sempre essas formas podem ser intercambiadas por outras sem prejuízo de sentido. O que difere essas sentenças se refere ao acionamento de domínios de TAM, para além da modalidade ligada à asserção. A partir de seu ponto dêitico, 97 se constrói tomando como base algo que aconteceu no passado (pecar), que gera o sentimento de dever pagar pelo passado, no presente; 98 parte da realidade presente, mas se orienta ao interlocutor ao convidá-lo a fugir; 99, por sua vez, se ancora no presente e o consequente também se materializa no presente: “*já que quer, dou*”.

Algo semelhante ocorre com as habituais, mas essa habitualidade pode se referir a algo iterativo que se estende até o presente dêitico ou a algo do passado, ainda que a conjunção “*se*” nessas possa facilmente ser intercambiada por “*quando*” ou “*sempre que*”.

- 100- De todos os teatros e por toda a parte levava a velha comigo sempre apertada de colete e trajando os melhores vestidos que figuravam nas vidraças do Wallerstein. *Se estava suada oferecia-lhe um sorvete para refrescar-se; se se queixava dos vestidos apertados, convencia-a de que era muito ridículo andar uma menina de vestidos largos.* (Tipos da atualidade, França Júnior)
- 101- [QS IDALINA] - Esta Mamãe é assim: *se a gente não está, tem saudades; se está, zanga -se com nós!* Está bom, está bom. (Separação dois esposos, Qorpo-Santo)

No exemplo 100, trata-se de algo que ocorria no passado. Tanto isso é verdade que no exemplo em questão a “velha” da qual o personagem fala já morreu no momento em que diz o que acontecia. No exemplo 101, a iteração se estende até o presente, pois o personagem está falando de algo que acontece com base no que já aconteceu também. Não se trata de algo pontual, como podemos ver. Nas habituais, então, modalidade e aspecto são atravessados pelo tempo, que diferencia ambas as sentenças – 100 e 101.

Nas potenciais, as quais vão compor um de nossos envelopes de variação, há sempre um evento em potencialidade que pode ou não acontecer. Vejamos os exemplos:

- 102- [DG-VELHO] (Começa a se inquietar) – Nada ainda? [DG-RIBA] – Nada. [DG-VELHO] – É... (Consulta novamente o relógio) [DG-RIBA] – Escute, velho, *você não acha perigoso esperar tanto? Se eles caíram, vão ser torturados... Até falar.* (Campões do mundo, Dias Gomes)
- 103- *Se alguém tiver problemas cardíacos, retire-se do recinto*, narrarei aqui cenas pornôtrash hardcore. Comi uma mulher. Comi mesmo. Comi. (Éramos todos Thunderbirds, Mário Bortolotto)
- 104- Porém, não é isto o que mais me preocupa. É verificar que hoje eu não seria capaz de um gesto desses. *Se visse um homem morrendo, com falta de ar, eu o deixaria morrer.* (O santo Inquérito, Dias Gomes)
- 105- *Si tia Zulmira descobre que eu tenho uma Felicidade que me acompanha até aqui ao interior de Minas, estou desgraçado...* Todo o meu futuro está nas mãos de tia Zulmira (A descoberta da América, Armando Gonzaga)
- 106- *Se **for** assim, ninguém herda coisa nenhuma.* (A capital Federal, Arthur Azevedo)
- 107- [AG-EMÍLIA] *Se o Adelino não for lá agora, ela virá aqui* (Cala a boca, Etelvina!, Armando Gonzaga)

Em todas essas sentenças, podemos somar ao –se “por acaso”; são sentenças potenciais, pois o evento repousa na potencialidade. O exemplo 102 apresenta potencialidade na prótase projetada no passado (se eles por um acaso já caíram) e o evento da apódose repousa em uma eventualidade, que pode ou não ocorrer.

No segundo 103, a prótase se constrói na relação com um ato ilocucionário de recomendação: “retire-se do recinto”, algo como “se por acaso alguém tiver problemas cardíacos, é recomendável que se retire do recinto”. Nessas, ainda que haja a sugestão de um evento em potencial, a força ilocucionária se evidencia, dirigindo-se ao agente, como já vimos em outros exemplos. Nesse caso, não parece ser possível intercambiar “retire-se” por “vai retirar-se”, por exemplo, sem comprometimento do valor imperativo. Estudos têm atestado a queda da morfologia de imperativo (SCHERRE, 2004), mas em razão do emprego da morfologia de presente do indicativo (*retira-se*). A partir disso, já é possível ver que as formas de imperativo não podem compor nosso envelope de variação, haja vista suas particularidades e sua possibilidade de variação apenas com presente do indicativo.

No exemplo 104, por mais que o personagem use uma forma de imperfeito do subjuntivo na prótase e de futuro do pretérito na apódose, trata-se de uma eventualidade “ver um homem morrendo”, que se estende do presente para o devir, mas há questões estilísticas ou de atenuação de força ilocucionária, como a própria polidez associada ao uso de ao futuro do pretérito. O mesmo ocorre no que se refere ao eixo temporal com as demais sentenças (105-107): “Se tia Zulmira descobre” pode gerar a consequência “estar desgraçado”, que parte do presente e se estende para o devir; “se por acaso for assim” pode gerar a consequência de ninguém “herdar coisa nenhuma” que também parte de uma potencialidade reconhecida no presente que se estende para o futuro. No exemplo 107, também se parte do presente e se projeta para algo que será consequência de Adelino não ir “lá agora”.

Nosso envelope de variação nas potenciais vai se definir pelas formas realmente empregadas em contextos em que o tempo se ancora no presente da enunciação, fica suspenso ou se estende para além do momento da enunciação, projetando-se sempre para o devir. Dentro dessas, as combinações mais empregadas foram fs+haver, fs+fut, fs+ir, fs+pres e pres+pres, como nos exemplos que se seguem no quadro a seguir.

Quadro 32 - Variantes nas condicionais potenciais

Combinações mais empregadas	Exemplos
Fs+perífrase com Haver	Minha flauta já não toca, Mas apenas - assovia! Se não melhorar na pia, hei de mandá-la à taboca! (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)
Fs +fut	Se terminar tudo na santa paz do Senhor, minha responsabilidade ficará salva. (Artur Azevedo, Abel e Helena)
Fs+pres	Se for assim, ninguém herda coisa nenhuma, nem mesmo o Nestor... (A capital federal, Artur Azevedo)
Pres+pres	Se dá mais um passo eu grito . (Cala a boca, Etelvina!, Armando Gonzaga)
Fs+Perífrase com Ir	Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (O santo e porca, Ariano Suassuna)

Todas as combinações, como vemos, são intercambiáveis entre si, ao preservarem um fundo comum de potencialidade:

- 108- Se **não melhorar/melhora** na pia, **hei de mandá-la/mandarei/mando/vou mandar** à taboca.
- 109- Se **terminar/termina** tudo na santa paz do Senhor, minha responsabilidade **ficará/há de ficar/fica/vai ficar** salva.
- 110- Se **for/é** assim, ninguém **herda/herdará/há de herdar/vai herdar** coisa nenhuma
- 111- Se **dá/der** mais um passo, eu **grito/gritarei/hei de gritar/vou gritar**.
- 112- Se não **existir/existe**, **vou fazer/farei/faço/hei de fazer** a denúncia.

As diferenças quanto à ancoragem, por exemplo, podem ser observadas assumindo a variável ancoragem como independente. Um uso categórico de determinada combinação em um contexto de realidade imediata pode mostrar restrições funcionais; um uso heterogêneo, no entanto, ainda que haja preferências contextuais, mostra variação. Mais uma vez, quando se trabalha além da descrição, “outros tipos de significados, e mesmo nuances de significado referencial” (PAIVA; SCHERRE, 1999, p. 210), podem ser tomados como variáveis independentes.

Nas irrealis, trata-se de uma vinculação causal também, em que a prótase é uma causa que é negada pela relação que estabelece com a apódose. Essa negação ocorre de forma implícita ou explícita. Não encontramos variação que configurasse uma forma de fato empregada em prótases⁷² dessas condicionais, apenas na apódose. As combinações que compõem nosso envelope de variação são, então, as seguintes:

⁷² O imperfeito do indicativo na prótase dessas condicionais é, no entanto, algo gramatical e possível, em exemplos como: “Mixou mesmo. Se **era** tão gamada como dizia, podia ter sido mais honesta.” (À prova de

Quadro 33 - Variantes nas condicionais irrealis

Combinações mais empregadas	Exemplos
Pis+fp	Para quê, hem? Se o Sr. não fosse mais namorador que um macaco preso a um cepo, certamente não diria - que sou velha. (Juiz de Paz na roça, Martins Pena) Se não fosse atender à consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já há muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas. (França Júnior, meia hora de cinismo)
Pis+pi	Se me demorasse naquela sala morria sufocado! (Tipos da atualidade, França Júnior) Se ele gostasse de mim, tinha se casado comigo (A Capital Federal, Artur Azevedo)
Pis+Perífrase com ir+Inf ⁷³	Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele. (Homens de Papel, Plínio Marcos)

Temos a negação do evento na prótase e, por consequência na apódose, em todas as combinações: na combinação pis+fp, há um fundo comum que pressupõe que o interlocutor disse que a personagem era velha e a não dizer que seria velha envolveria o personagem não ser “mais namorador que um macaco preso”, o que se assevera que é. Um aspecto fundamental que já mencionamos em nota, mas que justificamos neste capítulo é o fato de amalgamarmos as combinações com mais-que-perfeito analítico (*tinha comprado*) às combinações com pi, enquanto perífrases com futuro do pretérito (*teria comprado*) são amalgamadas às de fp. Isso se justifica a partir do nosso olhar para a forma de fato flexionada e pelo fato de essas formas se localizarem na mesma escala temporal que as formas simples – partindo do passado e podendo se estender até o presente. O que difere as formas sintéticas das analíticas, nesses casos, é a explicitação da negação. Assim, ainda olhando para a combinação pis+fp, há um dado em que a negação é explicitada pela perífrase de futuro do pretérito na apódose: “se não fosse atender”, há muito “teria quebrado uma cadeira nas costas”, implica que o personagem foi atender à consideração e que não quebrou a cadeira nas costas.

fogo, Consuelo de Castro), que pode facilmente ter “era” intercambiado por “fosse” – se **fosse** tão gamada como dizia.

⁷³ Com o objetivo de abreviar o nome das variantes, vamos chamar a combinação com imperfeito do subjuntivo na prótase e com perífrase formada a partir do verbo *ir* no imperfeito do indicativo + uma forma no infinitivo na apódose de *pis+ir*.

Na combinação *pis+pi*, temos a mesma relação: “se se demorasse” pressupõe que não se demorou, portanto não “morreu sufocado”. Na combinação com *mais-que-perfeito* analítico, a relação é a mesma, pois “se ele gostasse de mim, tinha se casado comigo” pressupõe que a personagem não gosta e que, portanto, não se casou.

Na combinação *pis+ir*, “se não tivesse todo mundo picado de raiva” pressupõe que todo mundo estava com raiva, de modo que as pessoas tiveram “peito de entrar nele”.

Nessas todas, percebemos que as formas são intercambiáveis na apódose. Vejamos os rearranjos a seguir:

- 113- Se o Sr. não fosse mais namorador que um macaco preso a um cepo, certamente não **diria/não dizia/ia dizer** que sou velha.
- 114- Se não fosse atender à consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já há muito lhe **teria quebrado/tinha quebrado/ia ter quebrado** uma cadeira nas costas.
- 115- Se me **demorasse** naquela sala **morria/morreria** sufocado!
- 116- Se ele **gostasse** de mim, **teria/tinha/ia ter se casado** comigo
- 117- Se não **tivesse** todo mundo picado de raiva, ninguém **ia ter/teria/tinha** peito de entrar nele

A partir de agora, então, partimos para a análise do funcionamento dessas combinações mais empregadas a partir da análise de cada envelope – potenciais e irreais - observando se o uso de cada combinação aumentou ou diminuiu ao longo do tempo e quais variáveis contribuem para a diminuição ou aumento dessas.

Antes, no entanto, vale apenas ressaltarmos que a análise acerca dos tipos de condicionais bem como das formas verbais nelas presentes leva em conta todo o arranjo, como vimos. Nesse sentido, as marcações de dúvida ou de certeza estão relacionadas aos elementos dos arranjos como um todo e não somente às desinências temporais, o que confirma a tese de que a marcação ocorre via sintaxe, o que inclui a morfologia verbal, mas se deve apenas a ela. Isso tanto é verdade que uma combinação como *pres+pres* pode fazer parte de um arranjo que indicia mais realidade, mas também pode fazer parte de um arranjo que indicia habitualidade e/ou de um que indicie potencialidade. De outra parte, essa combinação varia com outras, como *fs+fut*.

A variação é definida, pois, a partir da possibilidade de comutarmos formas verbais nos arranjos sem que se perca o pressuposto de um fundo comum (STALNAKER, 2002).

4.2 Visão geral dos resultados em potenciais

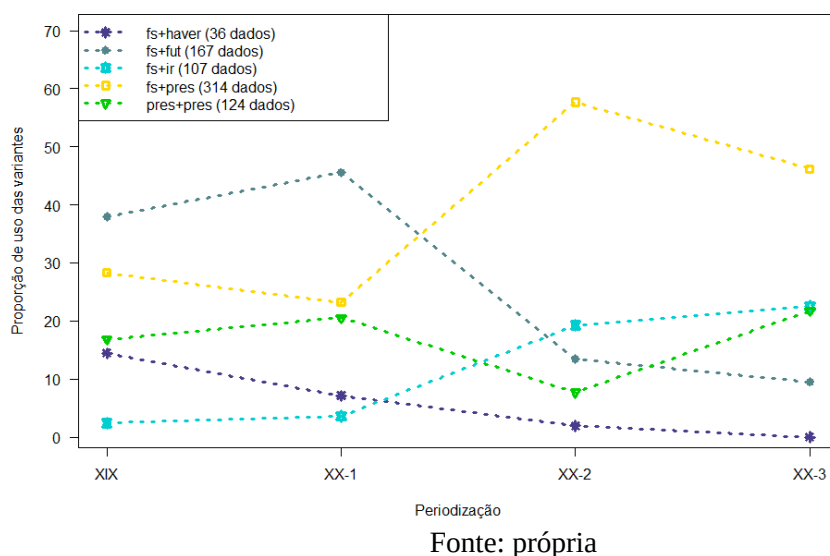
Condicionais potenciais podem ser vistas como as condicionais mais hipotéticas, uma vez que se constroem sintaticamente pela relação antecedente-consequente e envolvem eventualidade tanto na prótase quanto na apódose. Para compor nosso envelope, partimos de potenciais que possuem eventualidade projetada a partir do ponto dêitico presente ou que estão suspensas. Reportamos novamente o quadro com as variantes que compõem esse tipo de condicional.

Quadro 34 - Variantes nas condicionais potenciais

Combinações mais empregadas	Exemplos
Fs+perífrase com Haver+Inf ⁷⁴	Minha flauta já não toca, Mas apenas - assovia! Se não melhorar na pia, hei de mandá-la à taboca! (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)
Fs +fut	Se terminar tudo na santa paz do Senhor, minha responsabilidade ficará salva. (Artur Azevedo, Abel e Helena)
Fs+pres	Se for assim, ninguém herda coisa nenhuma, nem mesmo o Nestor... (A capital federal, Artur Azevedo)
Pres+pres	Se dá mais um passo eu grito . (Cala a boca, Etelvina!, Armando Gonzaga)
Fs+Perífrase com Ir+Inf	Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (O santo e porca, Ariano Suassuna)

Ao todo, encontramos 748 condicionais potenciais com formas realmente empregadas, as quais serão incluídas nos testes estatísticos. A figura 21 mostra o comportamento das combinações verbais nas condicionais ao longo do tempo.

⁷⁴ Com o objetivo de abreviar o nome das variantes, vamos chamar a combinação com futuro do subjuntivo na prótase e com perífrase formada a partir do verbo *Haver* + uma forma no infinitivo na apódose de *fs+haver*. Também chamaremos de a combinação formada por futuro do subjuntivo na prótase + perífrase formada a partir do auxiliar *ir* como *fs+ir*.

Figura 21 - Distribuição de variantes em condicionais potenciais por período

De forma geral, percebemos pelo gráfico um movimento de ascendência de algumas combinações, como fs+pres e fs+ir, bem como um decréscimo de fs+fut e de fs+haver ao longo do tempo. Esse movimento mostra diferenças significativas ($p < 0.05$) e confirma o processo de mudança.

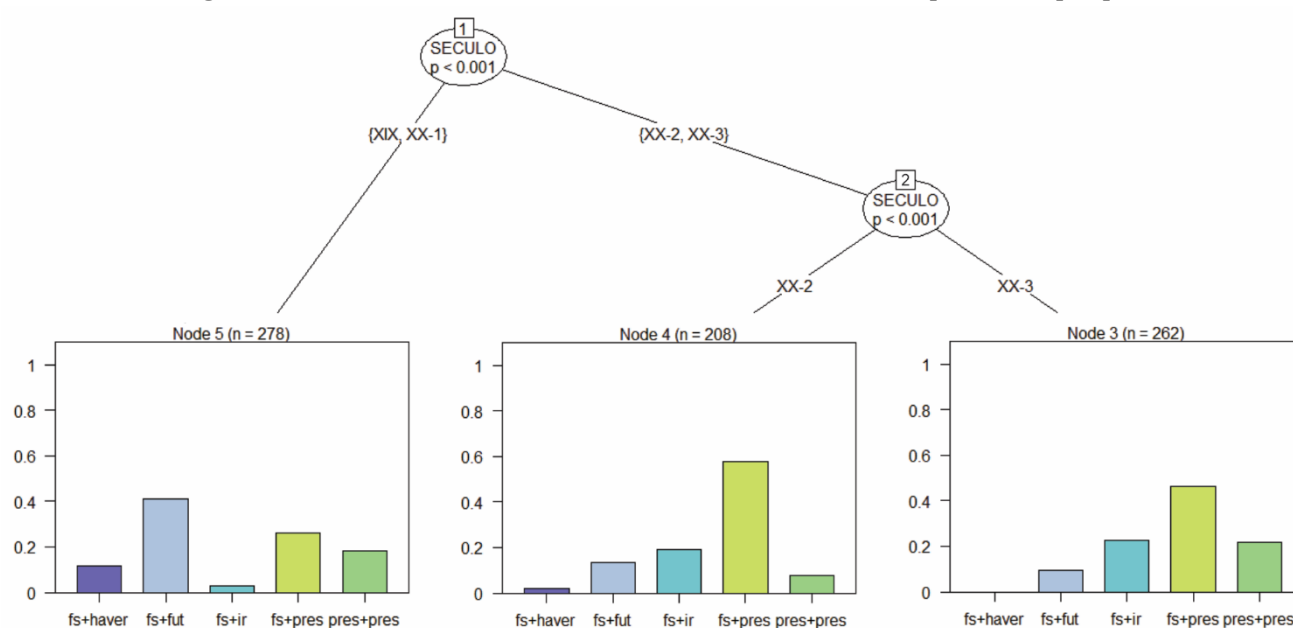
O uso de pres+pres também aumenta, ainda que muito timidamente, da primeira para a última sincronia, com um decréscimo do XX-1 para o XX-2, mostrando certa estabilidade ao longos dos anos ao mesmo tempo que chega a ocorrer nas mesmas proporções que fs+ir em XX-3. O uso de fs+pres diminui na última sincronia, em alguma medida cedendo espaço a outra combinação em ascensão: pres+pres. Neste caso, comparando apenas o uso de fs+pres e pres+pres, podemos dizer que há diminuição do uso do futuro do subjuntivo no XX-3, já que o presente na apódose está bem estabelecido desde antes (se consideramos, justamente, a combinação fs+pres).

Os movimentos das combinações, no entanto, não parecem seguir na mesma velocidade ao longo dos anos: o período que compreende de 1838 a 1930 (XIX e XX-1) mostra-se como um bloco homogêneo, sem diferenças significativas ($p > 0.05$), como indicam os sutis movimentos das linhas. Além disso, de 1838 a 1930, há apenas 8 ocorrências de fs+ir. Tal estabilidade, contudo, não perdura a partir de 1930; diferentemente, esse período parece ser decisivo para a implementação da mudança, com decréscimo explícito de fs+haver e fs+fut, e aumento exponencial de fs+pres e fs+ir. Acerca da combinação pres+pres, a única que possui indicativo na prótase, percebemos

que é nessa sincronia – XX-2 – que o presente do indicativo em lugar de subjuntivo menos ocorre, tendo um incremento maior apenas em XX-3.

A árvore de inferência condicional, plotada a seguir, é muito reveladora nesse sentido, pois mostra o caminho desses distintos padrões de uso.

Figura 22 - Árvore de inferência condicional com variantes em potenciais por período



Pela árvore, atestamos mais uma vez que não há diferenças significativas que indiquem⁷⁵ mudança entre o XIX e o XX-1 nas condicionais potenciais, fazendo dessas sincronias um bloco homogêneo, de fato. Vemos isso pela única caixa, à esquerda, que o modelo constrói para esses dois períodos, em que a combinação preferida é fs+fut. Nesse caso, o próprio modelo já realizou uma espécie de amálgama de formas que possuem o mesmo padrão, e isso também nos permite amalgamar XIX e XX-1 para as demais análises realizadas.

Nas demais sincronias, a combinação mais utilizada foi fs+pres. A árvore de inferência condicional coloca do lado direito as duas outras sincronias e as separa em dois

⁷⁵ Isso não significa que não estivesse havendo mudança, mas, como sabemos, essa é lenta e gradual e, em nossos dados, o comportamento das combinações em ambas as sincronias (XIX e XX-1) não mostra diferenças estatisticamente significativas.

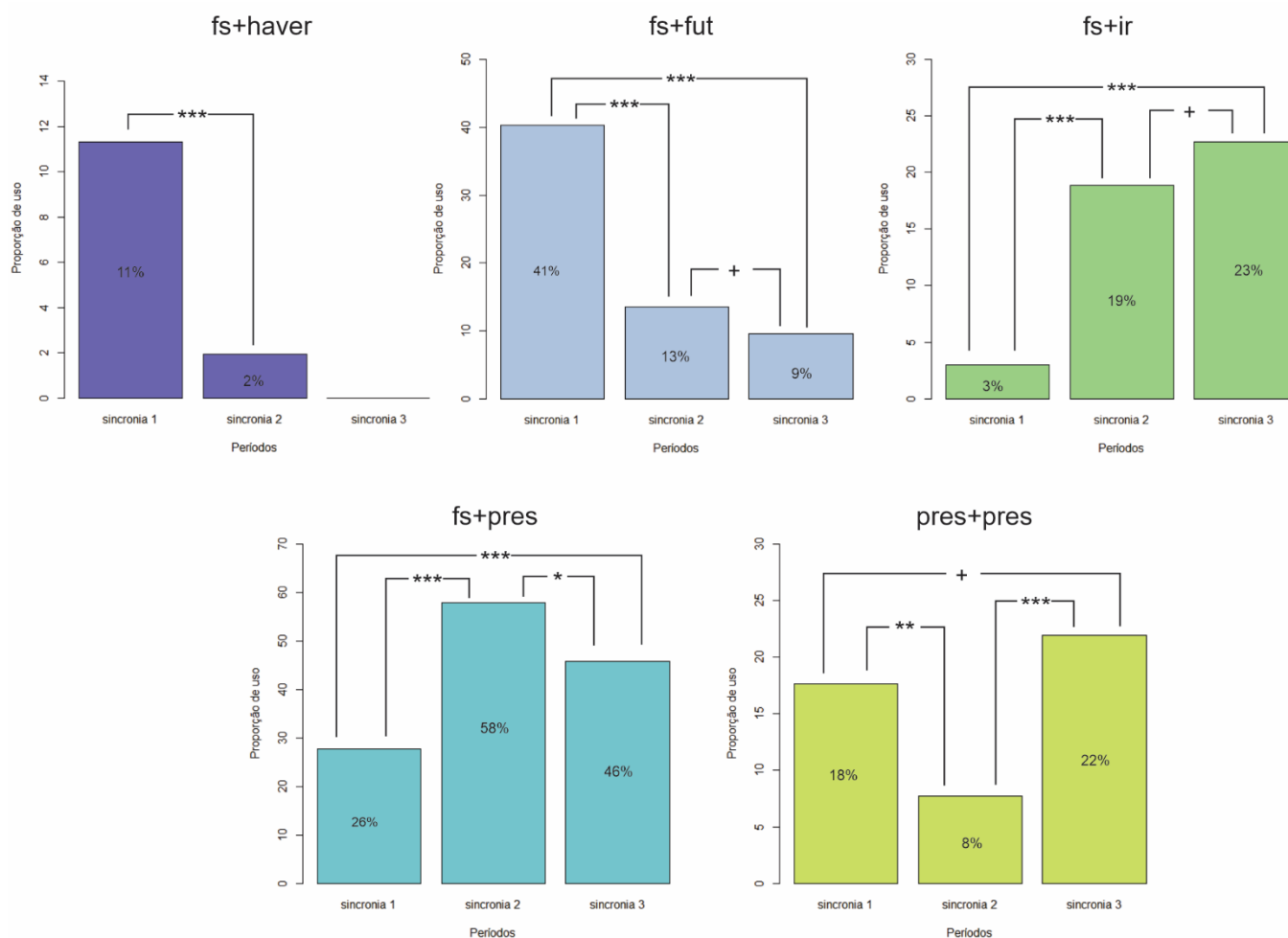
outros blocos, o que indica que há diferença significativas entre XX-2 e XX-3. A tabela a seguir traz os valores exatos de distribuição das combinações já considerando a amálgama das sincronias XIX e XX-1 em uma única – Sincronia 1. Nesse sentido, como estamos olhando para a mudança, vamos realizar amálgamas e ficar apenas com três sincronias para a análise. Denominamos essas sincronias de sincronia 1 (XIX e XX-1 = 1838-1930), sincronia 2 (XX-2 = 1931-1964) e sincronia 3 (XX-3 = 1964-2010).

Tabela 3 - Frequência de uso de variantes em condicionais por período

<i>COMB</i>	<i>SINCRONIA</i>			<i>Total</i>
	Sincronia 1 (1838-1930)	Sincronia 2 (1931-1964)	Sincronia 3 (1965-2010)	
fs+haver	32 11.5 %	4 1.9 %	0 0 %	36 4.8 %
fs+fut	114 41 %	28 13.5 %	25 9.5 %	167 22.3 %
fs+ir	8 2.9 %	40 19.2 %	59 22.5 %	107 14.3 %
fs+pres	73 26.3 %	120 57.7 %	121 46.2 %	314 42 %
pres+pres	51 18.3 %	16 7.7 %	57 21.8 %	124 16.6 %
<i>Total</i>	278 100 %	208 100 %	262 100 %	748 100 %

$$\chi^2=197.720 \cdot df=8 \cdot \text{Cramer's } V=0.364 \cdot p=0.000$$

No processo de mudança, fs+haver e fs+fut têm seu uso diminuído com o tempo, enquanto combinações como fs+pres, pres+pres e fs+ir tem seu uso aumentado. Ocorre que, no que se refere à combinação com indicativo na prótase, isto é, pres+pres, não há diferenças significativas nesse seu sutil aumento da sincronia 1 para a sincronia 3, como se vê na figura 23, em que calculamos a significância de cada variante individualmente. Além disso, algumas combinações, quando pensadas individualmente, mostram certa estabilidade quando se comparam os resultados de uma sincronia e outra.

Figura 23 - Visualização de distribuição das variantes individualmente

+p > 0,05; *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,001

Os asteriscos indicam significância estatística ($p < 0,05$) e o sinal “+” indica que não há diferenças estatisticamente significativas, com o valor-p maior que 0,05. Começando pelas formas de futuro, vemos mais uma vez que se trata de um processo de mudança, com desaparecimento da combinação fs+haver, diminuição de fs+fut e aumento de fs+ir, fs+pres e pres+pres. Os testes de significância indicam algo interessante, no entanto: fs+fut e fs+ir não possuem diferenças significativas em seus usos quando comparadas as sincronias 2 e 3, mas apenas quando comparamos a Sincronia 1 com essas duas. Ou seja, a Sincronia 2 – que vai de 1930 a 1964 – é de fato a sincronia decisiva, um *turning point*, que apresenta rompimentos em relação à até então preferência

por formas de futuro sintético. Após esse período, a mudança continua seguindo seu curso, mas de maneira um pouco mais lenta, sem diferenças estatisticamente significativas para essas combinações.

Tais resultados, principalmente quando olhamos de forma específica para a apódose, atestam a mesma tendência já encontrada em outros estudos que analisaram o comportamento de formas de futuro no Português Brasileiro (OLIVEIRA, 2006; MALVAR; POPLACK, 2008). Malvar e Poplack (2008), ao observarem o percurso do futuro verbal no intervalo temporal que começa no XVI e vai até o XX, mostram que a forma inovadora, qual seja a de futuro perifrástico formada a partir de *ir*, já havia se infiltrado no sistema linguístico antes mesmo do século XIX, mas se difunde amplamente somente a partir do século XX (e diríamos que a partir da sua segunda metade⁷⁶). É o que constatamos também quando olhamos para a árvore de inferência condicional (figura 22). Um resultado semelhante sobre a implementação e expansão da perífrase formada a partir de *ir* foi encontrado por Oliveira (2006): a partir de um estudo em tempo real, a pesquisadora encontrou o registro dessa perífrase na escrita desde o século XIV, mas com uso ainda incipiente, não chegando a 10 ocorrências por período; no século XX seu uso mais do que dobra, passando de 7,5% (8 ocorrências) no XIX para 16% (26 ocorrências) no XX. De acordo com a autora,

A reorganização distribucional das variantes de futuro, que já se delineia no século XIX, fica mais evidente no século XX, envolvendo o decréscimo da forma de futuro simples, a queda considerável no uso de *haver de* + infinitivo e o acentuado aumento da forma de *ir* + infinitivo. Assim, a passagem entre os séculos XIX e XX parece ser crucial. (OLIVEIRA, 2006, p.106, grifos nossos)

Esses padrões, principalmente em relação à apódose, refletem o que temos visto sobre mudança para a morfologia de futuro no PB. Isso diz respeito ao problema do encaixamento de WLH: mudanças ocorrendo de modo encaixado na gramática. E diz respeito ao problema da implementação.

⁷⁶ Estamos levando em consideração o contexto que estamos analisando, mas pode ser que a implementação do futuro perifrástico tenha seguido um curso diferente em orações independentes ou em principais (matrizes), por exemplo.

Encontramos, em nossos dados, algo semelhante⁷⁷ em relação à combinação que contém *ir* como auxiliar flexionado no presente – na passagem da sincronia 1 (1838-1930) para a sincronia 2 (1930-1964) –, mas em proporções ainda maiores: a combinação *fs+ir* apareceu em 3% do total de dados (8 vezes) na sincronia 1 e em 19% (40 vezes) na sincronia 2. Na sincronia 3, seu uso é ampliado.

Para além da perífrase com *ir*, chama a atenção em nossos resultados a abundância de uso do presente do indicativo nas apódoses. *Fs+pres* mostra aumento de uso entre as sincronias 1 e 3, mas há um decréscimo na sincronia 3 em relação à sincronia 2, o que pode ter a ver com a implementação e expansão das combinações com perífrases formadas a partir de *ir* em apódoses, mas também com a expansão, ainda que modesta, de presente na prótase. De todo modo, o que se vê é um uso abundante de formas de presente em apódoses de condicionais ao longo do tempo, com seu uso cada vez mais ampliado.

A morfologia de presente, de acordo Malvar e Poplack (2003), desempenharia um papel menor, ainda que “esteja quantitativamente em paralelo com IR” (MALVAR, POPLACK, 2008, p. 196). De acordo com as autoras, “os detalhes de seu condicionamento variável revelam que P⁷⁸ não se apresenta tão entrincheirado estruturalmente quanto sua contraparte perifrástica” (MALVAR, POPLACK, 2008, p. 196) por pelo menos três motivos: (i) sua co-ocorrência com advérbios específicos, os quais podem demarcar explicitamente a referência temporal da sentença, (ii) seu uso quase categórico com o verbo *ir*, bem como sua associação com demais verbos de movimento, e (iii) o papel de expressar *eventos contingentes* em orações condicionais:

Embora a frequência de P tenha dobrado desde os séculos XVI e XVIII, essa variante não se difundiu por todos os contextos de referência futura, ao contrário, seu uso concentrou-se em contextos mais especializados e relativamente menos frequentes: *verbos de movimento, contextos contingentes e com advérbios específicos* (MALVAR, POPLACK, 2003, p.196)

Especial interesse obviamente temos pelo motivo (iii), que trata de eventos contingentes. Malvar e Poplack (2003) apontam que expressar *eventos contingentes* fazia

⁷⁷ Ainda que o recorte temporal de Oliveira (2006) seja diferente do nosso, porque a sua Sincronia 1 entra no século XX, isso não invalida as correlações, as semelhanças.

⁷⁸ Leia-se presente.

parte, até o século XVIII, do domínio do futuro sintético, mas, a partir do XIX, esses contextos foram assumidos pelo presente. Já nos demais contextos, o uso de presente é ainda incipiente como expressão de futuro. De fato, o que vemos nas figuras é um uso considerável de presente desde o século XIX: quando somamos as combinações *fs+pres* e *pres+pres*, essas representam juntas 45% do total de dados no XIX, 44% no XX-1, 66% no XX-2 e 68% no XX-3. *Fs+haver* e *fs+fut*, formas mais obsoletas de futuro, somam, juntas, 52% no XIX, 52% no XX-1, 15% no XX-2 e 10% no XX-3, sendo esses 10% da última sincronia compostos apenas por *fs+fut*, já que a perífrase com *haver* não apareceu. O protagonismo das combinações com presente, no entanto, passa a ser dividido a partir de 1930 com *fs+ir*, com 19% na sincronia 2 e 23% no na sincronia 3.

No que se refere ao uso das combinações com presente do indicativo também na prótase, não há correlação entre cronologia e o uso de *pres+pres* quando olhamos a primeira e última sincronias; em outras palavras, o indicativo, em prótases de condicionais, junto de presente do indicativo na apódose – *pres+pres*, mostra-se estável ao longo dos séculos XIX, XX e início do XXI, inclusive com um decréscimo evidente na sincronia 2. Tal aparente⁷⁹ estabilidade vai na contramão de nossa hipótese de que o indicativo estaria suplantando formas de subjuntivo nas condicionais, ainda que possa estar em outros contextos sintáticos, como é o caso das completivas (BERLINCK, 2015; 2019).

Em um estudo sobre a evolução do uso do subjuntivo em sentenças completivas, extraídas de corpora de fala do francês, do italiano, do português e do espanhol, Poplack *et al.* (2018) encontraram 76% de subjuntivo no francês, 71% no italiano, 55% no português e 37% no espanhol. O que se observa, então, é um uso maior de subjuntivo nas condicionais em relação às completivas. Essa constatação é endossada quando comparamos nossos resultados aos de Berlinck (2019), que analisou o uso de indicativo e subjuntivo em sentenças completivas, também a partir de um *corpus* de peças de teatro brasileiras. A pesquisadora encontrou 47% de morfologia de indicativo em completivas no século XVIII, 30% no século XIX e 29% no XX, o que mostra estabilidade semelhante

⁷⁹ Escolhemos a palavra “aparente” porque pode ser que a sincronia 2 seja um momento de transição, com certa instabilidade no caminho da variação entre subjuntivo e indicativo na prótase, nas combinações *fs+pres* e *pres+pres*, de modo que há um contraste entre *fs+pres* e *pres+pres* na Sincronia 2, em que os dois gráficos são quase a imagem em espelho um do outro, e há uma diferença entre Sincronias 1 e 3, significativa para *fs+pres* e não para *pres+pres*.

ao que encontramos entre o XIX e o XX – 18% na sincronia 1 (1838-1930) e 22% na sincronia 3 (1964-2010).

Santos (2014), ao estudar a morfologia de indicativo na expressão do modo subjuntivo em dados de fala de São Paulo e de São Luís, encontra diferenças de índices de uso de indicativo e subjuntivo, e uma das variáveis associadas ao fenômeno é tipo de sentença: em São Paulo, por exemplo, o autor encontrou 53% de indicativo em orações substantivas, aí incluídas as completivas, e 29% de indicativo nas adverbiais (aí incluídas as condicionais); em São Luís, foram 33% de dados com indicativo em substantivas e 22% em adverbiais. Logo, vê-se que há uma maior resistência das formas de subjuntivo nas adverbiais já constatada por outros estudos. Vamos manter a combinação pres+pres nas análises a fim de que possamos entender seu funcionamento linguístico e social.

O comportamento das combinações nas peças da Sincronia 3, período que compreende de 1964 a 2010, segue a mesma tendência observada por Brandão (2018) em dados de fala do início do XXI, com o detalhe de que nos dados de fala há um ainda maior protagonismo por parte do presente, e ausência de fs+fut e de fs+haver: em Brandão (2018), fs+pres ocorreu em 63% do total de dados, fs+ir em 21% e pres+pres em 16%.

Comparando os padrões da sincronia 3 e dos dados de fala, temos o seguinte:

Nas peças da sincronia 3 (1964-2010):

fs+pres % fs+ir % pres+pres % fs+fut

Nos dados de fala produzidos no início do século XXI (2004/2006) (Brandão, 2018):

fs+pres % fs+ir % pres+pres

Quando comparamos os resultados dos dados das peças com os que obtivemos com as entrevistas sociolinguísticas (BRANDÃO, 2018), esses padrões mostram, por um lado, a semelhança entre os padrões dos dados de fala e de peças de teatro, o que valida, mais uma vez, o emprego de peças de teatro como fonte de dados; por outro, corroboram a já consolidada hipótese de que a mudança parte da fala para a escrita, ainda que esta seja representação daquela: fs+fut, combinação essa que não apareceu nas entrevistas, resiste nas peças, ainda. Por último, mas não menos importante, empiricamente, o que se vê é que formas de presente do indicativo possuem não de hoje um protagonismo dentro das sentenças condicionais potenciais, o que só aumenta com o passar do tempo.

Logo, se o uso de presente tem sido atestado como incipiente em pesquisas que se voltam para a análise da expressão de futuro, em sentenças condicionais seu uso é abundante. A indeterminação da qual fala Martelotta (1986) em relação ao presente se mostra uma característica fundamental das apódoses de condicionais potenciais, uma vez que não conseguimos comprovar que essa vai se realizar. A própria condição e noção de eventualidade instaladas na prótase (em relação à apódose) contribuem para uma leitura indeterminada de uso do presente na apódose, de modo que essa leitura de indeterminação não é dada pela forma verbal de presente. Pelo menos não apenas.

Em síntese, os padrões encontrados apontam para uma mudança em curso nas potenciais, como explicitamos, mas apenas a partir de 1930 (XX-3). Em outras palavras, a sincronia 2, que se inicia em 1930, marca, então, um período fundamental de registro de mudança do quadro verbal em condicionais potenciais nas peças de teatro, seja porque talvez houvesse condições para emergir, em uma escrita que busca representar a fala, os usos já muito frequentes, seja porque pode ter havido uma mudança de representação de perfis sociais, com a presença maior de personagens representativas de segmentos sociais marginalizados, de classes econômicas mais baixas, ou seja, de variedades linguísticas populares. Ainda que o final do século XIX e início do XX seja um período importante para o Brasil, com a abolição da escravatura, a Proclamação da República e sua abertura econômica para o mundo, trata-se ainda de um período de modernização pautado em ideais europeus, com exclusão social alicerçada em teorias racistas discriminatórias, em diferentes níveis, incluindo os socioespaciais. Começa-se, na virada do século XIX para o XX a se desenhar as possibilidades de acesso à cidadania e à inclusão social que iam além da origem nobre ou monárquica, mas sua consolidação, junto da luta por uma brasilidade, acentua-se após esse período. Não à toa, o período denominado “olhando para dentro” (Sincronia 2 - 1930-1964) inclui mudanças substanciais do ponto de vista político, econômico e social e, a essa altura, as projeções e desejos dos modernistas da semana de 1922 por uma identidade de fato brasileira ganham mais maturidade.

Lembramos, então, que, a partir de 1930, na literatura, há uma espécie de maturidade literária daquilo que se ensejava como identidade brasileira na semana de 1922, o que inclui a representação de perfis sociais que compõem a sociedade como todo. Em estudo sobre a evolução cíclica de formas de futuro, Nunes (2003, p. 67) afirma que, na literatura, “o uso da forma de futuro perifrástico será encontrado fortuitamente na segunda fase do Modernismo”, isto é, entre 1930 e 1945. A título de exemplo, reporta um trecho de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos:

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:
- Vão bulir com a Baleia? [...] (Vidas Secas, Graciliano Ramos)

A partir do trecho, a autora tece algumas considerações:

Nesse fragmento, a expressão “vão bulir”, uma outra forma de futuro, surge na fala de um personagem pertencente a uma família de retirantes nordestinos que foge da seca. Desse modo, o autor retrata a linguagem despreocupada da língua falada, sem utilizar nenhuma espécie de filtro linguístico. (NUNES, 2003, p.67)

A análise que vai medir a correlação entre variáveis sociais e o fenômeno em estudo pode nos ajudar a entender melhor o processo de mudança e encaixamento dessas formas nas estruturas sociais, sem perder de vista que a produção linguística por parte de personagens envolve avaliação por parte dos autores, aspectos que tocam em problemas de encaixamento, de fatores condicionantes e de avaliação (WLH, 1968).

Reproduzimos aqui, novamente, a hipótese geral que temos quanto a essas combinações, que se refere ao problema de transição (WLH, 1968) de formas linguísticas mais, ou menos, inovadoras no vernáculo. Pelos resultados gerais, vemos a diminuição gradativa de fs+fut e desaparecimento de fs+haver ao longo do tempo. Ainda, há aumento de fs+ir e fs+pres e certa estabilidade por parte de pres+pres. Nesse caso, podemos traçar um continuum entre as formas mais conservadoras e mais inovadoras com expressão de potencialidade, na prótase e na apódose⁸⁰.

[+conservador]

[+inovador]

Modo subjuntivo > *Modo indicativo*

Perífrase com haver > *futuro sintético* > *presente do indicativo* > *perífrase com ir*

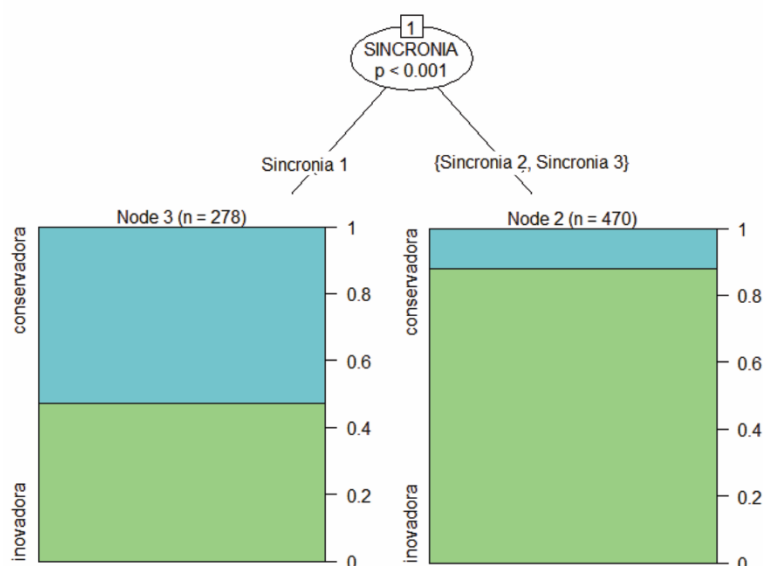
Para entender as preferências de uso dessas combinações, trabalhamos com a hipótese de que haja Efeito de Taxa Constante (*Constant Rate Effect*) (KROCH, 1989), pelo qual a difusão da mudança deve seguir ao longo do tempo de maneira “uniforme”

⁸⁰ Mais uma vez, isso não significa que as formas elencadas como inovadoras necessariamente não existiam na língua, mas essas expressavam outros valores que não a princípio essencialmente o da potencialidade.

nos diferentes contextos, como já mencionamos no capítulo metodológico. Assim, a análise de regressão logística será feita levando-se em conta todos os períodos, em um mesmo modelo. Além disso, como já mencionamos, algumas combinações ocorrem pouco, o que inviabiliza uma análise multivariada. Por isso, apresentaremos as análises multivariadas apenas a partir da oposição inovadora vs conservadora. As análises univariadas, no entanto, mostrarão o detalhamento acerca do comportamento de cada combinação individualmente. Nesse sentido, partimos de uma análise mais macro e a detalhamos em seguida.

Quando consideramos fs+haver e fs+fut como combinações mais conservadoras e fs+pres, fs+ir e pres+pres como inovadoras, temos o seguinte padrão de uso:

Figura 24 - Árvore de inferência condicional com formas inovadoras e conservadoras por período

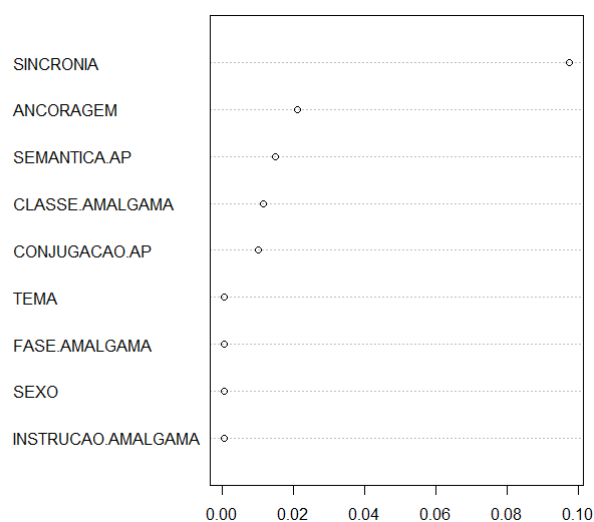


As sincronias 2 e 3 são, portanto, tempo e espaço de inovação, enquanto na sincronia 1 prevalece o uso das combinações mais conservadoras – fs+haver e fs+fut. Esse gráfico traz, pois, uma visão mais ampla daquilo que já vimos com a árvore que separa as combinações verbais de acordo com a sincronia.

Buscando entender as motivações de uso de uma ou outra combinação, reportaremos os resultados univariados, mas, para que observemos a atuação da mudança entre formas mais inovadoras ou mais conservadoras, faremos análises multivariadas, como já foi dito anteriormente. Entre as variáveis correlacionadas ao fenômeno,

cronologia, ancoragem, semântica do verbo na apódose e classe social são as que mostraram maior significância estatística na atuação da implementação de formas inovadoras nas potenciais. Isso pode ser conferido de diferentes formas, como veremos, primeiramente, pela figura 25, em que há a hierarquização da atuação das variáveis:

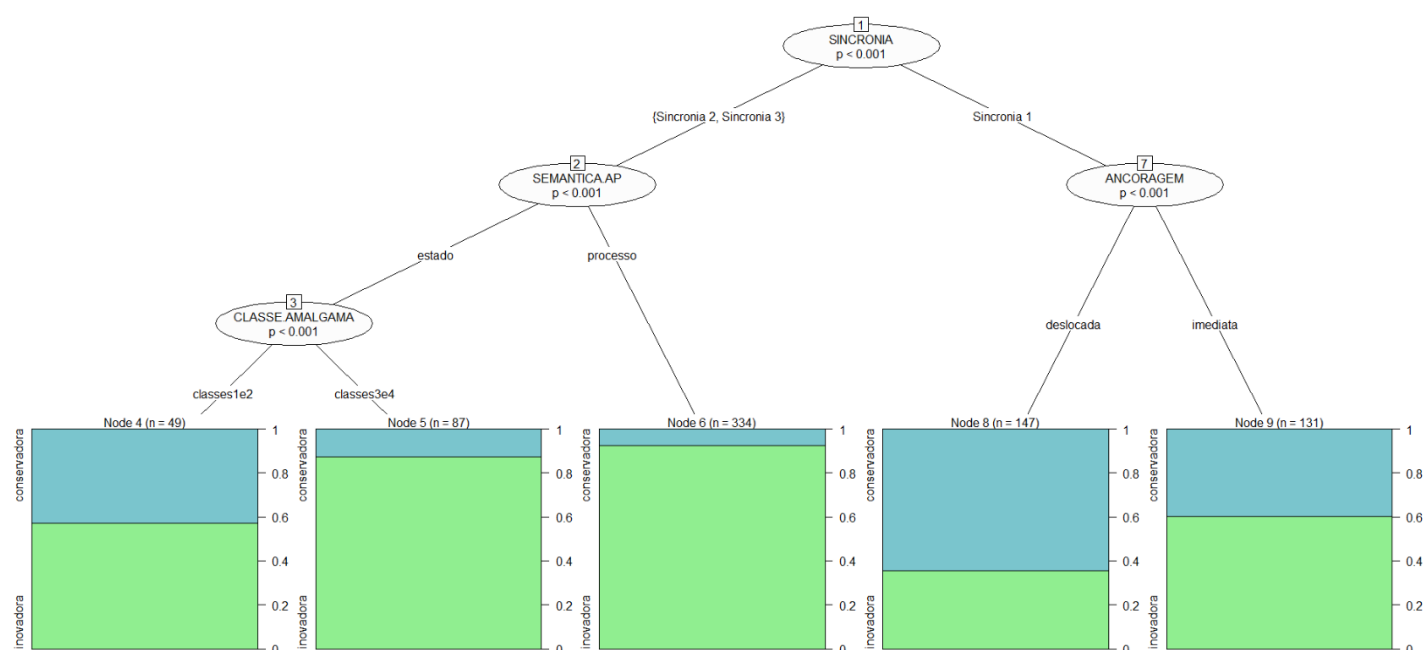
Figura 25 - Força de atuação das variáveis nas potenciais



Fonte: própria

Instrução do personagem é a variável que menos influenciou no uso de combinações mais inovadoras, enquanto a sincronia, isto é, a própria história, mostra-se reveladora. Ancoragem temporal, semântica do verbo na apódose e classe social também atuaram de forma estatisticamente significativa ao longo do tempo. A árvore de inferência condicional, da figura 26, detalha os padrões.

Figura 26 - Árvore de inferência condicional com efeito de todas as variáveis sobre combinações inovadoras e conservadoras

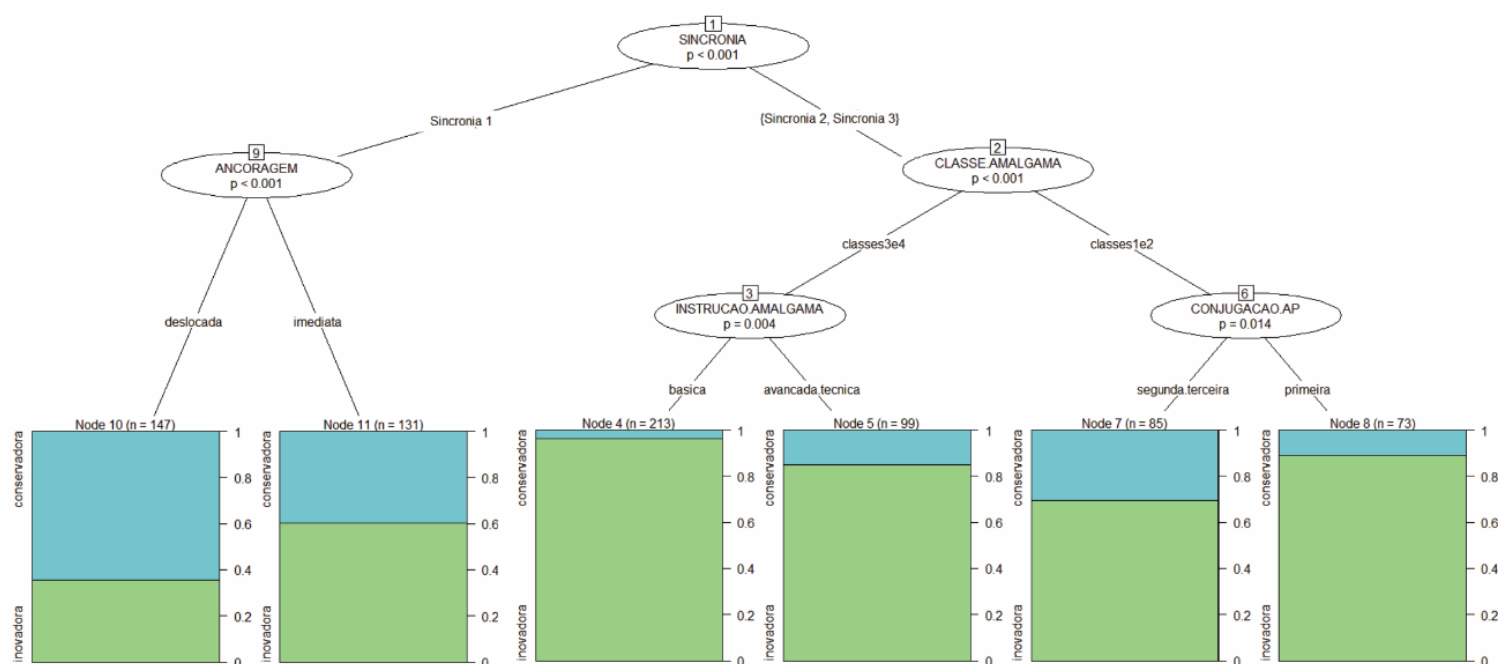


Fonte: própria

As variáveis que tiveram efeito, em conjunto, sobre o uso das combinações foram a sincronia, como já mencionamos, em que constatamos um processo de mudança, ancoragem temporal na sincronia 1 e semântica verbal nas sincronias 2 e 3. Dentro de condicionais com verbos de estado na apódose, nas sincronias mais recentes, personagens pertencentes às classes mais altas fizeram maior uso de combinações mais conservadoras e personagens de classes mais baixas fizeram maior uso das inovadoras. Em verbos de processo, há um uso quase categórico de formas inovadoras. Talvez isso represente um entrenchamento da variante mais conservadora *fs+fut*. Ela vai ficando cada vez mais restrita em termos de contextos de uso. Seria mesmo resultado da sua gradual diminuição de presença no sistema.

Paradigma de conjugação também mostrou diferenças estatisticamente significativas nas análises univariadas, mas não tem ortogonalidade com semântica verbal. Quando retiramos semântica do modelo e inserimos paradigma de conjugação, temos o seguinte resultado:

Figura 27 - Árvore de inferência condicional com efeito de todas as variáveis sobre combinações inovadoras e conservadoras, exceto semântica do verbo da apódose



Fonte: própria

Note que agora instrução também é plotada. A sincronia 1 se mantém com ancoragem sendo mais significativa. Nas sincronias mais recentes, a árvore divide padrões de uso por classe social. Nas classes mais altas, há um padrão distinto de uso de formas inovadoras ou conservadoras a depender do paradigma de conjugação. Veja, pela última caixa, à direita, que as formas inovadoras ocorrem um pouco mais quando os verbos da apódose são de primeira conjugação do que quando são de segunda ou terceira. A variável instrução mostra diferenças de efeito quando em contexto de personagens de classes mais baixas (3 e 4): personagens de classes mais baixas com instrução técnica ou avançada utilizaram um pouco mais combinações conservadoras – fs+fut e fs+haver, em relação aos personagens com instrução básica. Note que há um uso quase categórico de formas inovadoras entre personagens de classes mais baixas e que tinham instrução básica. Os únicos dados da combinação conservadora nas sincronias 2 e 3 - fs+fut –, entre personagens de instrução básica, pertencentes às classes mais baixas, são de uma personagem chamada Portuguesa e de Lúcia.

118- [LAA-PORTUGUESA] Deixe-me pensar... Se te empregar novamente (intencional), farás serão hoje? (Cala a boca já morreu, Luís Alberto de Abreu)

- 119- [AS-LÚCIA] (...) Se Geraldo encontrar vocês...Você não conseguirá nada.
(O casamento suspeito, Ariano Suassuna)

Portuguesa é uma personagem da peça *Cala a boca já morreu*, caracterizada como mais velha e é viúva. Já a personagem Lúcia, d'*O casamento suspeito*, é caracterizada como uma noiva que quer aplicar um golpe em Geraldo. Ela afirma ser pobre, mas se comporta e se veste como se pertencesse a uma classe mais alta na peça. Perguntamos, então, se o uso da combinação com futuro sintético por essas duas personagens não indicaria, por um lado, preferência dessa combinação entre os mais velhos e, por outro, a performance de uma personagem de classe mais baixa e com instrução básica que se comporta, inclusive linguisticamente, de acordo com o ideal do que seria pertencer a uma camada mais privilegiada.

Com exceção dessas personagens, os demais pertencentes às classes baixas e com instrução básica produziram apenas formas mais inovadoras. Isso implica reconhecer a falta de ortogonalidade entre instrução e classe social. Com exceção do que temos em relação às únicas duas personagens, trata-se de um knockout; não vamos, pois, inserir instrução e classe social em um mesmo modelo estatístico multivariado. Vamos reportar, então, os resultados inserindo apenas classe social⁸¹, já que a significância de instrução ocorre de forma geral apenas no interior dessa variável quando ambas estão em um mesmo modelo. Há falta de ortogonalidade também entre semântica do verbo e paradigma de conjugação, pois boa parte dos verbos de segunda ou terceira conjugação são também de estado (ser, ter, haver etc.), o que ficará mais claro nas análises univariadas. Então, vamos, aqui, reportar os resultados inserindo no modelo semântica verbal⁸².

Também optamos por reportar um modelo de regressão logística de efeitos mistos, antes de apresentarmos os resultados univariados por pelo menos dois motivos: primeiramente porque o teste de regressão logística apresenta uma amálgama de variantes – conservadoras e inovadoras -, de modo que as análises univariadas mostrarão o detalhamento dessa análise; em segundo lugar, porque os resultados de regressão levam em consideração a força do efeito lexical dos verbos, algo que dificilmente conseguimos medir nas análises univariadas. Além disso, inserimos personagem e autor da peça como variáveis também aleatórias, a fim de observar se as categorias sociais poderiam estar enviesadas pelas formas características de um personagem ou de um autor em específico.

⁸¹ Os resultados de análise multivariada com instrução encontram-se em anexo.

⁸² Os resultados de análise multivariada com paradigma de conjugação encontram-se em anexo.

Esse teste deve ser uma baliza para o modo como vamos olhar para os resultados univariados, pois uma variável pode ter significância em alguma sincronia, mas em outras não, de modo que, em um teste geral como esse, algumas variáveis podem não ser selecionadas como significativas, mas podem ser quando se observa cada combinação individualmente. O teste aqui realizado leva em conta que os padrões de atuação das variáveis são semelhantes ao longo do tempo para combinações inovadoras e conservadoras, mas nem sempre há diferenças estatísticas.

Assim, antes de passarmos para as análises de correlação entre o uso de cada combinação e as variáveis previsoras (ou independentes), reportamos primeiramente⁸³ os resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos.

Tabela 4 - Análise de regressão de efeitos mistos nas condicionais potenciais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 748). Resultado para as formas inovadoras em relação às conservadoras. Intercept = -1.3713

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					131/278 (47%)
Sincronia 2	2,393	0,481	7,967	< 0,0001***	176/208 (84%)
Sincronia 3	3,348	0,540	6,189	<0,0001***	237/262 (90%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					271/408 (66%)
Imediata	1,273	0,311	4,082	<0,0001***	273/340 (80%)
Semântica do verbo na apódose					
V. de estado (v. referência)					144/235 (61%)
V. de processo	0,658	0,467	1,082	0,15+	400/513 (78%)
Temática da peça					
objetiva (v. referência)					379/516 (73%)
subjativa	-0,188	0,347	-0,542	0,58+	165/232 (71%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					200/269 (74%)
Masculino	-0,088	0,325	-0,272	0,78+	330/461 (72%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					153/227 (67%)
Jovens adultos	0,301	0,341	0,882	0,37+	337/455 (74%)
Classe social					
Classes 1 e 2 (v. referência)					221/367 (60%)
Classes 3 e 4	0,758	0,371	2,040	0,04*	260/295 (88%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + SEMÂNTICA DO VERBO NA APODOSE + TEMA+ SEXO + FASE DA VIDA+ CLASSE SOCIAL+ (1|V.APODOSE) + (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

⁸³ Obviamente, as análises univariadas foram realizadas primeiro que as multivariadas, mas decidimos reportar primeiramente os resultados multivariados.

A significância pode ser vista pelos asteriscos da quinta coluna e pelo valor p . Na primeira coluna, há nossas variáveis e seus níveis. A segunda coluna apresenta estimativas em *logodds* acerca da *diferença* entre o nível de referência e seu respectivo nível. A estimativa em relação ao *intercept* (ou seja, ao valor de referência) nos ajuda a ver o quanto os valores estimados diferem de zero, pois quanto mais distante de zero, mais se difere do *intercept*, de modo que, quanto mais próximo de zero, mais idêntico ao *intercept* é e, portanto, não haverá diferença significativa entre as variantes da variável (BRANDÃO, 2018). Por exemplo, a estimativa de aparecer combinações inovadoras na sincronia 2 é de 2,393 (em *logodds*) maior que a estimativa de aparecer na sincronia 1 (visto pelo valor positivo). Valores negativos mostram que o contexto desprivilegia formas inovadoras. Na sincronia 2, a estimativa chega a ser ainda maior, em relação à sincronia 1. Ancoragem imediata é um contexto com estimativa maior/positiva (em 1,273 *logodds*) de ocorrer combinações inovadoras do que em ancoragem deslocada.

A terceira coluna apresenta aquilo se denomina erro padrão, de modo que, quanto maior é o valor do erro padrão, maior será a variabilidade nas medições. Já o valor z , na quarta coluna, é calculado pela razão Estimativa/Erro Padrão. O resultado dessa conta é utilizado para que se calcule o valor de significância daquele nível, indicado por p , na quinta coluna. Por convenção, estabelece-se um limite de até 5% ($p < 0,05$) para que um resultado seja considerado significativo, de modo que os asteriscos nos ajudam a imediatamente visualizar se a diferença entre a estimativa do nível reportado em relação ao de referência é, de fato, significativa: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ e *** $p < 0,001$). Os percentuais na sexta coluna confirmam e nos ajudam a entender melhor o contexto (BRANDÃO, 2018). Verbos de processo, por exemplo, que mostraram atuar de forma estatisticamente significativa sobre o fenômeno, privilegiando combinações mais inovadoras, mostram uma estimativa positiva/menor em 0,658 *logodds*, o que segue o padrão já reportado, no entanto, essa estimativa não é estatisticamente significativa. Vemos isso pelo valor de p , na quinta coluna (0,15). Ou seja, quando pedimos para o modelo levar em consideração a força de atuação de personagem, autor e identidade lexical (e aqui obviamente a atuação é de identidade lexical), semântica verbal deixa de ter significância estatística. Note pelos percentuais, na sexta coluna, que há uma diferença de 17 pontos percentuais de uso de formas inovadoras entre verbos de estado e de processo, maior do que o que ocorre com ancoragem (diferença de 14 pontos percentuais). Isso indica que identidade lexical neutralizou o efeito de semântica do verbo. Em outras

palavras, identidade lexical e sua frequência de uso tem mais efeito sobre o fenômeno do que semântica verbal.

No que se refere a outra variável que mostrou significância – classe social –, personagens pertencentes a classes mais baixas têm estimativa maior/positiva (em 0,758 *logodds*) de utilizar uma combinação inovadora – fs+pres, pres+pres ou fs+ir – do que personagens de classes mais altas e essa diferença é estatisticamente significativa.

Em síntese, de todas as variáveis correlacionadas às combinações, as que explicam a preferência de uso pelas combinações mais inovadoras são sincronia, ancoragem e classe social. Semântica verbal deixa de ter significância quando medimos a força do efeito lexical. Isso significa que, se nas análises univariadas há diferenças estatisticamente significativas de uso de uma ou outra forma a depender de semântica verbal, isso deve ser visto com cautela, pois há forte efeito da identidade lexical. Fizemos um teste semelhante levando-se em consideração o paradigma de conjugação (se de primeira, segunda ou terceira), mas os resultados são muito semelhantes, então, não vamos reportá-los aqui (estão em anexo). Passemos, então, para as discussões univariadas.

Como já mencionado, quando necessário, faremos a análise das formas da prótase separadas da apódose. Isso vai acontecer na análise de paradigma de conjugação e de semântica do verbo, ambas variáveis que acabam exigindo um olhar para os dois lados separadamente, visto que a análise se refere ao verbo em si, da prótase e da apódose. Também vamos olhar para a identidade lexical do verbo na prótase e apódose, separadamente, mas lembramos que essa variável não configura uma variável fixa.

Diferentemente, nas análises de variáveis que envolvem a sentença como um todo, a discussão será feita com base nas combinações – fs+haver (*se tiver, há de comprar*), fs+fut (*se tiver, comprará*), fs+ir (*se tiver, vai comprar*), fs+pres (*se tiver, compra*) e pres+pres (*se tem, compra*). No que se refere à identidade lexical, paradigma de conjugação e semântica do verbo, teremos a oposição subjuntivo (*tiver*) vs indicativo (*tem*) na prótase, e futuro perifrástico com haver (*há de ter*), futuro sintético (*terá*), perífrase com ir (*vai ter*) e presente do indicativo (*tem*) na apódose.

4.2.1 Correlação entre variáveis em potencias

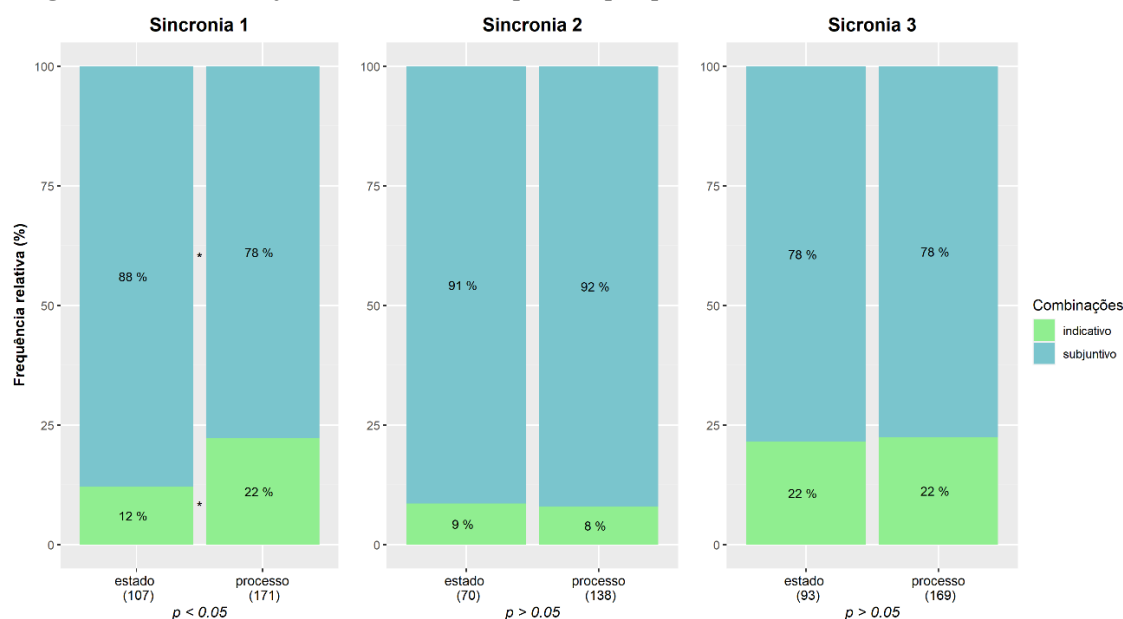
4.2.1.1 Semântica do verbo

A hipótese com essa variável é a de que a inovação ocorrerá em maior escala em combinações com verbos de processo, enquanto as conservadoras resistem um pouco mais entre os verbos de estado.

Vamos olhar para a semântica do verbo em prótase e apódose separadamente. Assim, na prótase, temos indicativo vs subjuntivo e a hipótese é de que a morfologia de subjuntivo ocorrerá em maior escala com verbos de estado enquanto a morfologia de indicativo aparecerá mais entre os verbos de processo. Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, verbos de estado (exemplos 120 e 121) e de processo (exemplos 122 e 123).

- 120- Si **for** verdade o que se diz, deixarei de frequentar a casa do Dr. Cornélio (A descoberta da América, Armando Gonzaga)
- 121- Se **é** uma só obra, deve ser uma só mulher. (Impossibilidade de Santificação, Qorpo-Santo)
- 122- Se a minha pobre filha **fôr** com o senhor para S. Paulo, não ouvirá mais óperas italianas. (O diletante, Martins Pena)
- 123- Se os moradores **vão** embora, ela cai (Uma mulher vestida de sol, Ariano Suassuna).

O gráfico 28 traz a distribuição das formas de subjuntivo e indicativo de acordo com a semântica verbal.

Figura 28 - Distribuição das variantes na prótase por período e semântica verbal

Fonte: própria

De forma geral, vemos que há correlação entre semântica do verbo e a morfologia verbal da prótase apenas na sincronia 1, em que há diferenças estatisticamente significativas, o que pode ser visto pelo valor $p < 0.05$ e pelos asteriscos⁸⁴ entre as barras. Assim, indicativo ocorre em maior escala entre os verbos de processo e subjuntivo tem sua morfologia preservada mais quando o verbo é de estado na primeira sincronia.

Nas apódoses, a hipótese é de que formas mais conservadoras como perífrase com futuro sintético e perífrase com *haver* ocorram em maior escala com verbos de estado, enquanto os verbos de processo privilegiaram formas mais inovadoras, como perífrase formada a partir de *ir* e presente do indicativo. Os exemplos a seguir ilustram as formas verbais da apódose sendo utilizadas com verbos de estado (exemplos 124 e 125) e de processo (exemplos 126 e 127) na apódose.

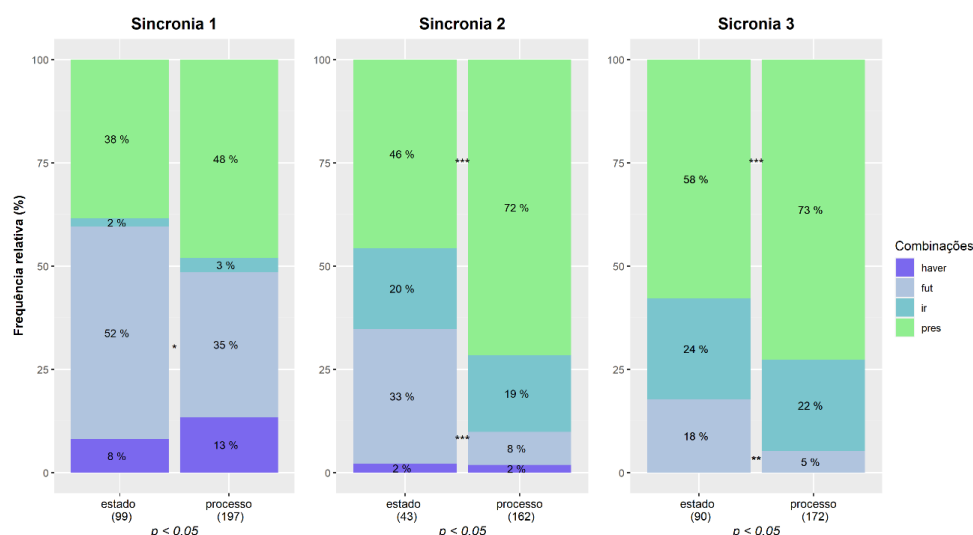
- 124- E se acaso morrer a Dona Helena, o responsável **será** tu, pois és tu só quem a condena! (Abel e Helena, Artur Azevedo)
- 125- Parece-te. **Há de ser** difícil, se não for impossível. (A muralha, Coelho Neto)

⁸⁴ Os asteriscos representam significância estatística entre as linhas das barras. Quando não houver asterisco, é porque não há diferenças entre os dois contextos para aquela combinação. Um asterisco (*) indica $p < 0,05$; dois (**) indica $p < 0,01$ e três (***) indica $p < 0,001$.

- 126- Se ele deixá por um conto e quinhentos, **compro!** (A capital federal, Artur Azevedo)
- 127- Se o vigário de Santa Bárbara não o deixar entrar em sua igreja, o Governador **vai** também lhe **bater** com a porta na cara. (O pagador de promessas, Dias Gomes)

Os resultados podem ser vistos na figura 29.

Figura 29 - Distribuição das variantes por período e semântica do verbo da apódose



Fonte: própria

O gráfico mostra que há correlação entre semântica do verbo e morfologia na apódose nas sincronias 1, 2 e 3. No entanto, essa correlação se refere apenas às formas de futuro sintético e de presente do indicativo, como podemos ver pelos asteriscos. Na sincronia 1, há a mesma tendência de uso dessas formas: futuro sintético sendo utilizado em maior escala com verbos de estado e presente do indicativo sendo utilizado em maior escala com verbos de processo, mas nessa sincronia as diferenças são estatisticamente significativas apenas para futuro sintético. De todo modo, o que se vê é que o padrão de uso de futuro sintético e presente se mantém ao longo das sincronias.

Gorski *et al.* (2002), ao analisarem as formas de expressão de futuro em Florianópolis, encontraram poucos dados de futuro sintético, de maneira que a variação ficou entre perífrase com *ir* e presente do indicativo. Ao analisarem os traços semânticos dos verbos, separando-os entre verbos de movimento 1, verbos de movimento 2 e 3 e verbos de estado, chegaram a resultados que apontam para o maior uso do futuro perifrástico com verbos de estado, “de modo que, se o verbo contém traços inerentes de

movimento, a forma preferencial para codificá-lo no tempo futuro é a de presente; caso contrário, entra a perífrase.” (GORSKI *et al.*, 2002, p. 235).

A preferência de uso de presente em verbos de processo (ou movimento) parece envolver em alguma medida o acúmulo metafórico de traços das categorias de espaço e de tempo – o movimento possui um lançar-se para frente em relação a algo, não necessariamente do ponto de vista temporal ou mesmo aspectual. Trata-se de olhar para a prótase de potenciais como algo anterior ao que se postula na apódose, sendo o passado a causa do futuro (LAKOFF, 1987). Bezerra e Meireles (2009, p.153), ao aproximarem construções temporais das condicionais, afirmam que “tipicamente, o evento representado na prótase é concebido como antecedência temporal e como causa possível do evento expresso na apódose”:

Recorre-se, ao tratar da representação conceptual da temporalidade, à descrição metafórica das ordenações cronológicas ou como trajetória linear em que se movimenta o Ego, ou como a própria trajetória móvel que se desloca na direção do ego (BEZERRA; MEIRELES; 2009, p.153)

Digamos que, ao contrário dos verbos de estado, os de movimento não precisariam de uma forma que projete o futuro (como o perifrástico, por exemplo), porque a ideia de movimento já implica uma projeção. No entanto, junto de toda essa discussão, deve ser observado que os efeitos dessa variável são neutralizados e deixam de ter significância em modelo multivariado em que se considera a identidade lexical. Discutiremos isso um pouco mais quando abordarmos aspectos relativos à identidade lexical.

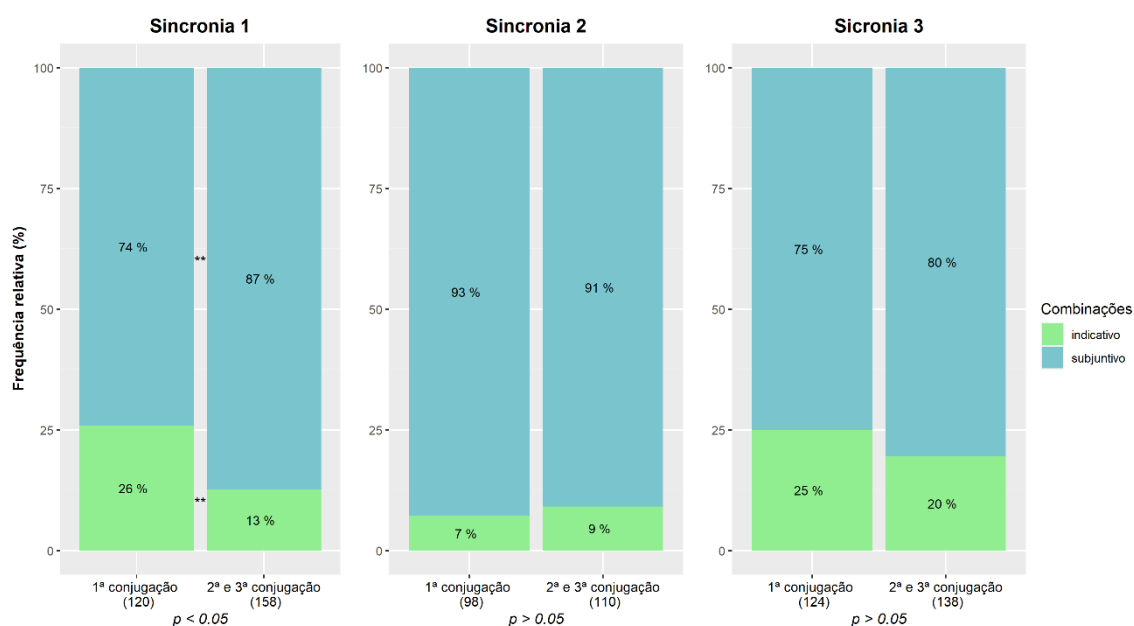
4.2.1.2 Paradigma de conjugação

Na prótase, a hipótese é de que o maior uso de subjuntivo estaria ligado aos verbos de segunda e terceira conjugação enquanto indicativo apareceria em maior escala nos de primeira. Assim, o exemplo 128 e 129 mostram formas de primeira conjugação e 130 e 131 trazem exemplos de um verbo de segunda conjugação:

- 128- [MA-INOCÊNCIA] - Se **mandar** um escravo ficará na mesma. (O caminho da Porta, Machado de Assis)
- 129- Se ele **deixá** por um conto e quinhentos, compro! (A Capital Federal, Artur Azevedo)
- 130- Se eu **disser**, você me desprezará. (Uma mulher vestida de sol, Ariano Suassuna)
- 131- Se **diz** mais uma palavra, apito para chamar a polícia (A capital federal, Artur Azevedo)

A figura 30 mostra a distribuição das formas verbais na prótase.

Figura 30 - Distribuição das variantes por período e paradigma de conjugação do verbo da prótase



Fonte: própria

Há correlação entre paradigma de conjugação e morfologia de indicativo e de subjuntivo apenas na Sincronia 1, em que há preferência um pouco maior de indicativo em contextos de primeira conjugação, e de subjuntivo em contextos de segunda ou terceira. Nas demais sincronias, não há diferenças estatísticas que nos permitam inferir algo. Trata-se de um resultado muito semelhante ao de semântica verbal. Isso ocorre certamente porque as duas variáveis não são ortogonais, visto que os verbos de estado são em sua segunda e terceira conjugação, com algumas exceções. A título de exemplo, o verbo *ir*, em seu uso lexical, é de terceira conjugação, mas semanticamente é de processo e indica movimento. Aqui, vale registrar a importância de olharmos para o item lexical, pois a forma de subjuntivo *for*, utilizada em larga escala (78 ocorrências – 10% do total),

trata-se em sua maioria do subjuntivo do verbo *ser* (80% - 62/78), que é de segunda conjugação e de estado, mas algumas vezes se trata do verbo *ir* (20% - 16/78).

Na **apódose**, a hipótese inicial segue na mesma direção de considerar que formas mais inovadoras (neste caso, perífrase com *ir* e presente do indicativo) ocorrem em maior escala entre verbos de primeira conjugação, e formas mais conservadoras (futuro sintético e perífrase com *haver*), entre de segunda e terceira conjugação. Os exemplos a seguir apresentam verbos de terceira conjugação⁸⁵ (exemplos 132 e 133) e de primeira conjugação (exemplos 134 e 135) nas apódoses.

132- [AG – BEATRIZ] - Si papae não puder pagar uma cozinheira, **irei** mesmo. (Ministro do Supremo, Armando Gonzaga)

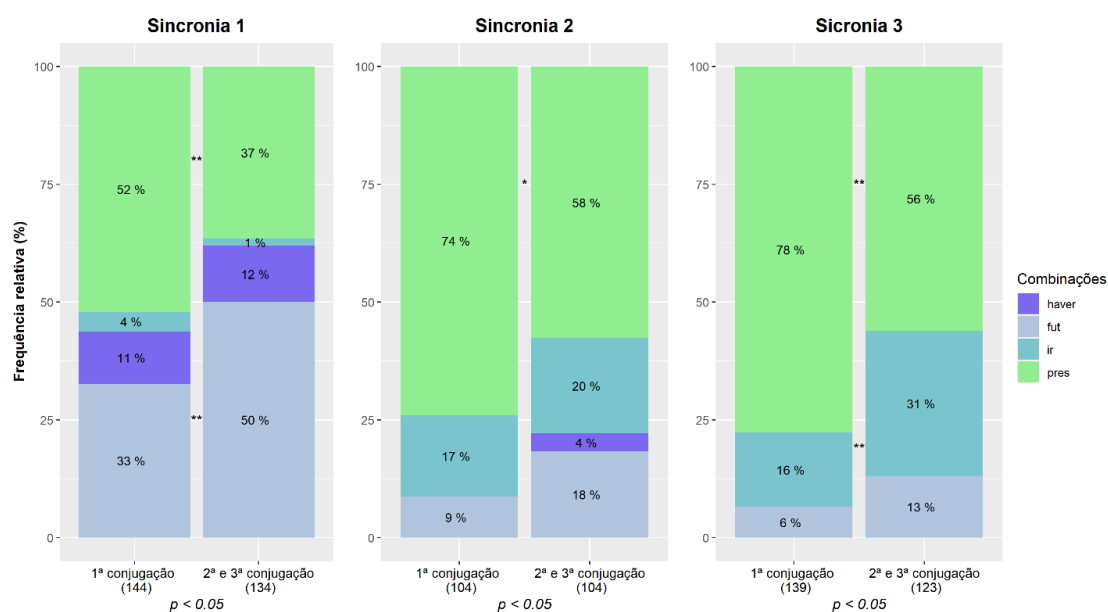
133- [AG – CORNÉLIO] - Deixe lá o trem. Si você perder o das oito e meia, **vai** no das nove horas. (Descoberta da América, Armando Gonzaga)

134- [MA-INOCÊNCIO] - Se mandar um escravo **ficará** na mesma. (O caminho da Porta, Machado de Assis)

135- [DG-DIRCEU] – Olha, se alguma coisa me acontecer, a minha coleção de borboletas **fica** para a prefeitura. (O bem amado, Dias Gomes)

A seguir, os resultados para essa variável.

Figura 31 - Distribuição das variantes por período e paradigma de conjugação do verbo da apódose



⁸⁵ Observe que se trata de uma forma supletiva pertencente à categoria de segunda e terceira conjugação.

Pela figura 31, vemos que há correlação entre paradigma de conjugação e morfologia verbal em todas as sincronias: verbos de segunda e terceira conjugação privilegiam o uso da morfologia de futuro sintético, enquanto verbos de primeira conjugação privilegiam o uso de presente do indicativo. Para as perífrases - tanto as formadas a partir de *haver*, quanto a partir de *ir* -, não há diferenças significativas. Ainda assim, é interessante observar que a perífrase com *ir* aparece primeiramente com verbos de primeira conjugação (na Sincronia 1) e que a perífrase com *haver* resiste um pouco mais entre os de segunda e terceira (Sincronia 2). Pela quantidade de dados, fica difícil concluir algo a respeito dessas duas combinações, no entanto.

Em síntese, verbos de primeira conjugação, que são em sua maioria regulares, acabam privilegiando o uso de presente do indicativo. Verbos de segunda e terceira conjugação privilegiam o uso de futuro sintético. A correlação entre a forma de presente e os verbos de primeira conjugação e entre futuro sintético e formas de segunda e terceira conjugação é atravessada pela alta frequência de certos itens lexicais. Pensando apenas em futuro sintético com verbos de 1ª e 3ª, contexto esse mais conservador, há ocorrências da morfologia de futuro distribuídas em verbos como *fazer* (*fará/faz*), *ir* (*irá/vai*), *ser* (*será/é*), *ter* (*terá/tem*), *dizer* (*dirá/diz*), *haver* (*haverá/há*) e *vir* (*virá/vem*). Desses, 3 foram muito frequentes – *ir*, *ser* e *ter* – como veremos melhor na discussão detalhada acerca da identidade lexical. A alta frequência encontrada das formas de futuro nos três verbos mencionados – *ir*, *ser* e *ter* - parece ter menos a ver com o fato de serem de segunda e terceira conjugação e irregulares, e mais porque são altamente produtivos na língua, com um forte efeito lexical. A título de exemplificação, o verbo *ser* flexionado no futuro sintético chega a ser utilizado inclusive em estruturas muito cristalizadas do PB, como “será que ele vem?”.

Os demais – *haver*, *fazer*, *vir* e *dizer* - são verbos menos frequentes que *ir*, *ser* e *ter*, mas também, quando flexionados no futuro, podem ser mais facilmente estocados na memória (BYBEE, 2003; 2007), devido a sua saliência morfológica. O caso mais perceptível é o de *dizer* flexionado no futuro em estruturas cristalizadas como “que dirá eu”, em exemplos como “nem Jesus conseguiu agradar a todos, que **dirá** eu que nem tento”⁸⁶. Tal estrutura está tão cristalizada que nem mesmo fazemos a marcação redundante da concordância de flexão entre o verbo e a pessoa – “que *direi* eu”.

⁸⁶ Exemplo retirado do <https://blog.academiadalinguaportuguesa.com.br/expressao-que-dira-eu/>

De acordo com Bybee (2007), a força de representações lexicais de itens individuais é um reflexo da frequência de uso desses itens (tokens). Para ela, a aplicação de uma regra está mais associada à disponibilidade de itens armazenados/estocados em nossa memória, que são determinados por frequência de uso, do que a distinções estruturais como a classificação em padrões regulares e irregulares de conjugação. Essa hipótese foi testada em análise de regressão logística de efeitos mistos, em que o item lexical é inserido. Mostra-se, assim, a importância de se pensar se identidades lexicais muito frequentes contribuem a tal ponto para entender a mudança que poderiam suplantam efeitos morfológicos, como paradigma de conjugação, ou mesmo significados semânticos do item (no caso de semântica do verbo), de modo que a produtividade de alguns itens poderia levar à preservação de uma forma verbal – futuro sintético, por exemplo, enquanto diferentes itens lexicais, seguindo uma mesma regra, levariam à expansão de um padrão gramatical.

Formas com menor frequência de *token* são aprendidas mais facilmente se é possível aplicar a mesma regra de maneira generalizada a outros *types* menos frequentes (BYBEE, 2007). É o caso das formas de presente do indicativo que, ainda que ocorram de forma variável entre verbos mais ou menos frequentes, regulares ou irregulares, tem tido sua morfologia expandida sobretudo entre verbos regulares conjugados na primeira pessoa do singular (Exemplos: *comprará* > *compra*; *estará* > *está*; *matará* > *matar*; *avisará* > *avisa*; *ganhará* > *ganha*).

Há alguma correlação entre semântica do verbo, paradigma de conjugação e a escolha lexical, como já vimos pela análise de regressão, em que paradigma de conjugação e semântica do verbo deixam de ter significância estatística. Para pensarmos a esse respeito, trazemos nossas discussões um pouco mais detalhadas acerca da identidade lexical.

4.2.1.3 Identidade lexical

Para as reflexões acerca da identidade lexical, como já sinalizamos na metodologia, também vamos olhar para as formas da prótase e da apódose separadamente, visto que combinar identidades lexicais de prótase e apódose mostra-se inviável, dada a sua heterogeneidade: 204 distintas identidades na prótase e 209 distintas identidades na

apódose. Assim, com o objetivo de facilitar a compreensão e pensar acerca, sobretudo, da resistência de formas mais conservadoras, tal como subjuntivo na prótase e futuro sintético e perífrase com haver na apódose, vamos discutir as formas da prótase e da apódose separadamente. Seguindo uma tendência já observada nas línguas do mundo, a hipótese é de que esses modo-tempos verbais mais conservadores são favorecidos com formas mais frequentes, uma vez que resistem à mudança e são mais passíveis de entrincheiramento no discurso (DIGESTO, 2021; BYBEE, 1985; 2007; BYBEE; THOMPSON, 1997). Isso ocorreria porque verbos de alta frequência seriam armazenados como unidade léxica na memória, enquanto palavras de baixa frequência seriam mais passíveis de generalização de aplicação de padrões gramaticais semelhantes, com forte esquematização (BYBEE, 1985). Ou seja, palavras de alta frequência teriam forte efeito lexical, enquanto palavras de baixa frequência teriam forte efeito esquemático.

Olhando apenas para a **prótase** das condicionais potenciais, em que há variação apenas entre presente do indicativo (*se tem*) e futuro do subjuntivo (*se tiver*), vemos pela tabela 5 que subjuntivo apareceu mais que o indicativo em todas as sincronias.

Tabela 5 - Frequência de uso subjuntivo e indicativo em condicionais potenciais por período

<i>MORFOLOGIA.P</i>	<i>SINCRONIA</i>			<i>Total</i>
	Sincronia 1	Sincronia 2	Sincronia 3	
indicativo	51 18.3 %	17 8.2 %	58 22.1 %	126 16.8 %
subjuntivo	227 81.7 %	191 91.8 %	204 77.9 %	622 83.2 %
<i>Total</i>	278 100 %	208 100 %	262 100 %	748 100 %

$$\chi^2=16.853 \cdot df=2 \cdot \text{Cramer's } V=0.150 \cdot p=0.000$$

Logo, o uso de presente do indicativo nas prótases das condicionais representa 17% do total, contra 83% de subjuntivo. A partir disso, observamos se o índice de uso de indicativo ou subjuntivo se manteria o mesmo a depender da identidade lexical específica. Encontramos 204 distintas identidades lexicais⁸⁷ nas prótases, como já mencionamos e

⁸⁷ Uma tabela com todas as identidades lexicais da prótase encontra-se em anexo.

vem ilustrado na nuvem de palavras a seguir. 4 dessas identidades lexicais estão presentes em 27% das prótases de condicionais potenciais (206/748), ou seja, são muito frequentes. Essas formas são representadas na nuvem de palavras com tamanho maior⁸⁸: *ser*, *querer*, *dar* e *ter*.

Figura 32 - Nuvem de palavras de identidades lexicais na prótase de potenciais



Fonte: própria

Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências de subjuntivo e indicativo na prótase com os 4 verbos mais frequentes.

Ser

- 136- Se você **é** do signo de Libra, eu recomendo que saia armado hoje de casa. Se você **for** de outro signo qualquer, é melhor fazer a mesma coisa.⁸⁹ (À queima roupa, Mário Bortolotto)
- 137- Se **for** assim, ninguém herda coisa nenhuma (A capital Federal, Arthur Azevedo)

⁸⁸ Quanto maior a representação da palavra, mais o item ocorreu; quanto menor, menos ocorreu.

⁸⁹ Note que este exemplo se trata de um *super token*, nos termos de Tagliamonte (2012), por isso deixamos em negrito as duas formas da prótase – indicativo e subjuntivo.

Querer

- 138- [JOÃO GREGÓRIO]- É, tem também... A senhora precisa olhar... Se a senhora **qué**⁹⁰ madeira pra táboa tem que ser madeira mole, pinho que é melhor. Pra viga tem que ser peroba, baraúna, pau-ferro. (Cala a boca já morrer, Luís Alberto de Abreu)
- 139- Agora, **se quiser** levá-lo, há de levar também o meu pescoço. (Cala a boca Etelvina, Armando Gonzaga)

Dar

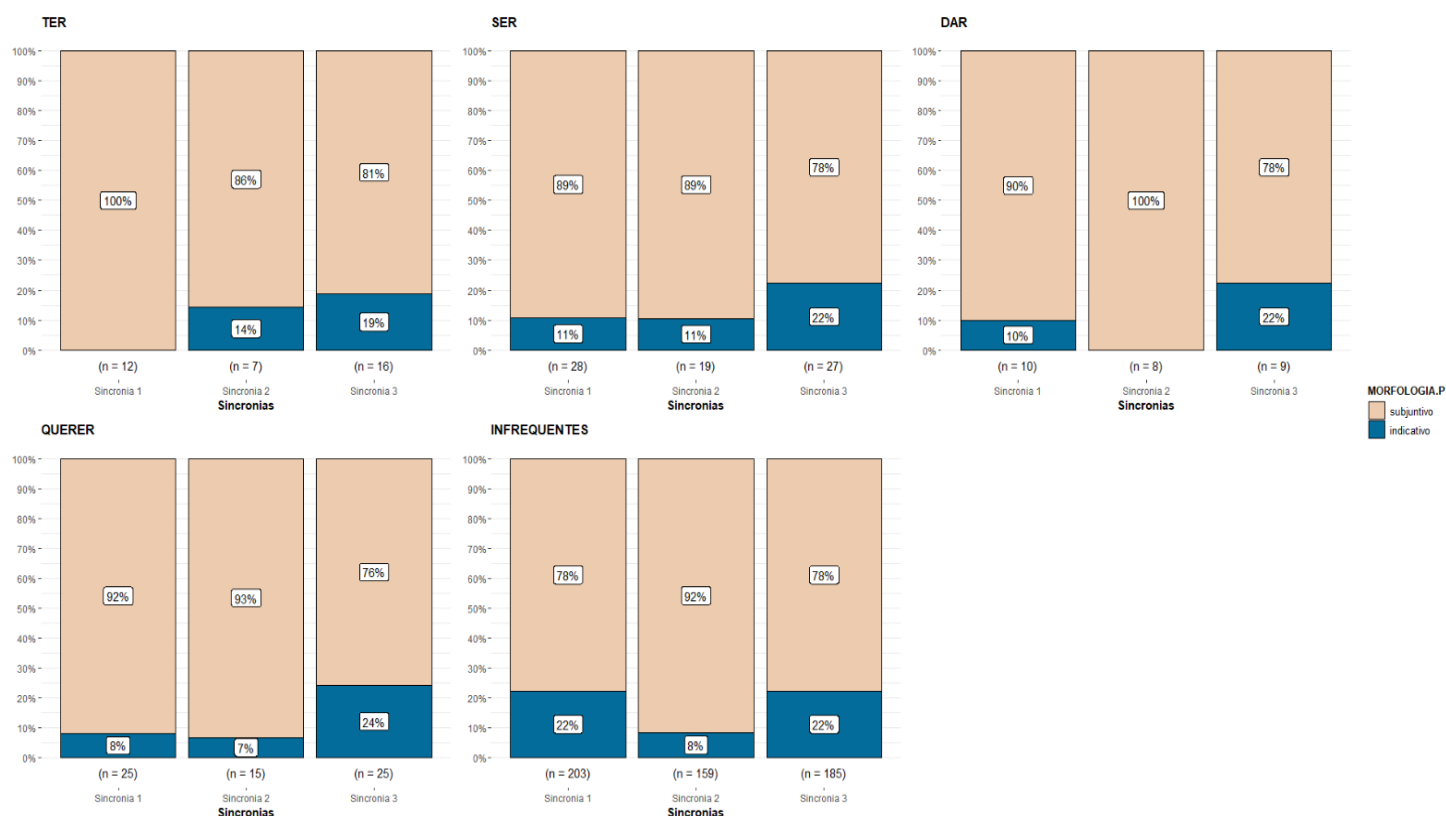
- 140- Se **dá** mais um passo eu grito. (Cala a boca, Etelvina!, Armando Gonzaga)
- 141- Aí é que está o pior, porque se eu lhe **der** o rifle antes de sabermos tudo, estou quebrando minha palavra. (Uma mulher vestida de Sol, Ariano Suassuna)

Ter

- 142- Minha Nossa Senhora! Será que o peste tem coragem mesmo? **Se tem**, estou desgraçado! (Torturas de um coração, Ariano Suassuna)
- 143- Se o senhor não **tiver** necessidade de comprar um automóvel, não sentirá falta do dinheiro que ele custa. (Deus lhe pague, Joracy Camargo)

Logo, vê-se que tanto subjuntivo quanto indicativo aparecem nas prótases das condicionais com os verbos mais frequentes. Já os infrequentes, ainda que representem 73% do total, somam 200 diferentes identidades lexicais. Devido a essa heterogeneidade de identidades lexicais infrequentes, essas são amalgamadas em uma única categoria, denominada infrequente. O gráfico a seguir mostra a distribuição de uso de subjuntivo e indicativo ao longo do tempo em relação às identidades frequentes e à categoria de verbos infrequentes.

⁹⁰ A forma “qué” teve a supressão do /r/, fenômeno comum na oralidade. O dado foi produzido por um personagem caracterizado na peça como alguém considerado caipira por aqueles que vivem em São Paulo. João Gregório possui 25 anos e é faxineiro em uma fábrica em São Paulo, para onde se mudou em busca de condições melhores, levando consigo “chapéu de lavrador, guarda-chuva e malas”.

Figura 33 - Identidades mais frequentes em prótases de potenciais, e as mais infrequentes

De forma geral, vemos que o subjuntivo é o preferido em todos os contextos e ainda que haja uma sutil preferência de indicativo em contexto de verbos infrequentes em relação aos demais verbos, sobretudo na sincronia 1, as diferenças não são significativas e os dados são poucos para se chegar a alguma generalização.

Nas **apódoses**, temos perífrase com *haver*, futuro sintético, perífrase com *ir* e presente do indicativo. Lembramos que, quando olhamos para combinações modo-temporais – nosso objeto de estudo –, temos 5 variantes, mas, olhando para a apódose apenas, estamos amalgamando as combinações fs+pres e pres+pres, já que nos interessa a forma na apódose – a de presente, neste caso. Os índices, no entanto, com exceção de presente, são os mesmos dos apresentados nos resultados gerais. A tabela a seguir mostra a distribuição dessas 4 formas ao longo do tempo.

Tabela 6 - Frequência de uso de morfologia em apódose de condicionais potenciais por período

<i>MORFOLOGIA.AP</i>	<i>SINCRONIA</i>			<i>Total</i>
	Sincronia 1	Sincronia 2	Sincronia 3	
futuro sintético	114 41 %	28 13.5 %	25 9.5 %	167 22.3 %
Perífrase com haver	32 11.5 %	4 1.9 %	0 0 %	36 4.8 %
Perífrase com ir	8 2.9 %	39 18.8 %	60 22.9 %	107 14.3 %
Pres do indicativo	124 44.6 %	137 65.9 %	177 67.6 %	438 58.6 %
<i>Total</i>	278 100 %	208 100 %	262 100 %	748 100 %

$$\chi^2=168.634 \cdot df=6 \cdot \text{Cramer's } V=0.336 \cdot p=0.000$$

Seguindo o mesmo padrão observado nos resultados gerais, há um decréscimo de futuro do indicativo e da perífrase com *haver* ao longo do tempo (essa última chegando a desaparecer na sincronia 3), e aumento de perífrase com *ir* e de presente do indicativo. A hipótese é de que, então, verbos frequentes serão também em alguma medida mais mantenedores de formas de futuro sintético e da perífrase com *haver*.

As identidades lexicais mais frequentes⁹¹ foram *ser*, *ter*, *ir*⁹², *estar*, *fazer*, *ficar* e *dar*, como podemos ver na nuvem de palavras a seguir.

⁹¹ Uma tabela com todas as identidades lexicais da apódose encontra-se em anexo.

⁹² Não se trata do *ir* como auxiliar, mas como verbo pleno.

- 154- se fazes escândalo, **ficas** de mal partido (A decoberta da América, Armando Gonzaga)

Verbo FAZER na apódose

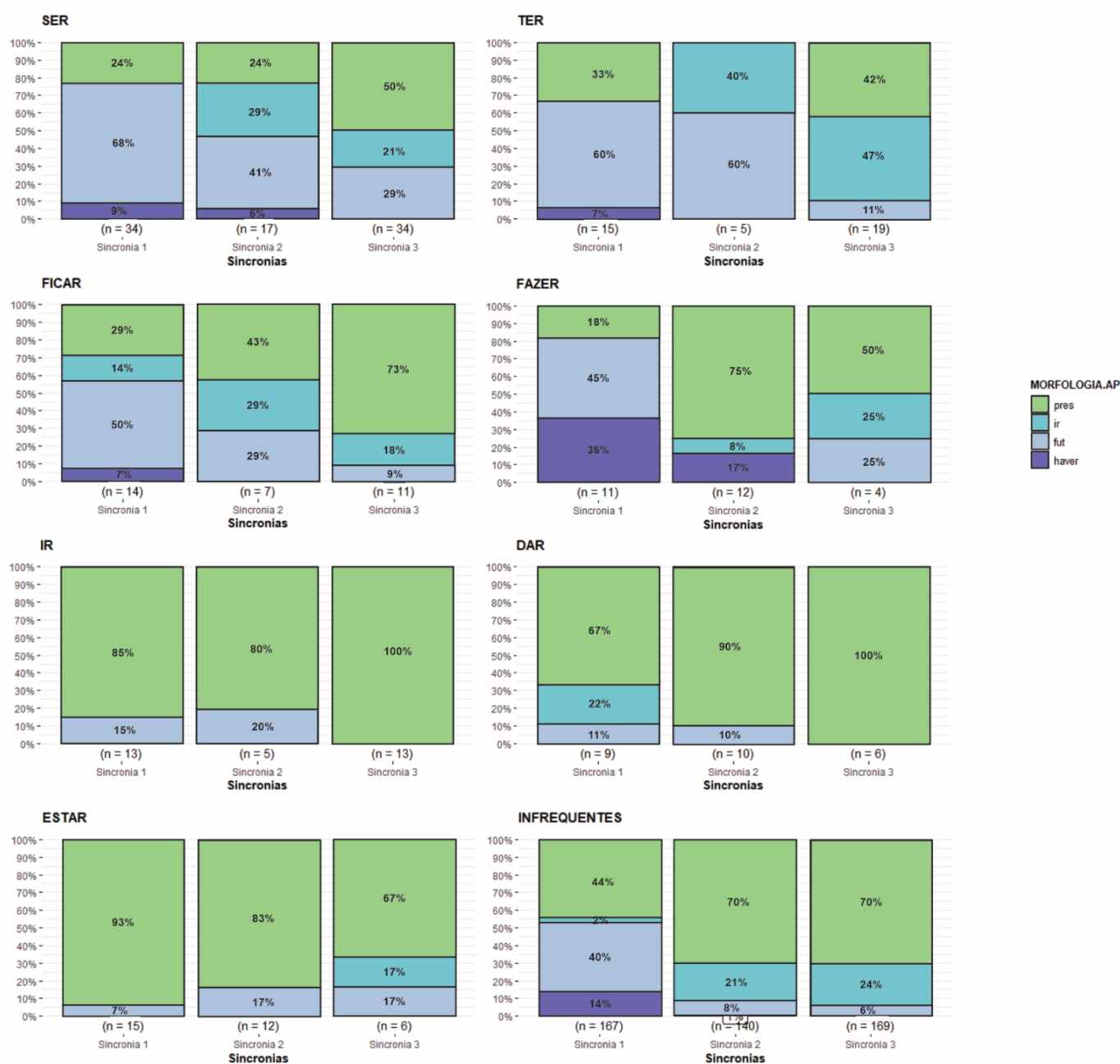
- 155- Se algum dia der reuniões em minha casa não **hei de fazer** convites. (Maldita Parentela, França Júnior)
- 156- Eu, estando zangado, se não houver quem me segure, eu **faço** uma besteira! (Torturas de um coração, Ariano Suassuna)

Verbo DAR na apódose

- 157- [FJ - CATARINA] - Se meu amo perder, **dá** à minha ama um bonito bracelete. (Dois proveitos em um saco, França Júnior)
- 158- [MA-MAGALHAES] Por isso mesmo deves sujeitar-te aos seus remédios. Se te não curar, **dar-te-á** alguma distração, e é o que eu quero. (Um credor na fazenda nacional, Qorpo-Santo)

Os verbos infrequentes, por sua vez, correspondem a 204 diferentes identidades lexicais. O gráfico a seguir mostra a distribuição das formas verbais nas apódoses em relação às identidades mais frequentes e aos verbos infrequentes.

Figura 35 - Identidade lexical e tempos verbais em apódoses de condicionais



Entre os resultados reportados nesse gráfico, chamamos a atenção, primeiramente, para o fato de as perífrases com *haver* não aparecerem em nenhuma sincronia com os verbos *estar* (*há de estar*), *dar* (*há de dar*) e *ir* (*há de ir*). Presente do indicativo é a morfologia preferida nesses verbos nas três sincronias. No que se refere ao uso de *estar*, em boa parte desses, há estruturas como “estou perdido”, “estou desonrado”, “estou desgraçado”, “está resolvido”, “estou frito”, isto é, mostram-se estruturas predicativas cristalizadas, o que implica a alta frequência dessas formas com presente do indicativo. Quando olhamos para os verbos infrequentes, vemos um crescimento de uso do presente

ao longo do tempo, o que vai ao encontro de nossas hipóteses acerca do aumento de uso dessa forma em contextos de potenciais. O futuro sintético, por sua vez, como já foi visto anteriormente, mostra, de forma geral, um decréscimo ao longo tempo e, principalmente, entre os verbos infrequentes. Entre os verbos frequentes, há uma certa resistência dessa forma, principalmente quando com verbos como *ser* e *ter*.

Perífrase com *ir* não apareceu em nenhuma sincronia com o verbo *ir* como pleno (*vou ir*), mas parece ser utilizada também com *ser* e *ter* mais do que com os demais verbos. Em alguma medida, a resistência de futuro sintético parece ocorrer em contexto semelhante ao de inovação da perífrase com *ir* (*será* e *vai ser*; *terá* e *vai ter*) e, onde esses estão, há menos uso do presente (*é*, *tem*), o que pode ter a ver com a carga semântica existencial desses verbos que, quando utilizados no presente, podem gerar ambiguidade – trata-se, de fato de uma potencialidade? Nos dados em que temos a identidade *ter* flexionada no presente, o sentido mais frequente não é o existencial ou o de posse, mas se trata de um modal deôntico (*Tem que/tem de*), como no exemplo 159.

159- Se o senhor quiser chá, *tem mesmo de ser* com biscoitos... (O relicário, Coelho Neto)

A conservação da morfologia de futuro sintético em algumas identidades lexicais segue a mesma tendência de manutenção de formas conservadoras em verbos mais frequentes já teorizada e testada em outras línguas (DIGESTO, 2021; BYBEE, 1985; 2007; BYBEE; THOMPSON, 1997).

Em síntese, os resultados reforçam o fato de a mudança linguística não ser de todo linear, uma vez que há ramificações de uso: as perífrases, ainda que pouco utilizadas, têm seu uso restringido em relação ao verbo *ir* como pleno (*vou ir*). O presente, por sua vez, aparece em alta escala com o verbo *ir* como verbo principal, mas também entre os infrequentes e os frequentes de primeira conjugação (*dar* e *estar*). Já a forma sintética de futuro, ainda que em decréscimo, resiste um pouco mais entre os verbos frequentes, sobretudo com *ser* e *ter* em comparação com demais verbos.

4.2.1.4 Ancoragem temporal

A partir desta variável, a discussão ocorre em torno da sentença como um todo (prótase-apódose juntas), visto que se trata de uma análise realizada acerca do arranjo e não de um item em específico, da prótase ou da apódose. Nesse sentido, nossas variantes passam a ser as combinações modo-temporais: fs+haver, fs+fut, fs+ir, fs+pres e pres+pres. Retomamos aqui o quadro com exemplos de combinações já apresentados na metodologia.

Quadro 35 - Exemplos de combinações verbais em condicionais potenciais

Envelope Potenciais	Variantes	Exemplo
	Fs+haver	Se José tiver dinheiro, há de comprar uma ilha.
	Fs+fut	Se José tiver dinheiro, comprará uma ilha.
	Fs+pres	Se José tiver dinheiro, compra uma ilha.
	Pres+pres	Se José tem dinheiro, compra uma ilha.
	Fs+ir	Se José tiver dinheiro, vai comprar uma ilha.

A variável ancoragem temporal envolve um olhar semântico-pragmático para a sentença, visto que diferenciamos as sentenças ancoradas na enunciação ou suspensas (atemporais) das deslocadas do momento enunciativo. Assim sendo, nossa hipótese é a de que combinações com presente do indicativo (fs+pres e pres+pres) serão mais privilegiadas em contextos de referência imediata à enunciação ou suspensa; enquanto as combinações que contêm futuro serão privilegiadas em maior escala em contextos de prospecção em relação ao momento da fala, isto é, de realidade deslocada. Os exemplos a seguir ilustram o que chamamos de realidade imediata (exemplos 160, 161 e 162), de realidade suspensa (exemplos 163 e 164) e de realidade deslocada (exemplos 165 e 166).

160- [FJ-TRINDADE] - Pois bem, *se juram **doravante** tratar-me como um companheiro de casa, e não como um cão, fico.* [FJ-NOGUEIRA] e [FJ-FREDERICO] - **Juramos.** (meia hora de cinismo, França Júnior)

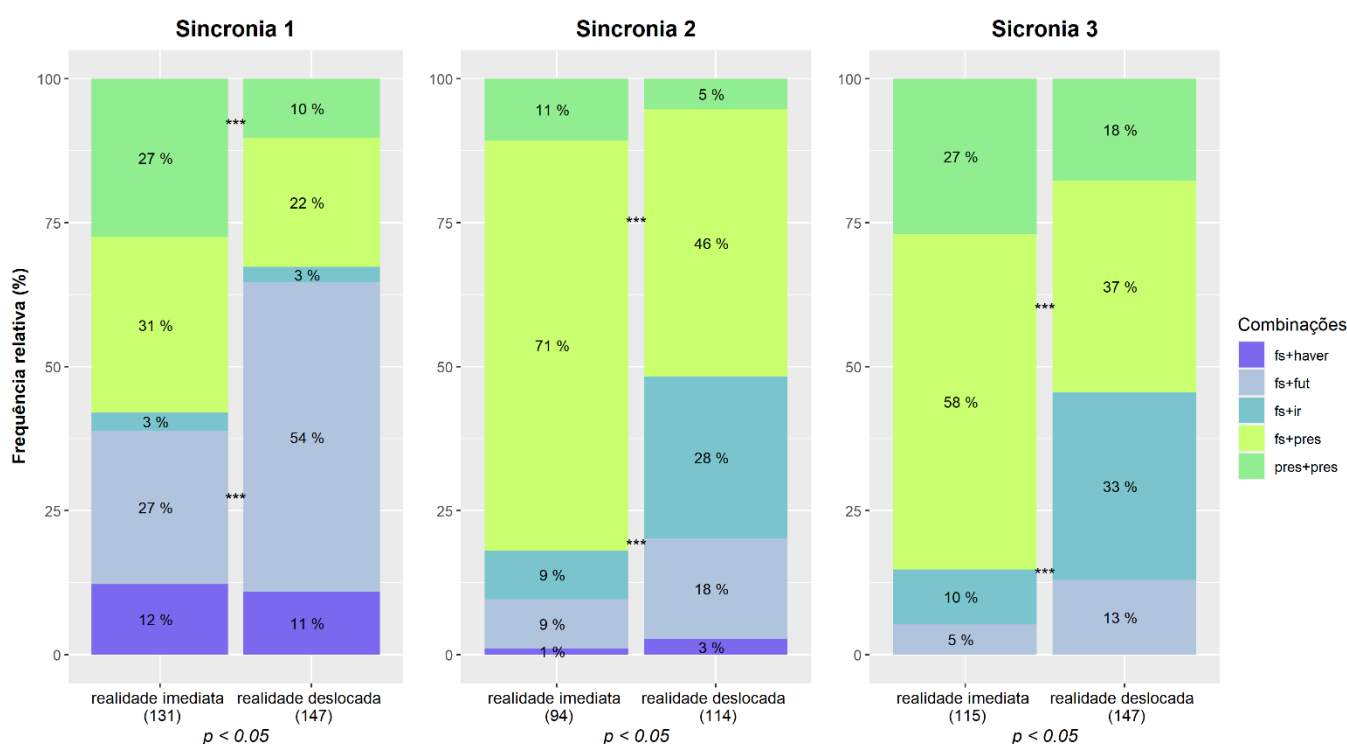
161- Vamos falar mais baixo (falando alto). *Se nós começarmos a brigar **agora**, as coisas vão mal.* (A partilha, Miguel Falabella)

162- *Se você não for para casa **imediatamente**, nunca mais eu deixo você me dar nada!* (O pagador de promessas, Dias Gomes).

- 163- [DG-TÂNIA] – Essa responsabilidade não deve recair sobre um só, deve ser todos. [DG-CARLÃO] – *Se for de todos, acaba não sendo de ninguém.* (Campeões do Mundo, Dias Gomes)
- 164- [PM – CHICONA] - É assim que é! A gente hoje aprendeu um troço pra toda a vida. *Que coisa ruim acaba se a gente quiser.* E se a gente quer, não tem por onde. (Homens de papel, Plínio Marcos)
- 165- **Amanhã, dia 21 de junho de 1970**, pode transformar-se numa data histórica. Na Cidade do México, o Brasil joga sua última partida no Campeonato do Mundo, contra a Itália. *Se vencermos, seremos tricampeões*, trazendo definitivamente para nossa Pátria a Taça Jules Rimet. (Campeões do Mundo, Dias Gomes)
- 166- A Comissão Técnica **vai ficar** no Europa. *Se vier pro Brasil os liga vão matar todos.* [LAA-LICO] Agora só **daqui a quatro anos**. [LAA-ANTÔNIO] Do jeito que tá o futebol eu duvido que o Brasil se classifique. (Cala a boca já morreu, Luís Alberto de Abreu).

A seguir, os resultados.

Figura 36 - Distribuição das variantes em potenciais - por período e ancoragem temporal



Fonte: própria

A ancoragem temporal mostrou correlação com as combinações em todas as sincronias, com diferenças estatisticamente significativas para as combinações fs+fut e

pres+pres na sincronia 1 e para fs+pres e fs+ir nas sincronias 2 e 3. As mesmas tendências se mantêm em todas as sincronias. O que vemos é que, com exceção de fs+haver, todas as combinações em algum momento da história mostram correlação com a ancoragem temporal: combinações com futuro – fs+fut na sincronia 1 e fs+ir nas sincronias 2 e 3 – foram privilegiadas em contextos de realidade deslocada da enunciação, enquanto combinações com presente do indicativo - pres+pres na sincronia 1 e fs+pres - nas sincronias 2 e 3 foram privilegiadas em contextos de realidade imediata ou de suspensão. Diferentemente, então, de dados de fala de entrevistas sociolinguísticas, as peças de teatro são um prato cheio para o estudo de momentos de diálogos. Há dados abundantes com o maior uso de pres+pres com referência ao momento de enunciação, como nos exemplos a seguir:

- 167- [MA-TITO] (pondo o chapéu) *Se me falas outra vez em casamento, saio.* (As forças caudinas, Machado de Assis)
- 168- [AZ-UMA RAPARIGA] (Oferecendo um ramalhete a CASCAIS.) Aceite estas cravinas aceite por favor. Não são tão purpurinas? Não têm tão linda cor? [AZ-OUTRAS RAPARIGAS] — *Se o seu padre não aceita este raminho já, tomamos por desfeita e não voltamos cá..* (Abel e Helena, Artur Azevedo)
- 169- [GT-NAIR] – *Se não me larga as mãos, eu grito!* [GT-ELVÍDIO], deixando-lhe as mãos – Perdão!...Sou um insensato... [GT-NAIR], com altivez – E sobretudo muito ousado! Como se atreveu a tanto? (Onde canta o Sabiá, Gastão Tojeiro)

Vemos que há uma preferência de fato de uso de presente do indicativo em lugar de subjuntivo na prótase de sentenças que se ancoram na realidade imediata à enunciação. Ainda assim, não podemos perder de vista que o contexto é variável⁹³: trata-se de uma preferência e não de um uso categórico, como podemos ver nos exemplos 170 e 171, nos quais há uso de pres+pres em contexto de realidade deslocada da enunciação.

- 170- [AZ-VALENTINA] (Idem.)- Vão para casa, que **em breve** alguém procurá-lo deve. [AZ-JOALHEIRO]- *Se não estou eu, está meu sócio.* (A joia, Artur Azevedo)
- 171- **Sábado de aleluia, sim.** Faço anos e dou um baile à fantasia . [AZ-Figueiredo] Bravo ! Não faltarei! [AZ-LOLA] Contanto que vá fantasiado ! *Se não vai, não entra!* [AZ-Figueiredo] Irei fantasiado. (A Capital Federal, Artur Azevedo)

⁹³ O teste de comutação é possível em todas essas sentenças e preserva o fundo comum da potencialidade. Exemplos: Se me **falas/falar** outra vez em casamento, **saio/vou sair/sairei/hei de sair**; Se o seu padre não **aceita/aceitar** este raminho já, **tomamos/tomaremos/vamos tomar/ havemos de tomar** por desfeita e não **voltamos/voltaremos/vamos voltar/ havemos de voltar** cá..; Se não me **larga/largar** as mãos, eu **grito/gritarei/vou gritar/ hei de gritar**.

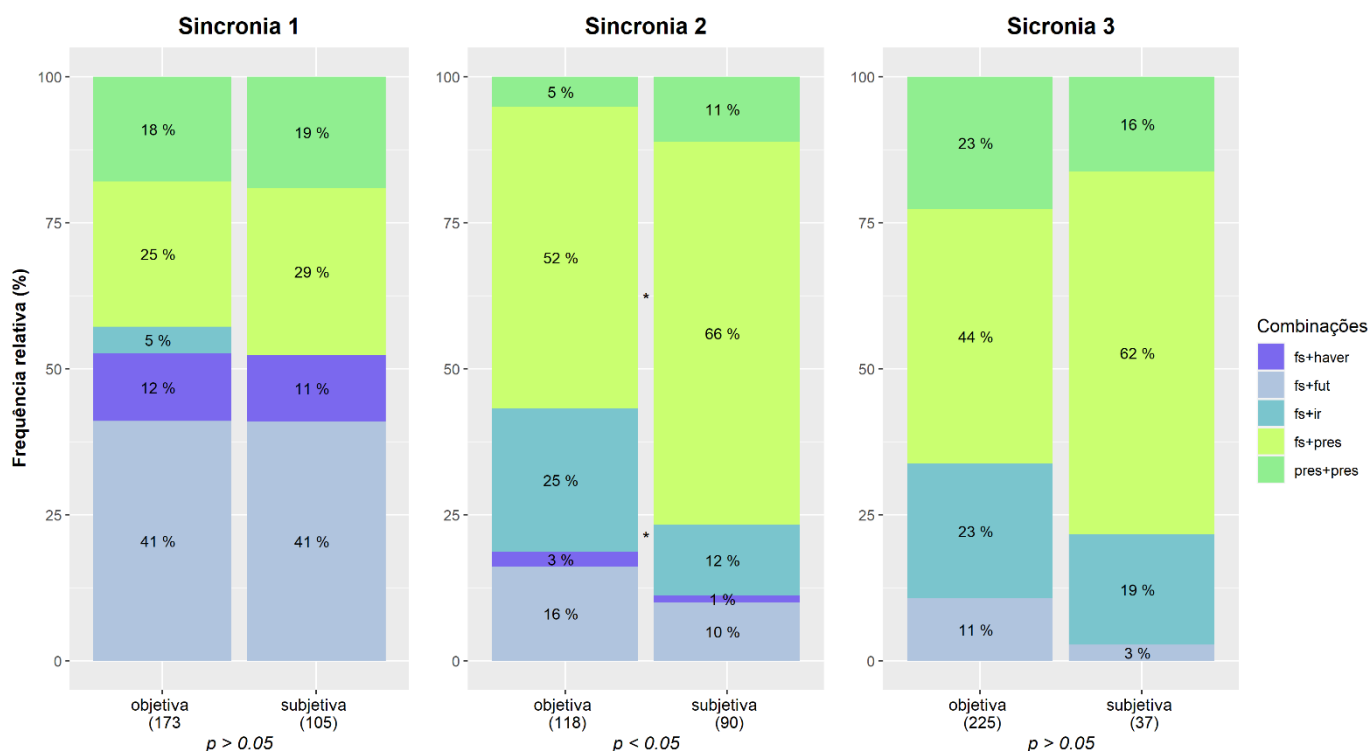
De todo modo, o que percebemos é que a mesma tendência se mantém ao longo dos anos: com preferência de uso por combinações com presente – fs+pres e pres+pres – em contextos que remetem diretamente ao momento da enunciação, enquanto combinações com futuro – fs+fut e fs+ir – aparecem em maior escala em contextos de realidade deslocada.

4.2.1.5 Temática da peça

A variável temática da peça se refere ao tema central em torno da qual giram os diálogos. Uma peça como *A Capital Federal*, de Artur Azevedo, apresenta uma visão crítica do crescimento e dos costumes urbanos do final do século XIX e suas contradições por meio de personagens estigmatizados (PACHECO; ABRÃO, 2011). Também apresenta o deslocamento de algumas personagens do ambiente rural para o urbano, como no caso da família que chega do interior de Minas. A temática de uma peça como essa foi considerada objetiva. Já a temática de uma peça como *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, foi considerada subjetiva, visto que se trata de um drama familiar: Aláide, personagem central, tem alucinações ao longo da narrativa enquanto sofre os efeitos de um atropelamento. Ao longo da narrativa ela tenta se lembrar dos fatos ocorridos antes de acontecer o acidente, misturando alucinação, memória e realidade. A personagem descobre que seu marido a traía com sua irmã e que os dois pensavam em matá-la.

Levando-se em consideração que (i) uma das funções do presente é sua possibilidade de projetar situações indeterminadas (MARTELOTTA, 1986), algo que parece ser mais propício de ocorrer em temas subjetivos; bem como que (ii) temas subjetivos podem fazer emergir com mais facilidade o vernáculo, nossa hipótese é de que variantes com presente do indicativo ocorram em maior escala em peças com temática subjetiva, enquanto fs+fut e fs+haver deve ocorrer mais entre peças com temática objetiva.

A distribuição das combinações pode ser vista na figura 37.

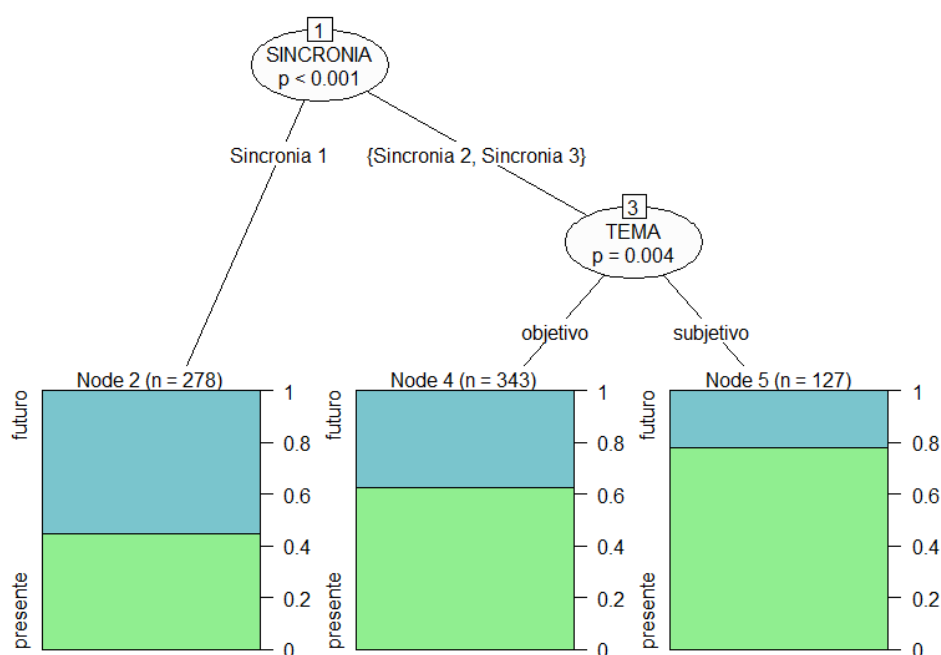
Figura 37 - Distribuição das variantes em potenciais - por período e temática da peça

Não há diferenças estatisticamente significativas nas sincronias 1 e 3, mas há na sincronia 2, que mostra uma preferência de uso da combinação fs+pres em contexto de temática subjetiva, enquanto fs+ir apareceu um pouco mais entre peças com temática objetiva. Nesse caso, há diferenças de produção entre duas variantes consideradas por nós inovadoras – fs+ir e fs+pres. Quanto à combinação com a perífrase com *ir* (fs+ir) ocorrer um pouco mais em peças com temática mais objetivas, isso parece se justificar a partir da consideração de que essa perífrase inicia seu processo de gramaticalização em contextos mais concretos, em que o auxiliar se liga à verbos de processo e movimento. Temas mais objetivos podem privilegiar esses tipos de verbo, também, o que, obviamente, só poderia ser confirmado caso se fizesse o levantamento em cada peça. Trata-se, pois, de uma hipótese. Além disso, como substituta direta da combinação fs+fut, fs+ir pode estar ocorrendo mais em contextos semântico-pragmáticos prototípicos de fs+fut: como ocorreu com a ancoragem temporal, em que as formas de futuro foram mais utilizadas em contexto de realidade deslocada.

Quando amalgamamos as combinações com futuro – simples e perifrástico -, e as comparamos às de presente, podemos notar que há um movimento, de fato, de preferência

de formas de futuro em temas mais objetivos, enquanto as formas de presente são preferidas em temáticas mais subjetivas, com diferenças estatisticamente significativas para as sincronias 2 e 3, como se vê na árvore de inferência condicional a seguir, em que amalgamamos fs+fut, fs+haver e fs+ir como formas com morfologia de futuro e fs+pres e pres+pres como formas com morfologia de presente.

Figura 38 - Árvore de inferência condicional com comparação de morfologia de presente e de futuro em relação à sincronia e temática peça



Fonte: própria

Nesse sentido, com exceção da sincronia 1, que não possui diferenças estatisticamente significativas, há uma tendência que se mantém no que se refere ao comportamento das combinações com formas de futuro em relação às de presente: estas aparecem em maior escala nas sincronias 2 e 3 em temas mais subjetivos enquanto aquelas aparecem em maior escala nas mesmas sincronias em temas mais objetivos.

4.2.1.6 Fase da vida

No que se refere às variáveis sociais, vamos começar com a variável fase da vida. De maneira geral, os personagens que produziram os dados em sua maioria são de fase 2, em todas as sincronias, com uma diferença um pouco menor na sincronia 3. Isso também já era esperado por entender que as peças retratam sobretudo pessoas da fase 2 - adultos. A fase 3, na sincronia 3, possui a amálgama de personagens da fase 2b e 3, como já mencionamos no capítulo metodológico. Vale lembrar, então, que a amostra construída pelo projeto Língua EmCena não se configurou a princípio a partir de uma busca guiada, em que selecionaríamos peças com determinados segmentos, mas de peças representativas do drama brasileiro. Os exemplos abaixo ilustram os segmentos de fase da vida, respectivamente, jovens adultos (exemplo 172) e adultos mais velhos (exemplo 173):

- 172- [CC-ROSA]- Eu **vou ter** um troço se **ficar** aqui parada. Estou morrendo de medo. A polícia ... vem mesmo, não é? (À prova de fogo, Consuelo de Castro)
- 173- [AZ-ISAÍAS] - Se **receberes** os meus sinceros sofrimentos **serei** ditoso. (Amor por Anexins, Artur Azevedo)

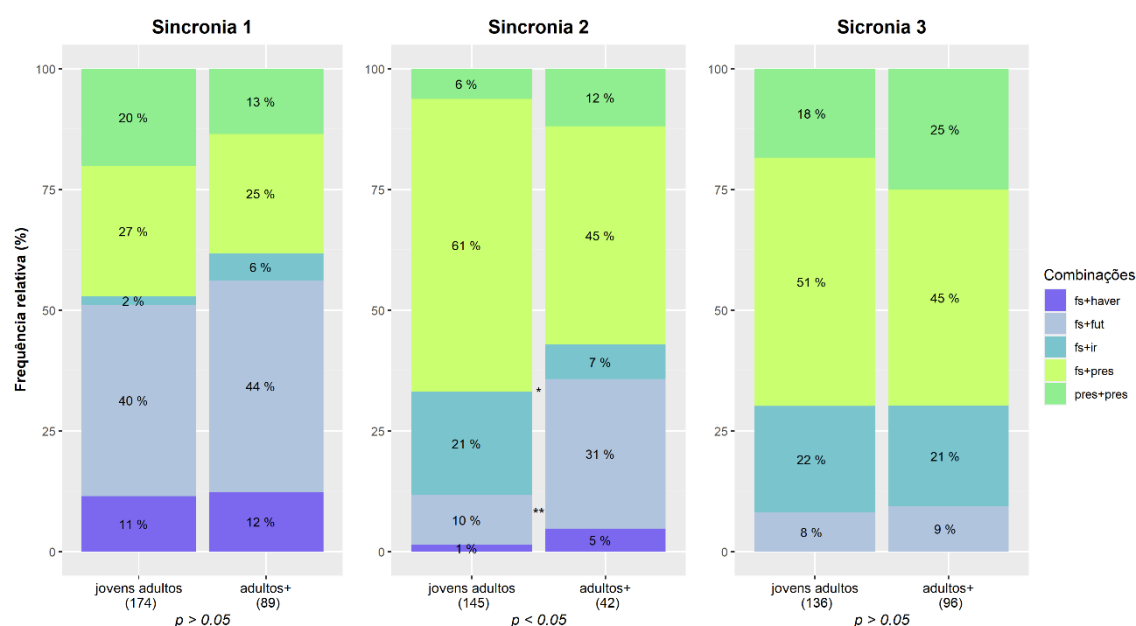
O exemplo 172, em que há fs+ir, foi produzido por Rosa, uma personagem de *À prova de Fogo*, de Consuelo de Castro, caracterizada como uma estudante universitária. A história da peça se passa durante a ocupação do prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em 1968, às vésperas do AI-5. A trama apresenta a repressão sofrida por estudantes, bem como a quebra de coesão ideológica entre o líder estudantil Zé Freitas e seus opositores dentro do próprio movimento. O contexto, ainda que de muita (o)pressão, representa sobretudo a fala de estudantes e de policiais.

O exemplo 173, com fs+fut, foi produzido pela personagem Isaías, caracterizado pelo autor da peça como um “solteirão” que tem boa casa e que usa provérbios e ditados populares, além disso assume não ser “novo”. *Amor por Anexins* apresenta os interesses e o desejo por trás da história de um senhor que quer se casar com “uma jovem e bela viúva”. Desiludida, a viúva aceita casar com Isaías, mas lhe impõe uma condição: Isaías deve passar meia hora sem dizer um anexim, o que, para ele, se tratava de algo impossível.

Nossa hipótese é de que as combinações mais inovadoras – fs+pres, pres+pres e fs+ir – aparecem em maior escala entre os adultos mais jovens. Em contrapartida, os

adultos mais velhos, da fase 3, privilegiariam formas mais conservadoras – fs+haver e fs+fut. A figura 39 a seguir mostra a distribuição das combinações entre essas três sincronias em correlação com fase da vida.

Figura 39 - Distribuição das variantes por período e fase da vida das personagens



Vemos pelos gráficos que há uma tendência que se mantém ao longo das sincronias, mas somente há diferença estatisticamente significativa na sincronia 2 (1930-1964), indicada pelo valor $p < 0.05$ e pelos asteriscos entre as barras: no que se refere às combinações mais conservadoras, não há diferenças de produção de fs+haver nas sincronias 1 e 2 quando correlacionada à fase da vida; fs+fut apareceu sobretudo entre os adultos mais velhos, no entanto, a diferença é significativa apenas na sincronia 2. Com exceção da primeira sincronia, em que há poucos dados de fs+ir, nas demais essa combinação também apareceu entre os mais jovens, com diferenças estatisticamente significativas na sincronia 2. Esse resultado vai na direção de outros já encontrados em trabalhos sincrônicos, que confirmam o uso da perífrase com *ir* entre os mais jovens.

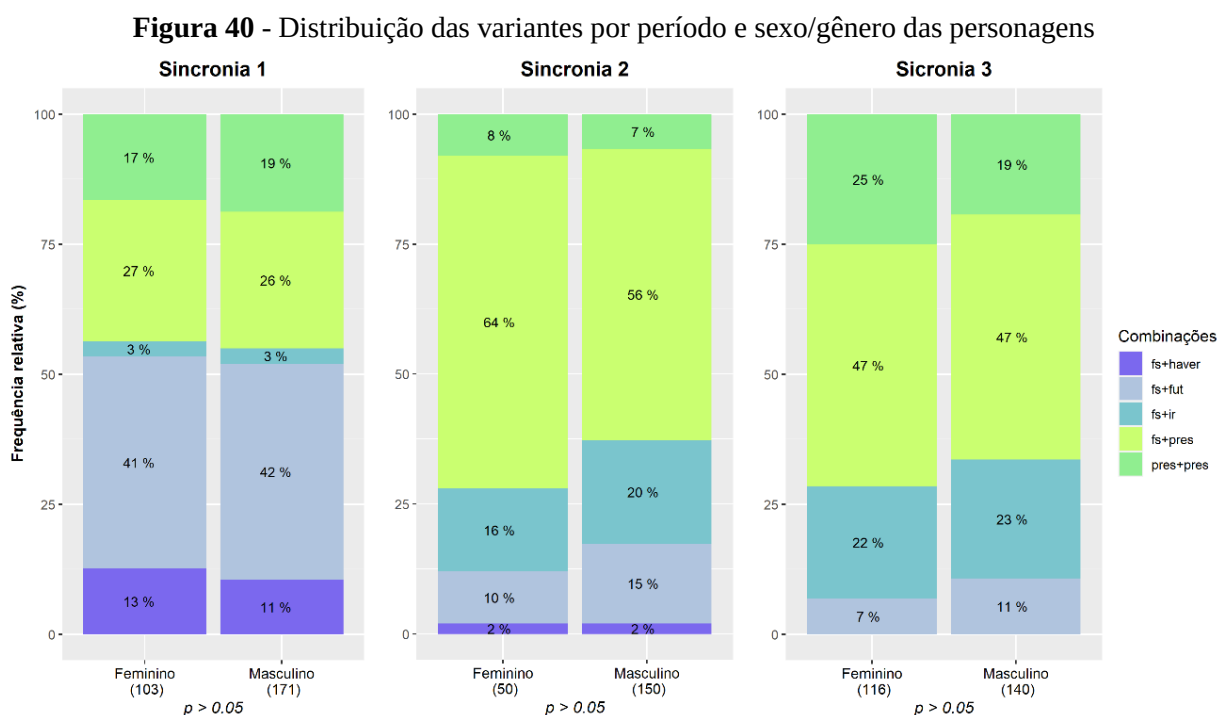
Fs+pres apareceu mais na fala de personagens mais jovens, em todas as sincronias, no entanto, as diferenças de índices não são significativas. Pres+pres, com exceção da sincronia 1, apareceu entre os adultos mais velhos, contrariando nossa hipótese de que a

combinação com indicativo na prótase seria privilegiada pelos mais jovens, o que compromete, inclusive, a consideração de que pres+pres se configuraria, mesmo, como uma forma mais inovadora. No entanto, as diferenças de uso dessa combinação não são significativas.

Com isso, o que vemos é que há tendências que caminham na direção de nossas hipóteses, parcialmente. Parece haver um processo, digamos, paralelo à principal mudança (futuro vs presente na apódose): a forma muda, mas continua o valor de futuro. A única sincronia que mostra correlação entre fase da vida e as combinações é a sincronia 2, e no que se refere ao uso de fs+fut e fs+ir, combinação essas preferidas entre personagens adultos mais velhos e entre os jovens adultos, respectivamente.

4.2.1.7 Sexo/gênero

Nossas hipóteses são de que combinações com presente do indicativo – na prótase ou na apódose (fs+pres e pres+pres), seriam mais privilegiadas por personagens do sexo feminino, enquanto combinações com futuro (fs+haver, fs+fut e fs+ir) seriam mais privilegiadas por personagens do sexo masculino. Os resultados, no entanto, não mostram correlação entre sexo/gênero e o uso das combinações. Vejamos o gráfico com a distribuição das combinações.



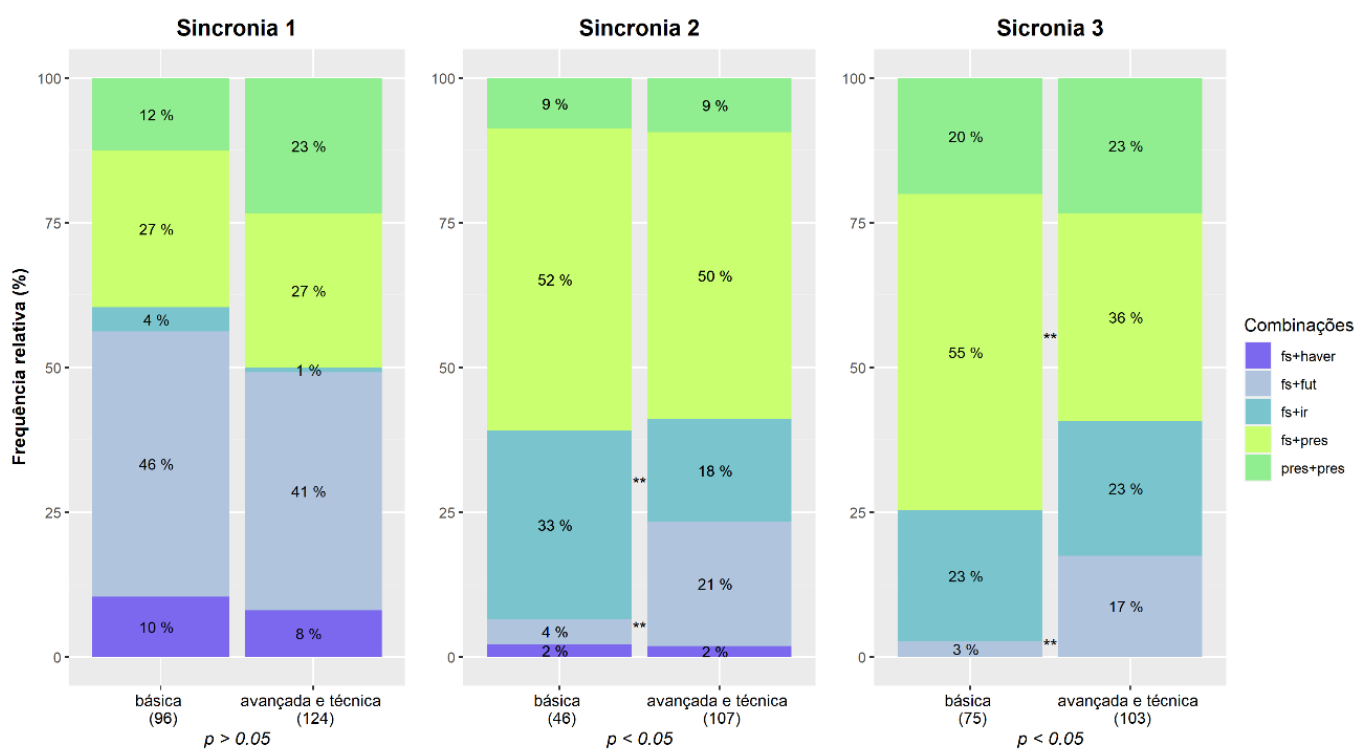
Fonte: própria

Pelos resultados, não há correlação entre sexo/gênero e as combinações. Ainda assim, o que vemos é que personagens do sexo masculino privilegiaram um pouco mais as formas de futuro; já personagens do sexo feminino pouco mais as combinações com presente – fs+pres e pres+pres – na sincronia 2. Pres+pres, com exceção da primeira sincronia, apareceu um pouco mais entre as personagens do sexo feminino. O padrão segue sendo o mesmo no que se refere à preferência de mulheres por formas de presente e de homens por formas de futuro ao longo dos anos, mas as diferenças não são estatisticamente significativas, de modo que não nos permitem dizer que há qualquer correlação.

4.2.1.8 Instrução

Nossa hipótese é de que formas mais conservadoras seriam privilegiadas por personagens com instrução mais avançada e técnica do que por personagens sem instrução ou com instrução básica.

Figura 41 - Distribuição das variantes por período e instrução das personagens



Fonte: própria

Ainda que sem diferenças significativas na primeira sincronia, nota-se que uma das formas mais conservadoras – fs+fut - está concentrada na fala de personagens com instrução técnica e avançada nas sincronias 2 e 3, em que há apenas 4% de dados de fs+fut na sincronia 2 e 3% na sincronia 3 entre personagens com instrução básica. Fs+haver ocorre em menor escala entre personagens com instrução básica, mas a diferença não é estatisticamente significativa na sincronia 1, os índices são idênticos – 2% - na sincronia 2 e, na 3, essa combinação não ocorre, como já mencionamos. No que se refere à combinação fs+pres, essa aparece um pouco mais em contextos de personagens com instrução básica apenas na sincronia 3. Fs+ir ocorreu em maior escala entre personagens de instrução básica em todas as sincronias, exceto na sincronia 3, em que a proporção de uso é a mesma. A diferença é estatisticamente significativa, no entanto, apenas na sincronia 2.

O uso equilibrado de fs+ir entre personagens com instruções técnica/avançada e básica causa algum estranhamento, haja vista que esperávamos encontrar essa combinação entre personagens com instrução básica em todas as sincronias. Na sincronia 3, a variante poderia ter "perdido" a associação com um perfil menos instruído. Ou seja, tem seu uso expandido no tecido social, se popularizado, e se implementado plenamente no sistema. Ocorre que, nas peças, quando vamos observar quais personagens são os que produziram esses dados, vemos que esses estão restritos em sua maioria a personagens universitários ou que pararam a faculdade.

174- [CC-LUÍS] Fred, Fred! Olha seu pai passou aí procurando você e sua noiva! O velho tava uma onça. Ele disse que **vai cortar a sua mesada se você não voltar** hoje mesmo pra casa. (À prova de fogo, Consuelo de Castro)

175- [CN-CRISTINA] *Mas se não **houver** casamento o divórcio **vai acabar**.* (A mulher integral, Carlos Novaes).

Luís é um personagem da peça “À prova de fogo”, de Consuelo de Castro, caracterizado como um dos estudantes universitários que faziam parte de uma ocupação estudantil no prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em 1968, às vésperas do AI-5: “a trama conta os embates sofridos pelos estudantes contra a repressão e os embates ideológicos entre o líder estudantil Zé Freitas e seus opositores dentro do próprio movimento”. (Projeto Língua EmCena). Já Cristina é personagem de “A mulher integral”, de Carlos Novaes, caracterizada como uma dona de casa que parou os estudos para se casar. Dos 19 dados

de fs+ir entre personagens com instrução avançada, 79% deles (15 dados) ocorreram entre personagens com o ensino superior em andamento ou abandonado. Logo, ao separar esses universitários dos demais personagens que produziram fs+ir – personagens já graduados em direito, pedagogia e publicidade – vemos que fs+ir aparece, de fato, mais entre os que não concluíram a faculdade do que entre aqueles com o ensino superior concluído.

Pres+pres apareceu mais, sobretudo, entre personagens com instrução avançada e técnica do que entre personagens com instrução básica, mas não há diferenças que sejam estatisticamente significativas.

4.2.1.9 Classe social

Há poucos dados de personagens da classe 4, como já mencionamos na metodologia. Além disso, o comportamento desses é muito semelhante em relação à classe 3 nas três sincronias, por isso resolvemos amalgamá-los com os personagens da classe 3. Assim, as classes 3 e 4 são amalgamadas em um único nível. As classes 1 e 2 também serão amalgamadas, visto que há pouca produção por parte de personagens da classe 1 nas sincronias 2 e 3, e quanto à sincronia 1, não há diferenças estatísticas de produção entre classes 1 e 2. Dos 87 dados produzidos por personagens da classe 1, 70 ocorrências (80%) estão concentradas na primeira sincronia, 11 ocorrências (13%) são da segunda sincronia e apenas 6 (7%) da terceira sincronia.

A seguir, há alguns exemplos acerca da caracterização de personagens quanto a sua classe.

- 176- [MP-JOSÉ ANTÓNIO] - *Se a minha pobre filha fôr com o senhor para S. Paulo, não ouvirá mais óperas italianas.* (O diletante, Martins Pena)
- 177- [GT-BERNARDO] – Ora! Tu não entendes disso. Podes, quando muito, entender de engenharia, mas de transações comerciais não pescas nada. (Passando o braço pelo ombro) *E se eu fizer o negócio, terás 50 contos para ires gastá-los na Europa.* (O simpático jeremias, Gastão Tojeiro)
- 178- [LAA-LÍDER] Toda vez é compromisso ou é alguém da família que morre. Eu vou dizer uma coisa. *Se não tiver a produção, vai ter extra* e um vai ter que ficar, senão o nome fica marcado e no próximo listão de dispensa eu fodo mesmo. (Sai.) (Cala boca já morreu, Luís Alberto de Abreu)

- 179- [PM – NHANHA] - A gente sabe que *se tu tiver coragem, tu desgraça um*. Mas a gente é muitos. Quem ficar te pega. (Homens de papel, Plínio Marcos)

O exemplo 176, produzido por José Antônio, faz parte da peça “O Dileitante”, de Martins Pena e foi categorizado como personagem da classe 1. A peça discute e representa o gosto pela arte e pela música, bem como as diferenças regionais entre São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de personagens da alta sociedade. José Antônio é caracterizado como um proprietário rico (“um velho daqueles, cheio de defluxo asmático”), que quer que a filha se case com Marcelo, um paulista abastado, que pode se tornar deputado ou mesmo senador.

O exemplo 177 foi produzido por Bernardo, um personagem de “O simpático Jeremias”, de Gastão Tojeiro. A peça tem como foco a história de Jeremias, um empregado de uma pensão em Petrópolis que filosofa constantemente. Jeremias se envolve com os hóspedes do recinto. Entre os hóspedes, há Bernardo, um fazendeiro de 50 anos que se autodenomina doutor. Na ocasião do dado produzido, conversa com seu filho Douglas, um engenheiro. Bernardo foi categorizado como pertencente à classe 2, uma espécie de classe média.

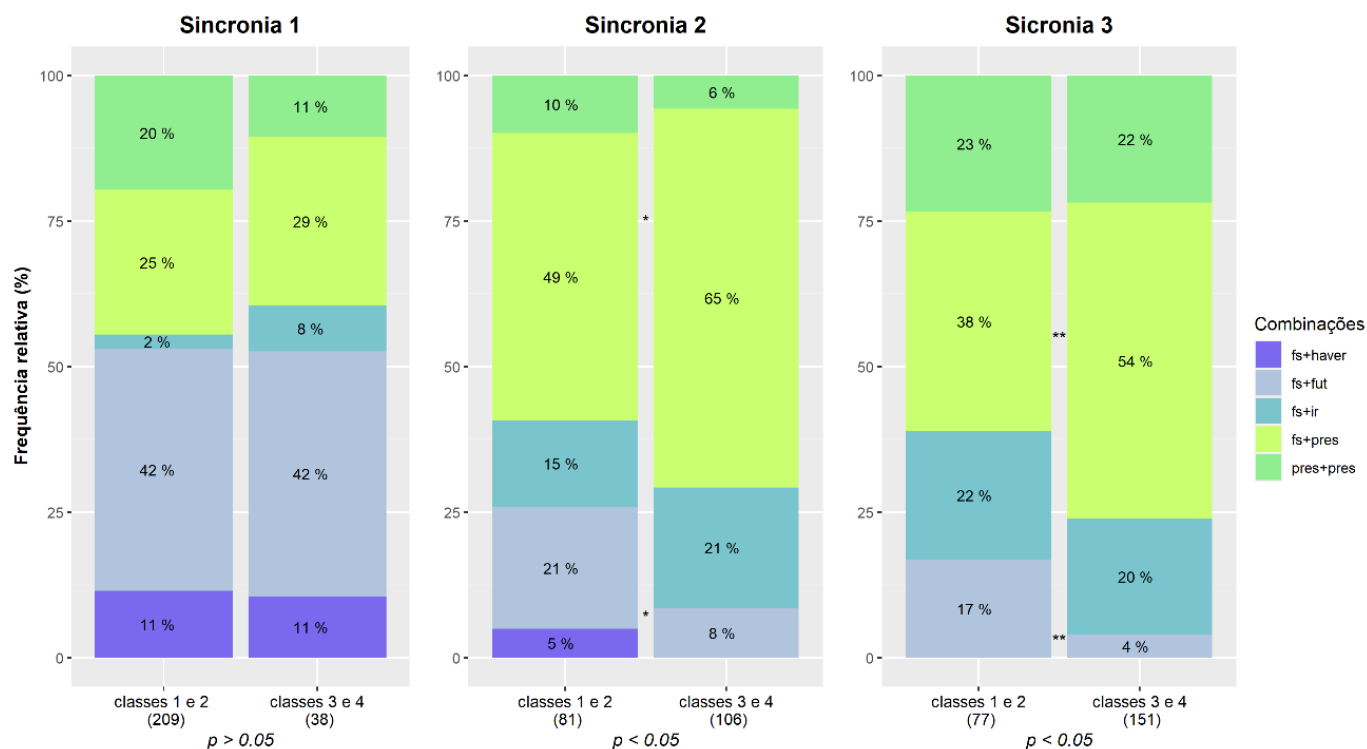
O personagem que não possui nome, mas é denominado “líder”, no exemplo 178, é o chefe dos demais operários, um tipo de supervisor do trabalho, na peça “Cala a boca já morreu”, de Luís Alberto de Abreu. Personagens como esse líder foram categorizados como pertencentes à classe 3, dos assalariados. A peça tem como temática central as migrações internas que ocorreram no século XX. Os migrantes partiam para as grandes cidades cheios de sonhos, mas, ao chegarem lá, se deparavam com uma realidade marcada pela exploração, miséria e violência, como é o caso dos operários e do próprio líder.

O exemplo 179 foi produzido por Nhanha, personagem de Plínio Marcos em “Homens de papel”. A peça gira em torno de um grupo, bastante heterogêneo, de catadores de papéis, retratando as explorações sofridas por esses indivíduos, bem como a miséria na qual se encontravam. Desse modo, a peça critica as condições humanas, sejam essas físicas, psicológicas ou morais. Nhanha é uma das catadoras de papel, que vivia e trabalhava na roça, mas se muda para a cidade para conseguir dinheiro como catadora para tratar da doença da filha. Nhanha foi categorizada como pertencente à classe 4, dos oprimidos.

Nossa hipótese em relação a essa variável é de que quanto mais alta for a classe social, maior será a ocorrência de formas mais conservadoras – fs+haver e fs+fut.

Inversamente, nas classes mais baixas, as formas inovadoras serão privilegiadas – fs+pres, pres+pres e fs+ir. Pressupõe-se, então, uma mudança vinda de baixo. O gráfico a seguir mostra os resultados obtidos.

Figura 42 - Distribuição das variantes por período e classe social das personagens



Fonte: própria

De forma geral, percebemos pelo gráfico que as diferenças entre os índices da sincronia 1 são poucas e não significativas estatisticamente, com valor p acima de 0.05. Já as sincronias 2 e 3 mostram diferenças significativas. Nas sincronias 2 e 3, personagens de classes mais baixas usam em maior escala tanto o fs+pres quanto fs+ir quando comparadas às classes mais altas, mas a diferença é estatisticamente significativa apenas para fs+pres.

Para a combinação com indicativo na prótase – pres+pres – as classes mais altas são as que mais fizeram uso dessa combinação, em todas as sincronias, mas não há diferenças estatisticamente significativas. Além disso, não há diferenças de usos para fs+haver. Fs+pres apareceu sobretudo na fala de personagens de classes mais baixas, mostrando correlação com classe social.

Fs+fut ocorre de forma semelhante entre personagens das classes mais baixas e das mais altas na sincronia 1. Quando das sincronias 2 e 3, há diferenças significativas e

os índices indicam que fs+fut fica restrita às camadas mais altas da sociedade – com 21% de uso na sincronia 2 e 17% na sincronia 3. As camadas mais baixas, por sua vez, usaram 8% das vezes essa combinação na sincronia 2 e 4% na sincronia 3. O uso de fs+fut, então, ainda que diminua com o tempo, possui um pouco mais de resistência entre personagens das classes mais abastadas.

Especial atenção merecem, então, os resultados obtidos em relação ao que chamamos de classes 1 e 2 nas sincronias 2 e 3, visto que os dados são em sua maioria de personagens da classe 2, isto é da intermediária. Nesse caso, uma diferença estatística na categoria classes 2 e 1 nessas sincronias indica preferência de determinada combinação pela classe que hoje conhecemos como média e não necessariamente pela alta, que teve pouca produção nessa época.

Até a década de 1930, de acordo com Scalon e Salata (2012), o Brasil contava com uma estrutura social pouco diversificada, herdada de seu passado colonial como economia escravista agroexportadora. Somente a partir de 1930 - através do processo de substituição de importações -, é que a base econômica das classes médias pôde se expandir substancialmente, pois o Brasil sofreu intenso processo de urbanização, expansão econômica e industrialização. A partir de 1930, então, a classe média brasileira se expandiu vigorosamente em virtude da diversificação da estrutura social, com a criação de ocupações intermediárias e crescimento da burocracia e dos serviços oferecidos pelo Estado. A partir disso, a interpretação dos resultados é de que, junto da consolidação dos costumes sociais da classe média, na segunda parte do XX, há também consolidação de tentativas de aproximação de um ideal de prestígio linguístico no que se refere ao uso de formas mais conservadoras. Não de hoje, a classe média anseia por se aproximar de um ideal, ainda que não necessariamente real, do que viriam a ser os costumes, sociais ou linguísticos, da classe alta. Do ponto de vista exclusivamente linguístico, esse anseio por parte dessa classe pode ser motivado, inconscientemente, pela insegurança linguística, o que vai culminar naquilo que Labov (1966) chamou de *hipercorreção*.

4.2.2 Síntese dos resultados nas potenciais

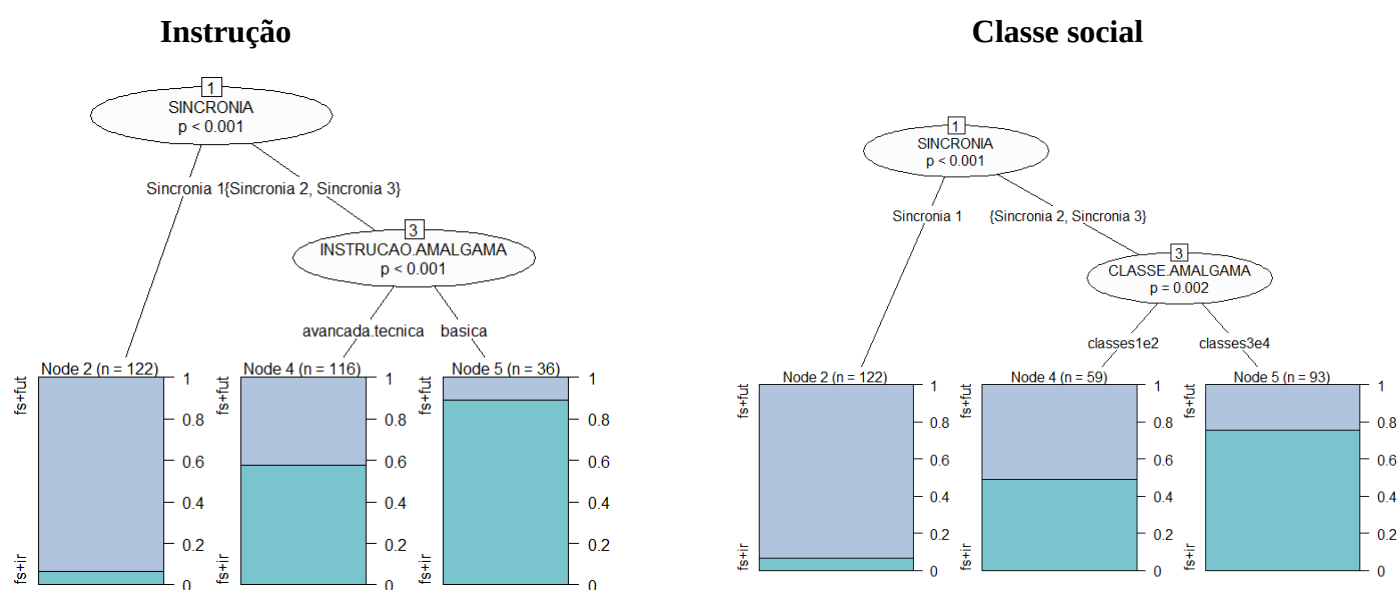
Os resultados apontam para preferências constantes de algumas combinações em determinados contextos. Isso significa que, no geral, podemos ver o mesmo padrão de influência das variáveis ao longo do tempo, ainda que, em algumas sincronias, não haja diferenças estatisticamente significativas. Tais resultados apontam para aquilo de Kroch

(2001) chamou de efeito de taxa constante, visto que os mesmos parâmetros gramaticais estão envolvidos na mudança ao longo do tempo e a frequência de uso das variantes estudadas está lentamente mudando com o tempo, influenciada pelos mesmos contextos linguísticos e sociais.

No entanto, algumas combinações deixam de ter diferenças significativas a depender da variável e do período, dada sua diminuição. A perda da morfologia de futuro sintético na combinação *fs+fut* é atravessada por explicações linguísticas e sociais, e essa combinação ora se opõe à combinação com presente na apódose – *fs+pres* –, ora se opõe à combinação com sua concorrente direta – a combinação *fs+ir*. *Fs+ir* também chega a concorrer com *fs+pres*, sobretudo na sincronia 3, quando o futuro sintético diminui drasticamente, cedendo espaço a *fs+ir*.

Comparando combinações entre si, algumas das variáveis que agem sobre a escolha das combinações se sobressaem quando inserimos todas em um único modelo de inferência condicional. É o caso de *fs+fut* em oposição à *fs+ir*, ambas formas de futuro. Quando comparamos ambas, as únicas variáveis que mostram diferenças estatisticamente significativas são classe social e instrução, as quais não são ortogonais e são inseridas em modelos distintos. As figuras a seguir mostram a distribuição dessas combinações em ambos os contextos.

Figura 43 - Árvore de inferência condicional para as combinações *fs+fut* e *fs+ir*

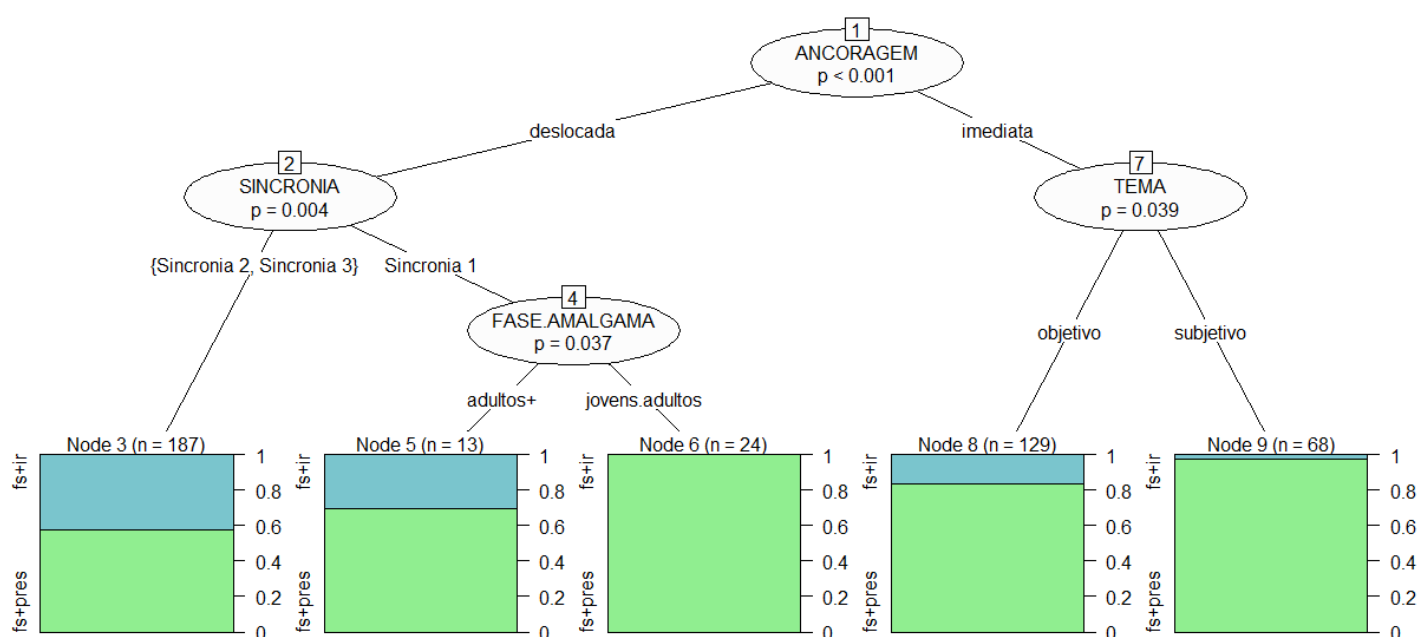


Fonte: própria

A distribuição dessas combinações com instrução ou com classe é muito semelhante. Isso reflete, sabemos, a estruturação de nossa sociedade. Só bem mais recentemente, essa correlação começa a se alterar um pouco. De forma geral, fs+ir ocorre em maior escala a partir das sincronias 2 e 3, entre personagens de classes mais baixas e com instrução básica.

Comparando fs+ir e fs+pres, a variável ancoragem temporal age de forma geral sobre a escolha entre uma e outra combinação. Nesse caso, a temática da peça também possui significância, assim como fase da vida.

Figura 44 - Árvore de inferência condicional para as combinações fs+ir e fs+pres

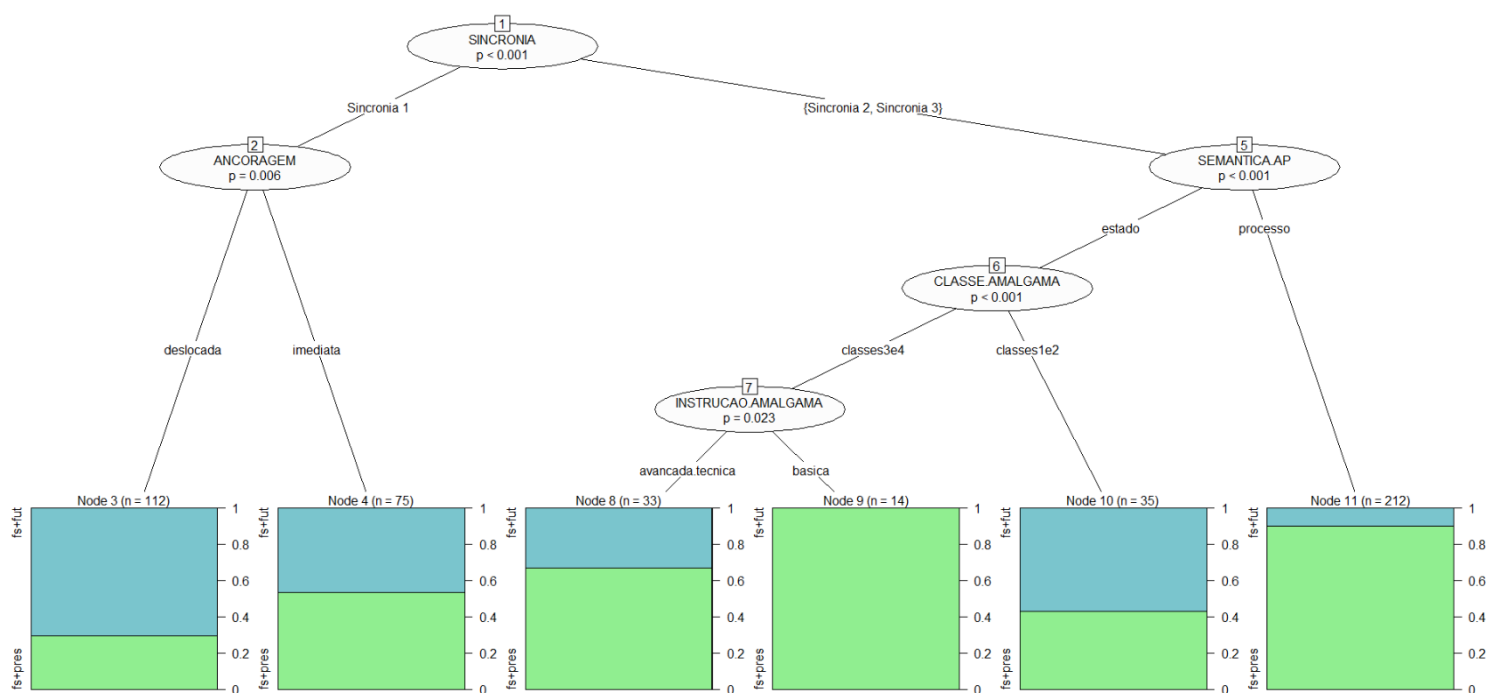


Fonte: própria

Comparando apenas fs+pres e fs+ir, vemos que a ancoragem é a variável que mostra maior significância. A partir disso, divide os nós entre ocorrências com realidade deslocada e imediata. Em dados ancorados na realidade imediata, há uso quase categórico de fs+pres em contexto mais subjetivo enquanto fs+ir se mantém um pouco mais em peças com temática mais objetiva. Na realidade deslocada, a árvore separa os dados das sincronias 2 e 3 por um lado e, nos dados da sincronia 1, há divisão de padrões entre adultos mais velhos e jovens adultos. No entanto, os dados são muito poucos para se chegar a alguma conclusão.

Nas análises descritivas, a concorrência maior parece ser, ao longo do tempo, entre **fs+fut** e **fs+pres**. A árvore de inferência condicional mostra o padrão de uso de **fs+fut** e **fs+pres** em contextos que se mostraram significativos para ambos⁹⁴.

Figura 45 - Árvore de inferência condicional para as combinações **fs+fut** e **fs+pres**



Fonte: própria

O fato de plotar classe social com instrução indica que há menos colinearidade pelo menos para essas variantes. A árvore nos retorna os contextos preferidos de uso de **fs+pres** em relação à **fs+fut**, hierarquizando e cruzando as variáveis que explicam as preferências por cada combinação. O primeiro aspecto a destacarmos é que, na sincronia 1, a única variável plotada é ancoragem (caixas 1 e 2, da esquerda para a direita): **fs+fut** apareceu mais em contextos de realidade deslocada, como já vimos nas análises univariadas.

Os padrões de uso de **fs+fut** e **fs+pres** se mantêm constantes nas três sincronias no que se refere às preferências, com diferença apenas no que se refere à significância e a árvore plota os galhos a partir da significância.

⁹⁴ Retiramos os resultados de paradigma de conjugação do modelo, uma vez que inserir paradigma de conjugação e semântica do verbo não é ideal, visto que ambas possuem correlação.

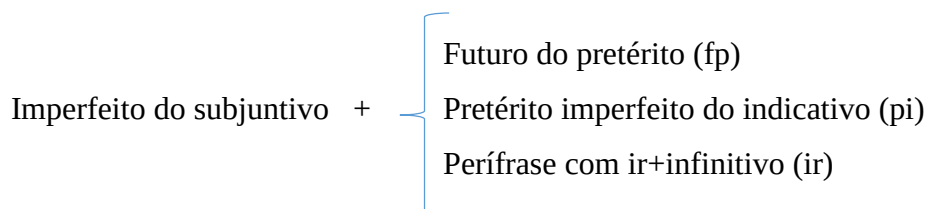
Na análise de regressão logística, que comparou formas inovadoras e conservadoras, há forte efeito lexical, que acaba por neutralizar a força de atuação de semântica e paradigma de conjugação verbal estatisticamente. A partir disso, aliando os resultados das análises descritivas, univariadas, aos de multivariadas, chegamos aos seguintes contextos preferidos para cada combinação:

Quadro 36 - Contextos de preferência de uso das combinações

Combinações	
Fs+haver	Sem diferenças estatísticas em todos os contextos, e com preferência sutil em contextos de: - Verbos irregulares, ancoragem deslocada, temática objetiva, adultos mais velhos, classes 1 e 2.
Fs+fut	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: - verbos irregulares e verbos de estado (forte efeito lexical); ancoragem deslocada, adultos mais velhos, instrução técnica ou avançada e classes mais altas (1 e 2).
Fs+ir	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: - ancoragem deslocada, temática objetiva, adultos mais jovens, e instrução básica.
Fs+pres	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: - verbos regulares e de processo (forte efeito lexical), ancoragem imediata, temática subjetiva, instrução básica e classes mais baixas (3 e 4).
Pres+pres	Combinação com forte efeito lexical de presente do indicativo na prótase e com preferência estatisticamente significativa por contexto de ancoragem em realidade imediata.

4.3 Visão geral dos resultados em irrealis

Nas **condicionais irrealis**, observamos que, tal como já atestava Gryner (1990), não há variação na prótase, apenas na apódose. O envelope fica assim formado:



Como já mencionamos na seção acerca do envelope de variação, condicionais irrealis mostram uma vinculação causal, em que a prótase é uma causa que é negada pela relação que estabelece com a apódose. Essa negação ocorre de forma implícita ou explícita. Reportamos novamente o quadro com nossas variantes nesse tipo de condicional.

Quadro 37 - variantes que compõem o envelope das irrealis

Combinações mais empregadas	Exemplos
Pis+fp	Para quê, hem? Se o Sr. não fosse mais namorador que um macaco preso a um cepo, certamente não diria - que sou velha. (Juiz de Paz na roça, Martins Pena) Se não fosse atender à consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já há muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas. (França Júnior, meia hora de cinismo)
Pis+ir	Foi todo mundo junto que quis pegar o tarado. Ele estava ali parado, de ferro na mão. Se não tivesse todo mundo picado de raiva, ninguém ia ter peito de entrar nele. (Homens de Papel, Plínio Marcos)
Pis+pi	Se me demorasse naquela sala morria sufocado! (Tipos da atualidade, França Júnior) Se ele gostasse de mim, tinha se casado comigo (A Capital Federal, Artur Azevedo)

Um aspecto fundamental que já mencionamos em nota, mas que justificamos neste capítulo é o fato de amalgamarmos as combinações com mais-que-perfeito analítico (*tinha comprado*) às combinações com pi, enquanto perífrases com futuro do pretérito

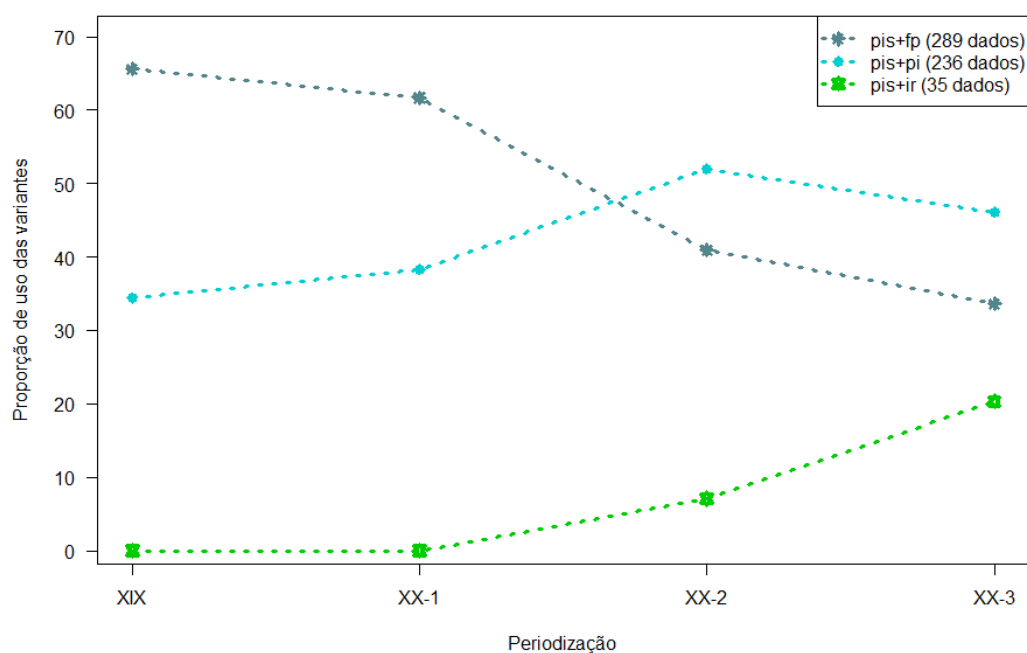
(*teria comprado*) são amalgamadas às de fp. De todo modo, reportamos aqui os resultados com o verbo “ter” como auxiliar quanto à sua flexão. Seu efeito poderá ser testado junto da análise da identidade lexical.

Tabela 7 - distribuição da morfologia com verbo ter como auxiliar em condicionais potenciais por período

	Sincronia 1	Sincronia 2	Sincronia 3	Total
Futuro do pretérito	38 – 73%	11 – 46%	11 – 55%	60
Imperfeito do indicativo	14 – 27%	12 – 50%	7 – 35%	33
Total	52	24	20	

Ao todo, encontramos 558 condicionais irrealis com formas realmente empregadas. Nessas, há uma quantidade menor de variantes e não há variação na prótase, mas algumas tendências semelhantes às potenciais podem ser atestadas. A primeira delas é a de que a mudança se intensifica também a partir de 1930, com pis+fp deixando de ser a forma até então preferida ao ceder espaço para pis+pi. Paralelo a isso, ainda muito timidamente, pis+ir também aparece no XX-2 e só aumenta seu uso na última sincronia, como podemos ver pelo gráfico a seguir.

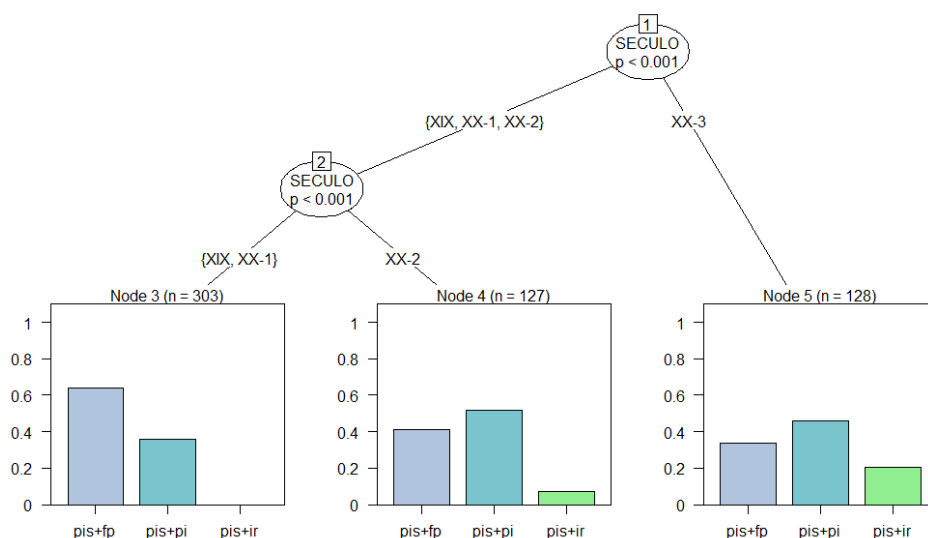
Figura 46 - Distribuição das combinações em irrealis por período



Assim como nas potenciais, não há diferenças significativas nas duas primeiras sincronias quanto à preferência de uso pelas combinações: *pis+fp* apareceu em 66% do total de dados de irrealis no XIX e em 62% do total no XX-1; *pis+pi* apareceu em 34% do total no XIX e em 38% no XX-1; *pis+ir*, por sua vez, não foi uma combinação encontrada nos dados das peças nessas sincronias. De forma geral, *pis+fp* diminuiu seu uso em 4 pontos percentuais na passagem de XIX para XX-1, ao passo que *pis+pi* aumentou os mesmos 4 pontos, diferença essa não significativa ($p > 0.05$). *Pis+pi* passa a ocorrer mais que *pis+fp* a partir de XX-2, e *pis+ir* também entra em cena nessa sincronia. Costa (2006), em pesquisa sobre a mudança no sistema verbal do português, analisando dados de peças de teatro, atesta uma guinada no uso de formas de imperfeito do indicativo e da perífrase IA+V a partir de 1940 ao passo que o futuro do pretérito tem uma queda brusca. Algo está acontecendo nesse período, portanto.

Quando comparamos as potenciais às irrealis, constatamos mais resistência por parte das segundas por pelo menos dois motivos: enquanto as potenciais trazem variação tanto na prótase quanto na apódose, a variação das irrealis se restringe às apódoses. Ademais, a perífrase com *ir* aparece um pouco mais tarde (a partir de 1930) e ainda de forma tímida. Quando plotamos a árvore de inferência condicional, essa diferença fica mais visível. Nas potenciais, o primeiro nó do modelo de inferência dividiu as duas primeiras sincronias das duas últimas. Nas irrealis, ainda que também não haja diferenças significativas entre o XIX e XX-1 e haja entre XX-1 e XX-2, o primeiro nó agrupa essas três sincronias, separando-as da última.

Figura 47 - Árvore de inferência condicional com padrão de distribuição das combinações em irrealis por período



A árvore de inferência mostra um padrão interessante, o que difere as irreais das potenciais. Enquanto nas irreais o padrão encontrado em XX-2 se aproxima mais do padrão encontrado em XIX e XX-1 (o que vemos pela primeira divisão dos nós), nas potenciais o padrão encontrado em XX-P2 se aproxima mais de XX-P3, o que também vemos pelo primeiro nó plotado na figura 47. Isso provavelmente quer dizer algo: primeiro que, obviamente, a mudança não é abrupta, mas o período que compreende de 1931 a 1964 mostra uma virada de padrão significativa, mais para as potenciais do que para as irreais, mas, ainda assim, para ambas. Essa diferença no ritmo da mudança entre os dois tipos de condicionais pode estar relacionada com aspectos da morfologia dos tempos verbais em jogo, especialmente o presente (no caso das potenciais) e o pretérito imperfeito (no caso das irreais). Apostamos nessa relação por observar que em outro tipo de orações - as completivas - se constatou uma maior resistência do subjuntivo em contexto de pretérito imperfeito que em contexto de presente (BERLINCK, 2019)

Em suma, por não termos diferenças estatisticamente significativas, vamos amalgamar as sincronias XIX e XX-1 em uma única, tal como fizemos nas potenciais. A tabela a seguir traz os resultados com número e percentuais exatos de uso de cada combinação ao longo da sincronia 1 (amalgama entre XIX e XX-1, 1838-1930), sincronia 2 (XX-2, 1930 -1964) e sincronia 3 (XX-3, 1964-2010).

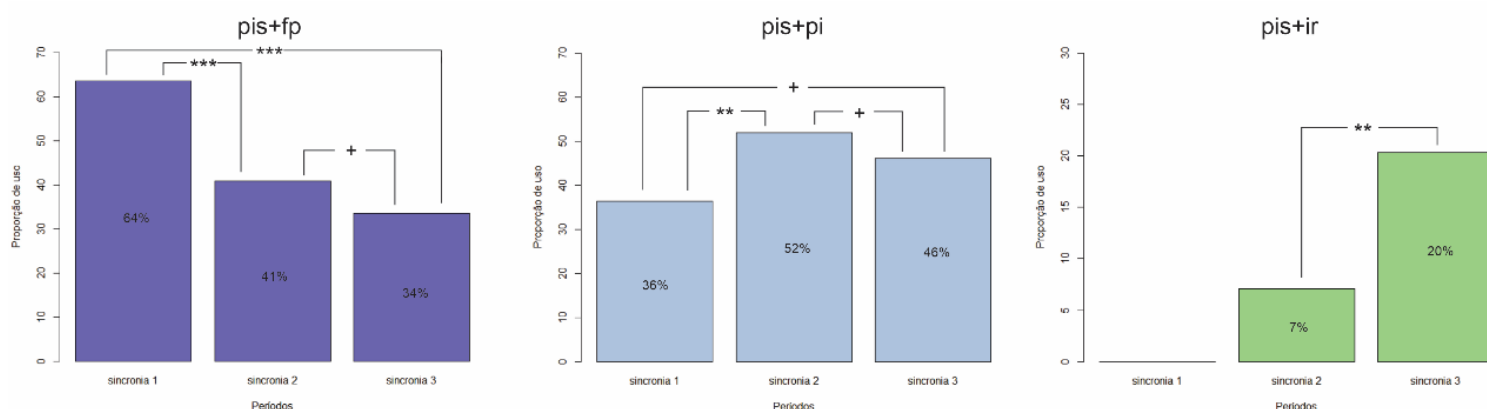
Tabela 8 - Distribuição das variantes em condicionais potenciais por período

<i>COMB</i>	<i>SINCRONIA</i>			<i>Total</i>
	sincronia1	sincronia2	sincronia3	
pis+fp	194 64 %	52 40.9 %	43 33.6 %	289 51.8 %
pis+ia	0 0 %	9 7.1 %	26 20.3 %	35 6.3 %
pis+pi	109 36 %	66 52 %	59 46.1 %	234 41.9 %
<i>Total</i>	303 100 %	127 100 %	128 100 %	558 100 %

$$\chi^2=85.338 \cdot df=4 \cdot \text{Cramer's } V=0.277 \cdot p=0.000$$

Os resultados apontam, então, para um processo de mudança nas irrealis, com decréscimo evidente de *pis+fp*, aumento de *pis+pi* e de *pis+ir*. Quando olhamos para as combinações individualmente, no entanto, vemos que *pis+pi* tem seu uso aumentado ao longo do tempo, mas esse aumento é estatisticamente significativo apenas na passagem da sincronia 1 para a sincronia 2.

Figura 48 - Distribuição das variantes em irrealis vistas isoladamente



Assim, *pis+fp* diminui com o tempo ao passo que aumenta *pis+pi*, mas esse aumento de *pis+pi* e diminuição de *pis+fp* ocorre sobretudo na sincronia 2, na mesma sincronia em que a perífrase com *ir* se insere, ampliando seu uso na sincronia 3. Tesch (2011), em estudo sobre a variação entre FP e PI na fala capixaba, no português falado na cidade de Vitória, encontrou 41% da variante futuro do pretérito sintético em diferentes contextos sintáticos em dados extraídos do PorVix.

Em entrevistas sociolinguísticas, Brandão (2015) encontrou 25% de futuro do pretérito em apódoses de condicionais. Nas peças, quando olhamos para os dados da sincronia 3, vemos que o uso de *fp* ocorreu um pouco mais – 9 pontos percentuais a mais. Ainda assim, o padrão encontrado em relação à preferência pela forma na apódose é o mesmo. Uma comparação entre os padrões encontrados nas peças de teatro e nas entrevistas sociolinguísticas pode ser vista a seguir.

Comparando os padrões da Sincronia 3 e dos dados de fala, temos o seguinte:

Nas peças da sincronia 3:

Pis+pi > *pis+fp* > *pis+ia*

Nos dados de fala (Brandão, 2015):

Pis+pi > *pis+fp* > *pis+ia*

Vemos que o padrão é mesmo. Nos dados de entrevistas, Brandão (2015) encontrou um uso acentuado de futuro do pretérito na fala de informantes que tinham entre 36 e 55 anos, enquanto seu menor uso ocorreu entre crianças (7-15 anos) e idosos (acima de 80 anos). Utilizou-se, então, da hipótese ligada ao mercado linguístico (BOURDIEU, 1977) para entender essa distribuição. A noção de “mercado linguístico” está associada a determinados usos linguísticos que o falante faz, sobretudo quando inserido no mercado de trabalho. Formas de prestígio são, por sua vez, avaliadas como um capital simbólico que possibilita um sistema de “trocas simbólicas” dentro da sociedade. Ainda que imperfeito do indicativo não seja uma forma estigmatizada, o futuro do pretérito possui maior status linguístico. Desse modo, essa forma seria mais utilizada por falantes da faixa etária entre 36 e 55 anos porque sobre esses recairia maior pressão normativa.

Sousa (2007), que analisou a variação de usos entre o PI e o FP na expressão de hipótese em excertos de correspondências entre a Coroa Portuguesa e autoridades da Coroa no Brasil durante o século XVIII, comparando-as a dados de escrita da atualidade, chegou à conclusão de que o PI “é um indicativo de tendência à mudança – com a prevalência do uso do imperfeito para expressar o irreal –, caso o valor agregado ao futuro do pretérito deixe de ser disseminado pelos veículos reguladores de língua padrão” (SOUSA, 2007, p.13).

O estudo diacrônico realizado por Costa (2003) acerca da alternância entre FP e PI, em peças de teatro, mostrou que no decorrer do tempo o uso do PI foi crescente nas peças teatrais e uma outra candidata à variante inovadora (IA+ Verbo no infinitivo) chegou a superar o PI e o FP no final do século XX. No contexto de sentenças condicionais, por nós estudado, isso não ocorreu, como se pode ver. O imperfeito do indicativo tem seu uso ampliado e diminui na terceira sincronia, mas ainda assim ocorre em maior escala. O papel que a perífrase formada a partir de *ir* cumpre nas condicionais ainda parece tímido em relação a formas mais básicas, como imperfeito do indicativo nas apódoses de irrealis e presente do indicativo em apódoses de potenciais. Nesse sentido, enquanto estudos mostram uma ampliação de uso de perífrases formadas a partir de *ir* em diferentes contextos sintáticos, e aqui nos referimos à perífrase formada com *ia*+infinitivo - *ia comprar* -, o contexto condicional mostra-se propício para o uso de imperfeito do indicativo.

Reproduzimos aqui, novamente, a hipótese geral que temos quanto a essas combinações, que se refere ao problema de transição (WLH, 1968) de formas linguísticas mais, ou menos, inovadoras no vernáculo. Como não encontramos variação na prótase que se caracterizasse como algo de fato empregado (HYMES, 1972), nossas hipóteses residem apenas na apódose quanto a esse tipo de condicional. Em outras palavras, não há indicativo sendo de fato empregado (HYMES, 1972) na prótase das irreais, de modo que encontramos apenas um dado com indicativo, o que implica reconhecer que se trata de uma forma gramatical e possível nas irreais, mas não empregada. O dado a seguir ilustra essa gramaticalidade.

- 180- [CC-ZÉ] Pra mim mixou. Mixou mesmo. Se **era** tão gamada como dizia, podia ter sido mais honesta. (À prova de fogo, Consuelo de Castro)

O exemplo 180 foi produzido por Zé Freitas, um personagem de Consuelo de Castro, caracterizado como um líder estudantil, jovem, portanto. Quando realizamos o teste de comutação, vemos que a variação entre indicativo e subjuntivo é possível:

- 181- Pra mim mixou. Mixou mesmo. Se **fosse** tão gamada como dizia, podia ter sido mais honesta.

Isto posto, assim como fizemos com as potenciais, faremos testes multivariados mais gerais acerca das formas mais inovadoras e mais conservadoras nas irreais. O esquema a seguir é reportado novamente para que se compreenda que estamos entendendo que a combinação pis+fp se configura como uma combinação mais conservadora enquanto pis+pi e pis+ir se configuram como combinações mais inovadoras.

[+conservador]

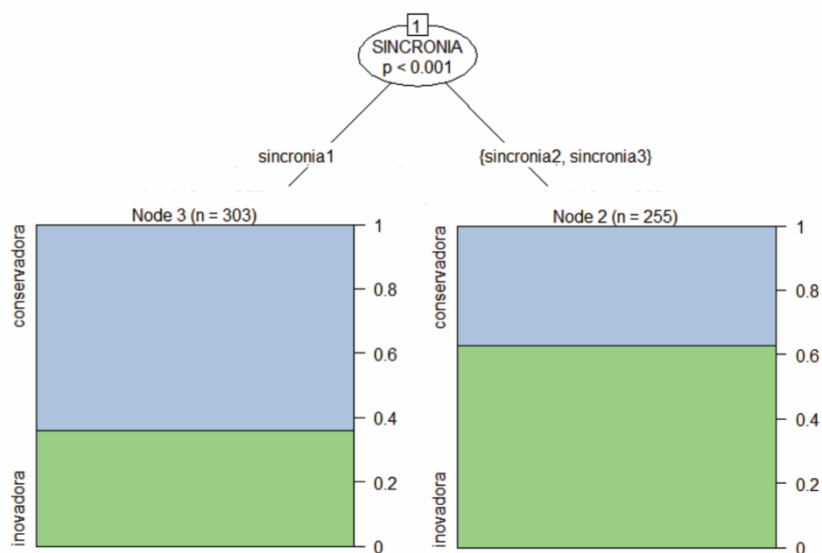
[+inovador]

futuro sintético > imperfeito do indicativo > perífrase com ir (ia)

Assim como nas potenciais, trabalhamos com a hipótese de que haja Efeito de Taxa Constante (*Constant Rate Effect*) (KROCH, 1989). Para tanto, amalgamamos quando necessário as combinações pis+pi e pis+ia em uma única categoria – inovadoras.

Olhando para a distribuição da combinação conservadora em relação às inovadoras, temos o seguinte:

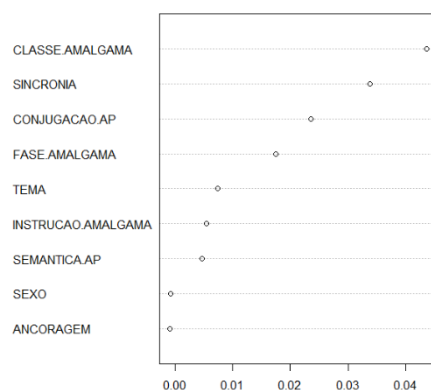
Figura 49 - Árvore de inferência condicional com distribuição de formas inovadoras e conservadoras por período



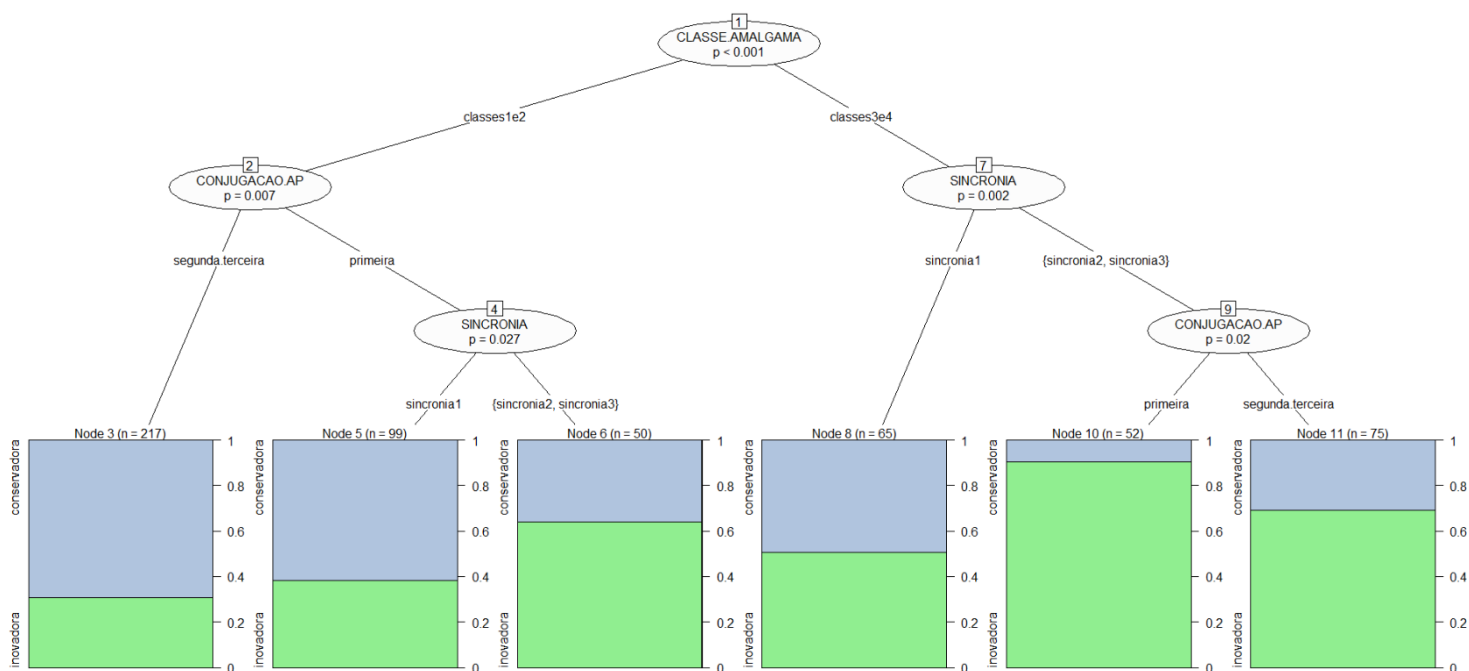
Fonte: própria

A árvore de inferência apenas sintetiza um padrão já reportado anteriormente, pois há diminuição gradativa de pis+fp ao longo do tempo ao passo que as outras combinações, essas mais inovadoras, aumentam, sobretudo na passagem da sincronia 1 para a sincronia 2 no que se refere à pis+pi, e na passagem da sincronia 2 para a sincronia 3 no que se refere à ampliação de pis+ia.

Foram correlacionadas às combinações das irrealis as mesmas variáveis que correlacionamos nas potenciais: paradigma de flexão, traço semântico do verbo, ancoragem temporal, temática da peça, fase da vida, sexo, instrução e classe social, além da variável histórica, ligada à periodização (cronologia/sincronia). A árvore a seguir mostra a força de atuação das variáveis sobre o uso das combinações mais, ou menos, inovadoras.

Figura 50 - Hierarquia de atuação de variáveis em condicionais irrealis

Classe social é a variável que mostrou maior atuação sobre o uso de uma forma mais ou menos conservadora, seguida da cronologia, isto é, da sincronia, e do paradigma de conjugação. Ancoragem, por sua vez, é a variável que mostrou menos diferenças quanto à motivação de uso de determinada combinação. Quando inserimos dentro de um modelo de inferência condicional todas as variáveis, há algumas que são plotadas e há ramificações, como vemos na figura 51, a seguir.

Figura 51 - Árvore de inferência condicional com padrão de distribuição de formas inovadoras e conservadoras em correlação com as variáveis independentes

A árvore vista na figura 51 plota classe social como primeiro nó, que mostra padrões distintos entre classes mais baixas e mais altas. Quando na fala de personagens

de classes mais abastadas (classes 1 e 2), há uma ramificação que coloca de um lado um padrão de uso de formas de segunda e terceira conjugação e de outro o padrão de uso das formas de primeira conjugação. Vê-se que, entre personagens dessa classe social, há manutenção da forma conservadora – *pis+fp* – sobretudo com verbos de segunda e terceira conjugação. Quanto aos verbos de primeira conjugação, terminados em –*va* e –*ria* (*comprar, comprava/compraria*), há uma diferença de padrão de uso entre a sincronia 1 e as demais, de modo que, na sincronia 1, a morfologia de futuro do pretérito ocorre em maior escala, enquanto nas sincronias 2 e 3 há seu menor uso. Isso pode nos indicar que a mudança, entre personagens de classes mais altas, tem ocorrido primeiramente nos verbos de primeira conjugação, de modo que verbos de segunda conjugação e formas supletivas são contextos de retração de formas inovadoras e de manutenção de formas conservadoras. Quanto aos personagens de classes mais baixas, a maior manutenção da forma conservadora se dá na sincronia 1, e também entre os verbos de segunda e terceira conjugação nas sincronias mais recentes. Já os verbos de primeira conjugação produzidos por personagens dessas classes mais baixas mostram-se contexto propício para a mudança, de modo que quase não há uso de futuro do pretérito nas sincronias 2 e 3 quando com verbos dessa terminação. Os únicos dados de futuro do pretérito que foram produzidos por personagens de classes mais baixas são também de personagens ou mais velhos, ou falidos ou que trabalham com a linguagem, a partir da arte ou mesmo da mendicância.

- 182- [AS-MANUEL] (...) Ah, **se fosse inverno! As bonecas de milho cor de ouro estariam balançando no vento:** na terra do roçado e na bandeja do mastro grande, para olhar o anjo! (Mulher vestida de Sol, Ariano Suassuna)
- 183- [LAA-MARIA] Sei e não quero ouvir de novo! (Sai.) [LAA-MAYA] **Se não fossem os bolcheviques (cospe de lado) eu não estaria ouvindo desaforos!** (Cala a boca já morreu, Luís Alberto de Abreu)
- 184- [JC-OUTRO MENDIGO] - Mas, **se vivesse** dos rendimentos, também não **precisaria** de trabalhar. (Deus lhe pague, Juracy Camargo)

Manuel é um personagem da peça “A mulher vestida de sol”, que trata de intrigas familiares de maneira trágica e sangrenta, abordando temáticas concernentes ao sertão. Esse personagem é caracterizado como uma espécie de capanga, que também faz enterros, é coveiro e é cantor. Maya é uma personagem mais velha, da peça de Luís Alberto de Abreu. Ela se caracteriza como uma artista (cantora de ópera) que já não atua mais como

cantora, mas mora em uma pensão em São Paulo e não consegue pagar o aluguel, por isso é chamada de caloteira pela dona da pensão. No entanto, Maya afirma ter sido no passado da nobreza russa.

O personagem denominado como “outro mendigo”, da peça “Deus lhe pague”, de Juracy Camargo, é um dos mendigos da peça. Esse é mendigo por falta de opções na vida e sabe muito bem ler. Na ocasião da produção do dado, conversa com seu amigo, que também é um mendigo, mas um “mendigo-filósofo” que ganha sua vida pedindo esmolas e fez da mendicância sua verdadeira profissão, com a qual enriqueceu, sem, no entanto, abandoná-la. Há, na peça, muitas críticas sociais, trazendo discussões acerca da ideia de propriedade privada e consciência de classe.

O que se vê, então, de forma geral, é que a cronologia, classe social e paradigma de flexão influenciam fortemente na manutenção de uma forma conservadora e na expansão das inovadoras. O teste de regressão logística de efeitos mistos mostra os índices exatos.

Tabela 9 - Análise de regressão de efeitos mistos nas condicionais irreais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 558). Estimativas em logodds para formas inovadoras em relação às conservadoras. Intercept = -0,6246

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					109/303 (36%)
Sincronia 2	0,890	0,426	2,089	0,036 *	75/127 (59%)
Sincronia 3	1,336	0,447	2,985	0,002 **	85/128 (66%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					110/220 (50%)
Imediata	-0,218	0,275	-0,793	0,42 +	159/338 (47%)
Conjugação Apódose					
1ª conjugação (v. referência)					131/223 (59%)
2ª e 3ª conjugação	-1,083	0,289	-3,740	0,0001 ***	138/335 (41%)
Temática da peça					
Objetiva (v. referência)					186/361 (51%)
Subjetiva	-0,449	0,351	-1,281	0,20 +	83/197 (42%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					105/194 (54%)
Masculino	-0,022	0,341	-0,067	0,94 +	159/351 (45%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					73/169 (43%)
Jovens adultos	0,444	0,368	1,208	0,22 +	175/343 (51%)
Classe social					
Classes 1 e 2 (v. referência)					117/311 (37%)
Classes 3 e 4	1,469	0,392	3,744	<0,0001***	132/192 (69%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO DA APODOSE + TEMA DA PEÇA + SEXO + FASE DA VIDA + CLASSE SOCIAL+ (1|V.APODOSE) + (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

O teste de regressão apenas confirma o que temos visto até então nas condicionais irrealis, pois sincronia, paradigma de conjugação do verbo na apódose e classe social se matêm como variáveis significativas, já levando-se em consideração a frequência de identidades lexicais. Mais uma vez, por se tratar de um modelo ainda pouco difundido nos estudos sociolinguísticos, vamos detalhar o que essa tabela nos informa. A significância pode ser vista pelos asteriscos da quinta coluna e pelo valor *p*. Na primeira coluna, há nossas variáveis e seus níveis. A segunda coluna apresenta estimativas em *logodds* acerca da *diferença* entre o nível de referência e seu respectivo nível. Por exemplo, a estimativa de aparecer combinações inovadoras na sincronia 2 é 0,890 maior (visto pelo valor positivo na tabela – 0,890) que a estimativa de aparecer na sincronia 1. Na sincronia 2, a estimativa chega a ser ainda maior, em relação à sincronia 1. Personagens pertencentes a classes mais baixas têm estimativa maior/positiva (em 1,469 *logodds*) de utilizar uma combinação inovadora – pis+pi ou pis+ia – do que personagens de classes mais altas. Em verbos de 2ª ou 3ª conjugação, há uma estimativa menor (vista pelo valor negativo -1,083) de ocorrer uma forma inovadora do que entre os de primeira conjugação. Assim, a estimativa maior em relação ao nível de referência é vista pelo valor positivo e a estimativa menor pelo negativo.

Nas irrealis, então, sincronia, paradigma de conjugação e classe social são significativas e mostram correlação com o uso de uma forma mais conservadora ou mais inovadora. Isso não quer dizer que as demais variáveis não nos ajudam a entender o fenômeno, mas, na análise geral, essas não possuem atuação como as demais que mostram diferenças significativas entre si, mesmo em conjunto. Passemos, então, para as análises univariadas.

Vamos, a partir de agora, olhar para o comportamento de cada forma verbal. Antes, porém, resolvemos trazer uma descrição do que ocorre nas prótases das irrealis para as discussões acerca da semântica do verbo, paradigma de conjugação e identidade lexical, até mesmo porque isso pode nos ajudar a entender a manutenção de uso categórico de subjuntivo nesse tipo de condicional. No entanto, trata-se apenas de uma descrição de seu comportamento categórico, porque não há variação na prótase, como já se viu.

SABER na prótase das irrealis

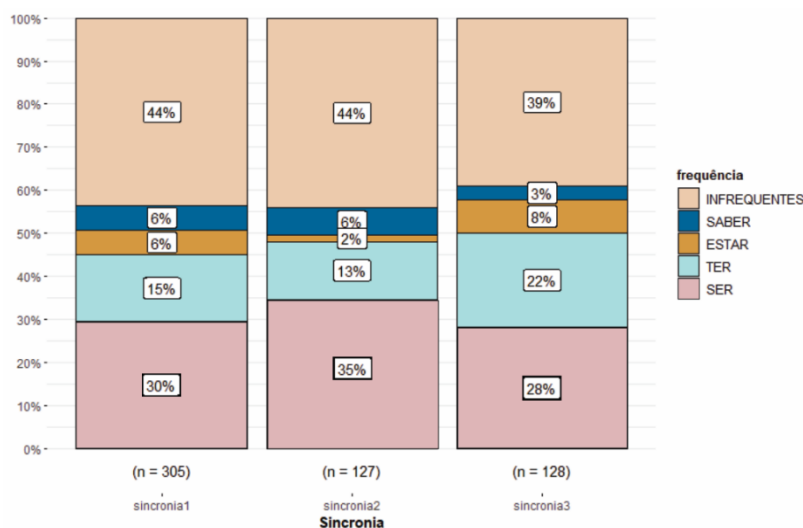
187- Se **soubesse**, não esquecia deles tão depressa.. (A invasão, Dias Gomes)

ESTAR na prótase das irrealis

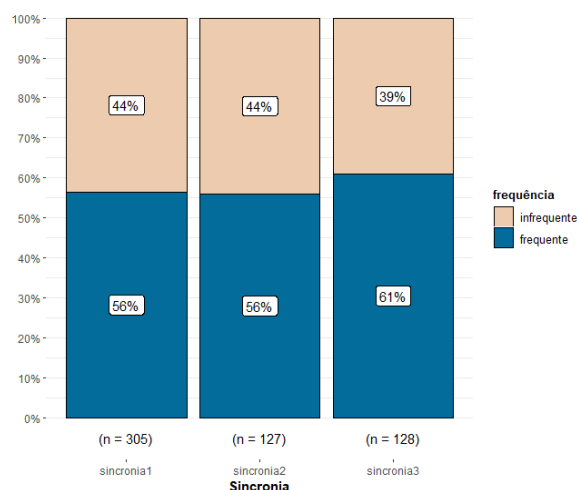
188- Se eu **estivesse** em casa, esganava-os, a ambos (Ministro do supremo, Armando Gonzaga)

Esses 4 verbos estão presentes em 58% das prótases de irrealis (322/558) e mostram um uso acentuado em todas as sincronias, como podemos ver pela figura 53.

Figura 53 - Frequência de uso de identidades lexicais na prótase de irrealis

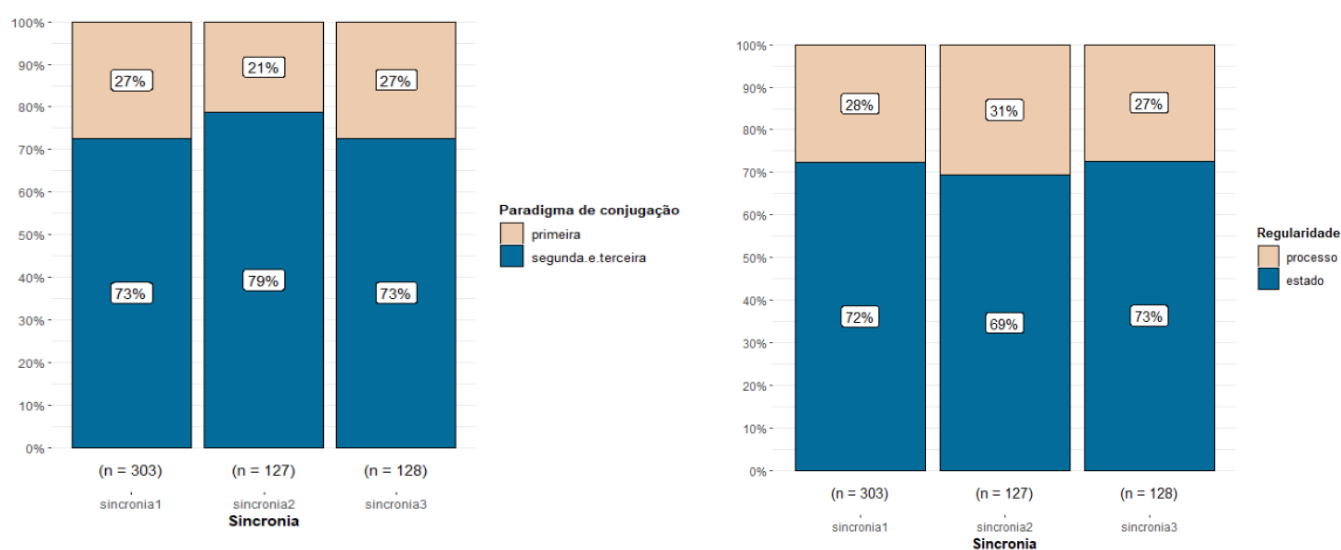


Não há diferença significativa no que se refere à maior ou à menor presença tanto dos 4 verbos frequentes quanto dos demais verbos infrequentes ao longo do tempo. Essa estabilidade teria a ver com a própria natureza desses verbos. Vale lembrar que *ser*, *ter*, *estar* ocorrem também como auxiliares, como verbo leve (*ter*), em passiva (*ser*, *estar*), em estruturas predicativas (*ser*, *estar*) etc. Assim, é natural que eles se mantenham frequentes ao longo do tempo. Em média, os verbos frequentes ocorreram, juntos, acima de 55% dos dados, enquanto os infrequentes estão abaixo de 45%. O gráfico a seguir mostra a amálgama de verbos frequentes em comparação com a amálgama dos infrequentes.

Figura 54 - Verbos frequentes e infrequentes na prótase de irrais

Fonte: própria

Não há, portanto, hipótese acerca da variação entre subjuntivo e indicativo, porque essa variação não ocorreu de fato, mas, de todo modo, é inegável que pode haver um peso maior no alto uso de verbos frequentes, mais do que nas potenciais, o que deve estar influenciando na conservação de formas de subjuntivo. Tal pressuposição pode ser atestada também a partir dos índices de verbos de estado e de segunda e terceira conjugações. No fundo, trata-se de um teste redundante, realizado para confirmar a força do item lexical.

Figura 55 - Frequência de ocorrências quanto ao paradigma de conjugação e à semântica do verbo em prótases de irrais

Fonte: própria

Os percentuais são muito semelhantes nos três contextos. Os verbos de estado encontrados nas prótases das irrealis são, em boa parte, irregulares e de segunda conjugação – é o caso de “ter” e “ser”, por exemplo. Nesse sentido, partindo do modelo de redes (BYBEE, 1995), o uso categórico de subjuntivo na prótase de irrealis (ou mesmo o alto uso nas potenciais) não estaria relacionado (i) a processamento morfológico – paradigma de conjugação –, (ii) a processamento semântico do verbo – semântica verbal –, ou mesmo (iii) ao processamento do paradigma de conjugação, mas à força lexical. Para Bybee (1995), irregulares, por exemplo, são resistentes à inovação linguística não porque suas conexões com a base são mais bem estabelecidas, mas por serem lexicalmente mais fortes, devido a sua alta frequência. Podemos estender essa reflexão para variáveis que olham para o item lexical, seja do ponto de vista do *type*, seja do ponto de vista do *token*.

Passemos, pois, para a discussão acerca das **apódoses das irrealis**, onde há de fato variação. Como já vimos, a morfologia na apódose varia entre futuro do pretérito (fp), perífrase com *ir*, especificamente com *ia*, e imperfeito do indicativo (pi). Reportamos novamente aqui os resultados encontrados para essas formas ao longo do tempo.

Tabela 10 - distribuição das variantes em condicionais irrealis por período

COMB	SINCRONIA			Total
	sincronia1	sincronia2	sincronia3	
fp	194 63.6 %	52 40.9 %	43 33.6 %	289 51.6 %
ia	0 0 %	9 7.1 %	26 20.3 %	35 6.2 %
pi	111 36.4 %	66 52 %	59 46.1 %	236 42.1 %
Total	305 100 %	127 100 %	128 100 %	558 100 %

$$\chi^2=84.836 \cdot df=4 \cdot \text{Cramer's } V=0.275 \cdot p=0.000$$

Há um evidente decréscimo da forma de futuro do pretérito, com aumento gradual do uso da perífrase com *ir* a partir da sincronia 2. Imperfeito do indicativo também tem seu uso ampliado da sincronia 1 para a sincronia 3 e ocorre em maior escala na sincronia 2.

4.3.1.2 Semântica verbal

Nas apódoses, a hipótese é de que futuro do pretérito ocorrerá mais entre os verbos de estado enquanto imperfeito e perífrase com *ir* ocorrerão mais entre os de processo.

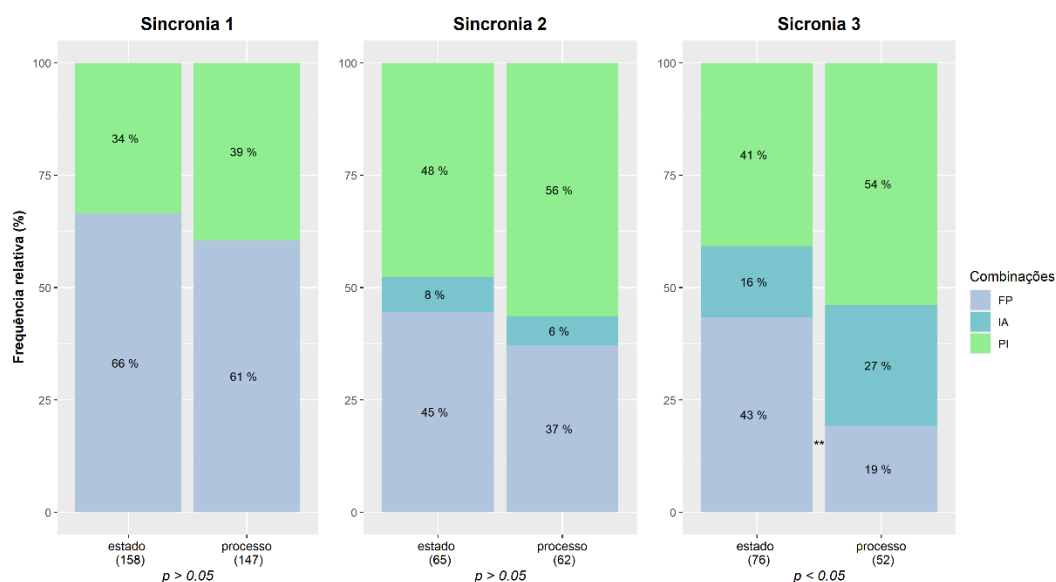
189- [MP-FELÍCIO] Talvez que não. Sei que a empresa é difícil. *Se ele te amasse, **ser-me-ia** mais fácil afastá-lo de ti*; porém ele ama o teu dote. (os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)

190- [AZ-ISAÍAS] Ah! *Se fôssemos casadinhos, outro galo **cantaria!*** (Amor por anexins, Arthur Azevedo)

191- A vida não é como a gente quer. *Se fosse, eu não **ia ser** criada, nem operária.* (A invasão, Dias Gomes)

No exemplo 189, trata-se da flexão do verbo “ser”, um verbo de estado; enquanto o exemplo 190 traz um verbo de processo e 191 ilustra o uso da perífrase ocorrendo com um verbo de estado como principal. A figura 56 traz a distribuição das formas verbais de acordo com a semântica do verbo da apódose.

Figura 56 - Distribuição das variantes em irreais - por período e semântica do verbo da apódose



Fonte: própria

Há uma tendência de fp ocorrer em maior escala entre os verbos de estado, mas essa diferença só é significativa na sincronia 3, em que verbos de estado privilegiam o uso de dessa morfologia. Não podemos nos esquecer que a frequência do item lexical atravessa os resultados dessa variável, como veremos melhor *a posteriori*. Seguindo, mais uma vez, na linha do que postula Bybee (1995), a alta frequência de um item lexical mostra a força lexical de uma forma.

4.3.1.3 Paradigma de conjugação

Nas irrealis, algo distinto das potenciais ocorre, pois há maior regularidade na conjugação das formas verbais, ainda que a desinência seja distinta. Verbos de primeira conjugação, por exemplo, possuem a desinência de futuro do pretérito terminada em –ria, enquanto de imperfeito tem –va (exemplo: começar – começaria/começava). Os paradigmas de imperfeito e futuro do pretérito não incluem formas diferenciadas para primeira pessoa do singular, como se observa, por exemplo, no presente (eu começaria/ eu começava; ele começaria/ ele começava). No caso dos verbos de 2ª e 3ª conjugações, o que acontece é que a vogal temática - e ou i - acaba sendo assimilada à vogal da desinência no pretérito imperfeito. Então acaba acontecendo uma alteração maior da forma verbal, porque não é apenas o acréscimo da desinência, como acontece com os verbos de 1ª conjugação. Além desses, há formas supletivas, pelas quais se muda o radical do verbo (ser, seria/era; fazer, faria; fazia; ter, teria/tinha). Amalgamamos as formas supletivas às formas de segunda e terceira conjugação, pois a hipótese é a mesma: morfologia de fp se preservará um pouco mais entre elas, por essas formas estarem mais presentes em um conjunto mais restrito de verbos que ocorrem com frequência maior do que aqueles de primeira conjugação.

Nossa hipótese é de que o futuro do pretérito teria sua maior manutenção em contextos de verbos de segunda e terceira conjugação, enquanto a inovação ocorreria mais em contextos de primeira. Lembramos que o paradigma de primeira conjugação é o mais produtivo na língua. Tanto isso é verdade que, quando surge um verbo novo, é a partir desse paradigma que ocorrerá a derivação e que flexionamos os verbos: é o caso de palavras estrangeiras, por exemplo, como *Twitter* e *Scanner* (tuitar e escanear, no PB, como verbos).

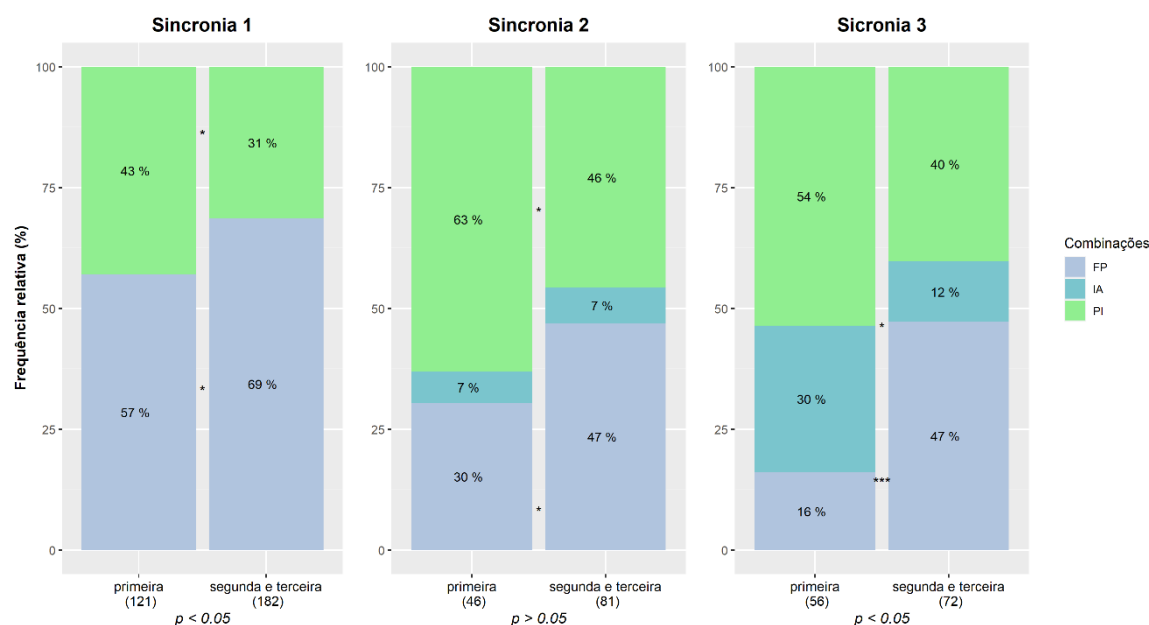
Os exemplos a seguir apresentam verbos na apódose que fazem parte do paradigma de primeira, segunda e terceira conjugação:

- 192- [DG-ODORICO] – se não tivéssemos o cemitério, toda essa gente **ia pernear** seis léguas atrás do caixão. (O bem amado, Dias Gomes)
- 193- [MF-SILVIA]: Tá ficando tímido, inibido. Se ainda tivesse o piano na sala, a gente **dava** um jeito de empurrar o piano pro canto. (Nossa vida não vale um Chovrollet, Mário Bortolotto)
- 194- [AZ-PEDRINHO] - Mesmo porque, se houvesse rega-bofes, a entrada não **seria** franca... (Abel e Helena, Artur Azevedo)
- 195- [MP-FLORÊNCIA] - Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez, não **teria** agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. (O noviço, Martins Pena)
- 196- LA – BERENICE] – (mais magoada do que irritada) Se você tivesse tido o “privilégio” de assistir aulas do teu “namoradinho”, nos nossos tempos, você não **confundiria** tanto o que as pessoas falam (Sobrevividos, Leilah Assunção)

Os exemplos 192 e 193 ilustram a ocorrência de verbos na apódose pertencentes ao paradigma de primeira conjugação – pernear e dar (ia pernear/perneava/pernearia; ia dar/dava/daria); o exemplo 194 faz parte do paradigma de segunda conjugação – ser – e se trata de uma forma supletiva quando comparamos *seria* e *era*. Também o 195 faz parte da segunda conjugação – *ter*; e o exemplo 196 se trata de uma forma da terceira conjugação – *confundir*. Contrastamos, então, verbos de primeira conjugação aos demais.

A figura 57 mostra a distribuição das formas verbais em correlação com paradigma de conjugação.

Figura 57 - Distribuição das variantes em irrealis - por período e paradigma de conjugação do verbo na apódose



Vemos pelo gráfico que há correlação entre paradigma de conjugação e o uso de formas verbais. A morfologia de futuro do pretérito ocorre em maior escala entre verbos de segunda e terceira conjugação em todas as sincronias e a diferença se acentua na sincronia 3, em que há uma diferença de 31 pontos percentuais de uso dessa morfologia entre verbos de primeira e demais conjugações. Imperfeito do indicativo e a perífrase com *ia*, por sua vez, aparecem sobretudo em contextos de primeira conjugação.

A tabela 11 mostra a quantidade de verbos de primeira, e de segunda e terceira conjugação.

Tabela 11 - Quantidade de dados e identidades lexicais por paradigma de conjugação

Paradigma	N. Identidades lexicais	N. de dados
1ª conjugação	92 – 67%	222 – 40%
2ª e 3ª conjugação	46 – 33%	336 – 60%
	138	558

A tabela nos mostra uma inversão nos índices. O controle de identidade lexical pode, então, nos ajudar a entender o funcionamento das formas verbais de futuro do pretérito, imperfeito e perífrase formada a partir de *ir*.

4.3.1.4 Identidade lexical

Das 138 identidades lexicais encontradas nas apódoses das irrealis, 4 delas concentram 45% dos dados de irrealis (253/558) – *ter*, *ser*, *estar* e *poder*, como se vê pela nuvem de palavras a seguir.

Figura 58 - Nuvem de palavras para identidades lexicais em apódoses de irrealis



Os demais 134 verbos infrequentes se dividem entre os 55% restantes. Vejamos alguns exemplos abaixo com cada verbo frequente em suas formas de *fp*, *ir* e *pi*.

Verbo *ter*

- 197- Si eu soubesse não **teria demorado** tanto. (Almajarra, Artur Azevedo)
- 198- Se o diabo não fosse tão ligeiro, **tinha ficado** estendido com os miolos de fora. (Ministro do supremo, Armando Gonzaga)
- 199- E você já pensou; se me roubassem a cruz, eu **ia ter** que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. (O pagador de promessas, Dias Gomes)

Verbo ser

- 200- Mesmo porque, se houvesse rega-bofes, a entrada não **seria franca**.. (Abel e Helena, França Júnior)
- 201- Se fosse livre **era possível** que lhe fizesse o que fizeste ao outro. Mas eu não posso cuidar dessas coisas... (Tipos da atualidade, França Júnior)
- 202- [DG – MALÚ] - Que é que a gente vai fazer? A vida não é como a gente quer. Se fosse, eu não **ia ser** criada, nem operária. (A invasão, Dias Gomes)

Verbo estar

- 203- Eu, se não tivesse cumprido tão à risca essa obrigação, não **estaria** cheia de cabelos brancos. (Coelho Neto)
- 204- Nada disso, se o ponto fraco das pessoas daqui fosse somente a besteira, ninguém **estava** livre de mim. (Auto da Compadecida, Ariano Suassuna)
- 205- Se eu te achasse coroa jogada-fora não **ia estar** aqui esticando papo. (Navalha na carne, Plínio Marcos)

Verbo poder

- 206- Agora mesmo, se não fosse o que acaba de acontecer, eu **poderia** arrancar-lhe uns cinco ou seis cintos. (As doutoras, França Júnior)
- 207- Se quisesse escorregar, senhora, **podia** estar hoje muito bem! (O Patinho Torto, Coelho Neto)

Chamamos atenção para os exemplos com o verbo *ter*. Os exemplos com **tinha** e **teria** se tratam de perífrases reconhecidas como mais-que-perfeito analítico e futuro do pretérito composto, respectivamente, como já mencionamos. Elas estão amalgamadas às formas *pi* e *fp*, respectivamente, porque estamos olhando para a flexão do auxiliar nesses casos. Mas, quando com o verbo *ir* (exemplo 199), *ter* se trata de um verbo pleno, já que *ir* é nossa variante. De forma geral, a perífrase com *ir* ocorreu muito pouco entre esses verbos frequentes, chegando a não ocorrer em nenhum dado com o verbo modal *poder*. Os verbos “ter” e “ser” são os que mais preservaram a morfologia de futuro do pretérito ao longo do tempo. A figura 59 mostra a distribuição de *fp*, *ir* e *pi*.

Figura 59 - Distribuição de variantes em relação às identidades lexicais frequentes e infrequentes



Fonte: própria

Com exceção do verbo *estar*, a morfologia de futuro do pretérito se preserva um pouco mais entre os verbos frequentes, principalmente quando comparamos as distribuições da sincronia 3. O verbo *estar*, por seu turno, traz maior uso de imperfeito do indicativo em todas as sincronias, chegando a concentrar mais essa morfologia do que os verbos infrequentes. Já a perífrase com *ir* está concentrada nos verbos infrequentes. Em suma, o que esse gráfico nos mostra é que há de fato alguma correlação entre preservação na morfologia de futuro do pretérito e os verbos frequentes *ser* e *ter*; o mesmo não ocorre com o verbo *estar*, também frequente, que mostra prevalência da morfologia de imperfeito do indicativo, e com o verbo *poder*, que traz um uso semelhante de *fp* e *pi*, mas bloqueia *ir*, possivelmente porque também pode se tratar de um verbo auxiliar (LOBATO, 1975), ainda que com forte carga semântica modalizadora. Castilho (2016) descreve *poder* (junto com *dever* e *querer*) como especificadores de modo na estrutura do sintagma verbal. Esses verbos ocorrem, então, em perífrases de infinitivo.

De outra parte, vemos que o menor uso da forma conservadora – *fp* – sobretudo na última sincronia, está entre os verbos infrequentes e quando com o verbo *estar*. A manutenção de *fp* parece ocorrer, então, em poucos verbos, com alta frequência e com

força lexical. A mudança, por sua vez, se dá a partir de verbos infrequentes e com o verbo *estar*, verbo este de primeira conjugação.

4.3.1.5 Ancoragem

Castilho (2012), em sua gramática, discute o estatuto categorial que as formas verbais possuem. No que diz respeito ao PI, o autor ressalta seus aspectos semânticos, morfológicos, sintáticos e discursivos, realçando seu ou seus papéis dentro da comunicação. Para isso, subdivide a forma do PI em: (a) Pretérito Imperfeito Real – possuidor de um caráter durativo, representa o estado das coisas que duram no passado; (b) Pretérito Imperfeito Metafórico e o (c) Pretérito Imperfeito Atemporal. Castilho (2012) ressalta ainda o fato de as formas em *–ria* serem hoje tratadas como futuro do pretérito, em que se destaca o seu lado temporal, enquanto antigamente recebia o rótulo de condicional, onde retratava-se o lado modal dessas formas (BRANDÃO, 2018). Considera, assim, a forma em *–ria* “polifuncional”. Para o autor,

Não utilizamos as formas temporais unicamente para fixar cronologias dos estados de coisa, situando-nos em um espaço real, mas também para nos deslocarmos livremente num tempo imaginário, que escapa à cronologia, num domínio vago, genérico, impreciso (CASTILHO, 2012, p. 441).

Isto posto, perguntamo-nos se a ancoragem temporal da sentença estaria correlacionada ao uso de uma ou outra forma verbal. Gorski *et al.* (2002) observam um uso de futuro do pretérito associado ao tempo não-passado enquanto imperfeito do indicativo está mais relacionado ao passado. Nas sentenças condicionais, no entanto, FP apareceu em apenas 20% do total de dados das autoras. Em nossos dados, a noção de irrealidade é atravessada por uma condição imaginária que não é necessariamente dependente de um momento concreto do passado, “mas antes se supõe irrealizável em qualquer tempo” (CAMARA Jr., 1956). Nesse caso, essas sentenças podem, assim como nas potenciais, estarem ancoradas no momento da enunciação, estarem suspensas ou serem anteriores a elas, como nos exemplos que se seguem.

Exemplos de sentenças que se ancoram na realidade imediata:

- 208- [MP-CECÍLIA] (assustando-se) **Ai, que susto me meteu** o sr. Felício! [MP-FELÍCIO] Muito sinto que... [MP-CECÍLIA] Não faz mal. (Com ternura:) Se todos os meus sustos fossem como este, não se me dava de estar sempre assustada. (Os dois ou o inglês maquinista, Martins Pena)

- 209- [MA-EMÍLIA.SOARES] (a Margarida) - Pois ainda *hoje* não viria se não fosse a obsequiosidade do Sr. Coronel... (As forças Caudinas, Machado de Assis)

Exemplos de sentenças suspensas

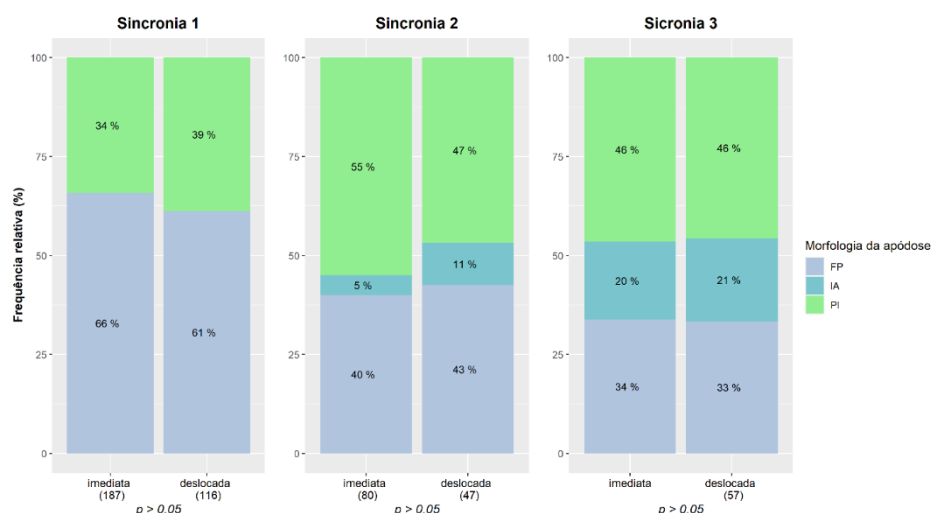
- 210- [AG – ANANIAS] - Si você pensasse, não faria **o que faz...** (Ministro do Supremo, Armando Gonzaga)
- 211- A menina é alegre e eu gosto dela. Tem uns olhinhos tão espertinhos! Eu **seria** bem feliz, se não fosse a desgraça de minha irmã! (O diletante, Martins Pena)

Exemplos de sentenças deslocadas

- 212- [DG-DOROTÉA] – Aliás, se o senhor tivesse investigado os antecedentes do cidadão coveiro, **antes de nomeá-lo**, teria visto que ele nunca foi de fazer força. (O bem amado, Dias Gomes)
- 213- [DG-DULCINÉA] – O jegue que **deu** um coice no filho do Zé Peixeiro. **Foi julgado** e condenado a seis meses de prisão. [DG-ODORICO] – Se ao menos o coice tivesse pegado de jeito, a gente já estava hoje com o cemitério inaugurado. [DG-DULCINÉA] – Não, só **deu** para aleijar. (O bem amado, Dias Gomes)

Todas as sentenças mostram a negação da prótase e, por consequência, da apódose, como podemos ver, mas possuem ancoragens distintas. As duas primeiras (exemplos 208 e 209) se ancoram no momento presente da enunciação; 210 e 211 estão suspensas, ainda que se estendam até o presente, não estão ancoradas apenas no momento da enunciação. 212 e 213, por sua vez, se referem a uma realidade deslocada, que se volta para o passado. Nossa hipótese é de que o imperfeito do indicativo estará mais associado às condicionais ancoradas na enunciação ou suspensas, enquanto futuro do pretérito estaria mais relacionado à realidade deslocada. Os resultados podem ser vistos na figura 60.

Figura 60 - Distribuição das variantes em irrais - por período e ancoragem temporal



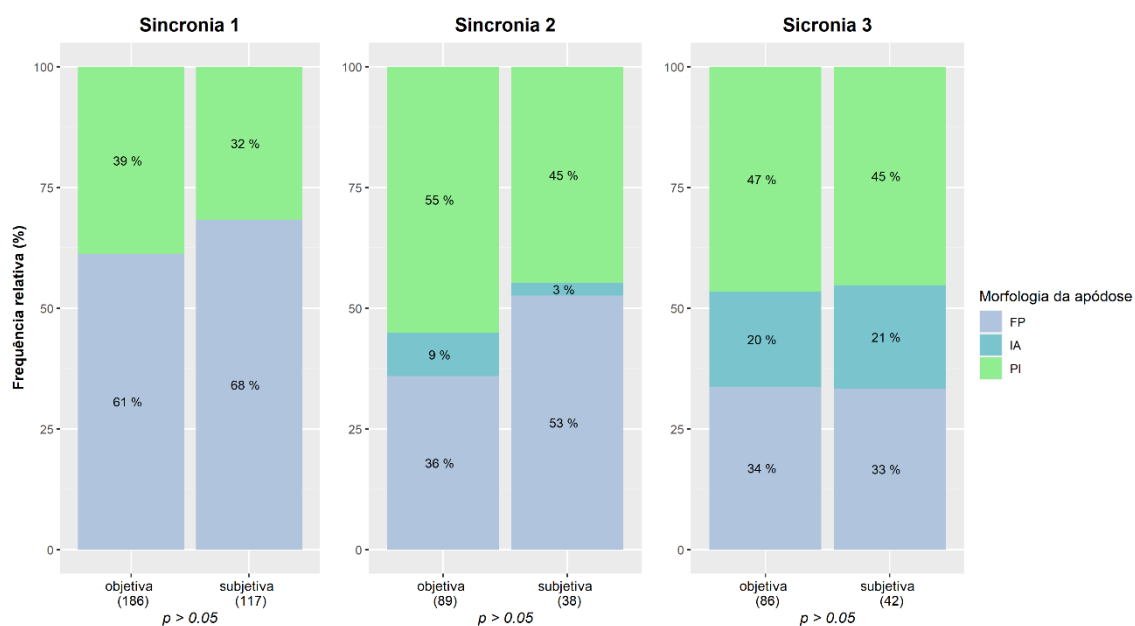
Os resultados mostram que não há correlação entre ancoragem temporal e o uso de uma ou outra forma verbal, de modo que não há diferença estatisticamente significativa entre os usos de *pi*, *fp* e da perífrase com *ia* nesses contextos.

O mesmo ocorre com temática da peça e sexo/gênero, que não mostram diferenças estatisticamente significativas.

4.3.1.6 Tema da peça

Ainda que haja alguma tendência, nas sincronias 1 e 2, de que peças com temáticas subjetivas preservem um pouco mais o futuro do pretérito, as diferenças não são significativas em nenhuma sincronia, o que nos faz rejeitar a hipótese de que temática da peça ajudaria a entender a variação e mudança das combinações modo temporais, do modo como representadas nas peças de teatro desses períodos.

Figura 61 - Distribuição das variantes em irrais - por período e temática da peça

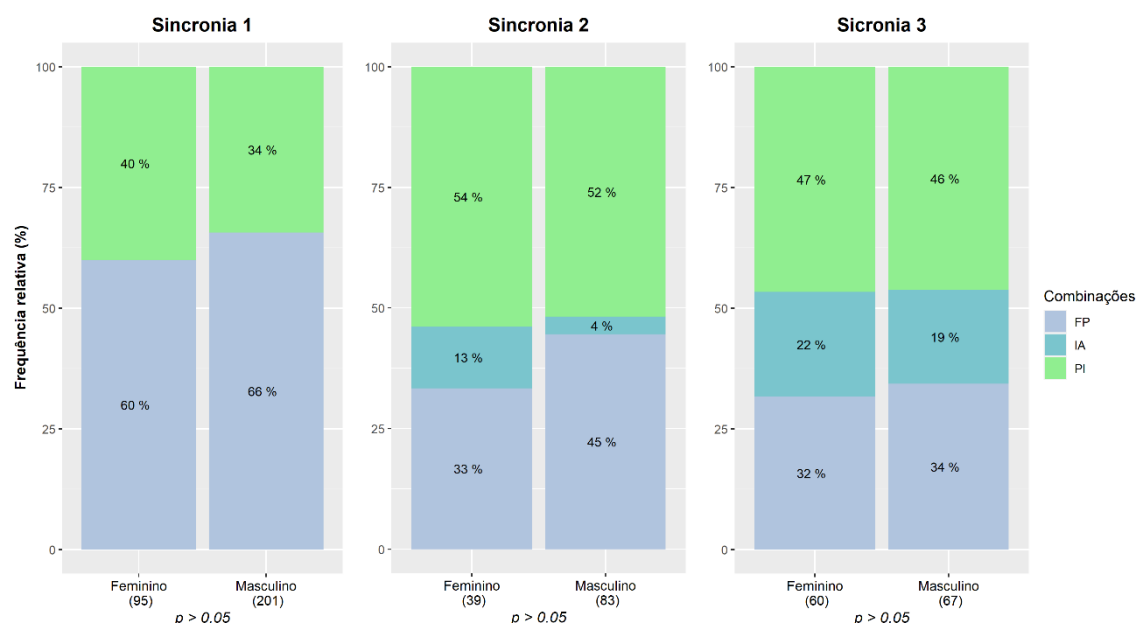


A sincronia 2 é a que mostra uma diferença um pouco maior de uso de *fp*, *ia* e *pi* em contextos de temáticas mais objetivas ou subjetivas, mas como já mencionado, não há diferenças estatisticamente significativas.

4.3.1.7 Sexo/gênero

Sexo/gênero, assim como nas potenciais, não mostrou correlação com o uso das variantes nas irreais, como podemos ver pela figura 62.

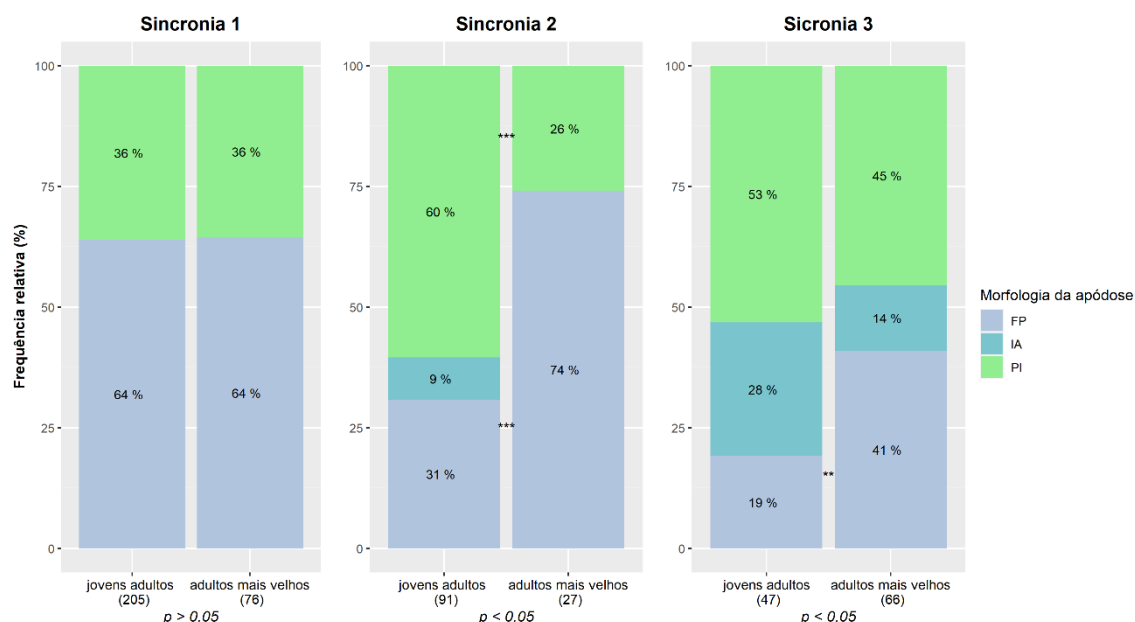
Figura 62 - Distribuição das variantes em irreais - por período e sexo/gênero dos personagens



Há alguma tendência de uso maior de fp entre personagens do sexo/gênero masculino e de pi e perífrase formada a partir de *ia* entre personagens do sexo/gênero feminino como já vimos desde o teste de regressão logística. No entanto, as diferenças não são significativas, o que nos faz rejeitar a hipótese de que essa variável ajudaria a entender a variação e mudança das combinações modo temporais.

4.3.1.8 Fase da vida

Como estamos trabalhando com mudança, a hipótese é de que a forma mais conservadora – futuro do pretérito – ocorrerá em maior escala entre personagens mais velhos, enquanto imperfeito do indicativo e a perífrase com *ia* aparecerão mais entre os mais jovens, que em nosso *corpus*, como já vimos mencionando, não se tratam de crianças, mas de adultos caracterizados como mais jovens.

Figura 63 - Distribuição das variantes em irrealis - por período e fase da vida dos personagens

Perceba que a distribuição das categorias “adultos mais velhos” e “jovens adultos” é irregular ao longo tempo. Nas sincronias 1 e 2, há três vezes mais dados produzidos por adultos mais jovens; enquanto na sincronia 3 há um equilíbrio, com uma quantidade maior de adultos mais velhos. Essa distribuição está relacionada à ramificação que há na sincronia 3 quanto à categorização. Como já foi mencionado na seção metodológica, a partir de 1964, os jovens ganham um protagonismo maior, de modo que foi necessário separá-los entre personagens da fase 2a e 2b. Adultos mais velhos são compostos, então, por personagens mais velhos, mas também por personagens da fase 2b, o que pode justificar a maior quantidade de dados nessa categoria.

Na sincronia 1, não há correlação entre fase da vida e o uso de uma ou outra forma verbal. A diferença passa a acontecer a partir da sincronia 2, em que há preferência de uso de fp entre os mais velhos, ao passo que pi é mais utilizado entre os mais jovens, assim como a perífrase com ir, que tem uso categórico entre os jovens adultos na sincronia 2 e preferência maior de uso na sincronia 3, em exemplos como os que se seguem.

204-[AS-JOÃO GRILO] - É, mas faltou quem me convencesse. Se fosse a outro santo, ainda **ia ver** se dava um jeito, mas você achou de prometer logo a Nossa Senhora! Quem sabe se eu não escapei por causa disso? (Auto da Compadecida, Ariano Suassuna)

205-[MF-SLIDE] (entrando): Se dependesse da família, eu **ia mofar** naquela bosta de cadeia. (Nossa vida não vale um Chovrollet, Mário Bortolotto)

206-[MF-LAURA] - Vocês são inacreditáveis! Eu juro! Se vocês pudessem se ver agora, não **iam acreditar** no que estavam vendo. Pelo amor de Deus! Nós somos mulheres adultas, irmãs. (A partilha, Miguel Falabella)

O exemplo 204 foi produzido por João Grilo, personagem de Ariano Suassuna, caracterizado como um “canalhinho amarelo”, que trabalha em uma padaria e que não sabe ler. Trata-se de um sertanejo pobre e amarelo, muitas vezes ingênuo, mas ao mesmo tempo safo/malandro, ao lidar com a vida e com a morte de maneira simples e descontraída. O exemplo 205 está presente na fala de Slide, que tem 18 anos e é o irmão caçula. Ele é caracterizado como um ladrão de carros que possui alguma inocência e parece meio perdido em meio à trama, que trata do cotidiano de cinco irmãos que perdem o pai e tem a mãe internada em um hospital. O exemplo 206 é produzido por Laura, que também é caçula e é personagem de “A partilha”, de Miguel Falabella. Tal personagem é lésbica e considerada a intelectual da família por trabalhar na redação de um jornal.

Futuro do pretérito aparece menos entre os adultos mais jovens, como já mencionamos, em exemplos como 207.

207-[NR-LÍDIA] (com veemência) - Você pensa então que se ela não fosse sua mãe eu **estaria** sempre em cima? (noutro tom, suplicante) (A mulher sem pecados, Nelson Rodrigues)

Lídia é personagem de Nelson Rodrigues e é caracterizada como uma personagem muito jovem, perto dos 17 anos de idade. Ela é esposa do Dr. Olegário, que desconfia que sua mulher o trai e arma situações para tentar descobrir essas traições, porém a todo momento mistura alucinações com a realidade.

O uso de futuro do pretérito entre os adultos mais velhos é, no entanto, visível, como no exemplo a seguir, produzido por Dona Guida, uma personagem de Ariano Suassuna, que é mãe de um personagem já adulto (Geraldo) e que usa uma cadeira de rodas por sofrer de gota. Além disso, é surda e usa corneta para ouvir melhor.

208-[AS – DONA GUIDA] – Ave Maria, se Gaspar não me avisasse, eu nunca **assinaria** a procuração. Mas você tem certeza que a moça não presta? (O casamento suspeito, Ariano Suassuna)

Ou como se vê também no exemplo produzido pelo mendigo, personagem principal da peça “Deus lhe pague”, de Juracy Camargo.

209-[JC-MENDIGO] - Não há gratidão. Só agradece a Deus quem tem medo de perder a felicidade; se os homens tivessem a certeza de que seriam sempre felizes, Deus **deixaria** de existir, porque só existe no pensamento dos infelizes e dos temerosos da infelicidade. (Deus lhe pague, Juracy Camargo)

O mendigo, sem nome na peça, possui 50 anos e possui barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas. Vestido pobremente, utilizando um pau como bengala, é caracterizado como tendo saúde e uma velhice bem nutridas.

Imperfeito do indicativo, por sua vez, apareceu amiúde entre personagens mais jovens.

220- [DG-BONITÃO] - Se estivesse nua, eu **garantia**. Assim... não sei. (O pagador de promessas, Dias Gomes)

221- [DG-ROQUE] Ah, mas é muito dura a profissão de herói. Se eu tivesse morrido, **era** fácil. Ou se tivesse sido herói por acaso, sem querer, como muitos. Mas sou um herói por convicção. Um herói de corpo inteiro. (Roque santeiro ou o berço do herói)

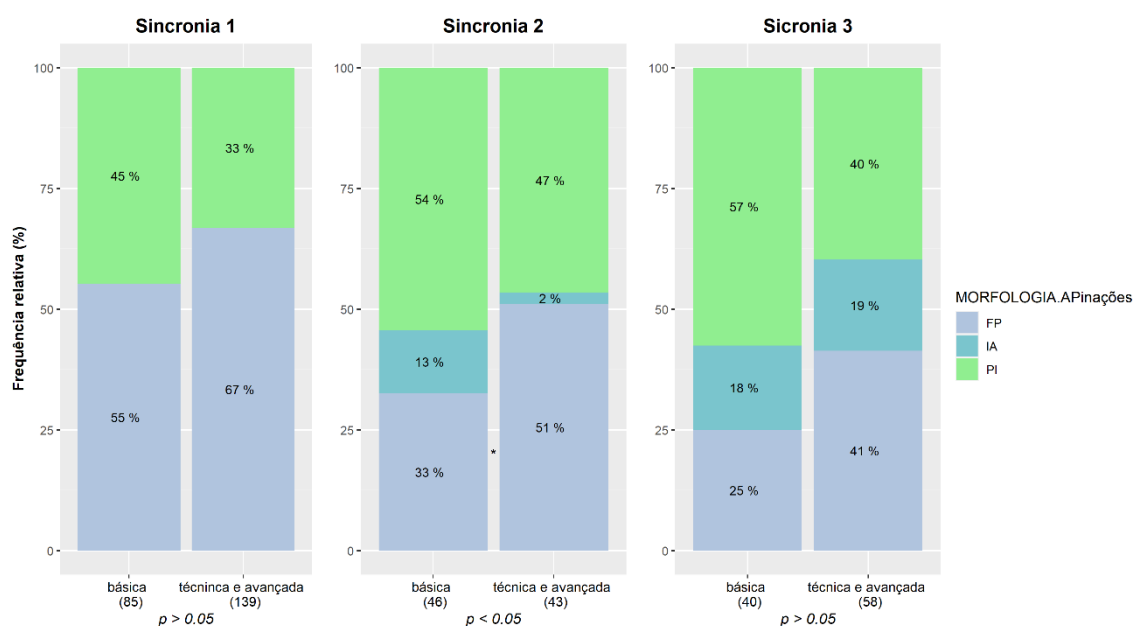
Bonitão é caracterizado como “um jovem sedutor, mau caráter e malicioso, que explora mulheres para que essas lhe sustentem à custa de prostituição”. Seduz Rosa e, para se livrar de Zé do Burro, arma a sua prisão. Já Roque é um cabo que foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, mas que fugiu para não fazer parte. Após alguns anos, com seu desaparecimento, a cidade de Asa Branca, da qual ele é natural, ergueu uma estátua em sua homenagem, o dando como homem morto e um herói da guerra. Sua morte foi interpretada como um ato de coragem. Ao voltar para a cidade, percebe a confusão que está instalada a respeito de sua participação heroica na guerra, mas continua, assim como outros personagens, a nutrir o mito a seu respeito.

Em suma, fase da vida mostra correlação com o uso de uma ou outra forma verbal, mas apenas a partir da sincronia 2. Mais jovens fizeram maior uso de formas inovadoras – quer seja perífrase formada a partir de *ia*, quer seja *pi* -, enquanto personagens mais velhos utilizaram em maior escala a forma mais conservadora – *fp*.

4.3.1.9 Instrução

A hipótese com instrução segue na mesma linha do que postulamos para as potenciais: personagens com instrução técnica e/ou avançada farão maior uso da forma mais conservadora - futuro do pretérito, enquanto personagens de instrução básica ou sem nenhuma farão das formas mais inovadoras – pi e ia+inf. Os resultados podem ser vistos na figura 64.

Figura 64 - Distribuição das variantes em irrais - por período e instrução dos personagens



Fonte: própria

Há uma tendência que vai na linha de nossa hipótese, com um uso um pouco maior de futuro do pretérito entre personagens com instrução técnica e avançada, mas a diferença é estatisticamente significativa apenas na sincronia 2 e somente para essa forma. De todo modo, o uso de fp está mais concentrado na fala de personagens com instrução técnica e avançada, como nos exemplos que se seguem:

222- [CN-JULIA] Não. Foi para espionar uma secretária que trabalhava no escritório e por quem estava perdidamente apaixonado. Se tivesse bem com Pat, Nixon não **teria cometido** esse desatino. (A mulher integral, Carlos Novaes)

223- [LA – LÚCIO] – Depende. Se esse hábito tivesse como objetivo o controle da natalidade, por exemplo, **justificar-se-ia** plenamente. (Lua nua, Leilah Assunção)

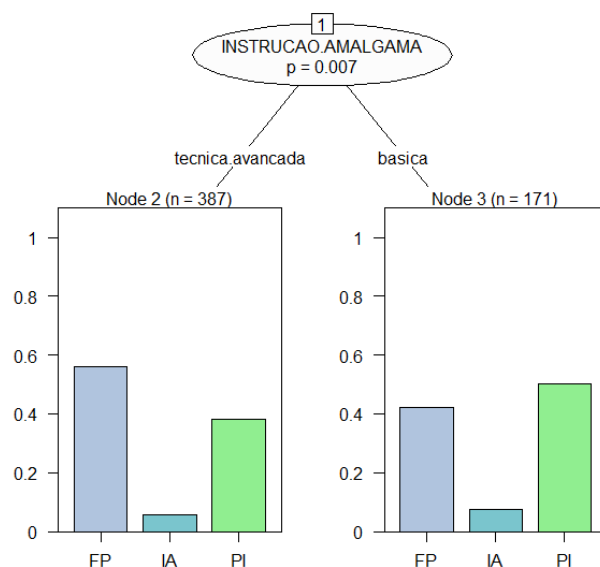
Júlia é caracterizada como uma vendedora de cursos que salvam casamento e foi, portanto, caracterizada como personagem com instrução técnica. Lúcio, por sua vez, foi categorizado como personagem com instrução avançada, pois é um engenheiro. Esse possui 35 anos e forma casal com Silvia, outra personagem. O enredo da peça centra-se no papel da mulher na família e na sociedade, abordando, para isso, vivências experienciadas pelo casal de classe média ascendente.

Já Vado, personagem de Plínio Marcos, é um cafetão violento que fuma maconha e foi caracterizado como personagem com instrução básica.

224- [PM – VADO] – Se botasse, eu não **estava** aqui esquentando a mufa. Estava lá na sinuca me divertindo. (Navalha na carne, Plínio Marcos)

Quando amalgamamos os dados de todas as sincronias, a preferência de uso por imperfeito do indicativo e perífrase formada a partir de *ia* entre personagens com instrução básica ou sem nenhuma instrução fica um pouco mais clara em comparação à preferência de futuro do pretérito entre personagens de instrução técnica e avançada.

Figura 65 - Distribuição das variantes em irrealis - por instrução dos personagens

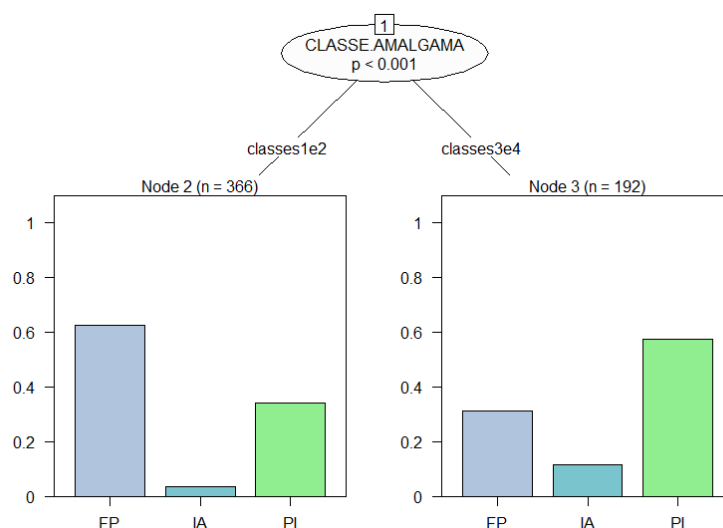


Fonte: própria

Lembramos, no entanto, que há falta de ortogonalidade entre instrução e classe social, pois boa parte de personagens com instrução técnica ou avançada é também pertencente a classes mais abastadas enquanto personagens de instrução básica ou sem nenhuma são

em sua maioria pertencentes às classes mais baixas. É o caso de Lúcia, personagem com instrução avançada que pertence à classe 2, à classe média, como pode ser vista pela proposta da peça de representar costumes de pessoas pertencentes a essa classe. Vado, por sua vez, é pertencente às classes mais baixas, pois se trata de um personagem da classe 4, dos oprimidos. Júlia, ainda que tenha instrução técnica, não pertence às classes mais abastadas, pois foi classificada como pertencente à classe 3, como uma vendedora assalariada. Nesse sentido, o padrão de uso das formas de acordo com instrução é muito semelhante ao que veremos com classe social, mas ainda assim não idêntico, pois há personagens como Júlia. Reportamos aqui a distribuição geral dos dados por classe social apenas para que se consiga visualizar a comparação.

Figura 66 - Distribuição das variantes em irreais - por classe social dos personagens



Fonte: própria

O fato de personagens de classes mais abastadas terem também ensino avançado ao passo que personagens de classes mais baixas têm em sua maioria ensino básico ou nenhum, na maioria dos casos, reflete uma falta de ortogonalidade oriunda não apenas das peças, mas da própria história, como temos visto. Essa realidade tem se alterado com a democratização do ensino, mas ainda não parece ter se alterado substancialmente a ponto de as peças retratarem essas categorias de forma independente. Passemos, pois, para as discussões acerca da correlação entre classe social e as formas verbais.

4.3.1.10 Classe social

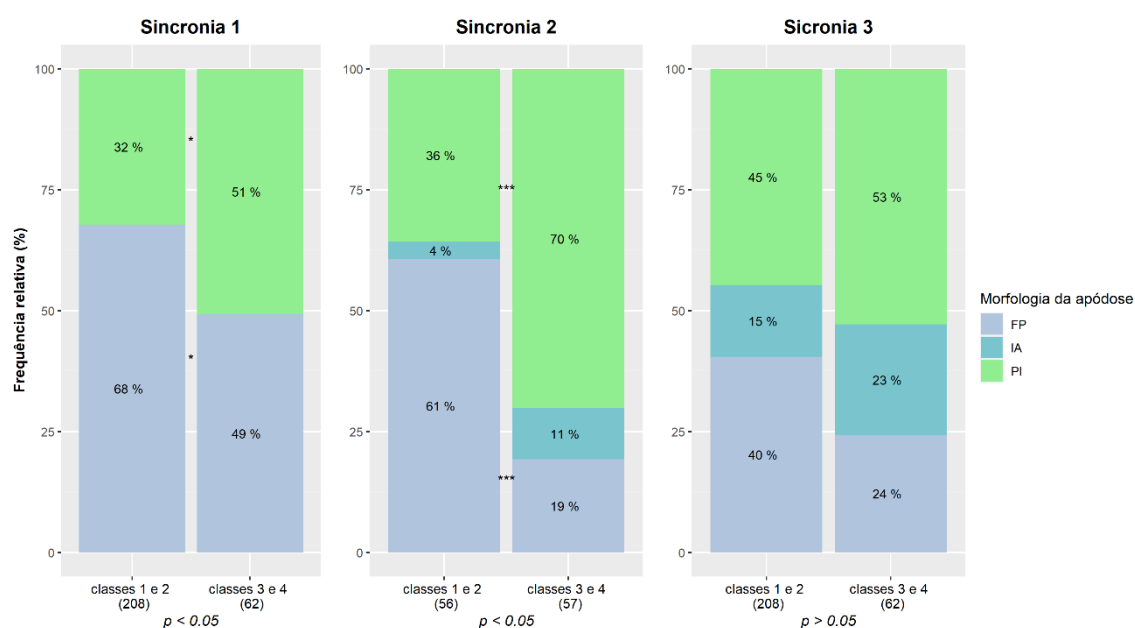
Nossa hipótese, como já aventada antes, é de que a mudança no quadro verbal se trata de uma mudança vinda de baixo. Nesse sentido, personagens de classes mais baixas farão uso de formas mais inovadoras, enquanto personagens de classes mais abastadas farão uso de formas mais conservadoras. Aqui, cabe um adendo: nas sincronias 2 e 3, há raros dados de personagens pertencentes à classe 1, dominante, de modo que os dados de classes 1 e 2 nessas sincronias são na maioria esmagadora pertencentes a personagens da classe média. Um dos poucos dados de irreais produzidos por um personagem de classe dominante se trata do seguinte:

225- Você sabe o que foi, fiquei com medo de você. [AS-EUDORO] Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estraga nosso casamento! Se eu soubesse, **teria vindo** e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo. (O santo e a porca, Ariano Suassuna)

Eudoro é personagem de Ariano Suassuna caracterizado como um fazendeiro de muitas posses e muito rico.

Vejamos, então, a distribuição dos dados de acordo com classe social.

Figura 67 - Distribuição das variantes em irreais - por período e classe social dos personagens



Fonte: própria

Como já tínhamos visto nas análises de regressão logística, há correlação entre uso de uma ou outra forma e classe social, sobretudo nas sincronias 1 e 2. Na sincronia 1, 63 dados foram produzidos por personagens da classe 1 (30% da amálgama realizada entre personagens das classes 1 e 2); na sincronia 2, há 4 dados de personagens dessa classe (9% do que compõe a amálgama) e na sincronia 3 há apenas um dado produzido por um personagem pertencente a essa classe, o que não representa nem 1% do que está na amálgama.

Nesse sentido, a partir de 1930, a representação das peças ocorre sobretudo em relação aos personagens de classe média. Os resultados, por sua vez, podem estar associados à representação da insegurança da classe média que opta por uma forma mais prestigiada – futuro do pretérito, mas também à mudança de representação de perfis sociais. A mudança emerge de classes menos abastadas e há preservação de formas mais conservadoras em produções de personagens de classes mais altas, sobretudo a média, na sincronia 2, tal como se viu nas potenciais também.

4.3.2 Síntese dos resultados nas irrealis

A análise de regressão logística, que contrastou as diferenças de uso entre a forma conservadora futuro do pretérito e formas inovadoras – imperfeito do indicativo e perífrase formada a partir de *ia*, mostrou que os contextos de preferência de uso pelas inovadoras são sincronias mais recentes, verbos de primeira conjugação e classe social mais baixas. Nas análises univariadas, o mesmo padrão se repete, mas há também influência de outras variáveis.

Quadro 38 - Contextos preferidos de uso de cada combinação nas irrealis

Combinações	
Pis+fp	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: Verbos de estado (com efeito lexical), entre verbos de 2ª e 3ª conjugação, entre personagens com instrução técnica e avançada, mais velhos e pertencentes às classes mais altas.
Pis+ia	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: - verbos de primeira conjugação e entre os mais jovens.

Pis+pi	Com diferenças estatisticamente significativas em pelo menos uma das sincronias e com preferência constante por contextos de: - verbos de primeira conjugação, entre os mais jovens e entre personagens pertencentes a classes mais baixas.

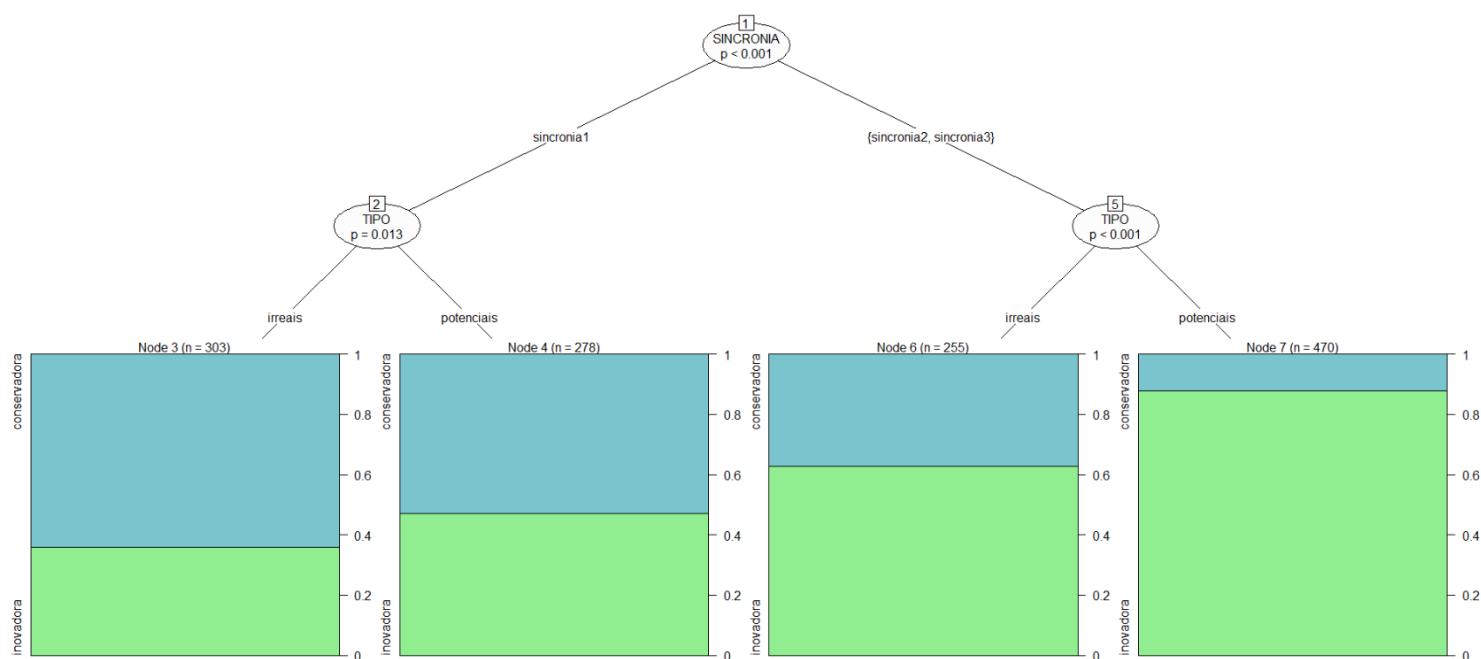
Assim, vê-se que o padrão geral se confirma nas análises univariadas. Fase da vida não é, no entanto, selecionada na análise de regressão como estatisticamente significativa, pois, ao somar os dados das três sincronias, as diferenças são apenas de 8 pontos percentuais de uso de uma forma inovadora ocorrer entre os mais jovens. Instrução possui colinearidade com classe social, como vimos, o que é fruto não apenas dos dados, mas da própria história.

Para as variáveis sociais, vale a consideração mais uma vez de que essas não necessariamente representam os usos em determinada época, mas a *representação* dos usos. Essa representação de usos parece ser influenciada sobretudo pelas diferenças de classe.

4.4 Processos paralelos de mudança

A hipótese de que há mudança no quadro verbal em condicionais potenciais e irrealis se confirma, com uso ampliado de combinações com presente do indicativo e perífrase com *ir* nas apódoses das potenciais, e de combinações com imperfeito do indicativo e perífrase com *ia* também nas apódoses. Trata-se, pois, de processos paralelos acontecendo, mas a mudança segue em ritmo mais lento entre as irrealis. A figura 68 ilustra isso.

Figura 68 - Árvore de inferência condicional com padrões de uso de formas inovadoras e conservadoras em condicionais irrealis e potenciais



A sincronia 2 mostra-se decisiva para separar os padrões de uso em ambos os tipos de condicionais e indicar mudança. No entanto, a figura 68 mostra uma maior preservação da forma conservadora nas irrealis tanto na sincronia 1 quanto nas sincronias 2 e 3 em comparação com as potenciais. Isso pode ter a ver com o maior entrenchamento de futuro do pretérito do que de futuro do presente, ambas formas sintéticas de futuro.

Vimos também que as variáveis que condicionam a mudança no quadro verbal das potenciais agem de forma distinta nas irrealis. Ancoragem temporal, por exemplo, com diferenças estatísticas altamente significativas nas potenciais, não possui qualquer

correlação nas irrealis, o que pode ter a ver com a preservação de valores semânticos ainda relacionados ao presente do indicativo – com referência à ancoragem imediata, ao contexto enunciativo. Identidade lexical nas potenciais age de tal modo que neutraliza a força de variáveis como paradigma de conjugação verbal e semântica do verbo; nas irrealis, por sua vez, o paradigma de conjugação se mostra significativo mesmo levando-se em consideração a identidade lexical.

O paradigma verbal do imperfeito e de futuro do pretérito configura-se muito homogêneo, haja vista o grande sincretismo de formas, já que uma mesma desinência dá conta de diferentes pessoas gramaticais (eu comprava/ele comprava; eu compraria/ele compraria). No caso dos verbos de segunda e terceira conjugação, também tem essa terminação idêntica (eu era/ele era; eu seria/ele seria). Em outras palavras, há menos variações dentro de pi e fp do que em futuro do presente e presente do indicativo. No presente, por exemplo, de maneira muito marcante, as desinências de primeira pessoa do singular em verbos regulares são diferentes das de terceira, com a desinência –o para a primeira pessoa e –a para a terceira (eu compro/ ele compra). A distinção de primeira e terceira pessoa fica ainda mais evidente em verbos de segunda e terceira conjugação, sobretudo os que têm formas supletivas como o verbo *ser* (eu sou/ele é). No futuro sintético, também há distinção entre as formas de primeira e terceira pessoa: eu serei/ele será; eu comprarei/ele comprará.

Há, portanto, um conjunto de distinções de formas que é maior no presente, e isso gera mais diferenças entre as formas do presente e do futuro também, do que o que acontece com o imperfeito e o futuro do pretérito. Tudo isso produz um grau menor de diferença dentro do paradigma de futuro do pretérito e imperfeito do indicativo, o que contribuiria para a manutenção um pouco maior de futuro do pretérito no contexto de irrealis. Soma-se a isso a preservação de futuro do pretérito em outros contextos no PB, como em contextos de cortesia e polidez. As diferenças, então, no uso dessas duas formas verbais em apódoses ocorre sobretudo nas diferenças do paradigma de conjugação ligado às terminações – ae, –er e –ir. No que se refere à variação entre presente do indicativo e futuro do presente, as distinções são maiores, de modo que a lexificação parece operar com mais força.

Classe social, por sua vez, mostra diferenças estatisticamente significativas em ambas, independentemente dos demais contextos, e aponta para uma mudança vinda de baixo. O quadro a seguir compara o funcionamento de combinações nas potenciais e nas irrealis.

Quadro 39 - Comparação entre irreais e potenciais

	Sincronia (periodização)	Identidade lexical	Paradigma conjugação	de	Ancoragem temporal	Classe social
Fs+fut	✓	✓			✓	✓
Pis+fp	✓		✓			✓
Fs+pres	✓	✓			✓	✓
Pis+pi	✓		✓			✓
Fs+ir (vai)	✓	✓			✓	✓
Fs+ia	✓					✓

Nas condicionais potenciais, identidade lexical e ancoragem temporal atuam de forma estatisticamente significativa. Nas irreais, é o paradigma de conjugação que influencia no uso de uma ou outra forma verbal na apódose. Classe social, por sua vez, opera em ambas, haja vista o maior *status* que se atribui às formas de futuro sintético, seja futuro do pretérito ou futuro do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho confirmou a tese inicial de que a marcação de valores ligados à modalidade não ocorre apenas via morfologia, mas sobretudo pelos elementos que compõem o arranjo condicional como um todo, via sintaxe. Há contextos, no entanto, que têm uso categórico de algumas formas verbais, como as condicionais irreais, que tem uso exclusivo de formas de subjuntivo na prótase. Para chegar a essa conclusão, criamos um percurso para analisar a tipologia das condicionais. Questões ligadas à vinculação sintática e aos valores semântico-pragmáticos foram acionados. Assim, apoiamo-nos em uma “tipologia gramatical de orientação cognitivo-funcional, em que a gramática é concebida como função adaptativa e como estrutura” (GORSKI, 2021, p.24).

Trabalhamos com as combinações verbais dentro de cada arranjo condicional e, para observar a mudança, assumimos como norte os conceitos de empregabilidade de Hymes (1972) e de pressuposto (STALNAKER, 1978; 2002). No interior de cada envelope de variação – o de potenciais e irreais – analisamos as combinações mais frequentes. Nas potenciais, fs+haver, fs+fut, fs+ir, fs+pres e pres+pres foram as de fato empregadas; nas irreais, pis+fp, pis+pi e pis+ia.

Os resultados apontam para uma mudança no quadro verbal tanto nas potenciais quanto nas irreais a partir, sobretudo, do que se denominou Sincronia 2 (período que compreende de 1930 a 1964). Trata-se de um *turning point*, que apresenta rompimentos em relação à até então preferência por combinações que trazem na apódose a forma de futuro sintético (*comprará/compraria*), em ambos os tipos de condicionais; no entanto, a mudança nas condicionais irreais ocorre de forma mais lenta do que nas potenciais. As análises multivariadas mostraram diferenças linguísticas contextuais para as irreais e potenciais: (i) nas potenciais, há correlação significativa do uso de determinadas formas com a ancoragem temporal, em que sentenças ancoradas na realidade imediata privilegiam o uso das formas mais inovadoras – sobretudo as combinações com presente do indicativo – fs+pres e pres+pres. Há, além disso, um forte efeito lexical em apódoses das potenciais, que neutraliza a força de atuação de variáveis que analisam o item verbal – semântica do verbo e regularidade/paradigma de conjugação; (ii) nas irreais, o paradigma de conjugação foi a única variável linguística que mostrou associação com o

uso de formas mais e menos inovadoras, de modo que a mudança emerge primeiramente entre os verbos de primeira conjugação.

Classe social foi a variável social que mostrou maior correlação com o fenômeno em estudo. Em ambos os tipos de condicionais, há maior uso de combinações inovadoras na fala de personagens de classes mais baixas, enquanto as formas mais conservadoras se preservam um pouco mais na fala de personagens de classes mais abastadas.

A complexidade do trabalho exigiu diferentes aparatos teórico-metodológicos e pode trazer alguma contribuição aos estudos linguísticos que se situam em níveis além da fonologia - em níveis que precisam lidar, inevitavelmente, com as nuances de significação.

O estudo foi ainda mais desafiador porque lidou com a diacronia e observou a influência de variáveis sociais sobre o uso de cada combinação, tentando não cair em anacronismos ideacionais. Há, ainda, muito que se ser feito, mas esperamos com esta tese contribuir, ainda que minimamente, para o avanço da Sociolinguística Histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações**. São Paulo: Contexto, 2020.

AKATSUKA, N. Conditionals are discourse-bound In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.) **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1986]. p.333-352.

ALEIXO, F. **Complexo condicional na Língua Brasileira de Sinais (Libras): uma análise funcionalista**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP). 2021.

ALMEIDA, M. A. B. de; SANCHEZ L. **Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil**. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1459>>. Acesso em: Jun de 2021

ARÊAS, V. **Comédia de costumes**. In: FARIA, J.R. História do teatro brasileiro, vol.1: das origens do teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Perspectiva, edições SESCSP, 2012, p.-119-136.

BAGNO, M. Dicionário crítico de Sociolinguística. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BARBOSA, T.A.M. **A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em complexo condicional iniciadas por “se” na fala uberlandense**. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2005, 113p.

BEZERRA, W.S.; MEIRELES, F.A.R. Um estudo sobre complexo condicional no português do Brasil. In.: MIRANDA, N.S.M.; SALOMÃO, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BORGES, P.R. **Estrutura morfofonológica das formas futuras nas cantigas de Santa Maria**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/ FCLAr-UNESP. 2008, 324p.

BERGS, A. **The uniformitarian principle and the risk of anachronisms in language and social history**. In Juan Manuel Hernández-Campoy & Juan Camilo Conde-Silvestre (eds.), *The handbook of historical sociolinguistics*, 80–98. Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell. 2012.

BERGS, A. **Social networks and historical sociolinguistics: Studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421–1503)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

BERGSON, H. **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

BERLINCK, R.A. **La position du sujet en portugais - Étude diachronique des variétés brésilienne et européenne.** 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculteit Letteren, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven (Belgium), 1995

BERUNCK, R. A. A construção V SN no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.) **Fotografias Sociolinguísticas.** Campinas: Pontes: Editora da Unicamp. 1989.

BERLINCK, R. de A. **Dativo ou Locativo?** Sobre sentidos e formas do dativo no português. Revista Letras, v. 56. p.159-175, 2001.

BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J.B.; MARINE, T. **Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua.** Revista da ABRALIN, v.7, p.53-79, 2008.

BERLINCK, R.A. **Entre subjuntivo e indicativo: para onde e até onde vai a variação?** Comunicação apresentada no V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – 8 -11 de outubro de 2015 – Università del Salento -Lecce (Itália). Simpósio: Estudos Sociolinguísticos e Socioculturais em Língua Portuguesa. 2015

BERLINCK, R. A. **Subjuntivo vs indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro.** Relatório de pesquisa entregue à FAPESP; 2017.

BERLINCK, R.A. **“Se outro amor surgir, a valsa perde o ar”: um estudo sobre a variação (e a mudança) da morfologia verbal em complexo condicional.** Guavira Letras (ISSN: 1980-1858), Três Lagoas/MS, v. 15, n. 31, p. 88-107, set./dez. 2019a.

BERLINCK, R. de A. Subjuntivo vs. indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro. In: CARRILHO, E.; MARTINS, A. M.; PEREIRA, S; SILVESTRE, J. P. (org.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro.** 1. ed. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019b, p. 217-245.

BERLINCK, R.A. Sobre o efeito lexical em processos de variação e mudança linguística. In: HATTNER, M.M.D.; OLIVEIRA, T.P.; CONEGLIAN, A.V.L. **Linguagem, uso e gramática: da vivência à teorização.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2022. p.167-186

BERLINCK, R.A; BRANDÃO, S.M; SENE, M.G. Desafios e caminhos na compreensão da Variação sintática: design de um teste de Percepção. In.: CARVALHO, C.S. LOPES; N.S; RODRIGUES, A. (orgs.) **Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces.** Salvador: EDUNEB, 2020. p- 23-52.

BERLINCK, R.A; BRANDÃO, S.M. **Por uma sociolinguística histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais brasileiras.** In: Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança / Organizadoras: Caroline Carnielli Biazolli e Rosane de Andrade Berlinck.– 1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

BEZERRA, W.S.; MEIRELES, A.R.M. Um estudo sobre complexo condicional no Português do Brasil. In.: MIRANDA, N.S.; SALOMÃO, M.M.M. **Construções do**

Português do Brasil: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009. p.150-177.

BITTENCOURT, D.L.R. de. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade do Federal de Santa Catarina. 2014.

BORBA, F.S. **Introdução aos estudos linguísticos.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.

BORBA, F.S. **Uma gramática da valências para o português.** São Paulo: Ática. 1996

BORBA, F. *et al.* **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1990.

BORGES, J.L. **O tempo.** In: BORGES, J.L. Cinco visões pessoais. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1985.

BOURDIEU, P. **L'économie des échanges linguistiques.** In: Langue Française, Paris, n. 34. 1977.

BLACKBURN, P. R., & JØRGENSEN, K. F. **Reichenbach, Prior and Hybrid Tense Logic.** *Synthese*, 193(11), 3677–3689. <https://doi.org/10.1007/s11229-015-0920-0>. 2016.

BRANDÃO, S. M. **Variação em formas verbais: um estudo sociolinguístico da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no português paulista.** 2015. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138994>>.

BRANDÃO, S. M. **Alternância verbal em complexo condicional – um fenômeno variável?** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP/FCLAR. 2018.

BROWN, P; LEVINSON, S.. C. **Politeness: some universals in language usage.** Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

BYBEE, J.; PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. **The evolution o f grammar.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. **“Irrealis” as a grammatical category.** *Anthropological Linguistics*, Vol. 40, 2: 257–271. 1998.

BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição.** (Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves). São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse.** Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

BYBEE, J. 2002. **Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change**. *Language Variation and Change* 14.261–90.

BYBEE, J. **Regular morphology and the lexicon**, *Language and Cognitive Processes*, 10:5, 425-455, 2007 [1995] DOI: 10.1080/01690969508407111

CAMARA Jr. J. M. **História da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMARA Jr., J.M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., J. M. **Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico gramatical**. Rio de Janeiro, 1956.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org.) **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60**. Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. São Paulo: Marília, 1968.

CEZARIO, M.M. VOTRE, S. **Sociolinguística**. In: Martelotta, M.E. (Org.) *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAFE, W. **Thought-Based Linguistics: How Languages Turn Thoughts into Sounds**. University Printing House, Cambridge CB2 8BS, United Kingdom. 2018

CHAMBERS, J.K. **Patterns of Variation including Change**. In: CHAMBERS, J.K; SCHILLING, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Edition History: Blackwell Publishing Ltd. 2002. P-297-324.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

CYRINO, S. **Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos**. In I. Roberts; M. A. Kato (Orgs.), 1993, p. 163-184

CYRINO, S. **O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

COELHO, I.L.; NUNES de SOUZA, C.M.N. **Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos**. In: GÔRSKI, E.M.; COELHO, I.L.; NUNES de SOUZA.C.M.(orgs) *Variação estilística- reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.) **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1986]. p. 77-99.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

CONDE-SILVESTRE, J.C. **Sociolinguística Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

COSERIU, E.. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística.

Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; EDUSP, 1979.

CORÔA, M.L.S. **O tempo nos verbos no português**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

COSTA, A.L.P. **A Variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de letras, 1997. Dissertação de mestrado em Linguística

COSTA, A.L.P. **A Variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de letras, 2003. Tese de doutorado em Linguística.

COUTINHO, I. de L. Gramática Histórica. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1978.

DALCASTAGNÈ, R. (2021). Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. **Letras De Hoje**, 56(1), e40429. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.1.40429>

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication**. United kingdom: Cambridge University Press, 2004[1999].

DECAT, M.B. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 2011.

DIGESTO, S. **Verum a fontibus haurire. A Variationist Analysis of Subjunctive Variability Across Space and Time: from Contemporary Italian back to Vulgar Latin**. A thesis submitted to Doctorate in Philosophy degree in Linguistics. Department of Linguistics. University of Ottawa, 2019.

DIGESTO, S. **Lexicalization and Social Meaning of the Italian Subjunctive**. Cadernos de Linguística, 2021.

DIK, S. C. On the semantics of conditionals. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Ed.). **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990. p. 233-261.

_____. **The Theory of Funcional Grammar**. Dorderecht-Holland/Providence RI – USA, Foris Publications, 1989.

D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa In.: **História das mulheres no Brasil** / DEL PRIORE, M. (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004. (p.187-201)

DOMINGUES, R.F.A. **A influência do contexto (ir)realis na variação do pretérito imperfeito dos modos indicativo e subjuntivo**. Working Papers em Linguística 8: 93-108. UFSC. 2004.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. (org.). O sujeito em peças de teatro (1983-1992): estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, 2012.

DUDMAN, V. H. **Antecedents and Consequents**. Theoria, vol. 52(1986), pp.168-199.

ENNE, A.L. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade**. Comunicação, mídia e consumo São Paulo vol .7 n . 2 0 p. 1 3 - 3 5 nov. 2010

ERKER, D. & GUY, G. **The role of lexical frequency in syntactic variability**: Variable subject personal pronoun expression in Spanish. Language, (2012). 88(3), 526-557.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**, São Paulo: Parábola, 2005

FARIA, J.R. **História do teatro brasileiro**, vol.1: das origens do teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Perspectiva, edições SESCSP, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística", p. 17-74 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-121-3, DOI 10.5151/9788580391213-0001

GERALDI, J. W. **Se a Semântica fosse também pragmática ou para uma análise dos enunciados condicionais**. 1978. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1978.

GIBBON, A.O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. 2000, 126 p.

GIVÓN, T. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**, Vol 2. Amsterdam: Benjamins. 1990.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. (org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil. Classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1021-1088.

GONÇALVES, S. C.; SANTOS, R.M.A.; O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas: uma comparação interdialetoal. Sd. Disponível em:

http://www.nilc.icmc.usp.br/til/stil2009_English/Proceedings/wpd/GONCALVES-SANTOS.pdf Acesso em maio de 2021.

GÖRSKI, E. M.; "Variação Verbal no Domínio Funcional Tempo-Aspectomodalidade (TAM)", p. 23 -50. In: **Variação e Mudança Linguística no Português Falado e Escrito na Região Sul e Outros Temas: Uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho**. São Paulo: Blucher, 2021. ISBN: 9786555501629, DOI 10.5151/9786555501629-01

GÖRSKI, E.M. et al. **Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis**. In: VANDRESEN, P. (org.) Variação e mudança no português falado da região sul. PLOTAS: Educat, 2002. (p. 217-268)

GRYNER, H. Graus de vinculação das complexo condicional. **Caderno de estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 28, p. 71–85, 2012.

GRYNER, H. **A Variação de tempo-modo e conexão nas complexo condicional do português**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. UFRJ. 1990

GRYNER, H. Consecutio temporum: tendências em conflito no complexo condicional, **Revista Diacrítica**. V.1, N.22. 2008, p. 9-24.

GRYNER, H. **Variação modal como estratégia argumentativa**. In: Variação e Discurso. MACEDO, Alzira Tavares et al. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1996.

GRYNER, H. Equilíbrio e desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In.: PAIVA, M.C. DUARTE, M.E. (orgs). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003 (p.-175-192)

GUY, G. **Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion**. In.: LABOV, W. Locating language in time and space. Academic Press, 1980.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. **Language**, n. 54, 1978, p. 564-589.

HAIMAN, L. M. **Relative Time Reference in the Bamileke Tense System**. Studies in African Linguistics 11, 1980, 227–237.

HIRATA-VALE, F.B. Complexo condicional insubordinadas no português: usos Metatextuais. **Estudos Linguísticos** , São Paulo, 46 (1): p. 83-97, 2017.

HIRATA-VALE, F.B.M. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. Dissertação de Mestrado. FCL/Ar-Unesp, 1999.

HIRATA-VALE, F.B.M. **Articulação de orações no português escrito no Brasil: as complexo condicional**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 126-142, 2001.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth, HEINE, Bernd (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HYMES, D. **On Communicative competence**. In PRIDE, J. B. e HOLMES, J. (ed.) *Sociolinguistics: selected readings*. Harmondsworth: Penguin, p.269-293, 1972.

ILARI, R.. BASSO, R. M. O verbo . In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (orgs) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Vol. 1. Campinas: Unicamp, 2008. p.163-364.

JANDA , R.D. AND JOSEPH , B.D. **On language, change, and language change – or, of history, linguistics, and historical linguistics**. In B.D. Joseph and R.D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*, Blackwell , Oxford, 2003. pp. 3 – 180.

JESPERSEN, O. **The philosophy of grammar**. London: George Allen e Unwin, 1958.

JOHNSON-LAIRD, P.N. CONDITIONALS AND MENTAL MODELS In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.) **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1986], p.55-76.

LABOV, W. **Where do grammars stop?** In: SHUY, R.W. *Sociolinguistics, Current Trends and Perspectives*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973. p.43-48.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

LABOV, W. WEINER, J. **Constraints on the agentless passive**. *J. Linguistics*. 1983.

LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Lachette, 1984. LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEÃO, A.V. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: UFMG, 1961.

LeBLANC, C. **Conditional morphology in si-clauses: A Canadian-French reanalysis**. *Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique* 54(2), 2009.

LEE, D. D. **Implications of an Indian Language**. *Philosophy of Science* 5, 1938, p. 89–102.

LEHMANN, C. Gramática funcional. In: PERES DE OLIVEIRA, Taísa, SOUZA, Edson Rosa Francisco de (Orgs.). **Funcionalismo: princípios, metas e métodos**. Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional. (Revista Guavira Letras, Três Lagoas). 2011. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 25-27 de maio de 2011.

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R Data exploration and statistical analysis**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

LOZANO-POVEDA, D. **Concepción de vejez: entre la biología y la cultura. Investigación em Enfermería** [Imagem y Desarrollo], Bogotá, v. 13, n. 2, p. 89-100, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=145222559006>>. Acesso em: maio. 2020.

MARCOTULIO, L. L. **Língua e história: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.

MARTELOTTA, M. E. T. **O presente do indicativo no discurso: implicações semânticas e gramaticais**. Rio de Janeiro, UFRJ, Dissertação de Mestrado. 1986.

MALVAR, E. **O presente do futuro no português oral do Brasil**. Ottawa: University of Ottawa, 2003 (Tese de Doutorado).

MARQUILHAS, Rita. **Non-anachronism in the historical sociolinguistic study of Portuguese**. *Journal of Historical Sociolinguistics* 2015; 1(2): 213–242.

MARTINET, A. **Économie des changements phon é tiques: Traité de phonologie diachronique** (3rd edn), Francke, Bern. 1955.

MARTINS, M. A. **Mudança sintática e estilo: investigando a influência do gênero em um processo de mudança na história do português brasileiro**. In.: GORSKI et. Al *Variação estilística, reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

MATEUS, M.H.M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica - ouvir o inaudível**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, J. G. R.; RIBEIRO, P. R. M. **Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 93–104, 2011. DOI: 10.21723/riaee.v5i1.3495. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3495>. Acesso em: jun. 2021.

MILROY, J. **Linguistic variation and change. On the historical sociolinguistics of English**. Oxford & Cambridge, MA: Blackwell. 1992.

MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics: Method and Interpretation**. Blackwell, Oxford. 2003.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*, 84 (1), p. 69-119. 2008.

MONTGOMERY, M. **Variation and historical linguistics**. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. *Sociolinguistic variation: theories, methods, and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 110-132

NEVALAINEN, T. **An introduction to Early Modern English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

NEVALAINEN, T.; RAUMOLIN-BRUNBERG, H. **Historical sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms**. In: HÉRNANDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (eds.). *The handbook of historical sociolinguistics*. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 22-40.

NEVES, M. H. M. As complexo condicional. In: NEVES, M. H. M. (Org.) **Gramática do português falado**. Novos Estudos. v. VII. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999. p. 497-544.

NEVES, M.E.M.; BRAGA, M.L; A construção das orações complexas. In.: NEVES, M.H.M. **Gramática do português culto falado no Brasil** - São Paulo: Contexto, 2016. (Coleção Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. V). p.123-166. 2016.

NÚÑEZ, R., & SWEETSER, E. **Spatial embodiment of temporal metaphors in Aymara: Blending source-domain gesture with speech**. In Abstracts from the 7th International Cognitive Linguistics Conference. Santa Barbara: University of California, Santa Barbara. 2001, pp. 249–250.

OLIVEIRA e SILVA; PAIVA. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA; SCHERRE (orgs) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, T.P.; HIRATA-VALE, F.B.M. Uma tipologia da oração condicional segundo a Gramática Discursivo Funcional. **Estudos Linguísticos** , São Paulo, 40 (1): p. 196-206, 2011.

OLIVEIRA, T. P. **Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das estratégias comunicativas das condicionais**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 49, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1377>. Acesso em: 8 jul. 2021.

OLIVEIRA, T.P. **As conjunções e complexo condicional no português do Brasil**. Tese de Doutorado, Linguística e Língua Portuguesa. FCL/Ar-Unesp, 2008.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

OLIVEIRA F.A. de L. et. al. **A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em construções hipotéticas na fala de maceioenses**. Letrônica, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2006.

OUSHIRO, L. **Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 39 (2): p. 628-639, mai.-ago. 2010.

OUSHIRO, L. **Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2011.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <<http://rpubs.com/oushiro/iel>> Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em Dez de 2017.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2011.

PACHECO, M.R.; ABRÃO, D. O discurso da tríade: poder, sexo, dinheiro em Arthur Azevedo. **Revista Avepalavra**. ed. 11. 2011.

PAIVA, M. C. **Variação e especificidades funcionais no domínio da causalidade**. Revista de Estudos da Linguagem, v.7, n.2, 1998.

PAIVA, M.C. **Retrospectiva Sociolinguística: contribuições do Peul**. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (201-232)

PALMER, F.R. The definition of modality. In: PALMER, F.R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 14-22.

PERES, J.A.; MASCARENHAS, S. **Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese**. Published in: Journal of Portuguese Linguistics 5, 2006, 113-169.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo do subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIMPÃO, T. S. **Presente do subjuntivo e presente do indicativo: um encontro na história**. Working Papers em Linguística, 10 (1), p. 1-16, Florianópolis, 2009.

PIMPÃO, T. S. **Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PIMPÃO, T.S.; SANTOS, W.S. **variação estável ou mudança em progresso? A expressão do modo subjuntivo em três variedades do português brasileiro**. Caderno Seminal Digital Especial, nº 30 v. 30 (JAN-DEZ/2018). p-248-290.

POPLACK, S. **Form-function (a)symmetry and the pursuit of categoricity.** VARIATIONIST PRESENTATIONS. Disponível em: <http://members.dynamicsoflanguage.edu.au/coedl-fest-2017/program/variationist-presentations/>. Acesso em Agosto de 2020.

POPLACK, S.; MALVAR, E. **Elucidating the transition period in linguistic change:** The expression of the future in Brazilian Portuguese. *Probus* 19, p.121-169, 2007.

POPLACK, S.; CACOULLOS, R. T.; DION, N.; BERLINCK, R. A.; DIGESTO, S.; LACASSE, D.; STEUCK, J. **Variation and grammaticalization in Romance:** A cross-linguistic study of the subjunctive. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/26839622/variation_and_grammaticalization_in_Romance_A_cross-linguistic_study_of_the_subjunctive

RIBEIRO, Darcy: **O Povo Brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão.** Paidéia. FFCLRP – USP, Rib. Preto. 1993.

ROMAINE, S. **On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning** in Sociolinguistic Theory. *Folia Linguística*, 18 (3-4), (409-437), 1984.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology.** Publisher: Cambridge University Press, 1982.

ROMAINE, Suzanne. Variation in Language and Gender. In: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. **The Handbook of Language and Gender.** Oxford: Blackwell, 2003, p. 69-97.

SANTOS, W. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEVERO, Cristine Gorski. O papel do gênero/sexo os estudos sociolingüísticos de variação/mudança. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 8, p. 01-08, 2006

SCHNEIDER, E. W. **Investigating variation and change in written documents.** In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change.* Malden: Blackwell Publishing, 2002. p. 67-93.

SCHERRE, M. M. P. **Norma e uso: o imperativo no português brasileiro.** In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Org.) *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual.* Madrid: Iberoamericana, 2004. p.231-260.

SCHOEN-FERREIRA; T. H. AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E.F.M. **Adolescência através dos Séculos** *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234.

SILVA, R.C.P. da **A representação do tempo futuro em textos escritos: uma análise diacrônica**. Revista da ABRALIN. V. Especial. 2011.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX In.: **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012. Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes

SOUSA, F.C. **A variação de usos entre pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo na expressão de hipótese**. Revista Gatilho. UFJF, 2007.

STALNAKER, R. Assertion. In.: COLE, P. **Pragmatics: Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1978.

STALNAKER, R. **Common ground**. *Linguistics and philosophy*, vol 25, 701-721, 2002.

SWEETSER, E. Conditionals. In: SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990. p.113-144.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAPAZDI, J.; SALVI, G. **A Oração Condicional no Português Falado em Portugal e no Brasil**. DELTA [online], vol.14, n.spe, pp. 00-00. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300017>.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007[1985].

TARALLO, F. **Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, F. L. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. Tese (Doutorado em Sociolinguística) – University of Pennsylvania, Filadélfia, 1983.

TARALLO, F. L. **The filling of the gap PRO-DROP rules in Brazilian Portuguese**. In: KING, L. D.; MALEY, C. A. (ed.). *Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*. (Current Issues in Linguistic Theory, 36). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

TARALLO, F.; KATO, M. **Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística**. Campinas: Preedição, 1989.

TESCH, L.M. **A Variação entre as formas do Futuro do Pretérito e Pretérito Imperfeito do Indicativo na Fala Capixaba**. PERcursos Linguísticos. Vitória – ES. V.2, n.1, p.89-109, 2011.

TRASK, R. L. **A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics**. London; New York: Routledge, 1993.

TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.) **On Conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1986], p.3-20.

TRAUGOTT, E. C. **On the expression of spatio temporal relations in language**. In: J.H. Greenberg (Ed). *Universals of human language: Vol 3. Word structure*. Stanford University Press. 1978.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. (tradução de José Carlos Bruni). São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores. 1975.

ANEXOS

Análises de regressão logística de efeitos mistos

- 1- Análise de regressão de **efeitos mistos** nas condicionais **potenciais**, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 748). Resultado para as formas inovadoras em relação às conservadoras

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					131/278 (47%)
Sincronia 2	2,400	0,466	5,149	< 0,0001***	176/208 (84%)
Sincronia 3	3,116	0,530	6,243	<0,0001***	237/262 (90%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					271/408 (66%)
Imediata	1,216	0,302	4,020	<0,0001***	273/340 (80%)
Paradigma de conjugação					
1ª conjugação (v. referência)					305/387 (79%)
2ª e 3ª conjugação	-0,565	0,360	-1,570	0,11+	239/361 (66%)
Temática da peça					
objetiva (v. referência)					379/516 (73%)
subjetiva	-0,199	0,341	-0,584	0,55+	165/232 (71%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					200/269 (74%)
Masculino	-0,101	0,319	-0,318	0,32+	330/461 (72%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					153/227 (67%)
Jovens adultos	0,328	0,336	0,978	0,32+	337/455 (74%)
Classe social					
Classes 1 e 2 (v. referência)					221/367 (60%)
Classes 3 e 4	0,754	0,366	2,059	0,03*	260/295 (88%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO NA APODOSE + TEMA+ SEXO + FASE DA VIDA+ CLASSE SOCIAL+ (1|V.APODOSE) + (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

2- Análise de regressão de **efeitos mistos** nas condicionais **potenciais**, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 748). Resultado para as formas inovadoras em relação às conservadoras

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					131/278 (47%)
Sincronia 2	2,473	0,511	4,839	< 0,0001***	176/208 (84%)
Sincronia 3	3,481	0,563	6,179	<0,0001***	237/262 (90%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					271/408 (66%)
Imediata	1,302	0,337	3,854	<0,0001***	273/340 (80%)
Semântica do V. Apódose					
Estado					144/235 (61%)
Processo	0,969	0,488	1,987	0,04*	400/513 (78%)
Temática da peça					
objetiva (v. referência)					379/516 (73%)
subjativa	-0,028	0,385	-0,075	0,94+	165/232 (71%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					200/269 (74%)
Masculino	-0,178	0,415	-0,429	0,66+	330/461 (72%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					153/227 (67%)
Jovens adultos	0,282	0,371	0,761	0,44+	337/455 (74%)
Instrução					
Avançada e técnica					229/334 (69%)
Básica	0,556	0,391	1,446	0,14+	158/217 (73%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + SEMÂNTICA DO VERBO NA
 APODOSE + TEMA+ SEXO + FASE DA VIDA+ INSTRUÇÃO+ (1|V.APODOSE) +
 (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

3 - Análise de regressão de **efeitos mistos** nas condicionais irreais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 558). Estimativas em *logodds* para formas inovadoras em relação às conservadoras. *Intercept* = -1,165

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					109/303 (36%)
Sincronia 2	0,941	0,434	2,166	0,030 *	75/127 (59%)
Sincronia 3	1,365	0,474	2,877	0,004 **	85/128 (66%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					110/220 (50%)
Imediata	-0,200	0,258	-0,701	0,48 +	159/338 (47%)
Semântica V. Apódose					
Estado (v. referência)					131/298 (44%)
Processo	0,458	0,377	1,214	0,22+	138/260 (53%)
Temática da peça					
Objetiva (v. referência)					186/361 (51%)
Subjetiva	-0,424	0,357	-1,186	0,23+	83/197 (42%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					105/194 (54%)
Masculino	-0,041	0,347	-0,119	0,90+	159/351 (45%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					73/169 (43%)
Jovens adultos	0,534	0,380	1,402	0,16+	175/343 (51%)
Classe social					
Classes 1 e 2 (v. referência)					117/311 (37%)
Classes 3 e 4	1,400	0,404	3,461	<0,0001***	132/192 (69%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + SEMÂNTICA DO VERBO NA APODOSE + TEMA DA PEÇA + SEXO + FASE DA VIDA + CLASSE SOCIAL+ (1|V.APODOSE) + (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

4 - Análise de regressão de **efeitos mistos** nas condicionais irreais, com identidade lexical, autor da peça e personagem como variável aleatória (N = 558). Estimativas em *logodds* para formas inovadoras em relação às conservadoras. *Intercept* = -0,064

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N
Período					
Sincronia 1 (v. referência)					109/303 (36%)
Sincronia 2	1,037	0,512	2,224	0,042 *	75/127 (59%)
Sincronia 3	1,821	0,447	3,482	0,001 ***	85/128 (66%)
Ancoragem					
Deslocada (v. referência)					110/220 (50%)
Imediata	-0,425	0,316	-1,343	0,41 +	159/338 (47%)
Conjugação Apódose					
1ª conjugação (v. referência)					131/223 (59%)
2ª e 3ª conjugação	-1,286	0,338	-3,797	0,0001 ***	138/335 (41%)
Temática da peça					
Objetiva (v. referência)					186/361 (51%)
Subjetiva	-0,169	0,410	-0,413	0,67 +	83/197 (42%)
Sexo					
Feminino (v. referência)					105/194 (54%)
Masculino	-0,508	0,472	-1,076	0,28 +	159/351 (45%)
Fase					
Adultos + velhos (v. referência)					73/169 (43%)
Jovens adultos	0,593	0,438	1,353	0,17 +	175/343 (51%)
Instrução					
Básica					99/171 (58%)
Técnica e avançada	-0,983	0,442	-2,219	0,02*	101/240 (42%)

Modelo 1. MUDANCA ~ SINCRONIA + ANCORAGEM + PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO DA APODOSE + TEMA DA PEÇA + SEXO + FASE DA VIDA + INSTRUÇÃO + (1|V.APODOSE) + (1|AUTOR) + (1|PERSONAGEM)

5- Identidades lexicais em PRÓTASES de condicionais POTENCIAIS

<i>V.PROTASE</i>	<i>MORFOLOGIA.P</i>		<i>Total</i>
	indicativo	subjuntivo	
abandonar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
abjurar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
abrir	0 0 %	3 100 %	3 100 %
acabar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
aceitar	3 75 %	1 25 %	4 100 %
achar	0 0 %	6 100 %	6 100 %
aconselhar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
acontecer	0 0 %	4 100 %	4 100 %
acordar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
acreditar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
acudir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
agitar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ajeitar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
ajudar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
amar	0 0 %	2 100 %	2 100 %

andar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
anotar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
apanhar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
apreciar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
aporrinhar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
arranjar	2 66.7 %	1 33.3 %	3 100 %
arredar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
arrepender	0 0 %	1 100 %	1 100 %
arriscar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
assinar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
atender	0 0 %	1 100 %	1 100 %
atirar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
atrever	0 0 %	1 100 %	1 100 %
avistar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
bastar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
bater	0 0 %	1 100 %	1 100 %
berrar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
brigar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

cair	1 20 %	4 80 %	5 100 %
capar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
casar	1 16.7 %	5 83.3 %	6 100 %
catar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
ceder	0 0 %	1 100 %	1 100 %
chamar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
chegar	1 11.1 %	8 88.9 %	9 100 %
começar	0 0 %	7 100 %	7 100 %
cometer	0 0 %	2 100 %	2 100 %
comprar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
concordar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
confessar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
conseguir	2 18.2 %	9 81.8 %	11 100 %
consentir	1 100 %	0 0 %	1 100 %
consertar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
contar	2 50 %	2 50 %	4 100 %
continuar	6 46.2 %	7 53.8 %	13 100 %
correr	0 0 %	2 100 %	2 100 %

corresponder	0 0 %	1 100 %	1 100 %
crescer	0 0 %	1 100 %	1 100 %
cruzar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
cuidar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
curar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
dar	3 11.1 %	24 88.9 %	27 100 %
decidir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
declarar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
decobrir	0 0 %	2 100 %	2 100 %
deixar	2 14.3 %	12 85.7 %	14 100 %
demorar	2 50 %	2 50 %	4 100 %
denunciar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
descobrir	2 40 %	3 60 %	5 100 %
despropositar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
dever	0 0 %	1 100 %	1 100 %
dissolver	0 0 %	1 100 %	1 100 %
dividir	1 50 %	1 50 %	2 100 %
divulgar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

dizer	4 28.6 %	10 71.4 %	14 100 %
dormir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
durar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
durar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
duvidar	1 33.3 %	2 66.7 %	3 100 %
embarcar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
emendar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
empregar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
encontrar	4 50 %	4 50 %	8 100 %
encostar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
enganar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
engraçar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
entender	0 0 %	2 100 %	2 100 %
enterrar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
entrar	0 0 %	8 100 %	8 100 %
esperar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
espernear	0 0 %	2 100 %	2 100 %
estar	4 17.4 %	19 82.6 %	23 100 %

estourar	2 100 %	0 0 %	2 100 %
eternisar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
existir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
facilitar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
falar	3 33.3 %	6 66.7 %	9 100 %
falhar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
faltar	0 0 %	3 100 %	3 100 %
fazer	2 14.3 %	12 85.7 %	14 100 %
fechar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
ficar	1 10 %	9 90 %	10 100 %
folgar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
fraquejar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
frequentar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
fugir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ganhar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
gostar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
gritar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
guiar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

haver	0 0 %	16 100 %	16 100 %
importar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
incrementar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
indagar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
interromper	0 0 %	1 100 %	1 100 %
invadir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ir	3 15 %	17 85 %	20 100 %
jurar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
largar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
lembrar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
levar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
libertar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ligar	0 0 %	3 100 %	3 100 %
livrar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
mandar	0 0 %	4 100 %	4 100 %
manter	0 0 %	1 100 %	1 100 %
matar	1 33.3 %	2 66.7 %	3 100 %
melhorar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

mentir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
meter	1 33.3 %	2 66.7 %	3 100 %
mexer	2 66.7 %	1 33.3 %	3 100 %
mijar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
molhar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
montar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
morrer	0 0 %	7 100 %	7 100 %
mudar	0 0 %	4 100 %	4 100 %
nascer	0 0 %	2 100 %	2 100 %
notar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
obedecer	0 0 %	2 100 %	2 100 %
obrigar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
olhar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
pagar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
parar	0 0 %	4 100 %	4 100 %
passar	1 33.3 %	2 66.7 %	3 100 %
pedir	1 100 %	0 0 %	1 100 %
pegar	3 27.3 %	8 72.7 %	11 100 %

peidar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
pensar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
perder	0 0 %	5 100 %	5 100 %
perdoar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
perguntar	1 25 %	3 75 %	4 100 %
permanecer	0 0 %	1 100 %	1 100 %
permitir	1 100 %	0 0 %	1 100 %
persistir	0 0 %	2 100 %	2 100 %
pescar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
piorar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
poder	0 0 %	8 100 %	8 100 %
por	0 0 %	1 100 %	1 100 %
precisar	1 20 %	4 80 %	5 100 %
preferir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
principiar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
prometer	1 50 %	1 50 %	2 100 %
prosseguir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
publicar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

querer	9 13.8 %	56 86.2 %	65 100 %
rebelar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
receber	0 0 %	2 100 %	2 100 %
reclamar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
reconhecer	0 0 %	4 100 %	4 100 %
recusar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
reduzir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
referir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
repetir	0 0 %	1 100 %	1 100 %
requerer	0 0 %	1 100 %	1 100 %
resistir	0 0 %	2 100 %	2 100 %
resolver	0 0 %	4 100 %	4 100 %
responder	0 0 %	1 100 %	1 100 %
roubar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
saber	1 9.1 %	10 90.9 %	11 100 %
sair	1 12.5 %	7 87.5 %	8 100 %
salvar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
satisfazer	0 0 %	1 100 %	1 100 %

separar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
ser	11 14.9 %	63 85.1 %	74 100 %
soltar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
sorrir	1 100 %	0 0 %	1 100 %
subir	1 100 %	0 0 %	1 100 %
teimar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
tentar	0 0 %	4 100 %	4 100 %
ter	4 11.8 %	30 88.2 %	34 100 %
terminar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
tirar	0 0 %	5 100 %	5 100 %
tocar	0 0 %	2 100 %	2 100 %
tomar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
topar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
torrar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
torturar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
trabalhar	1 50 %	1 50 %	2 100 %
transviar	0 0 %	1 100 %	1 100 %
treinar	0 0 %	1 100 %	1 100 %

vencer	0 0 %	2 100 %	2 100 %
ver	2 28.6 %	5 71.4 %	7 100 %
verificar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
vigiar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
vir	2 12.5 %	14 87.5 %	16 100 %
virar	1 100 %	0 0 %	1 100 %
voltar	0 0 %	7 100 %	7 100 %
Total	126 16.8 %	622 83.2 %	748 100 %

$\chi^2=256.198 \cdot df=201 \cdot \text{Cramer's } V=0.585 \cdot \text{Fisher's } p=0.011$

6- Identidades lexicais em APÓDOSES de condicionais POTENCIAIS

<i>V.APODOSE</i>	<i>MORFOLOGIA.AP</i>				Total
	fut	haver	ir	pres	
abrir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
acabar	2 18.2 %	0 0 %	4 36.4 %	5 45.5 %	11 100 %
aceitar	1 33.3 %	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
acertar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
achar	2 50 %	0 0 %	1 25 %	1 25 %	4 100 %

acontecer	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
acreditar	1 25 %	1 25 %	0 0 %	2 50 %	4 100 %
adiantar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
afastar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
aguentar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ajudar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
amar	3 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %
apagar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
apitar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
aplaudir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
aprontar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
arrancar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
arranjar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
arrastar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
arrebentar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	6 100 %	6 100 %
arrepender	1 33.3 %	2 66.7 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %
arriscar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
arrochar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %

atirar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	4 100 %	4 100 %
avisar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
bater	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
benzer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
bordar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
buscar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
cair	0 0 %	1 33.3 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
cantar	0 0 %	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
capar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
casar	3 42.9 %	0 0 %	1 14.3 %	3 42.9 %	7 100 %
castigar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
causar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
cessar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
chamar	1 16.7 %	0 0 %	0 0 %	5 83.3 %	6 100 %
chegar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %
colocar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
começar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
comer	0 0 %	0 0 %	1 33.3 %	2 66.7 %	3 100 %

compensar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
complicar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
comprar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %
comprometer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
condenar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
conseguir	2 50 %	0 0 %	1 25 %	1 25 %	4 100 %
consentir	1 50 %	0 0 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
considerar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
contar	1 33.3 %	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
continuar	0 0 %	0 0 %	2 40 %	3 60 %	5 100 %
correr	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %
cortar	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	1 33.3 %	3 100 %
cravar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
crer	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
crescer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
criminar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
cuidar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
curar	0 0 %	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %

danar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
dançar	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
dar	2 7.7 %	0 0 %	2 7.7 %	22 84.6 %	26 100 %
deixar	4 36.4 %	0 0 %	1 9.1 %	6 54.5 %	11 100 %
deixo	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
denunciar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desabar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
desfazer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desgraçar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desmanchar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desonrar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desorientar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
desprezar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
dever	2 25 %	0 0 %	0 0 %	6 75 %	8 100 %
discutir	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
dizer	7 53.8 %	2 15.4 %	1 7.7 %	3 23.1 %	13 100 %
dormir	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
elogiar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

encarregar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
encharcar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
encher	0 0 %	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
engrossar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
engolir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ensinar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
enterrar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
entrar	1 20 %	0 0 %	1 20 %	3 60 %	5 100 %
entregar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
envenenar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
escalpelar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
escapar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
esclarecer	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
escutar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
espinafrar	0 0 %	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
estar	4 12.1 %	0 0 %	1 3 %	28 84.8 %	33 100 %
estourar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
estraçalhar	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

estrangular	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
estrepar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
explicar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
expor	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
falar	1 20 %	2 40 %	0 0 %	2 40 %	5 100 %
fantasiar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
fazer	6 21.4 %	6 21.4 %	2 7.1 %	14 50 %	28 100 %
ferir	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ficar	10 31.2 %	1 3.1 %	6 18.8 %	15 46.9 %	32 100 %
finar	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
fugir	0 0 %	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
furar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
fuzilar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ganhar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	5 100 %	5 100 %
garantir	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	1 33.3 %	3 100 %
gostar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
gritar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	5 100 %	5 100 %
haver	2 66.7 %	0 0 %	1 33.3 %	0 0 %	3 100 %

herdar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
hesitar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ignorar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
incendiar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
inventar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ir	2 14.3 %	0 0 %	0 0 %	12 85.7 %	14 100 %
jantar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
justificar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
lamber	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
lançar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
largar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %
lembrar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
levantar	1 50 %	1 50 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
levar	0 0 %	1 33.3 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
ligar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
limitar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
liquidar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
mandar	1 10 %	1 10 %	0 0 %	8 80 %	10 100 %

massacrar	1 50 %	0 0 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
matar	1 5.3 %	1 5.3 %	1 5.3 %	16 84.2 %	19 100 %
meter	1 25 %	0 0 %	0 0 %	3 75 %	4 100 %
mexer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
mofar	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
morar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
morder	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
morrer	0 0 %	0 0 %	1 9.1 %	10 90.9 %	11 100 %
mostrar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
mudar	2 50 %	0 0 %	1 25 %	1 25 %	4 100 %
nascer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
negar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
obrigar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
organizar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ouvir	1 50 %	0 0 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
pagar	0 0 %	0 0 %	1 20 %	4 80 %	5 100 %
parar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
partir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %

passar	3 37.5 %	0 0 %	1 12.5 %	4 50 %	8 100 %
pedir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
pegar	0 0 %	0 0 %	1 20 %	4 80 %	5 100 %
pensar	0 0 %	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
perceber	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
perder	1 9.1 %	1 9.1 %	3 27.3 %	6 54.5 %	11 100 %
pertencer	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
pesar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
poder	3 30 %	0 0 %	0 0 %	7 70 %	10 100 %
poder	1 25 %	0 0 %	0 0 %	3 75 %	4 100 %
por	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
possuir	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
preferir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
prejudicar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
prender	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
presidir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
procurar	1 50 %	0 0 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
projetar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %

queimar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
querer	0 0 %	1 20 %	1 20 %	3 60 %	5 100 %
reagir	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
receber	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
reclamar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
recomendar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
recorrer	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
redimir	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
reinar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
reproduzir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
resistir	0 0 %	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
resolver	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
respeitar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
responder	1 33.3 %	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
riscar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
roubar	1 33.3 %	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
saber	4 57.1 %	2 28.6 %	1 14.3 %	0 0 %	7 100 %
sair	0 0 %	0 0 %	2 25 %	6 75 %	8 100 %

seguir	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
sentir	2 40 %	0 0 %	1 20 %	2 40 %	5 100 %
ser	40 47.1 %	4 4.7 %	12 14.1 %	29 34.1 %	85 100 %
servir	1 33.3 %	1 33.3 %	0 0 %	1 33.3 %	3 100 %
subir	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
sufocar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
suicidar	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ter	14 35.9 %	1 2.6 %	11 28.2 %	13 33.3 %	39 100 %
terminar	0 0 %	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
tirar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %
tocar	1 33.3 %	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
tomar	1 20 %	0 0 %	0 0 %	4 80 %	5 100 %
trabalhar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
trazer	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
vender	0 0 %	0 0 %	2 66.7 %	1 33.3 %	3 100 %
ver	1 9.1 %	0 0 %	8 72.7 %	2 18.2 %	11 100 %
vir	1 16.7 %	0 0 %	0 0 %	5 83.3 %	6 100 %
virar	0 0 %	0 0 %	2 100 %	0 0 %	2 100 %

viver	1 100 %	0 0 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
voltar	1 14.3 %	0 0 %	1 14.3 %	5 71.4 %	7 100 %
zangar	0 0 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
Total	167 22.3 %	36 4.8 %	107 14.3 %	438 58.6 %	748 100 %

$$\chi^2=790.335 \cdot df=621 \cdot \text{Cramer's } V=0.593 \cdot \text{Fisher's } p=0.000$$

7- Identidades lexicais em PRÓTASES de condicionais IRREAIS

V.PROTASE	COMB			Total
	pis+fp	pis+ir	pis+pi	
ABRIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ACEITAR	3 75 %	0 0 %	1 25 %	4 100 %
ACHAR	1 50 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
ACOSTUMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ACREDITAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ADIVINHAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ADORAR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
ADVINHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ALCANÇAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

AMAR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
ANDAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
APAIXONAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
APROUVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ATENDER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ATRAIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
AVISAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
BEBER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
BOTAR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
BUSCAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CHEGAR	2 66.7 %	0 0 %	1 33.3 %	3 100 %
COMPREENDER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONFESSAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONHECER	2 50 %	1 25 %	1 25 %	4 100 %
CONSEGUIR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
CONSERVAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONTINUAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

CONTRARIAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CORRESPONDER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CRIAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CURAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DAR	5 62.5 %	0 0 %	3 37.5 %	8 100 %
DEIXAR	1 25 %	0 0 %	3 75 %	4 100 %
DEMORAR	0 0 %	0 0 %	5 100 %	5 100 %
DENUNCIAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DEPENDER	0 0 %	2 100 %	0 0 %	2 100 %
DESCONFIAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
DESPEJAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DIZER	4 80 %	0 0 %	1 20 %	5 100 %
EMPRESTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ENCONTRAR	4 80 %	0 0 %	1 20 %	5 100 %
ESCRITAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ESTAR	10 33.3 %	4 13.3 %	16 53.3 %	30 100 %
EXIGIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
EXISTIR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %

EXPLICAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
FALAR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
FALTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
FAZER	5 62.5 %	0 0 %	3 37.5 %	8 100 %
FICAR	2 50 %	0 0 %	2 50 %	4 100 %
GANHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
GOSTAR	1 20 %	0 0 %	4 80 %	5 100 %
HAYER	9 90 %	0 0 %	1 10 %	10 100 %
IMAGINAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
IR	6 60 %	0 0 %	4 40 %	10 100 %
JUNTAR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
LAMENTAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
LARGAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
LEMBRAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
LER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
LUCRAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
MANDAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
MATAR	3 100 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %

MENTIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
METER	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
MORAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
MORRER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
MOSTRAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
NEGAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
OBRIGAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
OCORRER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
OUVIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PARAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PARECER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
PEDIR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
PENSAR	4 100 %	0 0 %	0 0 %	4 100 %
PERCEBER	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
PILHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PODER	8 47.1 %	3 17.6 %	6 35.3 %	17 100 %
POSSUIR	2 50 %	0 0 %	2 50 %	4 100 %
PREPARAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

PRESTAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PRETENDER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PROCEDER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
QUERER	3 21.4 %	1 7.1 %	10 71.4 %	14 100 %
REAGIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
REDIMIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
REFLETIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
REPROVAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
RESERVAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
RESOLVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
REVELAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
RIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ROUBAR	1 50 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
SABER	16 55.2 %	3 10.3 %	10 34.5 %	29 100 %
SAIR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
SEGUIR	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
SENTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
SENTIR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %

SEPARAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
SER	75 44.4 %	7 4.1 %	87 51.5 %	169 100 %
TER	55 59.8 %	7 7.6 %	30 32.6 %	92 100 %
TOCAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TOMAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
TORNAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TREPAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TRIUNFAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TROCAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
USAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
VENCER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
VER	4 50 %	0 0 %	4 50 %	8 100 %
VIR	1 16.7 %	0 0 %	5 83.3 %	6 100 %
VIRAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
VIVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
VOLTAR	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %
Total	289 51.8 %	35 6.3 %	235 41.9 %	558 100 %

$\chi^2=265.316 \cdot df=228 \cdot \text{Cramer's } V=0.488 \cdot \text{Fisher's } p=0.015$

8- Identidades lexicais em APÓDOSES de condicionais IRREAIS

<i>V.APODOSE</i>	<i>COMB</i>			<i>Total</i>
	pis+fp	pis+ir	pis+pi	
ABANDONAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ACABAR	1 25 %	1 25 %	2 50 %	4 100 %
ACEITAR	3 100 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %
ACHAR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
ACONTECER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ACREDITAR	3 50 %	2 33.3 %	1 16.7 %	6 100 %
ADIANSTAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ADMIRAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ADMITIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ALCANÇAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
AMPARAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ANDAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ANIMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
APOQUENTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ARRANCAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %

ARRANJAR	1 33.3 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
ARREBENTAR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
ARRISCAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ASSINAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ATRASAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ATREVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
AUMENTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
AVISAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
BEBER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
BENZER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
BOTAR	0 0 %	0 0 %	4 100 %	4 100 %
BUSCAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
CAIR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
CALAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CANTAR	2 66.7 %	0 0 %	1 33.3 %	3 100 %
CARREGAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
CASAR	1 33.3 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
CHAMAR	0 0 %	1 50 %	1 50 %	2 100 %

CHEGAR	3 75 %	0 0 %	1 25 %	4 100 %
COLOCAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
COMER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
COMUNICAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
CONCENTRAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONFUNDIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONSENTIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CONVIDAR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
CORTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
CUSPIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DAR	8 47.1 %	2 11.8 %	7 41.2 %	17 100 %
DEDICAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DEIXAR	4 36.4 %	0 0 %	7 63.6 %	11 100 %
DEMORAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
DESACREDITAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
DESAFIAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
DESAPARECER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
DESCOBRIR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %

DESMANCHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DESPEDAÇAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
DEVER	1 20 %	0 0 %	4 80 %	5 100 %
DIRIGIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
DIZER	18 75 %	1 4.2 %	5 20.8 %	24 100 %
DORMIR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
DUVIDAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ENCONTRAR	2 66.7 %	1 33.3 %	0 0 %	3 100 %
ENDIREITAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ENGANAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ENROLAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ENTENDER	1 50 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
ENTRAR	1 33.3 %	0 0 %	2 66.7 %	3 100 %
ESCAPAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
ESPICCHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ESQUECER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
ESTAR	16 36.4 %	1 2.3 %	27 61.4 %	44 100 %
ESTIMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

ESTRANHAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
FALAR	4 80 %	0 0 %	1 20 %	5 100 %
FAZER	14 66.7 %	0 0 %	7 33.3 %	21 100 %
FICAR	2 22.2 %	3 33.3 %	4 44.4 %	9 100 %
FUMAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
GANHAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
GARANTIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
GASTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
GOSTAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
GUARDAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
HAVER	5 83.3 %	0 0 %	1 16.7 %	6 100 %
IMPORTAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
IR	3 16.7 %	1 5.6 %	14 77.8 %	18 100 %
JULGAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
JUSTIFICAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
LER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
LEVAR	2 66.7 %	0 0 %	1 33.3 %	3 100 %
LIGAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %

MANDAR	0 0 %	0 0 %	9 100 %	9 100 %
MANGAVAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
MATAR	2 50 %	0 0 %	2 50 %	4 100 %
METER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
MOFAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
MORRER	2 40 %	1 20 %	2 40 %	5 100 %
MOSTRAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
MUDAR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
NEGAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
OCUPAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
OFERECER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
OLHAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PARTIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
PASSAR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
PEDIR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
PEGAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
PENSAR	1 50 %	1 50 %	0 0 %	2 100 %
PERDER	0 0 %	0 0 %	3 100 %	3 100 %

PERGUNTAR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
PERNEAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
PINTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
PODER	9 42.9 %	0 0 %	12 57.1 %	21 100 %
PODER	8 72.7 %	0 0 %	3 27.3 %	11 100 %
POR	1 50 %	0 0 %	1 50 %	2 100 %
PRECISAR	2 66.7 %	0 0 %	1 33.3 %	3 100 %
PREFERIR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %
PUXAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
QUERER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
REAGIR	0 0 %	0 0 %	2 100 %	2 100 %
RECLAMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
REPETIR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
RESOLVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
RESPONDER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
SABER	0 0 %	2 50 %	2 50 %	4 100 %
SALVAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
SENTIR	2 100 %	0 0 %	0 0 %	2 100 %

SER	53 66.2 %	3 3.8 %	24 30 %	80 100 %
SOLVER	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TENTAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
TER	8 47.1 %	3 17.6 %	6 35.3 %	17 100 %
TER	52 65.8 %	0 0 %	27 34.2 %	79 100 %
TERMINAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
TIRAR	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
TOMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
TRANSFORMAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
VER	0 0 %	2 100 %	0 0 %	2 100 %
VIR	3 100 %	0 0 %	0 0 %	3 100 %
VIVER	0 0 %	0 0 %	1 100 %	1 100 %
VOAR	0 0 %	1 100 %	0 0 %	1 100 %
VOTAR	1 100 %	0 0 %	0 0 %	1 100 %
Total	289 51.8 %	36 6.3 %	235 41.9 %	558 100 %

$\chi^2=436.993 \cdot df=274 \cdot \text{Cramer's } V=0.626 \cdot \text{Fisher's } p=0.000$

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS